



The edge of one of many circles: homenagem a Irene Ramalho Santos Vol. II

Autor(es): Caldeira, Isabel; Graça, Capinha; Matos, Jacinta

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42308>

DOI: DOI:<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1308-6>

Accessed : 11-Sep-2017 16:49:13

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

Trata-se de um volume de homenagem à Prof. Doutora Irene Ramalho Santos, reunindo artigos na sua maior parte de consagrados/as especialistas nas diversas áreas – estudos anglo-americanos; estudos comparados; poética; estudos feministas; estudos pessoais –, para além de uma secção com poemas de poetas de várias nacionalidades, que estiveram presentes nos Encontros Internacionais de Poetas, organizados pelos Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da UC., e de uma secção de testemunhos em honra da homenageada.



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

INFOGRAFIA

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

Simões e Linhares, Lda.

ISBN

978-989-26-1307-9

ISBN DIGITAL

978-989-26-1308-6

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1308-6>

DEPÓSITO LEGAL

425160/17

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

VOL. II

HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

ORGANIZADORAS / EDITORS

Isabel Caldeira
Jacinta Matos
Graça Capinha

COMISSÃO CIENTÍFICA / SCIENTIFIC BOARD

Carlos Azevedo, Universidade do Porto, Portugal
Anselmo Borges, Universidade de Coimbra, Portugal
Maria Helena Buescu, Universidade de Lisboa, Portugal
Luísa Flora, Universidade de Lisboa, Portugal
Isabel Capelo Gil, Universidade Católica Portuguesa, Portugal
Roy Goldblatt, University of Joensuu, Finland
Rui Carvalho Homem, Universidade do Porto, Portugal
Paul Lauter, Trinity College, Hartford, Connecticut, U.S.A.
Silvina Rodrigues Lopes, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Rosa Maria Martelo, Universidade do Porto, Portugal
Paula Morão, Universidade de Lisboa, Portugal
Hilary Owen, University of Manchester, U.K.
José Carlos Seabra Pereira, Universidade de Coimbra, Portugal
Mário Jorge Torres, Universidade de Lisboa, Portugal

ÍNDICE / TABLE OF CONTENTS

Volume II

V. Estudos Feministas / Feminist Studies

- 34 – Adriana Bebiano: “Meninas, senhoras e galdérias:
representações das mulheres em língua portuguesa” 11
- 35 – Page DuBois: “American Sapphos” 27
- 36 – Fernanda Henriques: “Feminismo e pós-modernidade:
figuras e controvérsias” 37
- 37 – Ana Gabriela Macedo: “Material Culture, New Corpographies
of the Feminine and Narratives of Dissent: *Myra*, by Maria Velho
da Costa and Paula Rego. An Intersemiotic Dialogue” 55
- 38 – Catarina Martins: “The West and the Women of the Rest” 751
- 39 – Carlos Felipe Moisés: “Poesia e feminismo:
nota à margem de um poema de Carolyn Creedon” 87
- 40 – Teresa Toldy: “Que mulher não é freira? A religião como
instrumento político para a submissão das mulheres” 99

VI. Estudos Pessoaanos / Pessoa Studies

- 41 – Patricio Ferrari: “Transcendent Poetic Dwelling:
Emerson, Caeiro, and an Unpublished English Poem” 117

42 – Paulo de Medeiros: “Fields of Vision: Campos and the Question of the Image”	131
43 – Jerónimo Pizarro: “Falta uma citação de Sêneca: sobre um pretenso poema para crianças”	147
44 – Richard Zenith: “Ó sino da aldeia de quem?”	165

VII. Testemunhos / Testimonials

45 – Ana Luísa Amaral: “Das mais puras memórias”	183
46 – Sacvan Bercovitch: “One of the Finest Literary Minds of Her Generation”	189
47 – Susan Brown with E Honig: “The Jewel in the Crown”	191
48 – Susan Friedman: “New Angles: American Studies, Modernist Studies, Feminist Studies, and Poetics”	195
49 – Doris Friendensohn: “A Long and Close Friendship”	199
50 – Clara Keating: “Do sofá para fora do armário: linguística ao lado”	203
51 – Anna Klobucka: “A luz da Mestra”	209
52 – Angélica Lima Cruz: “Fragmentos contados do advir da M. ^a Irene, antes que a memória se me esvazie”	213
53 – Helder Macedo: “Partes de um todo”	217
54 – James McIntosh: “An ‘Extra-Vagant’ Scholar”	221
55 – João Paulo Moreira: “MIR: memória narrativa”	223
56 – Patrícia Silva Oliveira e Steffen Dix: “Maria Irene Ramalho: o modernismo numa perspetiva comparatista”	225
57 – Marta Soares: “Palimpsests and Keener Sounds”	229
58 – Manuela Glaziou Tavares: “Das minudências: homenagem a Maria Irene Ramalho de Sousa Santos”	231
59 – Bill Whitford: “A Gentle and Worldly Woman”	233
60 – Lynn Whitford: “On Friendship”	235
61 – Stephen Wilson: “‘The Imagination’s Latinist’: A Tribute to ‘The Wallace Stevens Lady’”	237

Tabula Gratulatoria	241
Notas Biográficas / Notes on Contributors	243
C. V. Irene Ramalho Santos	323

(Página deixada propositadamente em branco)

**V. ESTUDOS FEMINISTAS /
FEMINIST STUDIES**

(Página deixada propositadamente em branco)

**MENINAS, SENHORAS E GALDÉRIAS:
REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Adriana Bebiano

Resumo: Durante o Estado Novo, e até à Revolução de Abril de 1974, às mulheres portuguesas era exigido o recato no comportamento, exigência essa que abrangia a escrita literária. Ancorando-se na poesia “escandalosa” de Maria Teresa Horta, Natália Correia e Adília Lopes, este ensaio aborda o percurso de transgressão do recato na literatura portuguesa de autoria feminina, articulando-o com as transformações ocorridas nas práticas sociais e na moral sexual em Portugal nas últimas décadas. Interrogando a dimensão sexuada do cânone, refletiu-se ainda sobre o lugar social da escrita, lembrando que as representações (das mulheres) na literatura contribuem tanto para a regulação dos corpos (femininos) como para práticas emancipatórias.

Palavras-chave: mulheres; recato; escândalo; poesia portuguesa contemporânea.

Abstract: “Girls, Ladies and Sluts: Representations of Women in Portuguese Literature”: During the Salazar Regime and up to

the 1974 Revolution, strict modesty was required of Portuguese women, both in their behavior and in the writing of literature. This essay takes the “scandalous” poetry of Maria Teresa Horta, Natália Correia and Adília Lopes as examples of the changes in the concepts of “modesty” and “scandal” in the writing by Portuguese women of the last few decades. The poems are read in terms of how they reflect their political and social contexts, but also as agents of transformation, particularly in sexual mores. While the gendered character of the literary canon is addressed, the article also argues for the impact of literary representations in the regulation and emancipation of (female) bodies.

Keywords: women; modesty; scandal; Portuguese contemporary poetry.

Gosto de fingir / que sou galdéria.

Adília Lopes, *Um jogo muito perigoso*
([1985] 2009)

. . . mulheres poetas que se debruçam satiricamente sobre papéis e temas alegadamente “masculinos” a partir do ponto de vista demolidor de uma localização “feminina” insolente. . .

Maria Irene Ramalho, “Orfeu re-inventado: ou as mulheres e a poesia hoje” (2001)

Quando Adília Lopes escreve “gosto de fingir / que sou galdéria”, a primeira reação é a surpresa. Em 1985, data da publicação

de *Um jogo muito perigoso*, ainda estava muito presente a memória do “recato” como qualidade exigida às mulheres portuguesas. Digo “exigida”, e não apenas “valorizada” – creio que ainda hoje o é, apesar das grandes mudanças históricas enormes das últimas décadas – porque a regulação do corpo das mulheres durante o Estado Novo era rigorosa. Ora, estes dois versos de Adília Lopes são uma declaração que questiona de forma irónica e radical essa regulação ainda muito presente, e que postula a bondade da atitude oposta do recato no feminino: o escândalo. Neste ensaio, usando como material alguns poemas de autoria feminina das últimas décadas, procuro fazer um esboço da evolução dos conceitos de “recato” e de “escândalo” enquanto categorias usadas como bitola para classificar as mulheres portuguesas e as situar dentro – ou para lá – da fronteira do moralmente aceitável.

O Estado Novo regulou o corpo das mulheres pela lei, centrando essa regulação no controlo da sexualidade e da reprodução, nomeadamente no acesso a contraceptivos, na legislação antiaborto e nas leis relativas ao casamento e ao divórcio. No entanto, então como agora, são as representações e os discursos que se produzem sobre as mulheres que funcionam como o mais poderoso instrumento de regulação. Esses discursos, presentes já na lei, mas omnipresentes na imprensa e, particularmente, nas chamadas “revistas femininas”, serviam de guia para os comportamentos, vigiados pela igreja e, principalmente, pela família (Vicente 2009). Para além das lutas ocorridas nas ruas e protagonizadas pelos movimentos de mulheres – aceitando a debilidade de movimentos feministas significativos tanto no Estado Novo como no pós-revolução (Tavares 2011) –, que protagonizam atitudes emancipatórias transgressoras desse discurso opressor, a minha hipótese é situar na poesia e na voz de mulheres poetas os momentos mais marcantes de uma transgressão do recato e da adoção do escândalo enquanto instrumento emancipatório do corpo e, simultaneamente, da cidadania

das mulheres. Procuo situar os momentos de rutura, mas também as continuidades nos discursos, tendo como balizas temporais as décadas de 1960 e 2010.

É convencional situar na Revolução de Abril de 1974 o momento de rutura radical entre dois regimes políticos e dois regimes de moral e costumes. Se esta convenção é, em vários domínios – nos regimes de trabalho, na liberdade de expressão e outras áreas da cidadania passíveis de mudança por um ato legislativo – historicamente indesmentível, a transformação radical não acontece ao nível dos discursos, nomeadamente naqueles que dizem respeito à nomeação – e, logo, ao controlo – das mulheres e dos seus corpos (Tavares 2011; Vicente, 2009). Por outro lado, enquanto, nas questões relativas à cidadania jurídica, por exemplo, se podem estabelecer linhas demarcatórias claras entre “esquerda” e “direita”, no que diz respeito à moral sexual das mulheres essa diferença não se faz sentir. As representações, ou, mais exatamente, a nomeação – os nomes que nos dão e os nomes que nos damos – influenciam a construção das subjetividades e condicionam os comportamentos, que são transversais às famílias políticas tradicionais.

As universidades são um bom campo para análise das mudanças nas práticas culturais, a ocorrer já, ainda que de forma subterrânea, nos anos finais do Estado Novo, uma vez que os jovens de classe média, que constituíam o universo universitário, não viviam no país rural e fechado sobre si do ideal salazarista, mas tinham acesso aos movimentos estudantis em curso noutros países (Bebiano 2010). No ano letivo 1960/61 estavam matriculados no Ensino Superior 23.877 jovens, dos quais apenas 7.038 eram mulheres¹. Estas jovens, muitas vezes a viver nas cidades universitárias, longe da vigilância da família, tinham possibilidades de transgressão dos limites do com-

¹ Veja-se Morais e Carvalho, 1993, 17-18. Na década de 1990 a maioria da população universitária portuguesa é já constituída por mulheres.

portamento do recato, muito embora houvesse ainda mecanismos de controlo, fosse porque viviam em “lares de freiras”, fosse porque estavam condicionadas pelos discursos que distinguiam as “boas meninas” das “outras”, para as quais havia outros nomes. É neste contexto que em Coimbra, em 1961, acontece o que foi, ao tempo, um escândalo de dimensão nacional.

No dia 19 de abril, a *Via Latina*, revista da Associação Académica de Coimbra, publicou uma “Carta Aberta”, não assinada, mas explicitamente numa voz masculina, que tinha por (imaginada) destinatária “uma jovem portuguesa”. A revista foi logo alvo de um ataque feroz por parte dos setores conservadores da sociedade portuguesa, liderado pelos jornais ultra-católicos *Voz* e *Novidades*. Mas o que dizia esta “carta” de tão escandaloso?

Vou escrever para ti jovem portuguesa e particularmente para ti, jovem estudante da nossa cidade. Não tenho a fazer a apologia de qualquer tipo de ideal; ensinar-te qualquer doutrina, defender fanaticamente uma moral. . .

A minha liberdade não é igual à tua. Separa-nos um muro alto e espesso, que nem tu nem eu construímos. A nós, rapazes, de viver do lado de cá, onde temos uma ordem social que em relação a vós nos favorece.

Viver dentro da juventude não se ensina, aprende-se vivendo. E a jovem e o jovem português não vivem dentro dela. . .

Jovem Portuguesa! Dou-te a minha mão e o meu corpo. Sinto os teus dedos, o teu braço. Sinto um corpo jovem junto do meu. Mas não sou um molde; sou um jovem diferente de ti. Um rapaz para quem o amor por ti é a concretização sexual, única diferença nas relações entre o homem e a mulher que devem decorrer no mesmo plano de homem para homem.

Beijas-me e sofres. Dizes, não o devia ter feito, porque julgas que o deverias ter pensado. (Campos 1961)

Cinco décadas passadas, ler a “Carta a uma jovem portuguesa” e a polémica que gerou é um exercício útil de aferição da bitola da moral sexual da classe média da época. Lido em 2016, a ingenuidade e o pudor – particularmente evidentes nos eufemismos – usados nas referências à sexualidade não produzem mais do que um sorriso embaraçado. No entanto, em 1961 provocou grande perturbação; teve repercussão nacional, tendo sido lida, e não apenas pelos setores mais conservadores, como um ataque à instituição da família e à moral social. No jornal *Encontro*, publicação da Juventude Universitária Católica, é denunciada a “apologia descarada do amor livre e a negação de toda a espiritualidade do matrimónio” (Bebiano e Silva 2004), leitura esta que traduz muito mais os medos coletivos do que aquilo que é textualmente dito na carta.

A 8 de maio, a *Via Latina* publica uma edição aberta às críticas à Carta. É notável que mesmo as estudantes mais emancipadas, como as do Conselho Feminino da AAC, se demarquem das posições ali expressas. Saliento o ponto III da sua resposta: “Dada a individualidade própria da mulher – que lhe permite assumir papel específico que perante a sociedade lhe compete – exige-se que não seja erigida como válida qualquer escala de valores que negue essa realidade”.

A retórica das jovens do Conselho Feminino da AAC pretende deixar clara a sua distância entre o comportamento de “meninas sérias” – estudantes universitárias, mas também eventuais “esposas e mães” – e a suposta moral dissoluta proposta pela Carta². O receio do encerramento da Associação leva a que Artur Marinha de Campos, o jovem autor da carta, vá à Assembleia Magna dar expli-

² Para uma visão sobre o papel do Conselho Feminino da AAC e comentário ao caso da Carta, veja-se entrevista a Eliana Gersão, do CF da AAC, em Cruzeiro e Bebiano, 2006, particularmente páginas 39-41.

cações. A AAC “foi obrigada a afastar o autor da *Carta a uma Jovem Portuguesa*, Marinha de Campos, para evitar o seu encerramento compulsivo pelas autoridades administrativas, por ultraje à moral pública.” De salientar que não houve qualquer movimento de apoio à Carta, o que indicia a docilidade da elite universitária de então³. Em 1961, a “Carta a uma Jovem Portuguesa” cria um escândalo que resulta no fortalecimento da moral católica hegemónica.

É ainda na palavra escrita, agora no círculo mais restrito da literatura, que podemos identificar os casos de “escândalo” que nos permitem aferir a evolução na representação das mulheres na fase final do Estado Novo.⁴ Em 1966, Natália Correia organiza e publica, na Editora Afrodite, a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. A edição foi apreendida e julgada em Tribunal Plenário como “ofensiva do pudor geral, da decência e da moralidade pública e dos bons costumes”. Natália Correia, Fernando Ribeiro de Mello – o editor da Afrodite –, e alguns dos colaboradores, foram julgados por “abuso de liberdade de imprensa”, num processo que apenas terminou a 21 de março de 1970.

A antologia reúne poemas desde o século XIII até a época da publicação, com graus muito diversos de despudor. De notar que, entre os noventa e cinco autores coligidos, apenas quatro são mulheres: Leonor de Almeida, Ana Hatherly, Maria Teresa Horta e a própria Natália Correia. Saliente-se ainda que tanto o poema de Natália Correia como o de Ana Hatherly, que são sexualmente explícitos, são publicados aqui pela primeira vez, no que é uma novidade transgressora na lírica portuguesa. O poema de Natália é escandaloso logo no título, “Cosmocópula”:

³ Docilidade que vai explodir nas crises académicas de 1962 e de 1969, esta última já com uma significativa participação das mulheres.

⁴ Para relato e discussão deste caso, veja-se Bebiano e Silva, 2006, *passim*, e Tavares, 2011, 129-132.

I

Membro a pino
dia é macho
submarino
é entre coxas
teu mergulho
vício de ostras.

II

O corpo é praia a boca é a nascente
e é na vulva que a areia é mais sedenta
poro a poro vou sendo o curso de água
da tua língua demasiada e lenta
dentes e unhas rebentam como pinhas
de carnívoras plantas te é meu ventre
abro-te as coxas e deixo-te crescer
Duro e cheiroso como o aloendro. (422)

Não cabe aqui uma análise literária do poema: interessa-me apenas o seu impacto social. Em plena “Primavera Marcelista”, os arguidos foram condenados a multas várias e a três anos de pena suspensa. Natália, “nossa senhora lenta mãe do escândalo”⁵, segundo um verso de José Carlos Ary dos Santos que a define exatamente – ou melhor, que define o seu impacto na sociedade portuguesa – vai voltar a esta minha história.

O escândalo seguinte acontece em 1971, quando Maria Teresa Horta publica *Minha Senhora de Mim*, uma reescrita da poesia trovadoresca galaico-portuguesa, livro do qual seleciono o poema que me parece mais explícito:

⁵ Ary dos Santos, “Retrato de Natália” (Pascoal 75).

É corpo para
ofertar
no lençol sem abrigo
a seu amigo
É corpo-alva
de amar
no lençol sem abrigo
a seu amigo
é corpo justo
ao desejo

no lençol sem abrigo
a seu amigo (41)

Lido em 2016, o poema é inócuo, do ponto de vista da moral sexual; em 1971 o livro foi apreendido pela Polícia de Informação e Defesa do Estado, por ser “indecente”. A transgressão estava, naturalmente, na autoria feminina, como afirma Anna Klobucka, para quem o “erotismo desinibido” e a “franqueza vocabular”, “vindo[s] como estavam de uma mulher poeta, [talvez constituíssem] uma transgressão suficiente para explicar as reações negativas”. Klobucka argumenta, no entanto, que “o efeito literária e ideologicamente mais radical do volume consistia. . . no uso que se fazia nele de formas e motivos próprios de uma tradição lírica consagrada como nacional.” (233). No campo da investigação acadêmica esta tese é sustentável⁶; no entanto, a perturbação que se fez sentir ultrapassa em muito a

⁶ A intertextualidade e a reapropriação do cânone masculino pelas poetisas aqui referidas é, com certeza, a transgressão de maior magnitude – que Klobucka e outras pessoas têm estudado. Essa discussão ultrapassa o âmbito do argumento deste texto.

academia e mesmo o público escasso da poesia e não era com certeza isso que incomodava a PIDE: a simples vocalização do desejo sexual por uma mulher – escrita, publicada, difundida – era uma transgressão inaceitável para o regime.

Do ponto de vista de uma história social e da cultura sexuada, o impacto social da obra é o fenómeno mais interessante. A poeta tornou-se “figura pública” e foi vítima de perseguição e violência, como conta em várias entrevistas: recebia cartas e telefonemas obscenos, era objeto de abordagens obscenas em espaços públicos; se escrevia aquelas coisas, era “puta”, logo, disponível. Chegou mesmo a ser agredida à porta de casa por três homens desconhecidos, que enquanto lhe batiam a pontapeavam gritavam: “Isto é para aprenderes a não escreveres dessa maneira” e “Uma mulher de respeito não escrevia aquelas coisas.” (Horta 2012). Esta reação de homens anónimos – e não apenas os do aparelho de estado – resulta do carácter do livro como “o epítome da contestação radical da passividade e modéstia femininas enquanto alicerces da ideologia estado-novista” (Klobucka 330). O caso é exemplar do poder dos discursos, tanto enquanto instrumentos de regulação como de resistência e combate.

Não deve surpreender, portanto, que o acontecimento feminista de maior impacto nacional e internacional do século XX português tenha sido justamente a publicação de um livro: *Novas Cartas Portuguesas* (NCP, 1972), da autoria de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, que ficaram conhecidas como “as três Marias”. A história é sobejamente conhecida: o livro foi apreendido e as suas autoras interrogadas pela PIDE e levadas a tribunal por “abuso da liberdade de imprensa e conteúdo insuportavelmente pornográfico e atentatório da moral pública” (Amaral xviii). O julgamento só não teve lugar porque, entretanto, aconteceu a Revolução de Abril de 1974. A perseguição às “três Marias” originou, entre 1973 e 1974, muitas manifestações públicas de protesto

junto de embaixadas e consulados de Portugal um pouco por todo o mundo⁷.

Um dos fatores que terá conduzido à censura do livro prende-se com a sua crítica à guerra colonial. Foi, porém, a colocação da mulher no lugar de sujeito do desejo – e não como simples objeto do desejo, que as representações patriarcais sempre sancionaram –, que levou à sua perseguição. Note-se que mesmo os poemas mais eróticos de *NCP* hoje seriam lidos sem espanto pela maior parte das pessoas: são mais eufemísticos que *Minha Senhora de Mim*, e muito mais discretos que o poema de Natália já aqui citado.

A principal responsável pela publicação de *NCP* foi justamente Natália Correia, “a lenta mãe do escândalo”, que mesmo tendo sido pressionada a cortar partes da obra, recusou-se a fazê-lo (Amaral XVIII). Na verdade, se as “três Marias” marcaram a literatura de autoria feminina portuguesa, na medida em que, ideologicamente, a emanciparam de uma tutela masculina na representação da fêmea – lugar antes reservado para “as outras” na literatura ocidental –, o impacto social de Natália Correia foi maior. Foi esta poeta e política – que não se dizia feminista, e que no pós-revolução se aliou politicamente ao conservador Partido Social Democrata – a protagonista de um famoso episódio na Assembleia da República, e que foi um marco na transgressão das fronteiras do *pardab* no qual as mulheres portuguesas se encontravam, mesmo nos anos pós-revolução.

A história é conhecida: em 1982, durante o primeiro debate parlamentar sobre a interrupção voluntária da gravidez, decorria sessão plenária quando João Morgado, deputado do CDS, afirmou que “o acto sexual é para fazer filhos”. Natália, que lutava pela despenalização do aborto, escreveu ali mesmo um poema, inspirado

⁷ Para um vasto estudo do impacto internacional de *NCP*, veja-se Freitas e Amaral, 2015, uma coletânea de ensaios da autoria de especialistas de diversos países.

nas palavras do deputado, e pediu a palavra de imediato. O “Truca-truca” provocou gargalhadas em todas as bancadas parlamentares e a sessão teve de ser interrompida:

Truca-Truca

Já que o coito – diz Morgado –
tem como fim cristalino,
preciso e imaculado
fazer menina ou menino;
e cada vez que o varão
sexual petisco manduca,
temos na procriação
prova de que houve truca-truca.
Sendo pai só de um rebento,
lógica é a conclusão
de que o viril instrumento
só usou – parca razão! -
uma vez. E se a função
faz o órgão – diz o ditado –
consumada essa excepção,
ficou capado o Morgado.

Sabemos que a sátira é um género bastante admirado, ao qual a linguagem obscena e a sexualidade estão frequentemente associadas, nomeadamente nas formas de literatura e de entretenimento popular, como na designada “música pimba”. O que torna este poema socialmente notável é o lugar da sua escrita e leitura, o facto de ser de autoria feminina, mas, principalmente, a sua recepção: foi um triunfo de Natália Correia sobre o seu adversário – que sai humilhado, o que é próprio da sátira – e do qual não resultaram, para a autora, críticas de carácter moralista. Podemos daqui concluir

que, em 1982, o grau de aceitabilidade de uma voz feminina “despudorada” era já notável.

Talvez seja Adília Lopes a poeta portuguesa que levou mais longe o uso de uma linguagem sexualmente explícita. Um caso notável do trabalho de reapropriação do cânone masculino que tem caracterizado muita da escrita das autoras portuguesas nas últimas décadas (veja-se Owen e Alonso), o desassombro moral dos seus poemas tem pelo menos tanto impacto quanto a sua sofisticação formal e os jogos intertextuais com o cânone. Ao contrário de Natália, cuja vida social e privada foi, ela própria, escandalosa, Adília Lopes – nascida em 1960 – é uma mulher de vida discreta e mesmo com uma aparência de “menina séria do antigamente”. E, no entanto, na sua persona de “galdéria”, é ela que escreve, “Eu quero foder foder / achadamente / se esta revolução / não me deixa / foder até morrer é porque / não é revolução / nenhuma. . .”, em *Um jogo muito perigoso*, de 1985 (2009). O público reconhece aqui a alusão ao soneto de Florbela Espanca, bem como a distância abissal entre o “Eu quero amar, amar perdiadamente” de uma e o “foder achadamente” de outra: estamos perante o sexo puro e duro fora de qualquer contexto de envolvimento romântico, tradicionalmente coutada do macho. Acresce ainda que os dois versos mais citados de Adília – “Está um dia tão bonito / e eu sem ter fodido” – colocam a sexualidade fora do contexto de qualquer ligação amorosa ou afetiva que, de resto, ainda estavam presentes nos poemas das “três Marias” e mesmo na poesia erótica de Natália. A poesia erótica e mesmo pornográfica em voz feminina já não causa escândalo, pelo menos no círculo restrito de quem lê poesia.

Acresce ainda que, na reconfiguração radical da mulher enquanto fêmea e “senhora de si”, Adília ultrapassa uma última fronteira: fere a figura sacralizada e idealizada da mãe, Quando o poema diz “o choro da bebé / não impede a mãe / de se vir”, a mãe ganha corpo de fêmea autónomo da cria, e o binómio mãe /puta, em torno

do qual se articulam as figurações do “feminino”, é radicalmente questionado e colapsa.

É, no entanto, no espaço público que melhor podemos aferir as mudanças ocorridas nos discursos e nas representações das mulheres. Em 2013, no Dia Internacional da Mulher, a Assembleia da República organizou uma sessão de homenagem a Natália Correia, assinalando os 20 anos da sua morte. Em pleno hemiciclo, a atriz São José Lapa leu o “Truca-truca”, num ato que se quis solene, num espaço solene, sede do poder político da nação. Se as práticas sociais portuguesas traduzem ainda uma grande assimetria de poder, real e simbólico, entre homens e mulheres – assimetria essa muitas vezes traduzida em violência, como sabemos da leitura dos jornais diários – pelo menos ao nível dos discursos ao feminino já não se exige o recato. Este ato de consagração de uma poeta e mulher “escandalosa” pressupõe a superação das categorias “meninas”, “senhoras” e “galdérias” para pensar e julgar as mulheres: é um passo gigante no sentido da emancipação de uma identidade sexual fundada no corpo da fêmea, sexuado, idealizado ou hiper-sexualizado, e rigorosamente vigiado.

Obras citadas

- Amaral, Ana Luísa. “Breve Introdução”. *Novas Cartas Portuguesas, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa*. Edição anotada. Org. Ana Luísa Amaral. Lisboa: D. Quixote, 2010. Print.
- Bebiano, Rui. “‘Povo pop’, mudança cultural e dissensão”. Org. José Neves. *Como Se Faz Um Povo: Ensaios em História Contemporânea de Portugal*. Lisboa: Tinta-da-China, 2010, 441-454. Print.
- Bebiano, Rui e Alexandra Silva. “A reidentificação do feminino e a polémica sobre a ‘Carta a uma Jovem Portuguesa’”. *Revista de História das Ideias* 25. Coimbra (2004): 423-454. Print.
- Campos, Artur Marinha. “Carta a uma jovem portuguesa”. *Via Latina* 130 (19 de Abril de 1961). Web.
- Correia, Natália, org. [1966]. *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. Lisboa: Antígona, 2008. Print.

- Cruzeiro, M. Manuela e Rui Bebiano. *Anos Inquietos: Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)*. Porto: Afrontamento, 2006. Print.
- Freitas, Marinela e Ana Luísa Amaral. *Novas Cartas Portuguesas entre Portugal e o Mundo*. Lisboa: D. Quixote, 2015. Print.
- Horta, Maria Teresa. *Minha Senhora de Mim*. Lisboa: Dom Quixote, 1971. Print.
- Horta, Maria Teresa. Entrevista a Helena Vasconcelos. *Público* (14 de março de 2012). Web.
- Klobucka, Anna M. *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus, 2009. Print.
- Lopes, Adília. *Dobra: Poesia Reunida. 1983-2007* [1985]. Lisboa: Assírio e Alvim, 2009. Print.
- Morais, Maria Monteiro e José Eduardo Carvalho. *A presença das mulheres no Ensino Superior em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1993. Print.
- Owen, Hilary e Cláudia Pazos Alonso. *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy, and the Politics of Authorship in 20th-Century Portuguese Women's Writing*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2010. Print.
- Pascoal, António Jacinto, org. *As mulheres visíveis: Antologia de poemas sobre mulheres*. Coimbra: Alma Azul, 2004. Print.
- Ramalho, Maria Irene, "Orfeu re-inventado: ou: as mulheres e a poesia hoje". *Biblos* 72. Coimbra (2001). Print.
- Tavares, Manuela. *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*. Lisboa: Leya, 2011. Print.
- Vicente, Ana. "Antifeminismos". Org. António Marujo e José Eduardo Franco. *Danças dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009, 429-483. Print.

(Página deixada propositadamente em branco)

TRANSATLANTIC SAPPHOS

Page duBois

Resumo: Este ensaio tenta desenhar um mapa do legado lírico da poeta Safo nas obras das mulheres poetisas do século XX (dentro, mas também além do mundo anglófono). Demonstra-se como a própria recepção transformou o nosso entendimento da antiguidade e, nomeadamente, como o interesse pela sexualidade e a negociação exigida pelas dificuldades do amor entre duas pessoas do mesmo sexo nas sociedades contemporâneas transformou a nossa leitura daquele período, bem como das suas obras de arte.

Palavras-chave: Safo; poesia; mulheres; sexualidade; negociação; recepção.

Abstract: This essay aims at drawing a map of the legacy of the archaic Greek lyric poet Sappho on twentieth-century women's writing (within, but also beyond, the Anglophone world). It shows how reception itself transforms our understanding of antiquity, namely how the interest in sexuality and the demanding for the negotiation of the difficulties of same-sex love in contemporary societies transformed readings of ancient societies and their works of art.

Keywords: Sappho; poetry; women; sexuality; negotiation; reception.

“Reception” in classical studies has come to mean not only the ways in which an ancient work of art was “received” in a later period, how it was transmitted, what effects it had on that period, how it was understood, but also an examination of how the ways in which an ancient text, object, work of art, theory was received can transform our understanding of antiquity itself.¹ In the twentieth century, for example, when scholars were affected by developments in the suffragist movement, the women’s movement, in feminism, they looked at the women of antiquity in new ways, seeking out silent members of ancient communities, studying the ways in which gender relations worked in ancient societies, a topic that had been relatively neglected in earlier periods. The interest in sexuality, and in varieties of sexuality, that came to define a new field called the history of sexuality, also transformed readings of ancient societies and works of art. I am concerned here with the legacy of the archaic Greek lyric poet Sappho, who spent most of her life on the Eastern Mediterranean island of Lesbos, near the coast of what is now Turkey. Many of Sappho’s verses, highly esteemed in antiquity, have been lost over the centuries, some only very recently discovered on fragments of ancient papyrus dug up from the sands of Egypt. The representation of Sappho, who writes often about her passion for other women, was transformed radically by the Roman poet Ovid, who in his *Heroides* spoke in her voice of her unrequited love for

¹ This essay is based on a forthcoming book, *Sappho: Understanding Classics*, to be published in 2015 by I.B. Tauris (London). It is dedicated to Irene Ramalho Santos, with profound admiration, gratitude, and love.

a man, Phaon, and of her imminent suicide. The understanding of Sappho in the post-Renaissance world was for a long time focused on her death, on the romance of her yearning for this man, and on the ways in which she stood for passionate and doomed eros rather than for “lesbianism.” Sappho was seen not just as an exemplary female poet, but also and perhaps especially as a tragic figure. Visual artists represented Sappho, often with the male object of her unrequited love, Phaon, as in the work of the neo-classical painter David, who painted them together in 1809.

The American poet Hilda Doolittle (1886-1961), who published as H.D., was, among others, profoundly influenced by Sappho’s fragments. As a young woman she met William Carlos Williams, Marianne Moore, and Ezra Pound, to whom she was briefly engaged. After moving to London, she came to know the imagist poets, and Pound championed her work. She had affairs with both women and men, and married the poet Richard Aldington; but her most enduring relationship was with Annie Winifred Ellerman, the English novelist known as “Bryher,” whose father, a shipowner and financier who at the time of his death in 1933 was said to be the richest Englishman who had ever lived. Bryher was involved in film-making; her Pool group made *Borderline* in 1930, starring H.D. and the great African American singer and political activist Paul Robeson. Bryher, like H.D., married and had male lovers, but saw themselves as Lesbian lesbians as well; Bryher’s memoir is entitled *The Heart to Artemis*. H.D.’s sensuous life was unconventional, full, complex, and polymorphous, marked by attachments to lovers of both genders, and by erotic suffering, it seems. H.D. was analyzed by Sigmund Freud, and later wrote of the experience in her *Tribute to Freud*. And while attracted to Japanese poetry, and the *haiku*, H.D. along with the other imagists early on began to derive inspiration from classical Greek poetry, and especially the archaic lyrics of Sappho.

The most explicit acknowledgement of H.D.'s fascination with Sappho comes in the text entitled "The Wise Sappho," written in 1920 but published in 1982 by City Lights Books, from a manuscript in the Beinecke Rare Book and Manuscript Library at Yale University. H.D. begins this short essay by recalling the judgment of the Alexandrian poet Meleager, in "The Garland," where he weaves into his wreath of Sappho "few, but roses." Eileen Gregory discusses the essay in her book *H.D. and Hellenism* (1997), and remarks on the fact that H.D. does not cite the newer fragments of the poet, called the "Berlin fragments" and known to the poets of her day. She restricts her musings on Sappho to the fragments published by H. T. Wharton in 1885, and although Sappho seems to stand as a predecessor to H.D., she approaches her somewhat obliquely. She first takes issue with the Hellenistic poet's assessment, calling for not roses, but orange blossoms, "implacable flowerings made to seduce the sense when every other means has failed, poignard that glints, fresh sharpened steel. . ." (57). Sappho's words are for her "colours, or states. . . transcending colour yet containing. . . all colour" (58). Then they are rocks, or layers of rock. "Not flowers at all, but an island, a country, a continent, a planet, a world of emotion, differing entirely from any present day imaginable world of emotion. . ." (58). H.D. invokes an embodied woman, ironic, aristocratic, intolerant, mocking the country girl. "Her bitterness was on the whole the bitterness of the sweat of Eros" (59).

H.D.'s Sappho is not the worshiper of the Olympian gods, but the petulant, nervous Sappho, lashing out at her companions. She stands in the wind from Asia, in a Western gale. H.D. admires her poetic craft, sees her "artistic wisdom," but questions her emotional, personal wisdom, finding immoderation and inconstancy in love in her poetry. She had "the wisdom of simplicity, the blindness of genius" (65). H.D. calls up her child, Cleis, and her beloved girls, made vivid through H.D.'s prose:

angry Eranna who refused everyone and bound white violets only for the straight hair she herself braided with precision and cruel self-torturing neatness about her own head. We know of Gorgo, over-riotous, too heavy, with special intoxicating sweetness, but exhausting, a girl to weary of, no companion, her over-soft curves presaging early development of heavy womanhood. (67)

H.D. is there, on Lesbos, with these woman, imagining them fully, projecting from the few words of Sappho's fragment a dense, corporeal reality for these names. She cites the living and the dead, and ends with "Rhodope," the beauty married by Sappho's brother. So H.D. returns to "roses," to the rosy-faced "Graeco-Egyptian beauty" of Naucratis. In the end, H.D. turns back on her rejection of Meleager's characterization of his predecessor, writing "Little – not little – but all, all roses!" She is "the pseudonym for poignant human feeling," "the rocks set in a blue sea, the sea itself, breaking and tortured and torturing, but never broken" (67). H.D. remembers all those ancient writers who read her, admired her wisdom – Plato, Meleager, the tragic poet Sophocles, "The Roman Emperor" who saw life as worth living if he could hear Sappho's songs, Catullus, until the Vatican saw her as a rival to their own "Poet," and destroyed her poems. She imagines, finally, scholars, hectic antiquaries, searching for "a precious palimpsest among the funereal glories of the sand-strewn Pharaohs" (69). H.D.'s own epitaph, inscribed on her grave in the family plot in Pennsylvania, reveals her debt to Sappho:

So you may say,
Greek flower; Greek ecstasy
reclaims forever
one who died
following intricate song's
lost measure.

H.D. may have lacked the ecstatic identification with the ancient Lesbian poet that some feminists, lesbians, and women poets felt, but her poetics, her sense of Sappho as tortured, ironic, and not broken, persist in her verse and prose.

The American feminist and lesbian poet Judy Grahn published a set of essays called *The Highest Apple*, in 1985, invoking Sappho in her title. Part III of this text is entitled “To Surface With Lesbian Gods.” She lists the many gods of Sappho’s world, and continually refers to her present as she reads Sappho’s fragments:

Perhaps, in fact, when Sappho speaks of the reddening sweet-apple at the topmost bough, the one that the apple-pickers could not reach – she is singing a womanly song of special protection for the essential female powers; they will never, quite, be reached, and taken from us. (93)

Grahn writes of the lost old gods, and “their possible reclamation in our modern Lesbian poetry” (93). She sees Lesbian feminism, and its female culture, as “straining to recoup its highest apple” (94). She reads the work of Emily Dickinson in this light: “her own love was primarily for women” (94). Amy Lowell, another American poet, is judged as not preoccupying herself “except indirectly with the re-establishment of the lost female godhead. . .” (100). But H.D. wrote the poem “Amaranth,” which for Grahn “speaks in Sappho’s voice directly to Aphrodite” (194). Audre Lorde reconnects with African divinities, African Amazon figures; Adrienne Rich names “the forces, the female godforces, and takes as her major subjects love and beauty, intelligence and memory – surely Aphrodite or perhaps the Hebrew Asherah – in another form” (116). Paula Gunn Allen draws on the traditions of indigenous American female creator gods. Grahn ends her essay on the power of female divinities to inspire her contemporaries, with a return to Sappho and her gods,

and she cites in full David Campbell's 1982 prose version of Sappho's first poem: "Ornate-throned immortal Aphrodite. . ." "Perhaps we are closer to recovering large portions of Sappho's world than we realize" (136).

The influence of Sappho on twentieth-century women's writing extended beyond the Anglophone world. Alejandra Pizarnik, born in Argentina in 1936, lived in exile in Paris and committed suicide in 1972. Her work explores eroticism, ecstasy, and depression, and her verses echo some of Sappho's themes, her forms of same-sex desire, and the fragmentary form in which we must read her poems. For example:

Lovers
a flower
not far from the night
my mute body
opens
to the delicate urgency of dew

or the poem translated as "Dawn":

Nude dreaming a solar night.
I have lain down animal days.
The wind and rain erased me
like a flame, like a poem
written on a wall.

These beautiful, anguished, sapphic poems, difficult to find in English, were translated by Frank Graziano, Maria Rosa Fort, and Suzanne Levine.

Cristina Peri Rossi, a Uruguayan writer born in 1941, was also exiled, and lives in Spain. Her novel *Ship of Fools* satirizes

dictatorships, embraces feminism, and addresses pederasty. The book *Evobé: poemas eroticos*, published in Montevideo in 1971, takes its title, as she says, from “the onomatopoeic cry of the bacchantes during the feasts and rites paying homage to Bacchus, the god of revelry and wine.” She uses the term, however, as “an amorous cry: the book proclaims love between two as a form of the Absolute as opposed to the orgy of multiple partners” (7). She also notes that when first published, *Evobé* “provoked a considerable scandal. Conditions at the time – just before the military dictatorship – were not favorable to poetry or to erotica. Later, EVOHE was banned entirely, along with the rest of my books” (8). Peri Rossi sets a fragment of Sappho as the epigrammatic prelude to her book: “Once again Eros, loosener of limbs, tortures me, sweet and bitter, invincible creature” (9). These poems of Peri Rossi were translated by Diana P. Decker:

Dedication I

I wrote her many poems
in fact, I even suffered a little for her.
I saw her the other day eating in a café
and the man with her
kept throwing breadcrumbs in her face.
I'll publish the poems any day now. (15)

I entered as if into a cathedral
and her legs vibrated
like the organ pipes
when, inside her,
I began to pronounce her,
to make music between the naves
under the acquiescent gaze
of all the illuminated virgins. (97)

Marked by humor, defiance, and lesbian eros, Peri Rossi's verses constitute a brilliant, bravado "translation" of Sappho into another world.

These two women writers, poets of Latin America living in Europe, exemplify not only a complex trans-Atlanticism, but also a moving negotiation of the difficulties of same-sex love in contemporary societies, and the deployment of a rich legacy, excavated, rediscovered, inherited from the ancient Mediterranean.

Works cited

- Bryher. *The Heart to Artemis: A Writer's Memoirs*. Ashfield, Massachusetts: Paris Press, 2006. Print.
- Doolittle, Hilda (H.D.). *Notes on Thought & Vision and The Wise Sappho*. San Francisco, California: City Lights Books, 1982. Print.
- duBois, Page. *Sappho is Burning*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1987. Print.
- Grahn, Judy. *The Highest Apple: Sappho and the Lesbian Poetic Tradition*. San Francisco, California: Spinsters, Ink, 1985. Print.
- Graziano, Frank, ed. *Alejandra Pizarnik: A Profile*. Durango, Colorado: Logbridge-Rhodes, 1987. Print.
- Greene, Ellen, ed. *Re-Reading Sappho: Reception and Transmission*. Berkeley, California: University of California Press, 1996. Print.
- Gregory, Eileen. *H.D. and Hellenism: Classic Lines*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Print.
- Peri Rossi, Cristina. *Evobé: poemas eroticos/Erotic Poems*. Trans. Diana P. Decker. Washington, D.C.: Azul Editions, 1991 (Montevideo, Uruguay, 1971). Print.

(Página deixada propositadamente em branco)

FEMINISMO E PÓS-MODERNIDADE FIGURAS E CONTROVÉRSIAS

Fernanda Henriques

Resumo: Neste texto procura-se articular dois conceitos em si mesmos problemáticos: o de feminismo e o de pós-modernidade. Embora se faça referência a textos/posições clássicas sobre o tema, o objetivo deste ensaio não é fazer uma revisão de literatura, mas, sim, pensar o sentido da articulação entre feminismo e pós-modernidade, realçando os aspetos controversos que tal articulação levanta.

Palavras-chave: feminismo; modernidade; pós-modernidade; racionalidade; paradigma epistemológico.

Abstract: This text seeks to articulate two concepts in themselves problematic: feminism and post-modernity. Although references are made to texts and classic positions on the subject, the purpose of this essay is not to do a literature review, but instead to think about the meaning of the relationship between feminism and postmodernism, highlighting the controversial aspects involved in such a relationship.

Keywords: feminism; modernity; post-modernity; rationality; epistemological paradigm.

1. Sentido e implicações de um título

O título deste trabalho é constituído por duas palavras, feminismo e pós-modernidade, que remetem para dois conceitos estruturalmente polémicos. Por isso, o seu subtítulo é “figuras e controvérsias”. Na verdade, considero que sobre o tema não poderemos ultrapassar a apresentação de perspetivas e a sua discussão e nunca elaborar uma relação líquida e pacífica, até porque ambas as palavras/conceitos se têm de conjugar no plural para poderem descrever as realidades que pretendem referenciar. É igualmente impróprio falar de “feminismo” como o é falar de “pós-modernidade”, porque feminismo não consegue descrever as posições, por exemplo, de Simone de Beauvoir ou de Judith Butler, embora sejam ambas feministas, assim como Gianni Vattimo ou Fredric Jameson oferecem duas conceções bem diferentes do que pode ser a perspetiva da pós-modernidade – o primeiro apontando, sobretudo, para a dimensão de fragilidade da razão, para a ideia de um pensamento débil; o segundo articulando a cultura pós-moderna com o desenvolvimento do capitalismo, definindo-a como a expressão do capitalismo tardio¹. Quer isto dizer que escrever sobre feminismo e pós-modernidade exige um percurso analítico que percorra alguns caminhos que as palavras/conceitos têm desenhado.

Mas, no título, as duas palavras/conceitos estão ligadas pela partícula “e” que, em função da sua pertença gramatical, simultaneamente une e contrasta, apontando quer para o sentido, quer para o sem sentido da relação entre elas. Isto é, feminismo e pós-modernidade são *com-possíveis* ou *im-possíveis*? É a interrogação que subjaz ao

¹ Na verdade, o debate sobre a pós-modernidade tem uma literatura quase inabarcável. Indico aqui os autores (os textos estão na bibliografia) que participam mais ativamente na minha interpretação do tema: Lyotard, Perry Anderson, Matei Calinescu, Gianni Vattimo, Zygmunt Bauman, Habermas, David Harvey, além da coleção de ensaios organizada por Steven Connor.

título proposto, sendo a sua análise que se pretende trazer à luz e, também a este nível, haverá que desocultar “figuras e controvérsias”, na medida em que as posições e os argumentos se opõem e digladiam, esgrimindo, cada posição, razões igualmente fortes.

É esta interrogação subterrânea ao título que estruturará o desenvolvimento do texto e se constituirá como o seu horizonte de sentido.

2. Uma RELAÇÃO controversa

2.1. Uma relação impossível

Tendo em vista o que acabou de ser dito, que se procura indagar se há uma relação possível ou impossível entre feminismo e pós-modernidade, iniciarei a análise pela apresentação de algumas posições que consideram que feminismo e pós-modernidade têm uma relação impossível. Tal é o caso de uma grande parte das filósofas feministas espanholas, para quem é absolutamente claro que, tendo nascido com a sociedade moderna dos direitos e das reivindicações, o feminismo não é compossível com a racionalidade pós-moderna. Esta é a posição de Celia Amorós, figura matricial da filosofia de raiz feminista em Espanha que, em 1987/88, criou, na Universidade Complutense de Madrid, o Seminário *Feminismo y Ilustración*, onde se desenvolveram as atividades de investigação ligadas a um conjunto de nomes que marcaram a investigação filosófica de cariz feminista em Espanha, e que manteve uma ligação ao grupo fundador do Instituto de Investigações Feministas, cuja atividade se destacou em 1989, nas comemorações do bicentenário da Revolução Francesa². Para Celia Amorós, apenas se pode falar de feminismo a partir da

² Cf. Revista *Isegoría* 38 (2008): 197-203.

modernidade, porque só a racionalidade moderna oferece um estatuto racional que permite o percurso compreensivo e emancipador das mulheres. Amorós reitera, de modo sistemático, esta posição em todas as suas obras, porque, para ela, a pós-modernidade representa um registo de morte, designadamente de morte do sujeito racional capaz de tematizar a sua própria posição e estatuto e de ser seu protagonista:

Pós-modernidade. Diagnóstico em que se plasma ainda às apalpadelas e tenta articular-se, como afirma Wellmer, a consciência de uma nova época, a nossa. E cuja caracterização sumária. . . se concretiza, como é sabido, em torno de determinados registos de morte: morte do sujeito, morte da razão, morte da história, morte da metafísica, morte da totalidade. Morte de toda uma rede de categorias e conceitos, cujas relações orgânicas vertebravam o projeto da modernidade, o projeto ilustrado entendido como a emancipação do sujeito racional, sujeito que, de algum modo, se encontrava em posição constituinte em relação ao projeto histórico interpretado a partir de alguma ou algumas chaves totalizadoras relacionadas, por sua vez, com o protagonismo desse sujeito e com os avatares da sua sujeição ou da sua libertação. (320)

No âmbito desta mesma “Escola”, Cristina Molina Petit (129-143)³ questiona fortemente o interesse para o feminismo daquilo que se poderá designar por imagem feminina da racionalidade pós-moderna. A autora trata sobretudo duas metáforas – a da *razão piedosa*, ligada a Vattimo e a da *razão estetizada* que articula com o que chama pensamento do corpo – denunciando que estas perspetivas sobre a

³ Ver também: Cristina Molina Petit, *Dialéctica feminista de la ilustración* (Barcelona: Anthropos, 1994), onde a autora articula aquilo que é o lugar próprio do feminismo – o século das luzes.

racionalidade, embora feminizadas – ou talvez por isso – não contribuem para uma melhor compreensão das problemáticas ligadas às mulheres, podendo mesmo constituir um forte obstáculo a essa compreensão. A justificação desta posição decorre de se considerar que uma razão enfraquecida não pode ser um instrumento emancipador como as posições feministas necessitam.

Num outro horizonte cultural, penso ser possível dizer que Elisabeth Badinter perfilhará a mesma posição da “Escola” espanhola de Celia Amorós (cf. Henriques 245-254). Tendo uma formação filosófica de base, contudo, as suas obras materializam um discurso de fronteira, de raiz interdisciplinar, onde a preocupação pela compreensão e pela busca do conceito ou do universal são a intencionalidade constitutiva. Articulando os dados da História, da Psicologia, da Biologia ou da Literatura, ela procura sempre a construção de uma visão sistemática que vá tão longe quanto possível na apresentação de uma totalidade orgânica de sentido. Em confronto com Alain Touraine, Badinter assume-se como herdeira de Beauvoir. Pertencendo a um feminismo da igualdade, defende o republicanismo como lugar social e político da liberdade e reivindica que a maior conquista da cidadania democrática corresponde ao “direito à indiferença” e não ao “direito à diferença”. Ao longo do confronto com Touraine, fica muito clara a pertença de Badinter ao quadro racional da modernidade, com a consequente defesa do valor da universalidade da razão como instrumento de emancipação⁴.

2.2. Uma relação necessária e fecunda

No campo da língua inglesa, dois nomes importantes, Nancy Fraser e Linda Nicholson, advogam uma outra posição, salientando

⁴ Cf. *Le Nouvel Observateur* de 19 de Junho de 2003.

que da articulação entre feminismo e pós-modernidade poderão advir vantagens para ambas as perspectivas. Num texto sobre esta temática (1992), as autoras fazem a articulação entre feminismo e pós-modernidade procurando estabelecer uma complementaridade benéfica para os dois lados, porque, vindo de posições e interesses teóricos diferenciados, feminismo e pós-modernidade estabelecem críticas diferentes ao legado moderno, mas, exatamente, por isso mesmo, qualquer das críticas é parcelar e, portanto, incompleta, tendo toda a vantagem em se articular com a outra.

Para a questão da pós-modernidade, partem do clássico de Jean-François Lyotard, *La condition postmoderne*, sublinhando, na posição daquele autor, as duas ideias fundamentais da sua perspectiva: a morte do fundacionalismo e a consequente desvalorização do papel da filosofia. Na verdade é disso que se trata em Lyotard: mostrar que a filosofia tradicional, com o seu arsenal de “princípios primeiros”, “transcendentalismos”, “pureza racional” e “universalismo abstracto”, arsenal esse suportado por um conceito de razão iluminista toda poderosa, não era compatível com a dinâmica científica e societal do século XX. Nesse sentido, há uma desvalorização do papel tradicional da filosofia que se outorgava a si mesma ser, de direito, o lugar principal de qualquer outra discursividade. Para Lyotard, a pós-modernidade corresponde ao fim do tipo de discurso que designa como meta narrativas ou narrativas legitimadoras que, a seu ver, perderam a credibilidade. No seu lugar coloca as pequenas narrativas, a pluralidade discursiva e a contextualidade.

Na análise de Lyotard, Fraser e Nicholson aclamam a destronização do papel tradicional da filosofia, enquanto “meta” de qualquer outra narrativa, mas recusam a consistência total da crítica de Lyotard e denunciam a sua fragilidade enquanto instrumento de crítica social. Nesse contexto, vão procurar, do lado dos feminismos, aquilo que possa fortalecer a visão pós-moderna configurada por Lyotard.

Acentuando que o feminismo, partindo das necessidades da sua prática política, também recusa o papel da filosofia tradicional, Fraser e Nicholson argumentam que, nem sempre as perspectivas feministas têm sido coerentes com o seu princípio desconstrutor da filosofia tradicional, continuando a defender posições que são devedoras desses “velhos” pontos de vista filosóficos. É por quererem encontrar uma dimensão universal ou, pelo menos, transcultural, para explicar a exploração das mulheres que as feministas acabam por cair na armadilha das soluções tradicionais. Recorrendo aos exemplos de Schulamith Firestone, Gayle Rubin, o movimento *Woman, Culture and Society*, Chodorow, as autoras mostram como elas, ao quererem construir uma grande teoria social que unificasse a explicação da opressão das mulheres nas diferentes latitudes culturais, cada uma à sua maneira, constroem “quase” meta narrativas. De qualquer modo, dizem, elaboram explicações essencialistas e mono causais, e, por isso, devedoras de uma perspectiva filosófica tradicional⁵, cujo modelo de racionalidade, de facto, nunca serviu a causa feminista. Por outro lado, aliás, as novas vagas de feminismo batalham por fragmentar as posições globalizantes e totalizadoras, e procuram abrir caminho para a marcação das diferenças constituintes do tecido da realidade.

É no quadro desta dupla análise que Fraser e Nicholson propõem a ideia de um “feminismo pós-moderno” que, por um lado, tem de manter as narrativas históricas – que lhe permitirão compreender as raízes do sexismo –, e as macro estruturas sociais – para poder analisar problemas políticos gerais –, como queria Lyotard, mas, por outro, deverá seguir as diretrizes da perspectiva pós-moderna e portanto: (1) ser “não-universalista” e, antes, ater-se às mudanças culturais e históricas e não pretender estabelecer leis explicativas

⁵ Até mesmo a proposta de Carol Gilligan é analisada pelas autoras como pecando por facilitar um olhar dicotómico e, portanto, essencialista.

universais; (2) abandonar a ideia de “um sujeito da história”, não considerando conceitos unitários, como o de mulher ou de identidade de gênero e procurando integrar perspectivas plurais de análise, como classe, etnicidade, orientação sexual, por exemplo; (3) ser “pragmático”, desenvolvendo uma política de alianças e metodologicamente plural em função das temáticas em causa.

2.3. Uma relação entre quê?

A relação entre feminismo e pós-modernidade que mais dá que pensar é, no meu entender, a de Judith Butler porque, coerente com o seu olhar estruturalmente desconstrutor, ela não assume a estabilidade de nenhum dos conceitos – feminismo ou pós-modernidade – e, por isso, não pode pensar a sua relação. É, sobretudo, a designação “pós-modernismo” que Butler desconstrói, chamando a atenção para slogans que habitualmente são ligados àquela designação e que, enquanto generalidades, demonstram não só desconhecimento da complexidade das posições que querem caracterizar, como também constituem um obstáculo à sua efetiva compreensão. Nesse sentido, diz, o que importa é questionar a própria designação:

Proponho que a questão do pós-modernismo seja lida não apenas como a questão que o pós-modernismo coloca para o feminismo, mas como a questão, o que é pós-modernismo? Que tipo de existência ele tem? Jean-François Lyotard defende o termo, mas ele não pode ser visto como exemplo daquilo que está fazendo todo o resto dos que passam por pós-modernistas. A obra de Lyotard está, por exemplo, em conflito com a de Derrida, que não sustenta a noção do “pós-moderno”, e com a de outros autores dos quais querem que ele seja representante. É ele paradigmático? Têm todas essas teorias a mesma estrutura (uma noção confortadora para

o crítico que quer dispensá-las todas de uma vez)? O esforço para colonizar e domesticar essas teorias sob uma única rubrica é uma simples recusa de conceder a especificidade dessas posições, uma desculpa para não ler, e não ler atentamente? (14)

É particularmente significativa a sua interrogação sobre a possível dimensão paradigmática de Lyotard, ponto de partida da posição defendida por Fraser e Nicholson, nomeadamente por denunciar que a eleição de paradigmas exemplificadores é “uma noção confortadora para o crítico que quer dispensá-las todas de uma vez”. Evidentemente que a não fixação de um conceito ou de uma perspectiva pode paralisar qualquer análise e inibir a ação – neste caso, teórica – mas não deixa de ser muito importante esta denúncia de se tomar a parte pelo todo e de se simplificarem as questões retirando-lhes a sua constitutiva aporeticidade. Butler quer evidenciar o facto de que qualquer redução totalizadora é manifestação de um poder, de uma perspectiva de dominação, que, no fundo, quer acabar com a complexidade e dissolver as questões.

Que propõe, então, Butler?

Antes de tudo, diria, a sua vontade é de manter sempre ativa a estrutura questionante da racionalidade e não a sua dimensão sintética. Isto significa a manutenção do carácter constitutivamente provisório de toda a argumentação, por um lado, e, por outro, a recusa de uma qualquer perspectiva universal. Afirmar um universal é sempre excludente não só porque desenha um todo que não contém todas as partes, mas, igualmente, porque o afirma como modelo e, portanto, define uma hierarquia. Penso poder ilustrar o que afirmei acima de Butler com recurso às suas palavras:

Não sei o que é pós-modernismo, mas tenho alguma idéia de que possa significar submeter noções do corpo e da materialidade a uma crítica desconstrutiva. Desconstruir o conceito de

matéria ou de corpo não é negar ou recusar ambos os termos. Significa continuar a usá-los, repeti-los, repeti-los subversivamente, e deslocá-los dos contextos nos quais foram dispostos como instrumentos do poder opressor. Aqui é necessário obviamente declarar que as opções para a teoria não se exaurem presumindo materialidade, de um lado, e negando materialidade, de outro. É meu propósito exatamente não fazer essas duas coisas. Pôr um pressuposto em questão não é a mesma coisa que o suprimir; antes, é libertá-lo de sua morada metafísica a fim de ocupar e servir objetivos políticos muito diferentes. Problematizar a matéria dos corpos acarreta, em primeiro lugar, uma perda de certeza epistemológica, mas essa perda de certeza não tem por resultado necessário o niilismo político.

Se uma desconstrução da materialidade dos corpos suspende e problematiza o referente ontológico tradicional do termo, ela não congela, bane, torna inútil ou esvazia de sentido seu uso; ao contrário, proporciona as condições para mobilizar o significante a serviço de uma produção alternativa. (25-26)

3. Do que está em causa

Das três posições sumariadas acima, importa-me isolar o que para mim está em causa e que enunciaria como sendo a configuração de uma epistemologia da racionalidade não discriminadora ou não excludente.

Nesse quadro, compreendo a posição das feministas que recusam a perspectiva pós-moderna sobre a razão e a discursividade, embora não consiga aderir totalmente a ela por pensar que a crítica a que alguma pós-modernidade submeteu o conceito de razão da modernidade pode permitir reconfigurar uma racionalidade que, sendo, embora, mais frágil é, ao mesmo tempo, mais aberta e inclusiva,

o que pode constituir uma nova força – a de trazer à linguagem aspetos da realidade não contemplados por uma razão instrumental e técnica e, dessa forma, fornecer bons argumentos para as teorias feministas.

Tal ponto de vista aproxima-me mais da defesa que Fraser e Nicholson fazem da possibilidade e mesmo da vantagem da relação entre feminismo e pós-modernidade. Na verdade, como elas, penso que os feminismos de qualquer latitude têm necessidade de libertar a racionalidade da rigidez e do totalitarismo, herdados do mundo moderno, para possibilitar que ela se transforme num recurso de discernimento e intervenção quer no plano teórico restrito, no sentido da constituição de uma produção científica ligada à complexidade da realidade, quer no campo mais alargado da compreensão da vida e do viver, no quadro da definição de novos modos de ser e de habitar que tornem sustentável as interações humanas e a ocupação do cosmos.

Todavia, a posição de Butler é muito desafiadora e leva-me a cavar mais fundo neste debate e procurar pensar de que modo a opressão e a discriminação assentam numa *injustiça cognitiva* que importa compreender, pondo em evidência que os paradigmas epistemológicos não são todos iguais, podendo ser responsáveis por mundividências libertadoras ou discriminadoras. Tendo em conta esta perspetiva, de que na base das desigualdades sociais existe uma injustiça cognitiva, penso que encontrar uma epistemologia da racionalidade que sirva um outro paradigma de abordagem do saber e do agir é tão fundamental para os *Women's Studies* como ressignificar o nosso passado, resgatando o papel que as mulheres tiveram nele. Isto é, penso que a investigação feminista necessita de uma conceção aberta sobre a racionalidade para se desenvolver sem ficar acantonada a um gueto ou a uma simples marginalidade sem consequências directas no saber em geral, para fugir daquilo que Virgínia Ferreira chama “o acantonamento das especialistas

sobre as mulheres ‘nas coisas das mulheres’ que conduz à negação da relevância do seu trabalho para o saber da disciplina” (20).

Provavelmente, no universo de língua inglesa ou mesmo francesa, já há algum entrosamento entre as investigações feministas e a investigação em geral; todavia, no mundo de língua portuguesa, há um alheamento tão grande, das investigações feministas e da sua amplitude, quer a nível académico quer a nível da sociedade em geral⁶, que, no meu entender, se torna tão imprescindível resgatar novas narrativas do passado que destaquem o papel das mulheres, como pugnar por um debate epistemológico que ponha a claro o que serve e o que não serve na construção de um saber mais justo e de um viver colectivo mais igualitário. No quadro desta análise, gostaria de convocar um texto de Boaventura de Sousa Santos, no qual designa o Pensamento Moderno Ocidental, como “pensamento abissal”, para chamar a atenção para o seu carácter radicalmente dicotómico e excludente, fazendo uma crítica devastadora da perspectiva epistemológica da modernidade. Segundo o autor, tal modo de pensar caracteriza-se pelas distinções e pelas divisões, umas visíveis e outras invisíveis, mas que são fundamento das primeiras e marcam dois universos discursivos irreduzíveis, incomensuráveis e repelindo-se mutuamente: “deste lado da linha” e “do outro lado da linha”. Diz ele:

A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece

⁶ Penso que o exemplo mais flagrante da posição da nossa sociedade sobre isto é a designação de “violência doméstica”, para descrever a situação de opressão e discriminação que as mulheres ainda sofrem entre nós.

exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialéctica. (3-4)

Ou seja, para este paradigma epistemológico, o que está em causa é a afirmação de um universal que se designa a si mesmo como abrangente, mas que não passa de um pseudouniversal, uma vez que é definido no âmbito de um “nós” que exclui os “outros”, considerando-os inferiores e irrelevantes. Trata-se, portanto, neste texto, de desmontar um paradigma epistemológico que foi consentâneo com todas as formas de opressão e de colonialismo, real e simbólico. Embora Sousa Santos considere que a sua perspetiva pertence a uma “ecologia dos saberes”, provavelmente, quer a sua análise quer a sua proposta poderiam ser classificáveis, por um olhar desconstrutor radical, como ainda relevando do “pensamento metafísico”, pelo que, no meu ponto de vista, vale a pena fugir aos rótulos e aos slogans – sempre depreciativos e, também, sempre redutores – e ir desbravando caminhos de denúncia de todas as “formas cognitivas” que subtendem modos de saber e formas organizacionais discriminadoras. E ao nível dessas formas, convém radicalizar a desconstrução e analisar sempre de que modo elas estão ligadas a estruturas racionais de poder e poderão ter ressonâncias de exclusão. Assim sendo, penso que talvez valha a pena fazer uma breve passagem por aquilo que se poderia designar “da crítica da razão à crise da razão”, para se compreender que não poderemos abandonar nem a modernidade, nem a pós-modernidade porque vivemos a condenação de pertencer a ambas.

Numa nota ao prefácio da 1.^a edição da *Crítica da Razão Pura*, Kant dizia que o seu século era “o século da crítica”, ou seja, o século

onde a razão, soberana, se reconhecia a si mesma a capacidade de se submeter a um livre e público exame que instaurasse, claramente, o seu poder e os seus limites. O iluminismo representava, assim, o *Kairos* da crítica da razão, o seu momento por antonomásia e, simultaneamente, revelava a imensa confiança na razão. Contudo, a herança da crítica da razão foi uma razão em crise, posta em questão por todas as hermenêuticas da suspeita – desde as clássicas de Marx, de Nietzsche e de Freud às feministas. Noutra perspetiva de análise, a racionalidade iluminista foi também duramente criticada pela Escola de Frankfurt – querendo pensar a sociedade democrática depois do fracasso da racionalidade posto a nu pela segunda grande guerra – através de Adorno e Horkheimer e mesmo de Habermas, que submeteram a racionalidade ocidental moderna a uma crítica feroz, denunciando o seu fundo de totalitarismo com o duplo efeito perverso de uma certa usura sobre o mundo natural e de uma ação de exclusão em relação a tudo que não pudesse encaixar-se nos padrões tecnológicos e instrumentais.

Estas perspetivas põem, então, em evidência que a razão forte que fundou a sociedade moderna é também uma razão opressora, articulada com o exercício da violência, da dominação e da exclusão (cf. Adorno e Horkheimer). Dito de outra forma, parece que a capacidade clarificadora e discriminadora da razão iluminista, por um lado, e a confiança na sua possibilidade de transformar o mundo, por outro, não foram suficientes para a construção de um saber e de um viver verdadeiramente igualitários, tendo sido isso que as diferentes críticas sob o rótulo de “pós-modernas” puseram a claro, denunciando a pertença da razão moderna a um paradigma discriminador. Se se quiser atender às palavras de Butler e ter em atenção a diversidade do chamado “pós-modernismo”, ter-se-á de tomar a relação entre “pós” e “modernismo” como uma relação complexa, nomeadamente, chegar ao reconhecimento de que o “pós” aponta para a ideia de descentralização e de deslocação, ou seja,

para a ideia de um estilhaçar do centro. Nesse contexto, teremos, porventura, de tomar consciência de que cada pessoa ocupa apenas uma posição entre muitas outras, e, por isso, teremos de aceitar as diferenças como um valor. Em alguns pensadores, como Vattimo, isso significa a derrota da arrogância da razão totalitária e imperialista, potenciando a configuração de uma racionalidade mais aberta e integradora:

Se, afinal, falo o meu dialeto num mundo de dialetos, estarei também consciente de que ele não é a única língua, mas antes um dialeto entre muitos outros. Se professo o meu sistema de valores – religiosos, estéticos, políticos, étnicos – neste mundo de culturas plurais, terei também uma consciência aguda da historicidade, contingência, limitação de todos estes sistemas, começando pelo meu. (1994: 17-18)

Não se trata, pois, de relativismos fáceis, mas sim de compreendermos que “vivemos num mundo interpretado” e que cada interpretação é sempre parcelar e unilateral, o que significa que talvez a pós-modernidade seja coalescente com a promessa de um renascimento do próprio pensar que escute e respeite a realidade na sua profundidade abissal e na sua diversidade complexa e que, com esse novo modo de pensar, encontremos “um novo modo de ser (talvez, por fim) humanos” (*idem*: 19).

Por outro lado, se a razão toda-poderosa não serviu nem a causa das mulheres, nem a do cosmos, mas, pelo contrário, numa lógica totalizadora, calculista e segregadora, classificou e explorou, excluindo dos quadros canônicos e do direito de cidadania epistémica tudo o que não se adequava à sua força unificadora, então, talvez se deva fazer uma exploração mais fina dos sentidos que podem ser extraídos de uma razão em crise ou de uma razão débil, de maneira que se possa configurar um conceito de racionalidade que, por um lado,

rememore o poder discriminador da razão moderna e, por outro, se abra a novas formas de entendimento e compreensão da realidade. Uma racionalidade que reconheça que o nosso conhecimento assenta em condicionamentos inerentes a sermos humanos: a nossa inserção histórica, social, e cultural e o facto de termos um corpo fazem do discurso humano, qualquer que ele seja, uma interpretação mais ou menos validada pelas premissas e axiomas em que se inscreve. Nesse sentido, embora no contexto da dimensão provisória apontada por Butler, talvez se pudessem definir três parâmetros essenciais na definição dessa racionalidade:

Demarcar-se do padrão epistemológico ocidental que instaurou as ideias de neutralidade, universalidade e objetividade como bandeiras da verdade e do valor do saber, assentes na ideia de uma razão pura, transparente e assética que produzisse e fornecesse um conhecimento sem impressão digital.

Não abandonar a intencionalidade universal, mas saber recusar a universalidade abstracta do iluminismo, procurando uma *universalidade assintótica*, que marca uma direcção, um horizonte regulador.

Finalmente, fazer entrar no campo do saber o valor da argumentação, contribuindo para a criação de uma “cultura de razões” e para a defesa da necessidade de se procurarem diferentes lugares de explicação e de compreensão da realidade.

Obras citadas

- Adorno, T.A. & M. Horkheimer. Trad. Éliane Kaufholz. *La Dialectique de la raison*. Paris: Gallimard, 1974. Print.
- Amorós, Celia. *Tiempo de Feminismo*. Madrid: Cátedra, 1997. Print.
- Anderson, Perry. *Les orígenes de la posmodernidad*. Trad. Luis Andrés Bredlow. Barcelona: Anagrama, 2000. Print.
- Butler, J. “Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do “pós-modernismo””. Trad. Pedro Maia Soares. *Cadernos Pagu* 11 (1998):11-42. Print.

- Bauman, Zygmunt. *Modernity and Ambivalence*. Ithaca, NY.: Cornell University Press, 1991. Print.
- Calinescu, Matei. *Cinco caras de la modernidad*. Madrid: Tecnos, 1991. Print.
- Connor S., ed. *The Cambridge Companion to Postmodernism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Print.
- Ferreira, Virgínia. “Estudos sobre as mulheres em Portugal: a construção de um novo campo científico”. *ex aequo* 5 (2001): 9-27. Print.
- Fraser, Nancy & Linda Nicholson. “Crítica social un encuentro entre el feminismo y el posmodernismo”. Trad. Mária Averbach. Org. L. Nicholson. *Feminismo/Posmodernismo*. Buenos Aires: Feminaria, 1992. 7-30. Print.
- Habermas, J. *Pensamento pós-metafísico: Estudos filosóficos*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1990. Print.
- Harvey, David. *Condição pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1992. Print.
- Henriques, Fernanda. “Elisabeth Badinter: Racionalismo, igualdade e feminismo”. Org. AAVV. *O longo caminho das mulheres: feminismos 80 anos depois*. Lisboa: Dom Quixote, 2007. 245-254. Print.
- Lyotard, J-F. *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris: Minuit, 1979. Print.
- Molina Petit, Cristina. “Lo femenino como metáfora en la racionalidad postmoderna y su (escasa) utilidad para a Teoría Feminista”. *Isegoría* 5 (1992): 129-143. Print.
- . *Dialéctica feminista de la ilustración*. Barcelona: Anthropos, 1994. Print.
- Sousa Santos, Boaventura. “Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 78 (2007): 3-46. Print.
- Vattimo, Gianni. *As aventuras da diferença: O que significa pensar depois de Heidegger e Nietzsche*. Trad. José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1988. Print.
- . “Posmodernidad: una sociedad transparente?”. AAVV. *En torno a la posmodernidad*. Barcelona: Anthropos, 1994. 9-19. Print.

(Página deixada propositadamente em branco)

**MATERIAL CULTURE, NEW CORPOGRAPHIES OF
THE FEMININE AND NARRATIVES OF DISSENT.
MYRA, BY MARIA VELHO DA COSTA
AND PAULA REGO – AN INTERSEMIOTIC
DIALOGUE**

Ana Gabriela Macedo

Resumo: Neste ensaio pretende-se fazer uma reflexão sobre o mais recente romance de Maria Velho da Costa, *Myra* (2008). Será confrontado, em diálogo intersemiótico com este romance, a poética visual da pintora Paula Rego e a sua representação de uma violência ideológica e assente em estereótipos de género. Argumentarei que existe uma profunda tensão entre o sublime e o abjeto que é partilhada por ambas as artistas e comum à obra de ambas.

Palavras-chave: Maria Velho da Costa; Paula Rego; Intersemiótico; violência de género; sublime.

Abstract: In this paper I will reflect on the latest novel published by the Portuguese writer Maria Velho da Costa, entitled *Myra* (2008). I will also approach, in this context, and in an intersemiotic dialogue with this work, the visual poetics of the artist Paula Rego and her representation of an

ideological and gender-based violence. I will argue that the paradoxical tension between the sublime and the abject that lies at the core of the work of both artists is disturbingly similar.

Keywords: Maria Velho da Costa; Paula Rego; Intersemiotic; gender violence; sublime.

I – *Myra*

“Ekatarina, Catarina, Kate. The name you give me is who I am”

Costa 2008: 177

The latest novel by Maria Velho da Costa, one of the celebrated “Three Marias”, co-author of *The New Portuguese Letters* (1972), which vehemently exposed before a country still suffering Salazar’s legacy of a social, political and patriarchal reality kept cautiously muted, is a narrative in many ways unsettling, representing a stern denunciation of a post-industrial world where the paradigms of identity, culture, gender and race intersect and pose questions to each other, and to us as readers, in an urgent and unequivocal way.

This is a novel that escapes genre categories or univocal epithets such as postmodern, postcolonial or postfeminist, since it does not fall easily into any of them, yet ambivalently embraces them all in a symbiotic way. Postindustrial would probably be the fittest description. We could say that the novel takes on the dimension of a powerful narrative allegory that deconstructs, in a dizzying sequence of visual and dramatic scenes, an aberrant everyday life of beings on the verge of identity, cultural and emotional collapse. It is a liminal narrative between the poetic, the visual and the filmic,

staging a permanent tension between word and silence, truth and masquerade, the uttered and the unutterable, fiction and reality, in sum, it features a long soliloquy of human pain.

The author calls the narrative a *novel*, which is a category that suits its genealogy of metaphorical travelogue (of an interior journey), but adventure story or romance would also be fit names. The foreignness of its Portuguese title, *Myra*, invokes the implicit estrangement and the watchful eye on the gender of the protagonist, signalling from the onset a central theme in the text. Gabriel Orlando or rather Rolando, and a dog named Rambo, or rather *Rambô* (read *Rimbaud*), together with Myra are the main characters of this inhospitable universe, forged with rawness and intrinsic violence, a portrait of a world too close to our skin to be ignored.¹

Myra crossed the disjointed rails towards the sea. Grass and gorse grew where Hottentots fig rot between the joints and beams and tracks blackened by dirty tides of crude oil. She ran against the wind, trying to skip the gravel edges and broken glass, jumping high to distract cold and misery. (9)²

Such is the narrative's abrupt Introit. Images follow one another in a blast, a profusion of *flashbes* that leave the reader's senses in a continuous state of alert. Evocations of distant worlds follow, faraway images, exotic and rare languages. "Anger", "fear", "distress" come as supreme references of a universe that confronts the reader in a

¹ Maria Irene Ramalho in an insightful analysis of this novel within the context of "sex, species and postcoloniality", proposes that the novel might be subtitled "Une Saison en Enfer", for all its reminiscences of the rimbaldian poetics and oneiric imaginary (Ramalho 2013: 51). I absolutely endorse this view and thus it seemed to me appropriate, within the context of this volume of homage to the professor and the critic, to offer my text as a further instance of dialogue with Maria Irene Ramalho's rigorous scholarship.

² The translated extracts from *Myra* are by Helena Ruão, revised by myself.

process of *mise-en-abyme*, where the protagonist moves blindly, as if searching for an ultimate meaning of things³. A narrative imagery of a bleak expressionism, which gradually builds a scenario dominated by the most complete abjection:

Myra sat on the rope jetty that stung her buttocks, and began to cry in distress; once again she had run too far, she would never get home in time to dry before they came, at night, exhausted and dirty. She was going to be beaten again, out of their weariness and fear. Being the best at school wouldn't do her any good, she had to be the best in the world. (11)

Throughout the two hundred and twenty pages of the narrative this antinomy will always be present: *Myra* and *them*. *She*, hounded, fugitive, constantly on guard; *them*, nameless faces, shadows lurking menacingly, and becoming more real, more palpable at each second. "So much fear", is a recurrent expression in the text.

Her hands and arms hurt from protecting her head from the last beating. She stayed in the dark until her eyes got used to the blades of light in the cracks of the boards. It smelled of brine and urine, musty, rotten fish, cordage and oil. (10-11)

Suddenly, in this icy scenario, we hear the howl of a dog.

The howling, the hoarse and rough bark of a dog, was the first thing that startled her. Then shouts, screams and laughter brought by the wind and sunny spells between rainfall and the near breaking of the waves. Myra hid behind a container, placing

³ Nuno Júdice in a review of the novel for *Colóquio Letras* (172 [Nov-December 2009]), underlines the construction of a "mythical universe" in the novel, while also alerting to the disquieting "infernalness" that characterizes it (252-253).

her swollen face against the tar, her eyes wide with terror, holding her breath as long as she could, her heart pounding. (11)

Myra and the dog, named Rambo, identify with each other from the very first moment - both hounded, both trapped between fear and attack. Myra approaches the animal on all fours, facing its pain with her own weariness, her own nameless pain. "We were made for each other, Rambo. Cunning and strength, cunning and strength", she will tell him later (14). She speaks to him kindly in her mother tongue, Russian, according to the narrator: "Let's go, Rambo, before they come", Myra repeated in genuine Portuguese. "Come, little brother", she calls, in Russian.

A new narrative cycle begins, so far in total introspective quietness, the protagonist sketched with sudden strokes before our eyes. However, a feeling remains that this book is not made of chapters, but of pictures, and filmic shots, a composition of scenes that build a puzzle of multiple possibilities. Actors parade, actions succeed, as a background to a composition that is being painted. Myra and Rambo, from now on always called *Rambô (Rimbaud)*, reappear together once more in a mute dialogue. And the girl whispers to *him*: "My life is not like others. I was forbidden to exist. I was robbed of what I could be" (55). "I am your twin now, Rambô". And again the need to escape, the feeling of not belonging, the urgency to part.

We have to go again, Rambô, to be on the road. On the streets, where they say is the home of dogs and others like them; of the homeless like us. You'll see, I'll tell you what it's like. (56)

And Myra leant her head against the dog's forehead which was larger than her face.

I shall never cry again. Not even for you. (57)

New shots, new scenes follow. Myra walks towards the south, inventing new names for herself and her dog, because “a name is a destiny” (33) as she soon realizes, thus becoming Sônia, Maria Flor or Kate, and Rambo or Rambô, César, Piloto or Ivan, depending on time and circumstances. The accounts continue intermittently and almost inconsequentially, as if they were part of a simple travelogue unravelling before the protagonist’s impassiveness, now a narrator in her own right, as primary viewer of the plot, plunged in an emotional void and absence of human sharing, except with the dog, which is to her more than an animal and perhaps better than any human being. “Why don’t humans lick themselves instead of talking so much?” Myra wonders (162). And further on she states: “Cruelty has reasons unknown to reason” (166).

Gabriel Rolando

Myra continues her journey, (that is to say her straying) as the text is constructed amongst echoes of voices more or less anonymous, unlikely wanderers who populate her solitude, and pieces of other texts, in a patchwork of scattered references emerging from the novel in italics, weaving a polyphony, which curiously does not bewilder the reader, rather situates him, helps him focus, and not lose sight of the young outcast and her dog, both in search of a name and a place of their own. “*Home*, she said like ET, *home*. Somewhere. We just don’t know where it is. Look there” (89).

Suddenly, text and protagonist abruptly stop, expectantly. And a new character emerges:

A dark-skinned boy. . . Neither black nor white. His profile and hands are brown-skinned, he holds a notebook, an open book lies on the floor beside him. . . Even sitting on the thin blanket,

he is tall, slender and graceful and of astounding beauty. Nearby, standing like a docile and vibrant stallion, is a white Land Rover, tall and large, more of a sorrel horse. (90)

He evokes a character from a fairy tale, or rather, an anti-fairy tale, as the reader immediately senses. Now Myra renames herself Kate and calls Rambo, Ivan. The young dark-skinned boy calls himself Gabriel, “Roland for friends”, he adds (93). Yet Myra senses his pain and whispers to her dog: “Another one marked, like you” (*ibidem*). A period of relaxation and grace follows, and we read that “Myra was *aux anges*” (99). From the start, the young boy warns her: “Do not ask me too many questions, and I’ll do the same, so we don’t have to lie to each other” (99). Time “was happening”, as said in the text, and Myra “was knowing, but little” (105). Yet, states of grace cannot last forever, just like fairy tales do not last forever; body and sex are always present, but desire is never consummated. In this sort of expectant limbo, consciousness of race emerges as a new and meaningful coordinate – the dialogue in the text is frequently in Creole, untranslated and untranslatable, as a language of the heart. The remaining characters on stage, let’s call them so, are clearly dislocated from a different geography, as if the “real” world was just a scenario instead of reality itself, for “race is nobody’s destiny”, as we later read in the text (183). Myra wants to trust him, she feels tempted to say her whole truth (whatever it may be, all or none), but she still doesn’t know “with real certainty”, as she puts it, “if Gabriel Rolando could be *it*, or yet another southern passage. *Di passagi*, as they say in their language” (118).

However, Rambo, or rather Rambô, the dog, is the most attentive and reliable focus of the narrative; it is he who lets us foresee the flow and abrupt unwinding of the story: “but what could be worse than what it already was?” he thinks (162). There comes the moment

when Gabriel Rolando finally undresses before Myra, offering her eyes the horror of his sexual mutilation. A crime stifled, Rolando tells her, a brutal execution with race as motivation. And he tells her: “Kate, Kate, this was the price I had to pay to understand that the Holocaust isn’t over, it never ends, from Sudan to Bangladesh, to Kosovo, the world’s horror, like larvae in living flesh, it never ends, never” (168).

Sublime and abject embrace each other. However, as the “outcast, nameless, and homeless” Myra there and then discovers, “love has more organs than expected” (168-9). And finally the fairy tale climax occurs, as the consummation of a timeless time, or the awakening of Sleeping Beauty’s palace, in a section the narrator ironically names “Indian Summer”, a reference to the exoticism of the protagonists.

“Is love but a memory, Orlando? I think it’s an assemblage of memories one cannot lose”, as we read later on (186). Nevertheless, Myra still does not reveal her name, fearful yet, skeptical of the plenty. And she confides to her dog. “I’ve lost *strength and cunning*, but I won hope. You’ll see. It may be the East” (*ibidem*).

The time of disillusionment

“So the time of disillusionment has come”, announces the narrator (177). The house was to be sold, and Myra and Rolando, now Orlando (in yet another striking evocation), set off.

But it all starts over again, like in some grim Hollywood movie scene, they are victims of a violent assault and kidnapping. Orlando lies on the road riddled with bullets; Myra and the dog are taken by the gang in a stolen car. Almost *pulp fiction*, one would say, if it weren’t for the signals of the preceding narrative and the accumulated tragic evidence. “Despair is quiet”, offers the narrator.

And Myra, rapidly oblivious of her ephemeral happiness, as if it had never really belonged to her, predicts the worse and therefore resists, armored in silence, her best weapon. On arrival in the city of Porto, the young girl is delivered to a den of prostitution and human trafficking. The last section of the narrative is perhaps the most poignant, showing Myra torn between the loss of her beloved and the terror of losing her dog Rambo, immune to the pain her own body will be subjected to. Myra, who learns in one night there can be greater pains than her own, in all possible abjection. It is Myra who, in all her cunning and smooth words, manages to persuade the brothel's dame, a woman with a "kind heart", to let Rambo sleep one last night with his mistress "as a farewell gift". And so it was indeed, a staged farewell:

Myra told Rambo, "Let's see if we don't fall on anyone". The dog says terrified, "Do we have to?" Myra says, "Yes, we do". (...) She died as an artist, in a Russian way, and a dog with her, doomed anyway. She sat on the windowsill, her back to the window, and called the dog to sit on the chair. Rambo came and sat. He realized that there was nothing more to understand. Grab me well, he said, so I hit the ground first with my spine before you do. (. . .) Myra held him in her arms, and plunged backwards, as a diver would from a boat. Rambo struggled in her arms during the fall, but they were already wings. (220-1)

This was "Myra's last living thought", states the narrator. The rhetorical violence this text sets in motion from the first pages is never indiscriminate, it has clear targets, it crosses continents, bursts over several limits – gender, race, tongues and languages. Each character a double of himself or herself, having as name an erasure, and as identity a blank silence, an unpronounced sex, an unassumed race. Between silence and speech, love and lovelessness,

it is Rambo/*Rimbaud* who gets it right. Orlando and Myra will remain improbable beings, deletions of silence, endlessly searching for an *East* of their own.

II – Violence and abjection in Paula Rego

The artist Paula Rego was born in Lisbon, in 1935, and grew up in Portugal during Salazar's dictatorship. She left the country in the 1950s to study Fine Arts at the Slade School of Art and pursued an artistic career in England. In 1990 she was nominated the first Associate Artist at the National Gallery in London. She continued her career as an independent artist with great international success, winning an ever growing public, as well as a large critical acclaim, due to her original and daring *oeuvre*. Her aesthetics is marked by a strong narrative drive, a revisitation of legends, myths, fairy tales and folk traditions, as well as canonical texts of both Portuguese and English literatures. Issues of gender politics and feminism, as well as globally ideological and political controversies are topical in her work, which never ceases to shock and provoke fertile debate. Since September 2009 the artist has a museum dedicated to her work, aptly called *A Casa das Histórias (House of Stories)*, located in Cascais, Lisbon, near her family home.

1. The “anti-fairy tales” of Paula Rego

The series *Nursery Rhymes* was Rego's first solo exhibition held at the Marlborough Fine Art Gallery in London, in 1989.⁴ These

⁴ The illustrated *Nursery Rhymes* were translated into Portuguese by the poet Adília Lopes, as *Rimas de Berço*, (2001).

illustrations represent a crucial moment in the artist's career and define a method based on theatricality, parody and grotesque inversion, a consistent satirical impulse directed to a universal, homological and misogynist order, which the artist never ceased to disturb through the many pictorial visions and revisitations she has been creating. In fact, since her early 1960s collages, critical of Salazar's dictatorship and the colonial war in Africa, to *The Human Cargo* in 2007, (on the traffic of women), the series on *Female Genital Mutilation* exhibited for the first time in Lisbon in 2008 and the *Oratory* (first exhibited at the Foundling Museum, London, 2010), Rego has been unfolding and staging before the viewer's eyes a consistent vision of an anti-fairy tale world. The recent history of Portugal has always had a glaring presence in Rego's work. Salazar's dictatorship, the military power and the horrors of the colonial war in Africa entrenched in a sacrosanct ideology based on fear, silence and guilt kept haunting her, as her paintings and collages of the 60s testify (i.e., "Salazar vomiting the Homeland", 1960; "Hurray for the Ding-Dong", 1960; "Order has been established", 1961; "Always at your Excellency's Service" 1961).⁵ They constitute another form of anti-fairy tale which she bluntly expresses through her composition technique at the time, the collage, for which she conjured an "instrumental anger", as she claimed:

When I was making these *collages*, I would draw the images and then cut them in pieces with the scissors, and that process

⁵ Vide Ruth Rosengarten's article "Verdades Domésticas: o trabalho de Paula Rego" in *Paula Rego* (1997). Rosengarten developed this major issue in Rego's work in her book, *Love and Authority in the Work of Paula Rego. Narrating the Family Romance* (2010).

of cutting, scratching, hurting. . . it's as if I was plucking off the eyes of a Salazar's picture, or the Archbishop of Lisbon!⁶

The representation of violence is a constant in Rego's work, as a "useful and subversive" strategy, as she declares, rather than a mere rhetorical masquerade. Be it the political violence of her pictures from the 60s as mentioned above, or the psychological violence of her representations of the family (particularly strong in the pictures from the 80s (i.e., *The Maids*, 1987; *The Policeman's Daughter*, 1987; *The Family*, 1988); or the subversion of traditional fairy tales and nursery rhymes, as mirror images of the violence perpetrated against women and children, a theme she poignantly reverted to in her Female Genital Mutilation series, Rego's visual rhetoric exposes a hidden world of secret lies and veiled truths as an "ideological and strategic territory"⁷ which she claims is her own territory in art.⁸

However, strategic violence is but one edge of Rego's aesthetics, humour grants it a double-edged quality. Satirical humour is pervasive in Rego's visual rhetoric, as a deadly weapon to "disarm the pompous and insincere, leaving the genuinely serious unaffected" (Willing 1988: 7), as the painter Victor Willing, Rego's late husband,

⁶ Paula Rego in interview with Ana Gabriela Macedo (19 May 1999), published in Macedo, Ana Gabriela, *Paula Rego e o Poder da Visão. "A minha pintura é como uma história interior"* (2010), 29-35. My translation.

⁷ Griselda Pollock's expression in "Vision, Voice and Power: Feminist Art History and Marxism" (1982: 5).

⁸ As Paula Rego wrote in the text for an exhibition in São Paulo in 1985: "My favourite subjects are the games originated by power, domination and hierarchies. They make me always feel like setting everything upside-down and reversing the established order of things" (*apud* Alexandre Pomar, "Se a Palavra fosse visual. Pintura de Histórias" in *Tabacaria. Revista de Poesia e Artes Plásticas* 2, Lisbon (Winter 1996): 19-23. (My translation). The critic Maria Manuel Lisboa has acutely called attention to this issue in her excellent book, *Paula Rego's Map of Memory. National and Sexual Politics* (2003). "So too, Paula Rego's paintings and pastels render alien previously familiar ways of looking at the world, violate barriers and turn the world upside down, thereby transforming History into stories, and vice-versa" (Lisboa 2003, 196).

has it. The *Nursery Rhymes* illustrations are a perfect instance of that quality of humour, given the dialogical forces they conjure, their inquisitive nature and liminality, as they tread on the ambivalent ground of fear, instinct, eroticism and seduction.

In reality, to demystify and desacralize are the main targets of Rego's visual narratives, which constitute the core of her transgressive rhetoric, frequently incorporating carnivalesque and perverse imagery.

2. The series *Cargo* (2007) and *Female Genital Mutilation* (2008)

Human Cargo, presented in April 2008 at the Marlborough Chelsea Gallery in New York, and the series of drawings on Female Genital Mutilation, exhibited for the first time in Lisbon at *Centro de Arte Moderna Manuel de Brito*⁹ are extreme examples of Rego's anti-fairy tale aesthetics. They evidence the painter's ambivalent lure of abjection and the grotesque, while they take up the thread of social commitment and vehement protest previously expressed by the series *Untitled* (1998) on clandestine abortion. The six etchings and aquatint compositions with significant titles – “Stiched and Bound”, “Lullaby”, “Circumcision”, “Mother Loves You”, “Night Bride” and “Escape” – exhibit the duality of terror, impotence and compassion, while loudly crying out against the silencing of violence daily perpetrated on women and children in a world muted before their suffering.¹⁰

⁹ Exhibition held between October 2008 and January 2009, estimated to have been seen by 35.000 visitors.

¹⁰ It is estimated that the number of women worldwide who have suffered genital mutilation is now between 100 and 140 million.

3. *Oratory*

The composition (installation) “Oratório” gave its name to the exhibition inaugurated in July 2011 at Rego’s *Casa das Histórias* in Lisbon. The piece faced the visitor’s centre stage in the main room of the Gallery, as an exuberant Introit - at the same time disquieting and moving - to the whole series of images, prints and paintings to follow in the remaining rooms of the *House*. Space played here a crucial role. The majestic size of this closet-oratory, about 3 meters high, standing solo in the large room, faced the viewer with its panels wide open like any other sacred triptych unveiling its mysteries, only these are profane mysteries – exposing victimized women and children, uncovering private scenes of violence and making them openly public.

Portugal is traditionally a deeply religious, catholic country. An oratory, as described by Helena de Freitas (curator of the exhibition and at the time director of the *House of Stories*), is a familiar object of devotion, often to be found in the homes of traditional families, which performs “a dual religious and domestic function and establishes a closer and more direct relationship between the home and the divine. Saints are the most commonly found figures, as small sculptures placed on these intimate altars, meant to protect the families”.¹¹ At the very heart of the profane triptych, the three dimensional models created by the artist as proto-sculptures create a grotesque universe of extreme despondency, in a direct evocation of the topic proposed to the artist by the London Foundling Museum (previously, the Foundling Hospital, an 18th century institution that took under its care abandoned children). This exhibition, prior to the Lisbon one, took place in London between February and April 2010 and Rego’s

¹¹ Helena de Freitas, from the catalogue of the exhibition, dated July 2011 (un-numbered).

work created a dialogue with two young British artists also exhibiting there, Tracey Emin and Mat Collishaw. The sacrificial leitmotif of “Oratory” is clearly recognizable in Rego’s previous work as stemming from other sources of inspiration, predominantly literary narratives of the British and the Portuguese literary canon, from Dickens and Brontë, to Camilo Castelo Branco and Eça de Queiroz, two of Rego’s favourite Portuguese realist writers. Moreover, the scenes staged issue from Rego’s own “interior theatre”,¹² revisitations of her recurrent themes and obsessions, where spectral images from her earlier compositions, such as “Jane Eyre”, “Father Amaro” or “Maria Moisés”, representing rape, infanticide or child abuse, reappear time and time again, as phantasmagorias in a performative display, standing for human cruelty, hypocrisy and ultimate abjection.

On the backstage of this profane “Oratory”, still in the same main room of the *House of Stories*, a subsequent series of images are unveiled before the viewer, singular episodes of a dramatization previously announced, as brief thematic soliloquies. Each image stages a singular horror - the human predator in all its figurations, from direct horror to passive complicity and agonistic fear.

We proceed to another room, but the open shutters of the “Oratory” do not close on us, their unveiled mysteries lurk in every corner, assume new proportions and new shapes that are successively conjured by the artist. As if the bleak visions of the “Oratory” were successively revisited and reenacted in a palimpsestic narrative, other images and other narratives are brought centre stage - plates from the “Untitled” series on clandestine abortion, “The Life of Mary”,

¹² “Painting is practical but it’s magical as well. Being in this studio *is like being inside my own theatre*” (qtd. John McEwen), “Paula Rego in conversation with John McEwen”, catalogue *Paula Rego*, Serpentine Gallery (15 Out – 20 Nov. 1988), 41-48, (48). V. as well John McEwen. “*Letter from London*. Paula Rego.” *Colóquio Artes* 50 (September 1981): 58-59 (58). In this early review of Rego’s work, McEwen stresses the vitality of Rego’s art, its theatrical quality “with much humour and not a trace of whimsy. . . No sides are taken, no conclusions drawn” (59).

“Father Amaro”, engravings and prints from the series on Virtues and Vice – “Love”, “Mercy”, “Disdain”, “Shame”, “Envy”, “Sloth”. These and many other images follow each other in the rooms of the *House*, as if issuing out of their own accord from the nightmarish vision of the “Oratory”, as its legal dwellers.

Paula Rego is indeed an artist who does not fear the call of politics and social commitment, neither does she fear “unfashionable” epithets like feminist or political. She never avoids direct confrontation with the powers that be. Hers is a liminal and disquieting aesthetics of the sublime and the abject, directly engaged in the representation and analysis of bodies in their “material variety” (Grosz 1995: 31), while constantly questioning the limits of representation and transgressing stereotypes and essentialisms.

The articulation of Myra’s silences in Maria Velho da Costa’s novel of the same name finds a powerful echo in Rego’s vibrant aesthetics; the novelist’s representation of a bleak postindustrial world, inhuman and dissonant, resonates with the glaring power of Rego’s chromatic palette. Artist and writer share a strategic rhetoric of violence, but also the empowerment of women and the complicity of a defiant “common language”.

Works cited

- Barreno, Maria Isabel, Maria Teresa Horta and Maria Velho da Costa. *Novas Cartas Portuguesas* [1972]. 3 ed. Lisboa: Moraes, 1980. Print.
- Costa, Maria Velho da. *Myra*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008. Print.
- Grosz, Elizabeth. *Space, Time and Perversion: Essays on the Politics of Bodies*. New York and London: Routledge, 1995. Print.
- Freitas, Helena. *Oratório*. Exhibition catalogue. Lisboa: Casa das Histórias, 2011. Print.
- Júdice, Nuno. “Maria Velho da Costa. *Myra*.” *Colóquio Letras* 172 (Set.-Dez. 2009): 251-3. Print.
- Lisboa, Maria Manuel. *Paula Rego’s Map of Memory. National and Sexual Politics*. Aldershot: Ashgate, 2003. Print.

- Lopes, Adília. *Rimas de Berço*. Lisboa: Relógio d' Água, 2001. Print.
- Macedo, Ana Gabriela. *Paula Rego e o poder da visão: "A minha pintura é como uma história interior."* Lisboa: Cotovia, 2010. Print.
- . "Through the Looking-glass: Paula Rego's Visual Rhetoric, An "Aesthetics of Danger." *Textual Practice* 15.1 (2001): 67-85. Print.
- . "Paula Rego: A propósito de Santas, Aranhas e Avestruzes." *Jornal de Letras* (Maio 1999): 12-13. Print.
- McEwen, John. "Paula Rego in Conversation With John McEwen." *Paula Rego*, Serpentine Gallery (15 Out – 20 Nov.), 1988. 41-48. Print.
- . "Letter from London. Paula Rego", *Colóquio Artes* 50 (1981): 58-59. Print.
- Pollock, Griselda. "Vision, Voice and Power: Feminist Art History and Marxism." *Block 6* (1982): 2-21. Print.
- Pomar, Alexandre. "Se a palavra fosse visual. Pintura de Histórias." *Tabacaria. Revista de Poesia e Artes Plásticas* 2 (1996): 19-23. Print.
- Ramalho, Maria Irene. "Gender, Species and Coloniality in Maria Velho da Costa." *Gender, Empire and Postcolony. Luso-Afro-Brazilian Intersections*. Eds. Hilary Owen and Anna M. Klobucka, London: Macmillan, 2014. 191-203. Print.
- Rego, Paula. *Nursery Rhymes*. Introd. Marina Warner. London: Thames and Hudson, 1984. Print.
- . *Oratorio*. Introd. T.G. Rosenthal. London: Marlborough Fine Art, 2010. Print.
- . *Balzac and Other Stories*. London: Marlborough Fine Art, 2012. Print.
- Rosengarten, Ruth. "Verdades domésticas: o trabalho de Paula Rego." *Paula Rego*. Lisboa: Quetzal, 1997. 43-6. Print.
- . *Love and Authority in the Work of Paula Rego: Narrating the Family Romance*. Manchester: Manchester UP, 2010. Print.
- Willing, Victor. "Inevitable Prohibitions." Exhibition catalogue *Paula Rego*. London: Serpentine Gallery, 1988. 7-8. Print.

Images by **Paula Rego** (reproduction authorized by the artist)



Fig I , “Baa, baa, black sheep”, from *Nursery Rhymes* (1989)



Fig II, "Salazar vomiting the homeland" – (1960)



Fig III, "Oratory" (2011)



Fig IV, "Stitched and Bound", from *Female Genital Mutilation* –
(2008)

THE WEST AND THE WOMEN OF THE REST

Catarina Martins

Resumo: Este artigo analisa brevemente as representações de mulheres não ocidentais no discurso e nas práticas sociais e políticas no Ocidente. Desde as posições conservadoras de direita ao feminismo progressista, parece permanecer em vigor uma espécie de representações culturalistas (neo)coloniais que invisibilizam e silenciam *as mulheres dos Outros*. Será que nós, ocidentais, estaremos realmente a contribuir para as causas delas?

Palavras-chave: mulheres não ocidentais, representações coloniais, feminismo colonial

Abstract: This article briefly discusses how non-western women are represented in discourse and in social and political practices in the West. From conservative right-wing positions to progressive feminism, it seems that some kind of (neo) colonial culturalist representations are still at work to render *the women of the Rest* invisible and their voices unheard. Are we, as westerners, really championing for their causes?

Keywords: non-western women, colonial representations, colonial feminism

They cannot represent themselves; they must be represented

(Mohanty 82)

When you don't even feel you have to listen to the voices of the people whose cause you're championing, it's a reasonable indication of the fact that this has less to do with them than with you.

(Hussain)

Let me start my article with these two quotes. The first is a well-known quote from Marx that Indian feminist theoretician Chandra Mohanty uses to conclude her 1988 article, titled "Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses," which deals with the way non-western women are represented both in western humanist and in feminist discourse. The second comes from an article published in a US-based news site named *Salon.com*, in which a political analyst called Murtaza Hussain discussed the appropriation of Malala Yousafzai's struggle against the Taliban by anti-Islam crusaders. These ignore the Pakistani activist's own statements concerning her religious and cultural identity and convert her into an icon in favor of so-called western values. This, the author argues, contradicts 14-year-old Malala Yousafzai's repeated and vehement claims that her combat for the education of girls is rooted upon Islam and Pashtun culture:

The Taliban think we are not Muslims, but we are. We believe in God more than they do, and we trust him to protect us. . . .

I'm still following my own culture, Pashtun culture. . . . Islam says that it is not only each child's right to get education, rather it is their duty and responsibility. (Yousafzai qtd. in Hussain)

It is evident that we must admire and support Malala. However, like Hussain points out, we must ask ourselves if our way of championing her cause is actually true to its objectives. The fact that Malala's words are often unheard as opposed to the discourse that underlines how she was saved by the West and how her story is an example of what a barbaric culture is capable of may well be prejudicial to her and her companions of struggle. This discourse not only arrogantly ignores Malala's better knowledge of the context she lives in, but also places her in an unsustainable position within a representation of her own culture that she obviously doesn't share. We are putting Malala up against herself when we uncritically let expressions of generalized perceptions of Islam modelled upon the Taliban to be spread, such as:

Given the requisite beliefs. . . an entire culture will support such evil. Malala is the best thing to come out of the Muslim world in a thousand years. She is an extraordinarily brave and eloquent girl who is doing what millions of Muslim men and women are too terrified to do – stand up to the misogyny of traditional Islam. (qtd. in Hussain)

Hussain notes:

Although Malala may claim to be a devout Muslim acting in accordance with Islam, this is merely an inconvenient detail that can be safely ignored. It's simply another expression of the naked ignorance and fear of the brown, Muslim hordes on the other side of the Earth. . .

The debates over the Muslim veil or all the different kinds of clothing Muslim women cover their bodies with are perhaps since 9/11 one of the most evident expressions of this process of Othering – and one that has its focal point on women. I am thinking, for instance, of the *burqa* as the most powerful icon of women’s oppression in popular public discourse since the US and their allies adopted the politics and rhetoric of “War on Terror”. Within this frame of representations, the “women of cover”, as Muslim women were designated in US President Bush’s speeches (Abu-Lughod 783), have a male counterpart: the bearded dark-skinned terrorist modelled upon Bin Laden or the Taliban. Both icons complement each other and are not accidentally gendered. Indeed it is their sexual identity that sustains their distinct roles in the difference that is construed in relation to the West: the man is supposed to be an object of our hatred, since he personifies the barbarism and savagery of a tradition or culture that is represented as ahistorical and unchangeable by definition, and that poses a threat “to the world as we know it”; the woman will be the object of our sympathy, especially because she is presented as the main victim of the iconic Islamic male. The fact that the “covered” Muslim woman is not a menace reveals the extent to which these women are completely reduced to the category of objects, denied the capacity of free thought, agency and voice. In fact, they do not exist beyond their iconic function which does not serve a better knowledge of the Other but power assertion by the West through a representation that reinforces a discourse of western civilizational superiority.

Lila Abu-Lughod analyses how popular American media broadcasts turned the politically complex Afghanistan affair into a question of “culture” and “religion”, whose explanation depended crucially on the “Muslim woman” (783). She is stricken by the reasons why “these female symbols” and their “liberation” were

mobilized in the context of the “War on Terror” in order to feed cultural divides (784). According to Abu-Lughod, the speeches of First Lady Laura Bush

. . . collapsed important distinctions that should have been maintained. There was a constant slippage between the Taliban and the terrorists, so that they became almost one word – a kind of hyphenated monster identity: the Taliban-and-the terrorists. Then there was the blurring of the very separate causes in Afghanistan of women’s continuing malnutrition, poverty and ill-health, and their more recent exclusion under the Taliban from employment and schooling, and the joys of wearing nail polish. (783-4)

The public addresses by the American and also the British First Ladies never mentioned the political history that had led to Taliban rule, including over a quarter of a century of US and other interventions in the region. Instead they used simplistic rhetorical strategies such as the conflation between the Taliban, the terrorists and Islam, and the creation of “chasmic” divides between these “monsters” and the civilized world. As Abu-Lughod points out:

Instead of questions that might lead to the exploration of global interconnections, we were offered ones that worked artificially to divide the world into separate spheres – recreating an imaginative geography of West versus East, Us versus Muslims, cultures in which First Ladies give speeches versus others where women shuffle around silently in burqas. (784)

Other practices that are highly publicized in the West as being intrinsic or essential to Islam or other non-western cultures, Asian or African, are, for instance, polygamy, child marriage, crimes of

honor and dilapidation – no matter how circumscribed they may actually be. News about young children being raped to death in their wedding night in Yemen or campaigns by human rights organizations to prevent the dilapidation of women in Nigeria, for example, are very frequent in the media and social networks. They are most frequently succinct in the presentation of the matter and rely on sensationalism. As well-meant such campaigns and petitions may be, they may also have prejudicial effects, mainly because they do not take into account the complex social, political, cultural and subjective factors at stake and ignore the efforts and opinions of local women’s organizations. Indeed most of these well-meaning campaigns fail because they are based on presuppositions of what the Muslim or the African women need and want and, again, do not care to listen to those whose cause they are championing.

In fact, in 2013 we still seem to be dealing with the colonial political dynamics Mohanty identifies in western discourses about non-western women, which paternalistically take for granted – and let me go back to my first quote – that “They cannot represent themselves; they must be represented” (82). In her analysis Third World women are produced as a “singular monolithic subject” (61). The heterogeneity and materiality of their life stories, their subject status and their voice are discursively and politically suppressed. According to Mohanty, through a relation of structural domination, Third World women are reduced to icons of, as she puts it, “the third world ‘difference’ – that stable, ahistorical something that apparently oppresses most if not all the women in these countries” (64). This kind of “ethnocentric universalism” (*idem*) is the mark of the colonial power of “any discourse”, including the feminist, “that sets up its own authorial subjects as the implicit referent, i.e., the yardstick by which to encode and represent cultural Others” (*idem*). Again, it is the West we are talking about when the women of the Rest are basically seen as nothing but victims:

This average third world woman leads an essentially truncated life based on her feminine gender (read: sexually constrained) and being 'third world' (read: ignorant, poor, uneducated, tradition-bound, religious, domesticated, family-oriented, victimized, etc.). This. . . is in contrast to the (implicit) self-representation of western women as educated, modern, as having control over their own bodies and sexualities, and the 'freedom' to make their own decisions. . . . These distinctions are made on the basis of the privileging of a particular group as the norm or referent. (65)

We must add to this that the contrasting representation of western and non-western women has its correlation in the conception of a "good" western man that is able to live with women on equal terms, and a "bad" non-western man that embodies gender oppression.

Indeed, what is at stake here is a play of discourse that is very close to what became known as "colonial feminism" (Ahmed 151). Gayatri Spivak denounces the use of the woman question in British colonial policies concerning *sati* (the practice of widows immolating themselves on their husbands' funeral pyres) in order to legitimate rule by, as she puts it, having "white men saving brown women from brown men" (296). Women are thus instrumental in rhetorical strategies that pose as ethical missions but actually legitimate imperialistic politics. Moreover, as Uma Narayan points out, another process of subalternization can be added to this when non-western women also function as symbols of their own essentialised tradition in the dominant discourses of political affirmation of their own nations or communities, and become instruments of patriarchal nationalist or culturalist projects that are oppressive to them. The consequences of these processes are several and affect the West, the Rest and the Women of the Rest.

As I have been suggesting all along, the rhetoric on the Other is always more about the Self. By producing difference, the West

is actually reinforcing its identity and position of superiority in a hierarchy of civilization. The identity of the Self, like that of the Other, is a construction that obeys political interests in specific historical moments and materializes in narratives that arrange the past and the present as is suitable. These constructions also manage to appear as real pre-givens and hide its construed character, and to cohabit with the opposite of their own identity narrative. As Narayan points out:

The colonial self-portrait of “Western culture” had. . . only a faint resemblance to the moral, political and cultural values that *actually pervaded* life in Western societies. Thus liberty and equality could be represented as paradigmatic “Western values”, hallmarks of its civilizational superiority, at the very moment when Western nations were engaged in slavery, colonization, expropriation, and the denial of liberty and equality not only to the colonized but to large segments of Western subjects, including women. (89-90)

Today, for instance, while the discourse of the defense of human rights is spoken out loud to justify military interventions in Arab countries – military interventions in which the West poses as savior –, more rigid policies are drawn that condemn immigrants and refugees to death in the Mediterranean Ocean. The ban on the Muslim veil in public spaces in France is both part of a campaign to “free” Muslim women from gender and cultural oppression, and part of the liberal discourse on the supposed neutrality of the State. This same discourse, however, intentionally selects and produces difference when only this piece of clothing, and no other religious symbol is considered transgressive of laity as an intrinsic trace of the French Republic, that is, of French national identity, and when it reinforces an idea of “cleanliness” from alien cultural expressions in

the public space, while tolerating gender oppression in the private sphere (such as polygyny amongst immigrant groups, which was allowed until too much pressure was exercised by polygamous families upon French social aid services) (Narayan 1998). As was the case in the historical beginning of colonialism, the West builds a narrative of the Self that erases internal heterogeneities, which might otherwise be perceived as enriching, and reaffirms a unified identity which has a single color of skin, obeys a single paradigm of religious faith and still has patriarchy as its norm. The discourse on the Other also contributes to reinforce national identities based on the notion of a pure “Volk” and to replace possible class solidarities with xenophobia in a context of strong social inequalities. Indeed, the production of difference is beginning to threaten the European project by creating divides between a center that pursues politics and rhetoric in relation to peripheral countries that have typical traits of colonial discourse. Not surprisingly this discourse is also gendered and includes the supposedly typical behavior of the southern European Mediterranean male towards their women, namely concerning domestic violence and the exploitation of female work.

Within this dichotomic frame of thought there is no room for an understanding of the Self and of the Other that takes into account not only the heterogeneities, discontinuities and historical change on both sides of the divide, but also their complex encounters and relations which, in reality, build a continuum of ambiguous, multidirectional and multilayered interconnections. This is a hegemony building process that in fact contradicts all the most benevolent discourses and practices, and ends up preventing intercultural dialogue and multicultural integration. The reinforcement of narratives of cultural blocks, whose identity is transferred to an ahistorical and therefore unchangeable sphere, colored with ideas of originality and authenticity that actually cover up their deeply contextual character, also deepens internal inequalities by presenting other sources of

oppression, such as class or gender, as secondary when compared to racial, ethnic, religious or cultural threats. Women and the poor in the West are forgotten when the line of conflict is displaced to the border between the Self and the cultural Other. Indeed, gender-based oppression in the West is often not even perceived as such, when oppression is defined according to the social practices of the Other, and Western women are elected as models of emancipation (despite all the violence and inequalities they are still subject to).

Last but not least, the women of the Rest become the subaltern of the subaltern in this chain of discursive construction of differences. Although they apparently occupy the first place in Western preoccupations, they serve merely to demonstrate the barbarism of the Other and Western civilizational superiority, and to legitimate the redemptive role of the West – a strategy of imperialistic domination. The reduction to an object status denies the actual women not only agency but also the expression of subjective aspirations and desires, which may well include the wish to live within the cultural and religious references that give them a sense of identity, or the will to transform these references in a sense that they alone are able to determine, without paternalistic guidance by the hegemonic powers of the West, western feminists, or men of their own communities. The iconic representations that hide what they are supposed to show also render invisible these women's capacity of developing adequate means of resistance to what they recognize as violence, oppression and need. Therefore, the perception of the women of the Rest as eternal victims is still an obstacle even for progressive transnational feminism, which has difficulties in engaging dialogues with individuals and in listening to them as subjects in their own rights, without the filter of essentialist constructions of their culture. Indeed, even when we engage in common combats for fundamental human rights such as freedom and equality, we do not easily understand that these no longer respond to a Western conceptual

normative and have been appropriated by different collectives in many geographical and historical contexts in distinct battles against diverse inequalities (Narayan 1998). To go back to the example I first mentioned, we in the West are generally reluctant to acknowledge that Muslim women may find it possible – and often find it wishful – to live in freedom and equality within Islam. This is what admirable human rights activists such as Malala Yousafzai tell us, or what Islamic feminists affirm – Islamic feminism being considered an oxymoron in Western contexts. As Abu-Lughod argues, if we care to listen to the women of the Rest, we will discover

. . . not that Muslim women are in fact carefree, but that their lives are as diverse and complicated as *all* lives are, and that when we make facile and unfounded judgments about culture's role in those complications we forestall consideration of any actually effective strategies for playing an appropriate role in their alleviation. (qtd. in Hussain)

Solidarities are in fact needed but only those that are capable of transcending all kinds of essentialisms and of considering individuals in the specificities of their material existences. As Spivak claims, we should not try to represent these women, but create room for their voices to be heard. When and wherever possible we should put an unbiased microphone in front of them. That's what I tried to do here.

Works cited

Abu-Lughod, Lila. "Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and its Others." *American Anthropologist* 104. 3 (2002): 783-790. Print.

- Ahmed, Leila. *Women and Gender in Islam*. New Haven, Ct.: Yale University Press, 1992. Print.
- Hussain, Murtaza. "Sam Harris Slurs Malala: Famed Atheist Wrongly Co-opts Teenager's Views." *Salon* 19 (October 2013). Web. 30 January 2013.
- Mohanty, Chandra. "Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses." *Feminist Review* 30 (Autumn 1988): 61-88. Print.
- Narayan, Uma. "Essence of Culture and a Sense of History. A Feminist Critique of Cultural Essentialism." *Hypatia* 13.2 (Spring 1998): 86-106. Print.
- Spivak, Gayatri C. "Can the Subaltern Speak?" Ed. Cary Nelson and Lawrence Grossberg. *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988, 271-313. Print.

POESIA E FEMINISMO
NOTA À MARGEM DE UM POEMA
DE CAROLYN CREEDON

Carlos Felipe Moisés

Resumo: A poesia de Carolyn Creedon tem sido elogiada basicamente em razão da franqueza com que trata de temas e motivos extraídos da vida cotidiana. “Litania”, um dos seus mais belos poemas, é um bom exemplo, já que descreve com singeleza a sua experiência como garçonete. Mas seu notável domínio da linguagem poética sugere que reconsideremos a tradicional dicotomia que opõe “eu lírico” a “eu biográfico”, ou ser a parecer.

Resumo: Sinceridade; fingimento; linguagem poética; eu lírico; eu biográfico.

Abstract: Carolyn Creedon’s poetry has been acclaimed mainly for her frankness in dealing with themes and motifs of daily life. “Litany”, one of her most beautiful poems, is a good example, once it candidly describes her experience as a waitress. But Creedon’s rare command of poetic language suggests that we should reconsider the traditional dichotomy

between the “lyrical I” and the “biographical I”, or between being and making believe.

Keywords: Sincerity; pretending; poetic language; lyrical I; biographical I.

Carolyn Creedon nasceu em Newport News, Virginia, em 1969. Ainda muito jovem, deixou a cidade natal e andou por várias partes, sempre nos Estados Unidos, até se fixar, no final dos anos 80, em San Francisco, onde viveu por um bom tempo, trabalhando como garçõnete. Data dessa época sua descoberta da poesia. Na altura, ela assim o descreveu:

Sou basicamente uma garçõnete que vai à escola. Eu nunca tinha escrito um poema antes de frequentar uma oficina de poesia, dois anos atrás. Meu professor me mostrou como explorar os detalhes; por isso tento dizer o máximo que posso em cada linha. Eu sabia que gostava de lidar com as palavras, tanto pelo seu derramado ou sua segura, e pela sua sonoridade, como pelo seu significado.

Um dos primeiros poemas que escreveu intitula-se “Litany” (Litania) e parece ter brotado diretamente da sua experiência como garçõnete, animada pelo “derramado ou pela segura” das palavras. Com esse poema, ela conquistou vários prêmios em festivais regionais e teve a alegria de vê-lo acolhido, em 1993, pela prestigiosa revista *American Poetry Review*. E este foi só o primeiro passo.

Desde 1988, uma grande editora de New York vinha lançando uma série de antologias, de periodicidade anual, sob o título *The Best of American Poetry*, cada volume confiado a um poeta de pres-

tígio, que então escolhia 75 poemas, dentre os publicados naquele ano, nos principais jornais e revistas do país. “Litania” comparece na coletânea correspondente a 1993, da responsabilidade de Louise Glück. Saído o décimo volume da série, a editora anuncia para o ano seguinte a antologia das antologias, isto é, os melhores 75 poemas dentre os 750 reunidos na década que findava. Harold Bloom foi o nome escolhido para selecionar o melhor do melhor da poesia norte-americana publicada entre 1988 e 1997.¹ E ali está, mais uma vez, “Litania”: Creedon ao lado de Ashbery, Ginsberg, Simic e tantos outros expoentes da moderna poesia do seu país.

Nessa altura, Creedon já havia deixado para trás os bares e restaurantes de San Francisco (“Sou uma veterana de guerra, quinze anos na guerra das garçonetes”, ela dirá, anos mais tarde), para voltar a estudar, primeiro na Universidade de Washington (M.A.), depois na Universidade de Virginia (M.F.A.). Mas não deixou a poesia. Embora experimentasse períodos de desconsolo e esterilidade,² continuou a escrever e a ganhar prêmios, como o *Academy of American Poets*, o *Alehouse Happy Hour Poetry* e o *Stan and Wick Poetry*. Este último lhe rendeu a estreia em livro, *Wet* (Úmido).

Vários críticos se manifestaram a respeito. Eleanor Wilner, por exemplo, chama a atenção para sua poderosa linguagem, que “se move com fluida energia, velocidade emocional de tirar o fôlego e notável destreza formal, eletrificada de humor, alimentada pela raiva, cadência após cadência”;³ Ellen Doré Watson assevera que,

¹ *The Best of the Best American Poetry*, New York, Simon & Schuster, 1998, prefácio de David Lehman, introdução de Harold Bloom. O poema “Litany” ocupa as páginas 88-90 e a edição conta ainda com um saboroso depoimento da autora (309-310), do qual transcrevemos, mais acima, o trecho inicial.

² Em mensagem pessoal, datada de 19 de agosto de 2006, ela se queixava: “Você sabe, eu tive o coração partido e parei de escrever poesia por treze anos, para trabalhar em restaurantes como garçone”.

³ Esta e as restantes apreciações citadas neste parágrafo figuram na contracapa de *Wet*. ed.cit.

“sempre desassombrado, *Wet* é também imbuído de largos lances de ansiedade e de pungente ternura. Seja gotejando, seja em esguichos de catarata, essa nova e surpreendente voz não deixa nada para trás”; segundo Edward Hirsch, julgador do *Wick Poetry Prize*, “há um inusitado sentimento religioso que insiste em irromper nessas páginas”, possível razão para que ele confesse: “é de coração aberto que dou as boas vindas a esse ardente e flamejante livro”. O mesmo Hirsch afirma também que se deixou comover “pela maneira como Carolyn Creedon trata a experiência como se fosse sagrada. Ela não se detém diante das verdades mais duras e expressa com franqueza suas frustrações, suas ansiedades, seus infortúnios”. No mesmo rumo, Wilner vai além: esses poemas “nos desafiam a separar o sagrado do profano, os mitos da banalidade cotidiana, o intelecto dos instintos”. Todos parecem empenhados em demonstrar que ninguém é indiferente aos poemas de Creedon. Mas nenhum é tão enfático quanto Bloom: “ela é única, ninguém se assemelha a ela, entre os que hoje escrevem em nosso país. Sua assertividade e seu imediatismo fazem dela uma legítima neta do sublime Walt Whitman”.

Neta de Walt Whitman? Ninguém escreve como ela? Velocidade emocional de tirar o fôlego? Vazamentos e jorros de catarata? Um livro espantoso, inflamado e ardente? Essa tem sido a atmosfera criada, já antes do primeiro livro, em torno da poesia de Creedon. David Lehman, no prefácio à grande antologia organizada por Bloom, de certo modo já o previra, embora não se referisse especificamente à garçonne-poeta. De acordo com seu editor, a referida antologia “ultrapassará as diferenças sectárias e os conflitos tribais . . . ; poemas de tradições rivais vão-se irmanar, em benefício mútuo”. E Lehman prevê: “Leitores famintos de poesia responderão com ardor” (9)⁴.

⁴ Citações subsequentes incluídas em Lehman, *The Best of the Best American Poetry*, serão identificadas pelas iniciais *BPA*.

A atmosfera sugerida pelos comentários a *Wet* (todos responderam com ardor, como previra Lehman) mimetiza o fulgor que parece brotar, naturalmente, dos versos de Creedon. Com ou sem exagero, o ardor e o entusiasmo se justificam. Difícil imaginar que Bloom, Wilner, Watson, Hirsch e os demais tenham decidido, de comum acordo, pôr de lado o tradicional comedimento do crítico e alardear seu secreto pendor para a exaltação emocional e a abundância de metáforas. “Litany” (Creedon 8-9) é um bom exemplo de como essa poesia *pode* induzir o leitor a se exaltar, qualquer que seja o sentido que atribua, o literal e o não-literal, às metáforas. Vamos ao poema famoso:⁵

Litania

Tom, você me deixa amar você no seu restaurante?
Eu deixo você preparar para mim um sanduíche da sua invenção,
[que depois eu como e batizo
carolyn sandwich. Então você beija meus lábios e sente o gosto
[da maionese e
é assim que você vai me amar no meu restaurante.

Tom, você pode vir ao meu apartamento bege, vazio, me ajudar a
[consertar o sofá-cama?
Sim, e eu deixo os parafusos meio frouxos, aí quando a gente se deitar
[nele, mais tarde,
ele balança feito um berço e então você fica sabendo quem é meu bebê.

⁵ Fiz o possível para que os versos tivessem em português a mesma naturalidade do original. Mas tive de optar, claro está, pela modalidade de português que me é mais familiar, a brasileira. Para o leitor português, por exemplo, várias das soluções a que recorri não serão tão naturais assim.

Tom, eu estou sentada na minha bicicleta suja, na varanda. Você vem
[da cozinha

olhar as pessoas comigo?

Sim, e depois a gente aposta corrida até o seu quarto. Eu ganho e a
[gente se emaranha

no seu acolchoado enquanto o suor escorre de nossas barrigas e de
[nossas testas.

Tom, as estrelas estão quietas esta noite como pedrinhas de bala de
[goma na caixa de joias

de uma menininha. Mais tarde a gente pode caminhar até o lago
[dos patos?

Sim, e a gente pode até pegar o caminho mais longo até o parquinho.
[Eu empurro você

na balança, mas prometa que você vai-se agarrar firme. Se você cair
[eu posso desaparecer.

Tom, nós podemos fazer um nenê, juntos? Eu quero ser uma grávida
[bem grandona, com uma

cara de mulher bem amada, e dar a você uma irrequieta filha ruivinha.

Não, mas eu gozo dentro de você e você vai ser minha filha.

Tom, você passa a noite comigo e dorme tão grudado que a gente vira
[uma só pessoa?

Não, mas eu vou deitar nos seus lençóis e saborear você. Vão ficar penas
de você na minha língua e então eu nunca vou me esquecer de você.

Tom, quando a gente estiver na fila do caixa no mercadinho posso pôr
[minhas mãos nos seus

bolsos de trás e meus lábios e meu nariz na sua camiseta e sentir
[a saliência

de lâmina do seu ombro?

Não, mas depois você pode se deitar em mim e me tocar de leve e
[quando eu for embora posso
deixar minha camiseta para você usar de pijama e assim a noite toda
[você fica apertada
contra o seu pensamento em mim

Tom, se eu chorar e quiser esperar até que você precise de mim você
[promete que um dia
vai precisar de mim?

Não, mas eu fico sentado em silêncio enquanto você se enfurece, você
[pode derrubar as cadeiras
montanha abaixo. Eu vou ser sempre o mesmo e você vai esperar,
[sempre.

Tom, você trepa bem no alto do lixão e rouba o sol para mim? Ele está lá
pendurado e eu quero ele.

Não, vai queimar meus dedos. Ninguém pode ter o sol: ele é emprestado
[por Deus.

Mas eu faço um desenho e mando para você de Richmond e então você
alisa bem o papel e fica com um pedaço de mim e o sol também

Tom, está tão quente aqui, eu acho que estou nascendo. Você pode voltar de
Richmond e me batizar com sexo e água fresca?

Eu vou voltar de Richmond. Vou afastar o seu cabelo úmido e fino de trás
do seu pescoço e vou lambar o sal da sua nuca. Depois vou embora.

Tom, Richmond é tão longe. Como vou saber quanto você me ama?
Eu deixei você. É assim que você vai saber.

Creedon parece falar em seu próprio nome. No mesmo depoimen-
to antes citado, ela o confirma: “‘Litania’, para mim, é um poema-
-súmula. Aconteceu de um jorro, cerca de uma semana depois que

meu amante, finalmente, tinha me abandonado. As palavras foram se derramando, num dia especialmente úmido de agosto; eu não tinha ar condicionado e estava inteiramente só, com meu lenço colorido e meu traje de banho. Eu ansiava por uma proximidade coberta de suor; pelo menos pude senti-la ao dar à luz esse poema” (Lehman 309). Muitos leitores passarão ao largo do que parece ser uma evidência (a “veracidade” da situação aí descrita) e só lhe atribuirão a importância indevida. Os mais atentos, porém, sentirão o embaraço que resulta da confusão entre os polos bem comportados a que nos habituamos desde a metade do século passado: aqui o eu-lírico, ali o eu-biográfico, vistos como realidades independentes e incommunicáveis. Ao longo de décadas, leitores e críticos apegaram-se à prestimosa dicotomia que proibia frases como “Eliot diz”, “Auden pensa”, “Ashbery deseja” etc., pois quem “diz”, “pensa” ou “deseja”, no poema, não é o cidadão que o escreveu, mas sim. . . o “eu-lírico”. Se tomássemos um pelo outro, cometeríamos o pecado capital da “falácia biográfica”. Pois Carolyn Creedon ousa desalojar-nos da cômoda separação. Para lidar com “Litania”, não basta aludir, aristotelicamente, à sua eventual *verossimilhança*: é preciso enfrentar, ao mesmo tempo, a *verdade* biográfica aí exposta. Ora, se estamos diante de algo *verdadeiro*, isso basta: por que havemos de nos preocupar com o *verossímil*?

Para os “estudos culturais”, porém, esse é um falso problema, meramente “literário”. O que importa no poema, segundo a visão culturalista, é que aí temos a voz de uma pobre e indefesa garçonne, vítima do machismo dominante. Ferrenho inimigo do culturalismo, Bloom fustiga esses “inimigos da estética, empenhados em nos subjugar. Isso é de uma distorção inacreditável, pois só faz obedecer ao critério hoje em vigor: o que mais interessa, ao candidato a poeta, é a raça, o gênero, a orientação sexual, a origem étnica e o propósito político” (*idem* 16). Mais adiante, o crítico radicaliza: “A autêntica poesia americana é necessariamente difícil; é a nossa arte elitista,

embora essa elite não tenha nada a ver com classe social, gênero, preferências eróticas, traços étnicos, raça ou sectarismo” (*idem* 19). E conclui: “Divulgar, enaltecer e ensinar maus poemas em nome das causas mais nobres é simplesmente destrutivo para essas mesmas causas” (*idem* 20).

Os adversários de Bloom alegariam que “Litania” descreve situações de vida efetivamente vividas pela cidadã Carolyn Creedon; logo, podemos tomá-lo ao pé da letra, com a certeza de que esta será a atitude politicamente correta. Não assim para o crítico, cuja escolha não se deveu ao gênero nem à condição social da autora, mas à qualidade estético-literária do poema. A julgar pelos critérios que expõe na introdução da antologia que organizou, Bloom valoriza acima de tudo a sabedoria com que Creedon recorta os versos, quase sempre na contramão da ordenação sintática, e joga com os “gushes and droughts” das palavras, no encaicho da mais rica e aliciante sonoridade, ao mesmo tempo em que espalha, ao longo do percurso, suas inusitadas associações: o gosto de maionese no sanduíche, o conserto do sofá-cama, a bicicleta suja, a caixa de joias da menininha, o balanço, a grávida grandona, o mercadinho, o lixão, o desenho do sol. . .

Com transcendente (involuntária?) ironia, Creedon desloca, do drama existencial da garçonete para a arte da escrita, o foco substancial do seu poema, cumprindo, aliás, com a espécie de “programa” que ela assim descreve: “Eu acho que tento escrever poemas do jeito como eu penso, e eu ‘penso’ um poema em longas linhas conectadas por uma porção de ‘ands’ e ‘ifs’. . . Os finais de sentenças, e outras pausas, só aparecem quando eu me sinto carente de tempo e de esperança” (Lehman 309). Eleanor Wilner observa, com agudeza, que os poemas de Creedon “nos desafiam a separar o sagrado do profano, os mitos da banalidade cotidiana, o intelecto dos instintos”⁶,

⁶ V. nota 2.

e poucos resistem. O desafio maior, porém, consistiria em conviver com a ideia de que esses e outros pares de opostos são inseparáveis, como singelamente demonstra essa inquietante poesia. Mas, neste caso, como ficariam os bem delimitados escaninhos em que nos habituamos a alojar a incontornável hibridez da condição humana?

E “Litania” nos induz a insistir na desgastada separação entre eu-lírico e eu-biográfico, não para repô-la em circulação, mas para encará-la de outro ângulo. O eu único, aí representado, talvez não seja, para decepção dos culturalistas, o biográfico, mas o da ficção criada pelo poder encantatório das palavras. Digamo-lo com simplicidade (a simplicidade à qual acedemos depois que alguém foi capaz de aliviá-la da complexidade): Carolyn Creedon “chega a fingir que é dor / A dor que de veras sente”.⁷ Ao chamar a atenção para a guerra das garçonetes, miseravelmente exploradas pelo machismo empedernido, ela nos distrai e disfarça o superior “fingimento” de que é capaz e que lhe confere toda a dignidade possível.

“Litania”, sim: ladainha, oração. . . O título é apropriado. Mas talvez coubesse um subtítulo: “cantiga d’amor-d’amigo”. Tantos séculos depois, a mulher-poeta por fim se vinga do machismo *avant la lettre* perpetrado por nossos prepotentes trovadores, que julgavam saber de tudo o que dissesse respeito à *coita* amorosa, de homens e de mulheres. Creedon fala por si e pelo outro, pela mulher que é e pelo homem à sua mercê. Por isso, tal como acontece à menina que no século XIII se queixava: “ai flores, ai flores do verde pino”, esse Tom que afrouxa os parafusos do sofá-cama, lambe o suor da nuca da garçoneite e receia queimar os dedos, talvez também não saiba ler e escrever, razão pela qual precisa, para existir, que a mulher lhe dê voz. Neta do sublime Whitman, como quer Bloom? Quem sabe. . . Mas, se assim é, por que não, também, tataratataraneta

⁷ Fernando Pessoa, “Autopsicografia”, in *Poesia do Eu*, Obra essencial de Fernando Pessoa, vol. 2, edição Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, p. 241.

(bastarda) de D. Dinis, sobrinha de Fernando Pessoa, afilhada de Álvaro de Campos ou de Almada Negreiros?

Afinal, poesia feminina? Feminista, antifeminista? Poesia politicamente correta? Incorretíssima? A Carolyn Creedon talvez não desagrede verificar que seus versos são um potente foco gerador de intermináveis polêmicas. Confesso que teria curiosidade em saber o que pensa, hoje, a autora a respeito do seu “Litany”, ao qual tantos leitores reagiram “com ardor”. Em 2006 trocamos mensagens, mas acabamos por perder contato, no instante em que ela tomava a decisão de concluir o seu mestrado (numa universidade próxima da sua cidade natal), e preparava-se para publicar o primeiro livro. Creedon vive hoje em Charlottesville, coordena oficinas de criação literária e – esperamos todos – continua a escrever sua admirável poesia.

Obras citadas

Creedon, Carolyn. *Wet: Poems*. Kent, Ohio, The Kent State University Press, 2012. Print.

Lehman, David. *The Best of the Best American Poetry*. Introd. Harold Bloom. New York, Simon & Schuster, 1998. Print.

(Página deixada propositadamente em branco)

**“QUE MULHER NÃO É FREIRA?”
A RELIGIÃO COMO INSTRUMENTO POLÍTICO
PARA A SUBMISSÃO DAS MULHERES¹**

Teresa Martinho Toldy

Em meu entender, o discurso poético não é poético se não for um discurso de resistência, ou seja, um discurso que, embora sem qualquer poder para fazer coisas acontecerem, interrompe a língua convencional e institucionalizada que nos fala a vida, a realidade e a existência em geral e, ao fazê-lo, coloca-a radicalmente em questão.

Maria Irene Ramalho²

Resumo: Em 1969, Carol Hanisch escreveu um texto no qual reagia à crítica dos movimentos radicais (sobretudo marxistas) àquilo que estes consideravam ser apenas “um efeito terapêu-

¹ Este texto foi apresentado no Colóquio Internacional “Novas Cartas, Novas Cartografias: Re-configurando Diferenças no Mundo Globalizado”, ocorrido entre 13 e 15 de Março de 2014 na Universidade de Évora.

² Discurso da Conferência Plenária do II Simposio EDiSo (18 junho 2015). Web. 14.07.2015.

tico” dos grupos de mulheres reunidas para discutirem o seu quotidiano (os chamados grupos de “consciousness raising”). O slogan “the personal is political” passou a traduzir a compreensão da necessidade e da relevância de desmontar os mecanismos de poder (também religiosos, embora estes não sejam nomeados por Carol Hanisch) reproduzidos no mundo “privado”, dito “das mulheres”. “Que mulher não é freira?” – esta pergunta, colocada nas *Novas Cartas Portuguesas*, sintetiza de forma magistral o papel desempenhado pela religião na legitimação do enclausuramento das mulheres. O presente texto visa identificar os mecanismos religiosos deste enclausuramento enquanto eco e fundamento de uma ordem social na qual a submissão das mulheres constituía um pilar central.

Palavras-chave: religião; patriarcado; literatura; mulheres; política.

Abstract: Carol Hanisch wrote a text in 1969 in which she reacts against the critical attitude of radical movements (especially Marxist movements) towards what they consider to be a “therapeutic effect” of women’s groups gathered to talk about women’s day to day life (the so called “consciousness raising groups”). The slogan “the personal is political” translates the awareness of the need and relevance of deconstructing mechanisms of power (also religious, although Hanisch makes no reference to them in her text) replicated in the “private world” – the “women’s word”. “What woman is not a nun?” – the question asked by *Novas Cartas Portuguesas* (New Portuguese Letters) represents a masterful synthesis of the role played by religion in the legitimization of this “cloistering” of women. This text aims to identify the religious mechanisms

of this cloistering as echo and basis of a social order in which submission of women constituted a central pillar.

Keywords: religion; patriarchy; literature; women; politics.

1. “The personal is political”

Em 1969, Carol Hanisch escrevia um texto intitulado “The Personal Is Political”, no qual reagia à crítica dos movimentos radicais (sobretudo marxistas) a um certo efeito, considerado pelos mesmos como apenas “terapêutico”, de grupos de mulheres reunidas para discutir o seu quotidiano (os chamados “consciousness raising groups”). Em 2006, na releitura que faz do seu próprio texto, Hanisch, referindo-se concretamente à ação e ao pensamento da organização *Southern Conference Educational Fund*, à qual pertencera, nos anos 70, e que centrava o seu ativismo na luta pelos direitos civis no Sul dos EUA, afirma o seguinte:

. . . muitos dos membros do SCEF, tanto homens como mulheres, associavam-se à crítica que considerava a reunião das mulheres em grupos de consciencialização, para discutirem a sua própria opressão, como algo “egocêntrico” e como “terapia pessoal”, – e certamente como algo “não político”. Por vezes, admitiam que as mulheres eram oprimidas (mas apenas pelo “sistema”) e diziam que devíamos ter salário igual para trabalho igual e mais alguns “direitos”. Mas minimizavam-nos por tentarmos trazer os nossos “problemas pessoais” para a arena pública – especialmente “essas coisas todas do corpo”, como o sexo, a aparência e o aborto. As nossas exigências de que os homens partilhassem a lida da casa e o cuidado das crianças também

eram consideradas um problema pessoal, entre uma mulher e o seu marido. A oposição afirmava que, se as mulheres “se defendessem elas próprias” e assumissem mais responsabilidade pelas suas próprias vidas, não precisariam de ter um movimento independente para a libertação das mulheres. Diziam que o que a iniciativa pessoal não resolvesse seria assumido pela “revolução”, desde que nos calássemos e fizéssemos a nossa parte. Deus nos livrasse de denunciar que os homens beneficiavam da opressão das mulheres! (Hanisch 2006: 1)

Ora, segundo Hanisch, o que o slogan *the personal is political* pretende enfatizar é precisamente a existência de uma articulação entre o pessoal e o político. Antes de mais, porque tomar a palavra num processo de consciencialização significa dizer-se a si própria, em vez de se deixar dizer por outros ou de repetir os papéis que a sociedade atribui às mulheres. Depois, porque os problemas pessoais são problemas políticos de dois pontos de vista articulados entre si: primeiro, “neste momento, não há soluções pessoais” (escrevia Hanisch em 1969) – “Só existe uma ação colectiva para uma solução colectiva”; em segundo lugar, porque, nos problemas ditos “pessoais” e “privados”, se reflete uma ordem social de subalternização das mulheres. Daí que, para Hanisch, não seja justo considerar os grupos de consciencialização como uma “terapia”, a menos, segundo ela, que estes sejam considerados uma “terapia política”, isto é, uma libertação de mecanismos de auto-culpabilização, um processo de rebelião e de *empowerment*, e um reconhecimento político de que “women are messed over, not messed up!” (Hanisch 1969).

O que os grupos de consciencialização pretendiam era, pois, nas palavras de Mary Nash (172), “quebrar o silêncio, encontrar a sua voz e verbalizar os seus problemas.” Por isso, “a verbalização e a expressão da opressão doméstica foram um passo crucial no desen-

volvimento das primeiras fases do MLM internacional.” Nestes grupos discutiam-se as questões da sexualidade, do controlo da natalidade, das partilhas de poder na família. Eram grupos que pretendiam quebrar o isolamento das mulheres e criar um espaço de sintonia e de liberdade de expressão, “A Room of One’s Own”, como diria Virginia Woolf (1928), um espaço de diferença. Estes grupos foram fundamentais para a emergência da categoria da experiência, tanto do ponto de vista sociológico, como cultural, isto é, como processo de atribuição de significado ao quotidiano privado e como ponto de partida para a emancipação. E, acrescenta Mary Nash (175), “ao contrário do feminismo histórico, que questionou as práticas de poder formal discriminatório de instituições e de governos, o MLM identificou o homem como agressor em casa”. A libertação da mulher voltou-se para a transformação do espaço das relações privadas. “Esta visão significava, portanto, que se considerava que o exercício do predomínio masculino patriarcal se localizava em casa e era exercido através das relações estreitas e afectivas entre a mulher e o seu opressor” (*ibidem*).

As *Novas Cartas Portuguesas*, de 1974,³ constituem, precisamente, um exemplo acabado desta necessidade, desta vontade e desta concretização do quebrar do silêncio, da verbalização revolucionária dos mecanismos (públicos e privados!) de poder patriarcal, ao desmontarem o quotidiano privado (e também público!) das mulheres como um espaço de submissão e de enclausuramento, pois “há sempre uma clausura pronta a quem levanta a grimpá contra os usos” (NCP: 13). Como se escreve na Terceira Carta IV (a longa citação justifica-se pela síntese que faz do debate que acabei de mencionar!),

Inevitavelmente, passámos de amor à história e à política, e aos mitos que calçam circunstâncias históricas e políticas, e tu

³ Citado a partir daqui com a sigla NCP.

perguntaste “é o pacto com o demónio que sugeres?” E não foi por acaso essa pergunta – de fora nos julgamos, mas são nossos temores mais fundos o que nos liga ao que rejeitamos – como não é acaso ser o demónio homem preto, ou vermelho, ou tomar forma feminina, no dicionário dos bruxedos; demónio é o anjo caído por ter ameaçado a ordem superiormente estabelecida. Passamos assim aos mitos de circunstâncias históricas e políticas, porque não nos é possível ainda, falar em amor; porque na relação a dois, homem e mulher julgando-se sós e nos seus sexos, se vem imiscuir o que a sociedade fez e exige de cada um; porque relação a dois, e não só no casamento, é mesmo base política do modelo da repressão; porque se mulher e homem se quiserem sós e nos seus sexos, logo isso é sabido como ataque à sociedade que só junta para dominar, e Abelardo é castrado, e Tristão nunca se junta a Isolda, e todos os mitos do amor dão-no como impedido e irrealizado, e todas as histórias de amor são histórias de suicidas; porque temos de remontar o curso da dominação, desmontar suas circunstâncias históricas, para destruir suas raízes. Entendo, pois, que não basta pensar em relações de produção, sendo socialmente a mulher produtora de filhos e vendendo sua força de trabalho ao homem-patrão. Esta é uma exacta e muito necessária, mas não total leitura da realidade; necessária por bem agarrar este fulcro da questão, talvez até sua origem histórica, e que tanto se quer escamotear na arengada promoção da mulher. Mas a esta leitura é necessário acrescentar todos os sistemas de cristalizações culturais que vieram sustentando, reforçando, justificando e ampliando essa dominação da mulher (e não só essa dominação), porque a alteração da situação económica e política que agora nela se baseia não traz necessariamente a destruição de todas as cristalizações culturais em que a mulher é imbecil jurídica, irresponsável social, homem castrado, a carne, a pecadora, Eva da serpente, corpo sem alma, virgem-mãe, bruxa, mãe abnegada, vampiro do

homem, fada do lar, ser humano estúpido e muito envergonhado pelo sexo, cabra e anjo, etc., etc. E digo é tudo isto no presente, porque contra estas imagens nunca houve combate de raiz, apenas se foram pondo em causa as consequências lógicas e práticas de algumas delas, na medida em que já não convêm, já não servem mais ao homem. . .” (NCP: 102-104)

É nesta linha, que as *Novas Cartas Portuguesas* começam a puxar (cf. 106), que não só “se ensopam e mitificam” as “nossas políticas, nossas éticas, nossos amores a dois” (*idem*), mas também emerge a religião, não referida – diga-se! – no mencionado texto de Hanisch – matricial para a consciência de que “the personal is political”, mas com um lugar de destaque nas *Novas Cartas Portuguesas*, que, glossando os temas das cartas de Soror Mariana Alcoforado, equiparam a vida de todas as mulheres à vida de uma freira num convento: “Que mulher não é freira, oferecida, abnegada, sem vida sua, afastada do mundo?” (NCP: 177).

2. “Que mulher não é freira?”

O entrelaçamento da opressão privada com a exclusão pública no sistema patriarcal é equiparado, portanto, à vida de clausura. A pergunta – “que mulher não é freira?” – transporta-nos, antes de mais, para uma crítica de um sistema de encerramento das mulheres no espaço privado e, afinal, também, no espaço público: já que o objetivo consiste em excluir, simultaneamente, as mulheres deste último, invisibilizando-as, e reproduzir no espaço privado a mesma ordem que as exclui do público. Por isso, nas *Novas Cartas Portuguesas*, o reverso deste enclausuramento passa pela subversão do privado: “Ninguém me peça, tente, exija, que regresse à clausura dos outros” (NCP: 47).

A metáfora do convento aparece para evocar diversas facetas da opressão a que as mulheres estão sujeitas. O próprio homem é apresentado como um convento, estabelecendo-se um paralelo entre a posse da mulher e a posse da terra, como se, em ambos os casos, se tratasse de uma colônia, num espaço enclausurado e enclausurante (cf. NCP: 29).

De enclausuramento se fala também a propósito da submissão à “mui ubíqua lei do pai” (como diria Luisa Valenzuela 23), aquela lei que, na Carta de Mariana Alcoforado a sua Mãe (nas *Novas Cartas Portuguesas*), leva Mariana a identificar o convento com o seu túmulo, por ser o lugar em que se encontra à mercê desta lei patriarcal: “Bem me podeis executar, quem me defende? A lei? A que dá aos pais todos os direitos de mordça, aos machos primazia e à mulher somente o infinitamente menos nada, com dádivas de tudo?” (NCP: 68).

E é também através da metáfora do convento que, na sequência intitulada “A freira ensanguentada”, as *Novas Cartas Portuguesas* falam da “irmandade no convento”, das diversas formas de traição a que são sujeitas pelos homens, quer sejam “freiras em convento” ou “dadas em casamento”, já que, apesar de os homens se dividirem em “homens e senhores” (NCP: 80), “das mulheres todos os homens são senhores” (*ibidem*) e a elas, só lhes resta o convento, já que não possuem nem casa, nem irmão, nem irmã – “vendidas” que são de si próprias (cf. *ibidem*), pois “não houve pão” para elas “à mesa dos homens” (*ibidem*). Tanto casadas, como monjas, “a desgraça” das mulheres é a mesma: vivem numa clausura à força – a umas, foi dado marido; a outras, grades e muros. Se bem que, na carta de D. Joana de Vasconcelos para Mariana Alcoforado, se considere pior a sina de casada do que a de freira enclausurada:

As grades e os muros desse convento impedem-te os passos, a ferros te puseram, mas assim te deixaram sem disso darem conta,

liberdade de te imaginares, de viveres contigo própria, enquanto eu todos os dias me violento nos outros, neles, com eles me obrigando a usos e maneiras que me repugnam vivamente, bem o sabes, que só forçada sou objecto ou enfeite. (NCP: 171-172)

E conclui D. Joana: “monja me agradaria mais ser que mulher odiando seu marido” (172). “Que mais nos espera ainda, embora morta tu em tua cela e eu morta em meu quarto?” (173).

Não se pense, contudo, que, nas *Novas Cartas Portuguesas*, a religião aparece associada apenas à metáfora do enclausuramento. O texto desliza das referências metafóricas para referências políticas à situação das mulheres sob o peso de formas opressivas de religião, baseando nela o fio de uma meada que vem das cartas de Mariana até à “redação de uma rapariga de nome Maria Adélia nascida no Carvalhal e educada num asilo religioso em Beja”, passando por uma legitimação das tarefas dos homens e das mulheres, baseada, supostamente, na própria religião. Esse texto é revelador da ideologia da época em que as *Novas Cartas* foram redigidas no que diz respeito à “ordem das coisas”, como veremos.

A redação intitula-se “As tarefas”. Depois de afirmar que há tarefas do homem e tarefas da mulher, Maria Adélia descreve as tarefas de um e outro. Assim, as do homem são “aquelas da coragem, da força e do mando. Quer dizer: serem presidentes, generais, serem padres, soldados caçadores, serem toureiros, serem futebolistas e juízes” (NCP: 289). Estas tarefas do homem resultam da própria vontade de Deus, que lhes deu “a tarefa de velar e mandar, que até Jesus Cristo foi homem e Deus escolheu ter filho e não filha para morrer neste mundo em descontento dos nossos pecados” (*ibidem*). A ordem patriarcal da salvação justifica, portanto, que sejam os homens a organizar as guerras “para tirarem o mundo da perdição e do pecado (por exemplo: as cruzadas), combatendo para salvar a Pátria e defender assim as mulheres, as crianças e os velhos” (*ibidem*).

Quando às tarefas das mulheres, “acima de todas está a de ter filhos, guardá-los e tratá-los nas doenças, dar-lhes a educação em casa e o carinho; é também tarefa da mulher ser professora e mais coisas, tal como costureira, criada, enfermeira” (289-290). Maria Adelaide menciona que “há também mulheres médicas, engenheiras, advogadas, etc.” (290). Contudo, a “lei do pai” diz-lhe que “é melhor a gente não se fiar nelas” (*ibidem*), uma vez que fogem ao seu destino:

as mulheres foram feitas para a vida da casa, que é uma tarefa muito bonita e dá muito gosto ter tudo limpo e arrumado para quando chegar o nosso marido ele poder descansar do trabalho do dia que foi tanto, a fim de arranjar dinheiro para nos sustentar e aos filhos. (*ibidem*)

E se tudo assim é e deve ser, também é por vontade de Deus, como diz Maria Adelaide: “O mundo sempre foi assim, prega o Senhor Prior” (292). Isto é, o mundo está dividido, segundo o plano de Deus (transmitido pelo Senhor Prior), entre homens e mulheres, tarefas de homens e tarefas de mulheres, mas também entre “tarefas dos ricos” (“serem caridosos”) e “tarefas dos pobres” (“pedir e aceitar o que lhes dão mostrando-se muito agradecidos”) (292), “tarefas dos patrões” (“castigar os empregados”) e dos “empregados” (“trabalhar para os patrões a fim de estes ficarem mais ricos e mais patrões”) (293). Contudo, Maria Adélia constata que o pai, apesar de não ser patrão no emprego, “quando vem bêbedo e bate na mãe, grita: aqui eu é que sou o patrão!” (*ibidem*), reproduzindo-se, assim, dentro de casa a ordem de mando do patrão sobre o empregado.

Depois de descritas todas estas tarefas, Maria Adélia tem só duas dificuldades: uma delas é perceber em que consiste a tarefa “da mulher de má vida” (*ibidem*), acerca da qual o Senhor Prior diz “ser

tal coisa grande pecado e qualquer mulher que tenha essa tarefa vai para o inferno. . .” (*ibidem*). A outra dificuldade é perceber o que é a tarefa, mencionada pelo Senhor Prior, de “ser virtuosa”. Embora não saiba do que se trata, Maria Adélia conclui: “imagino que não deve dar nenhum arranjo” (294).

A ironia corrosiva deste texto transmite quase *ipsis verbis* a ideologia de género do Estado Novo e a fundamentação da mesma numa interpretação da religião como parte da trilogia “Deus, Pátria, Autoridade”. Isabel Freire, no seu livro intitulado *Amor e sexo no tempo de Salazar*, cita abundantemente textos da época nos quais se repete à saciedade que o lugar da mulher é em casa e que isto corresponde à vontade de Deus. Cito aqui apenas três exemplos da ideologia da época. *Primeiro exemplo*, de 1938: “A ‘Lição de Salazar’” – uma série de cartazes com o objectivo de promover os valores centrais do Estado Novo. O último cartaz tem precisamente o título: “Deus, Pátria, Família: A trilogia da educação nacional”. Verónica Policarpo comenta-o assim:

Na imagem observamos um lar perfeito, humilde, rural, patriarcal e cristão que celebra a vida simples e sem vícios do campo. O pai, chefe de família, chega do trabalho no campo para o repouso num lar pobre, sem água nem electricidade, sem livros ou aparelhos de rádio. Encontra a esposa que, ligeiramente curvada, se ocupa das lides da casa e os filhos que o saúdam: a filha brincando com uma boneca, o filho com a farda da Mocidade Portuguesa. Sobressaem o crucifixo que ocupa lugar de destaque e, na mesa já posta para a refeição, os alimentos simples, como o pão e o vinho. (*idem*: v)

Segundo exemplo: um texto da *Crónica Feminina* de 1957 (cit. in Freire 188-189). Trata-se de uma espécie de mandamentos para a felicidade no lar (“Dez Mandamentos” – como compete!):

1 – Ame o seu marido acima de todas as coisas [note-se o paralelo com o 1.º mandamento bíblico: “Amar a Deus acima de todas as coisas!]; . . . lembre-se que a sua casa pertence a seu marido e não ao seu próximo.

2 – Considere o seu marido como um convidado selecto, como um amigo precioso, e não como uma amiga, a quem se contam as pequenas futilidades da vida. Evite essa amiga, caso lhe seja possível.

3 – Mantenha a sua casa bem arrumada e ostente uma cara risonha quando o seu amigo chegar, no entanto, quando vir que ele não repara nela, deve desculpá-lo.

4 – Nunca peça nada a seu marido, daquilo que ele não lhe pode oferecer, dê graças a Deus, por possuir uma casa alegre, ar livre, e a felicidade para os seus filhos.

5 – Que os seus filhos estejam bem arranjados e limpos, assim como a sua pessoa. . .

6 – Lembre-se que o desposou para o acompanhar na riqueza e na pobreza [invocação das palavras do ritual litúrgico do casamento!], devendo pegar-lhe na mão carinhosamente se todos o abandonarem.

7 – Se o seu marido ainda tiver mãe, lembre-se que deve ser boa e dedicada para ela, pois foi ela quem o acarinhou, enquanto criança.

8 – Nunca exija da vida o impossível; já deve sentir-se feliz se tiver algum préstimo.

9 – Se surge algum azar, não se deixe levar pelo desespero; a calma voltará, se confiar em seu marido, o qual, assim, terá coragem para lutar pelos dois;

10 – Se o seu marido se afastar de si, espere-o; ainda mesmo que ele a abandone; espero sempre por ele, porque, não só é esposa dele, como também representa o seu nome, a sua honra; um dia ele voltará, abraçando-a.

Terceiro exemplo: um outro texto da mesma revista – Crónica Feminina (1958):

Defende o teu lar! Se o teu marido te auxiliar na criação do bebé, embora essa iniciativa seja do teu agrado, não deves abusar dela. O facto de o teu marido te substituir às vezes, adormecendo a criança ou passeando-a no carrinho, não quer dizer que faças dessas complacências um hábito. Arriscar-te-ias a vê-lo subitamente irado. . . Então, o marido irado declarou: Estou farto de te servir como amo! De hoje em diante, não contes comigo para dar o alimento à criança. Este trabalho compete às mães. (cit. *in* Aboim 95)

As concepções patentes nestes exemplos são perfeitamente consentâneas com a doutrina eclesiástica da época, que idealiza e prescreve a figura da mulher como uma mãe perfeita. Pio XII afirmava que “a mãe é o centro da vida quotidiana” da família, sempre atenta às suas necessidades e pronta para tornar os seus filhos felizes. Ela vem ao mundo com a missão de ser mãe, de espalhar a alegria em redor. Sem ela, “a casa arrefece; o lar deixa praticamente de existir”.⁴

Os textos eclesiásticos partem destes pressupostos relativamente à mulher, pelo que todas as suas afirmações acerca da mesma constituem um desenvolvimento deste pensamento fundamental. A mulher é sempre encarada como mãe e como esposa em todos os domínios da vida. A associação da mulher ao domínio privado e do homem ao domínio público fundamenta-se na identificação pura e simples do papel sociocultural da mulher com a sua identidade biológica. A acentuação do papel materno da mulher, tal como os

⁴ Cf. PIO XII., Audiência Geral, 24.02.1942, OR 47 (26 Fevereiro 1942) 1. Para uma noção global da doutrina eclesiástica sobre a mulher cf. Toldy (1998).

textos do Magistério a fazem, constitui, portanto, uma justificação e uma perpetuação teológica de uma ordem social prescritiva. Como diz bell hooks (2004) falando da sua própria experiência:

Os nossos pais acreditavam no patriarcado; tinham-lhes ensinado a pensar de forma patriarcal através da religião. Na igreja tinham aprendido que Deus criara o homem para mandar no mundo e em tudo o que nele existe e que era tarefa das mulheres ajudarem os homens a desempenhar essa tarefa, obedecerem e assumirem sempre um papel subordinado em relação ao homem poderoso. Foi-lhes ensinado que Deus era homem. Estes ensinamentos eram reforçados pelas diversas instituições com as quais se depararam – escolas, tribunais, clubes, estádios e igrejas. Assumindo o pensamento patriarcal, como toda a gente à sua volta, eles ensinaram-no aos seus filhos, porque parecia uma forma ‘natural’ de organizar a vida. (17, tradução minha)

3. “O patriarcado – uma pirâmide de opressões multiplicativas”

Ora, de facto, o patriarcado “naturalizado” constitui uma “pirâmide de opressões multiplicativas”, para utilizar a expressão de Elisabeth Schüssler Fiorenza. Quer isto dizer, que a ordem social baseada na “lei do pai” não só legitima a submissão das mulheres, como constitui, acima de tudo, uma estrutura complexa de opressões que, interseccionando-se, se potenciam mutuamente. Citando Deborah King (270), “as opressões simultâneas não são apenas múltiplas. São multiplicativas: o racismo multiplica-se pelo sexismo, multiplicado pelo ‘ageism’, multiplicado pelo classismo, multiplicado pela exploração colonial”. Trata-se, pois, de “uma estrutura política piramidal e complexa de dominação e de subordinação, estratificada

de acordo com o gênero, a raça, a classe, as taxonomias religiosas e culturais e outras formas de domínio ao longo da história” (Fiorenza 115). Deus, nesta perspectiva, aparece como a legitimação última de uma pirâmide de opressões multiplicativas: aparece como um homem, branco, do lado dos poderosos, do lado eurocêntrico. Este Deus perpassa todas as formas de enclausuramento identificadas nas *Novas Cartas Portuguesas*, no que elas têm de escrita de um pedaço da história das opressões públicas através do seu espelho nas repressões privadas. Por isso, “the personal is (indeed!) political”, pois pode estilhaçar por dentro “a ordem do pai”: realmente, “se a mulher se revolta contra o homem, nada fica intacto” (NCP: 182).

Obras citadas

- Aboim, Isabel. “Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação”. Dir. José Mattoso. *História da Vida Privada em Portugal. Os Nossos Dias*. Coord. Ana Nunes de Almeida. Lisboa: Temas e Debates/Círculo dos Leitores, 2011. 80-111. Print.
- Barreno, Maria Isabel, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. *Novas Cartas Portuguesas*. Lisboa: Editorial Futura, 1974. Print.
- Fiorenza, Elisabeth Schüssler. *But She Said. Feminist Practices of Biblical Interpretation*. Boston: Beacon Press, 1992. Print.
- Freire, Isabel. *Amor e Sexo no Tempo de Salazar*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010. Print.
- Hanisch, Carol [1969 e 2006]. “The Personal Is Political”. Web. 12.01.2014.
- hooks, bell. *The Will to Change: Men, Masculinity, and Love*. Nova Iorque: Atria Books, 2004. Print.
- King, Deborah. “Multiple Jeopardy, Multiple Consciousness: The Context of Black Feminist Ideology”. Ed. M.R. Malson et al. *Black Women in America: Social Science Perspectives*. Chicago: Chicago University Press, 1990. 265-296. Print.
- Nash, Mary. *As Mulheres no Mundo. História, desafios e movimentos*. Vila Nova de Gaia: Editora Ausência, 2004. Print.
- Policarpo, Verónica. “Sexualidades em construção, entre o privado e o público”. Dir. José Mattoso. *História da Vida Privada em Portugal. Os Nossos Dias*. Coord. Ana Nunes de Almeida. Lisboa: Temas e Debates/Círculo dos Leitores, 2011. 48-79. Print.
- Toldy, Teresa. *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*. Lisboa: Edições Paulinas, 1998. Print.

Valenzuela, Luisa. “Mujeres fuera de la Ley (del Padre)”. Org. Toscano, Ana Maria da Costa. *Mulheres Más. Percepção e Representações da Mulher transgressora no Mundo Luso-Hispânico: América Latina*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006. 20-29. Print.

Woolf, Virginia [1928]. *A Room of One's Own*. Londres: Penguin Books, 1945. Print.

**VI. ESTUDOS PESSOANOS /
PESSOA STUDIES**

(Página deixada propositadamente em branco)

**TRANSCENDENT POETIC DWELLING:
EMERSON, CAEIRO, AND AN UNPUBLISHED
ENGLISH POEM**

Patricio Ferrari

Resumo: Quais as razões da atração de Pessoa por Emerson? Só poderemos especular. Seria o seu interesse comum em Thomas Carlyle, amigo de longa data do americano e seu devoto correspondente? Ou seria o conceito de imaginação e do papel do “Poeta” presentes em Emerson? Ou talvez o entendimento transcendentalista da “Natureza”, nas suas implicações radicais sobre a natureza da identidade pessoal? Um dos poemas ingleses, inédito, de Pessoa, escrito quinze dias depois do último poema datado da sequência dos quarenta e nove de Caeiro, ecoa estranhamente o tom, estado de espírito e imagética do poeta pastoril. Por sua vez, os poemas ingleses de Pessoa fazem-nos lembrar a cena no Boston Commons, incluída no primeiro capítulo da obra de Emerson, “Nature”, onde o ser e o ver são uma e a mesma coisa.

Palavras-chave: Pessoa, Caeiro; Arquivo; poesia inglesa inédita de Pessoa; transcendentalismo.

Abstract: We can only speculate as to what drew Pessoa to Emerson's work. Was it their common interest in Thomas Carlyle, the New Englander's life-long British friend and most devoted correspondent? Was it his concept of the imagination and the role of the "Poet"? Or was it perhaps his transcendental understanding of "Nature," with its radical implications for the nature of personal identity? An unpublished English poem written by Pessoa only fifteen days after the last dated poem from Caeiro's forty-nine poem sequence holds an uncanny echo in tone, mood, and imagery with the shepherd poet. In turn, Pessoa's English poem reminds us of Emerson's scene on the Boston Commons, in his first chapter of "Nature," where seeing and being are one and the same.

Keywords: Pessoa, Caeiro; Archive; Unpublished English poetry; transcendentalism.

The lover of nature is he whose inward and outward senses are still truly adjusted to each other; who has retained the spirit of infancy even into the era of manhood.

Ralph Waldo Emerson (*Nature*)¹

¹ From *Nature* ([1836] 1902: 548). First editions are indicated in brackets. The book *Works of Ralph Waldo Emerson* is extant in Pessoa's private library.

In Pessoa's Archive at the National Library of Portugal, a stained manuscript in the neat legible hand of his schoolboy days in Durban lists a wide range of poets, playwrights, diarists, and letter-writers. Datable to circa 1903, it covers over thirteen centuries of Anglophone literature (English, Irish, Scottish, and American) and includes most of the poets he would discover in South Africa (e.g., Milton, Chatterton, Shelley)² along with some who would leave scant, if any, evidence of having been read during his short-lived prolific career (e.g., William Cullen Bryant and Bayard Taylor).

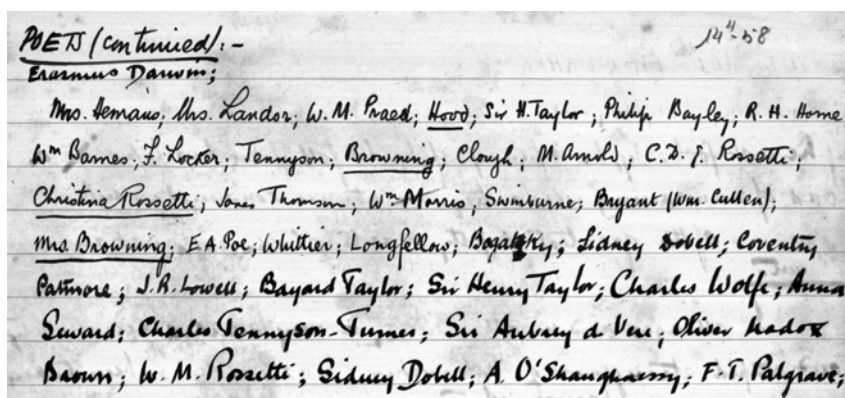


Fig. 1. National Library of Portugal, Archive 3, 14⁴-58^r.

Erasmus Darwin;

Mrs. Hemans, Mrs. Landor; W[inthrop] M[ackworth] Praed; *Hood*; Sir H[enry] Taylor; Philip Bayley; R[ichard] H[engist] Horne; W[illia]m Barnes; F[rederick] Locker; Tennyson; *Browning*; Clough; M[atthew] Arnold; C. D[aniel] G[abriel] Rossetti, *Christina Rossetti*; James Thomson; W[illia]m Morris; Swinburne; Bryant (W[illia]m Culler); *Mrs Browning*; E[dgar] A[llan] Poe; Whittier; Longfellow;

² The list begins on ms. [14⁴-59^r]. Bogatzky is the only non-Anglophone writer on the list in fig. 1.

Bogatzky; Sidney Dobell; Coventry Patmore; J[ames] R[ussell] Lowell; Bayard Taylor; Sir Henry Taylor; Charles Wolfe; Anna Seward; Charles Tennyson-Turner; Sir Aubrey de Vere; Oliver Madox Brown; W[illiam] M[ichael] Rossetti; Sidney Dobell; A[rthur] O' Shaughnessy; F[rancis] T[urner] Palgrave.

By 1903 Pessoa had already been living in the subtropical British colonial capital of Natal for roughly seven years³ where, significantly, the literary and intellectual milieu he absorbed had been deferring to London for half a century, with firms such as John Sanderson & Co. offering rich, ample catalogues full of titles from the most acclaimed European and American writers – Charles Dickens ranking among the most popular (Christison 111, 114, 116). When Pessoa set sail for Portugal in 1905, inveterate autodidact that he was, he had become familiar with a great many British poets and prose writers as well as most of the eminent nineteenth-century American romantics – not just Edgar Allan Poe and Walt Whitman,⁴ but Henry Wadsworth Longfellow, John Greenleaf Whittier, and James Russell Lowell too. Evidence in the Archive and Private Library indicate that Pessoa

³ Fernando Pessoa (1888-1935) lived in Durban, South Africa, from February 1896 to August 1905. In August 1901 he returned to Portugal where he remained until September of the following year, embarking once again for Durban. In December 1904 he completed his studies at Durban High School.

⁴ Poe is the only American poet whose complete works Pessoa chose when awarded the Queen Victoria Memorial Prize for Best English Essay on his entrance examination for the University of the Cape of Good Hope. The other volumes he selected were Samuel Johnson's *Lives of the Poets*, *The Works of Ben Jonson*, *The Poetical Works of John Keats*, and *The Complete Works of Alfred Tennyson*. Although the Prize was designated for 1903, it was awarded on 24 February 1904. The name of Walt Whitman, the main figure of the American Romantic movement, appears marked in the *Nuttal Encyclopaedia* (cf. Wood 1900: 648 and 682). Regarding Pessoa's acquisition of Walt Whiman's poems in the Penny Poets edition as well as the marginalia in this book see Brown (1987) and Ferrari (2011).

eventually turned to specific works of these last three poets.⁵ In all likelihood his quotations, references, and translations occurred between 1910 and 1913. Yet these same New England poets had caught Pessoa's attention earlier, at least momentarily, as markings in his much-consulted *Nuttal Encyclopaedia* (Wood 1900) confirm.⁶

Of interest to me in the pages that follow is the name of another New England writer – Ralph Waldo Emerson – whose entry was also marked with a cross in the *Nuttal Encyclopaedia*. A memorandum headed “Take,” datable from the summer of 1905 – where we find “Emerson's Works” listed (cf. Annex 1) – suggests that the writing of the philosopher and poet from Concord (Massachusetts) accompanied Pessoa on the Herzog back to Lisbon. We can only speculate as to what drew Pessoa to his work. Was it their common interest in Thomas Carlyle, Emerson's life-long English friend and most devoted correspondent? Was it his concept of the imagination and the role of the poet? Or was it perhaps his transcendental understanding of Nature, with its radical implications for the nature of personal identity? Maybe it was nothing more – or less – than Pessoa's identification with the man himself as an extraordinary mind whose voracious reading habits and journal entries reveal so many affinities with Pessoa's own.⁷

⁵ The title of Longfellow's poem “The Jewish Cemetery at Newport” along with lines from the last two stanzas are marked in Pessoa's own hand (cf. Longfellow 8 and 302-304); Pessoa translated a phrase by Whittier and inserted it in a fragment destined to the Shakespeare-Bacon controversy (cf. *Escritos sobre Gênio e Loucura* II, 346); he also translated Whittier's “Barbara Frietchie” and Lowell's “On a Portrait of Dante by Giotto,” both of them published in *A Biblioteca Internacional de Obras Célebres* in 1911 (cf. Campos); Pessoa made a reference to Lowell in a comparative piece between Hugo and Poe (cf. *Apreciações literárias* 145).

⁶ Likely acquired between the end of 1901 and 1902. On page 409 we read the year “1902” in Pessoa's own hand.

⁷ Emerson's works circulated in Eastern Cape at least as early as the 1870s. The South African author and anti-war campaigner Olive Schreiner, for instance, referred to him in over twenty letters and postcards – in some cases even quoting passages from essays and lines of verse. See the Olive Schreiner Letters Online catalogue (consulted on 13 May 2015). It is not far-fetched to believe that public

Tantalizing as it is to speculate, in all probability we will never know. And yet we do know that Pessoa read the description of Emerson in the *Nuttal Encyclopaedia* as “the acknowledged head of the literary men of America” (Wood 1900: 221). Furthermore, we can make an astonishing inference based on the following diary entry that Pessoa jotted down as late as February 15th 1913: “Cheguei a casa pelas 2h. . . . Na cama quase que não li. Folheeii, sem ler, o Emerson” (*Páginas íntimas e de auto-interpretação* 1966: 33). A telling note from someone who rarely, if ever, reminisced about a reading experience so nonchalantly. It is as if Pessoa refers here to an old friend’s company whose writings he has read closely and felt deeply. Exactly what pages he browsed that Saturday winter night we may never discover. But of one thing we can be fairly confident – namely, that Emerson mattered.

Nearly three decades ago, Susan Margaret Brown claimed that Emerson – Whitman’s self-confessed Master – played a key role in the creation of Caieiro, suggesting that Emerson’s seminal essay “Nature,” with its Introduction and eight separate chapters, is an indispensable intertext for the shepherd poet’s sequence *O Guardador de Rebanhos*:

Emerson’s delineation of the new poet-God, as outlined in his essay “Nature,” is intimately connected to the kind of poet Caieiro is meant to represent. The link between Whitman and Caieiro therefore needs to be viewed in terms of their common roots in Emerson’s transcendental idealism; his vision of a fluid and spiritual Nature, continually in the process of transformation and transforming what comes into contact with it. Representing the new arrival of Adamic man, both poets teach the knowledge

readings and lectures held in different South African provinces evoked Emerson’s thought, particularly in regards to the philosopher’s stance on the abolition of slavery (cf. Turner).

of the Emersonian Gnosis which, as Bloom argues (1981: 177), is to deny one's belatedness by defying tradition in order to see the world as if for the first time. (Brown 157)

Alberto Caeiro – Emerson's "Orphic poet"⁸ – would possess an "original relation to the universe" (Emerson 547) by virtue of an absolute solitude within the pastoral oasis of his poems: the "menino Jesus" in Caeiro's Poem VIII being an inner companion, the self-reflecting image of his divine status as the newly resurrected pagan Orpheus. As Emerson reminds us in the closing chapter of "Nature": "Infancy is the perpetual Messiah, which comes into the arms of fallen men, and pleads with them to return to paradise" (*idem*: 563). The function of the "menino Jesus" as *infant Messiah*, as Brown points out, is to bequeath upon Caeiro the status of a transcendental (visionary) poet, making it possible for him to walk the earth *as if for the first time*, naming all he sees. In this sense Caeiro too is a "true re-commencer, or Adam in the garden," just as Emerson had described the *poet* in the essay "Poetry and Imagination" (heavily-marked in Pessoa's copy):

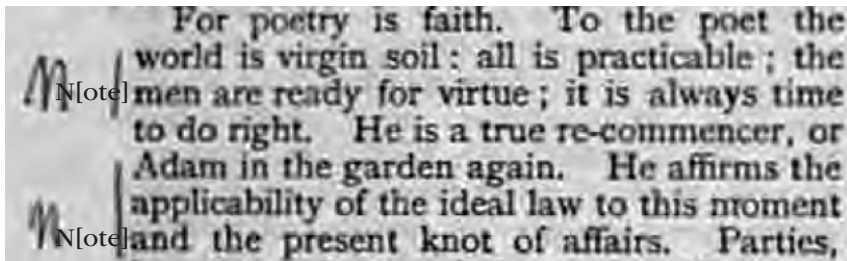


Fig. 2. *The Works of Ralph Waldo Emerson*, 1902. Detail of page 436. Marginalia and markings inscribed in Pessoa's own hand; "Poetry and Imagination," essay published in 1872.

⁸ The passage concerning the "Orphic poet," marked by Pessoa (cf. Emerson 563), was first mentioned by Susan M. Brown in her paper "O Deus que Dorme" given at the International Pessoa Conference held in Lisbon on 28-30 November 2013. For other approximations between Emerson and Pessoa see Edinger, Vieira, Monteiro, Ramalho, and Boscaglia.

The following previously unpublished English poem written by Pessoa and dated May 25th, 1914 (i.e., only fifteen days after the last dated poem from Caeiro's forty-nine poem sequence)⁹ holds uncanny echoes in tone, mood, and imagery with the shepherd poet as described above, in the light of Emerson:

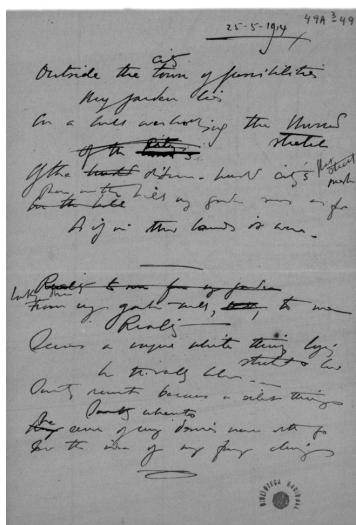


Fig. 3. National Library of Portugal, Archive 3, 49A³-49r.¹¹

Outside the city of possibilities
 My garden lies
 On a hill overlooking the blurred stretch
 Of the distance-hushed city's flat street-mesh
 There on the hill my garden seems as far
 As if in those lands it were.

 Looking down from my garden-wall to me
 Reality
 Seems a vague white thing lying stretched & low
 On the valley below. . .
 Something remote because a silent thing
 Something whereto
 The sense of my desires never doth go
 Nor the idea of my fancy cling.¹⁰

⁹ In Poem XLVI, the last one dated in the sequence, we read “Sou o Descobridor da Natureza. / Sou o Argonauta das sensações verdadeiras. / Trago ao Universo um novo Universo” (*Poemas de Alberto Caeiro* 63).

¹⁰ Only the last variant is given above: l. 1 *the town* [↑ *city*] of / l. 4 <Of the> <town's> [↑ <City's>]] Below this initial start the author penned the line *Of the <bushes> distance-bushed city's* [↑ *flat street-mesh*] / l. 5 <On the hill> [↑ *There on the hill my garden seems as far*] // l. 7 <Reality to me from my garden>] Below this line the author wrote [↑ *Looking down*] *From my garden-wall*, <to [illegible word]>, to me / l. 13 <My> [↑ *The*] sense.

¹¹ Specific places in Caeiro that parallel this garden scene on a hill occur in the opening poem of the sequence and then, further on, in poems VIII and XXX.

Alone at the top of the hill and gazing below from behind the wall of garden¹², the lyrical “I” erases everything from the horizon but a “vague white thing,” something “remote” and “silent.” This “something” (emphasized by its lexical repetition) is named “Reality,” even though its description suggests something dreamlike and unreal. It is into this “something” outside of space and time that the gaze of the speaker gradually dissolves, collapsing all boundaries and distinctions between inner and outer. Emerson enacts something similar in the first chapter of “Nature” where he gives an account of the scene on the Boston Common:

Standing on the bare ground, – my head bathed by the blithe air, and uplifted into infinite space, – all mean egotism vanishes. I become a transparent eyeball; *I am nothing; I see all*; the currents of the Universal Being circulate through me; I am part or particle of God. The name of the nearest friend sounds then foreign and accidental: to be brothers, to be acquaintances, – master or servant, is then a trifle and a disturbance. (Emerson 548-549)
[Italics are mine]

In the latter, we find the following lines: “Vivo no meio d’um outeiro / N’uma casa caiada e sôsinha” (*Poemas de Alberto Caeiro* 54).

¹² In a letter to Carlyle, dated May 14th, 1846, Emerson writes: “I too have a new plaything, the best I ever had, – a wood-lot. Last Fall I bought a piece of more than forty acres, on the border of a little lake half a mile wide and more, called Walden Pond, – a place to which my feet have for years been accustomed to bring me once or twice a week at all seasons. . . . At a good distance in from the shore the land rises to a rocky head, perhaps sixty feet above the water. Thereon I think to place a hut; perhaps it will have two stories and be a petty tower, looking to Monadnoc and other New Hampshire Mountains. There I hope to go with book and pen when good hours come” (*Correspondence* 123-124). Emerson’s “plaything” is portrayed in “My Garden,” poem published a little over two decades after the letter, and included in the selection of poems in *Works*: “If I could put my woods in song, / And tell what’s there enjoyed, / All men would to my gardens throng, / And leave the cities void // . . .” (538). This garden on the hill was the secluded spot in Massachusetts where Henry David Thoreau lived for approximately two years. The name “Thoreau” appears in one of Pessoa’s notebook datable to 1911-1913 in what seems to be a list of books to sell or already sold (cf. Pizarro, Ferrari and Cardiello 121).

What makes “Outside the City of Possibilities”¹³ such a stunning discovery is its clarification of an ambiguity in the *Guardador de Rebanhos*: it makes the erasure of Reality explicit so that, if we read it in connection with the Portuguese poems, we are forced to recognize the transparent and ultimately unreal nature of everything related to Caeiro’s reality, including his own – the only real *thing* in the sequence, paradoxically, being the appearance of the “menino Jesus” in the dream at the outset of Poem VIII. The solitude of nothingness of the lyrical “I” – whether in the English poem above or in *O Guardador de Rebanhos* – strongly echoes Emerson’s experience as a “transparent eyeball,” in which being and seeing are one and the same. This is the stance of Caeiro, and it is brought into sharper focus in this one small poem here published for the first time.¹⁴

¹³ Pessoa had envisaged including this poem in a project entitled *Antinous and Other Poems* (cf. Annex 2).

¹⁴ A further remark on Emerson in Pessoa’s Private Library: In Robertson’s *Modern Humanists* there is an entire chapter dedicated to Emerson (cf. Vieira). In this book, signed “Fernando Pessoa” and purchased *post* early September 1916, we read the following passage underlined by Pessoa: “he [Emerson] is the most important English prose writer of the century” (129).

Works cited

- Bloom, Harold. *Agon. Towards a Theory of Revisionism*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1982. Print.
- Boscaglia, Fabrizio. *A presença árabe-islâmica em Fernando Pessoa*. PhD dissertation presented at the University of Lisbon, 2015. [Unpublished].
- Brown, Susan Margaret. *The Poetics of Pessoa's Drama-em-Gente: the Function of Alberto Caeiro and the Role of Walt Whitman*. PhD dissertation presented at the University of North Carolina at Chapel Hill, 1987. [Unpublished].
- Campos, Augusto de. "Uma redescoberta: traduções de Fernando Pessoa." *Pessoa Plural* 7 (Spring 2015): 1-21. Print.
- Carlyle, Thomas and Ralph Waldo Emerson. *The Correspondence of Thomas Carlyle and Ralph Waldo Emerson (1834-1872)*. 2 vols. Boston: Houghton: Mifflin, 1884. Print.
- Christison, Grant. "Readers and Writers in Colonial Natal (1843-1910)." *English in Africa* 39.2 (August 2012): 111-133. Print.
- Edinger, Catarina. "Visions of Emerson and Pessoa." *Actas IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Secção Norte-Americana. Almir de Campos Bruneti, coord. Tulane University, New Orleans, La. Fundação Eng. António de Almeida, 17-19 November, 1988. 121-131. Print.
- Emerson, Ralph Waldo. *Works of Ralph Waldo Emerson. Essays, first and second series; Representative Men; Society and Solitude; English Traits; The Conduct of Life; Letters and Social Aims; Poems; Miscellanies; Embracing Nature; Addresses, and Lectures* [1836]. London: George Routledge & Sons, Limited, 1902. Print.
- Ferrari, Patricio. "On the Margins of Fernando Pessoa's Private Library: A Reassessment of the Role of Marginalia in the Creation and Development of the Pre-heteronyms and in Caeiro's Literary Production." *Luso-Brazilian Review*, 48.2 (Fall 2011): 23-71. Print.
- Longfellow, Henry W. Wadsworth. *The Poetical Works*. London, New York, Toronto, Melbourne: Cassell and Company, Ltd., 1911. Print.
- Monteiro, George. *Fernando Pessoa and Nineteenth-Century Anglo-American Literature*. Lexington: University Press of Kentucky, 2000. Print.
- Pessoa, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Org. Ivo Castro. Edição crítica. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015. Print.
- . *Eu sou uma Antologia: 136 figuras fictícias*. Org. Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-China, 2013. Print.
- . *Apreciações literárias*. Org. Pauly Ellen Bothe. Edição crítica Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013. Print.
- . *Escritos sobre génio e loucura*. Org. Jerónimo Pizarro. Edição crítica. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. Print.
- . *The Mad Fiddler*. Org. Marcus Angioni and Fernando Gomes. Edição crítica. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999. Print.
- . *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Org. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966. Print.

- Pizarro, Jerónimo, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello. *Os objectos de Fernando Pessoa*. Coleção da Casa Fernando Pessoa. Edição bilingue. Lisboa: D. Quixote, 2013. Print.
- . *A biblioteca particular de Fernando Pessoa*. Coleção da Casa Fernando Pessoa. Edição bilingue. Lisboa: D. Quixote, 2010. Print.
- Ramalho Santos, Irene. *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*. Forward by Harold Bloom. Hanover and London: University Press of New England, 2003. Print.
- Robertson, John Mackinnon. *Modern Humanists: Sociological Studies of Carlyle, Mill, Emerson, Arnold, Ruskin, and Spencer with an Epilogue on Social Reconstruction* [1891]. 4th ed. London: Swan Sonnenschein & Co.; New York: Charles Scribner's Sons, 1908. Print.
- Severino, Alexandrino Eusébio. *Fernando Pessoa na África do Sul: a formação inglesa de Fernando Pessoa* [1969/1970]. 2nd ed. Lisbon: Dom Quixote, 1983. Print.
- Terlinden, Anne. *Fernando Pessoa: the Bilingual Portuguese Poet. A Critical Study of "The Mad Fiddler."* Brussels: Facultets universitaires Saint-Louis, 1990. Print.
- Turner, Jack. "Emerson, Slavery, And Citizenship." *Raritan* 28.2 (2008): 127-146. Print.
- Vieira, Nelson H. "Ser-no-mundo e transcender segundo Pessoa e Emerson." *Actas IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Secção Norte-Americana. Coord. Almir de Campos Bruneti. Tulane University, New Orleans, La. Fundação Eng. António de Almeida, 17-19 November, 1988. 419-433. Print.
- Whitman, Walt. *Poems by Walt Whitman* [1895]. Ed. William Thomas Stead. The Penny Poets. XXVII. London: Masterpiece Library, n.d. Print.
- Wood, James, dir. *Nuttall Encyclopædia (being a concise and comprehensive dictionary of general knowledge)*. London: Frederick Warne & Co, 1900. Print.

Annex 1

[National Library of Portugal, Archive 3, 93A-67]

Take:

Boirac:

Laing: "Modern Science & Modern Thought."

Greg: "Creed of Christendom."

Haeckel: "Riddle of the Universe."

Darwin: "Origin of Species."

Drummond: "Natural Law in the Spiritual World."

Child:

Lewes: "Science and Speculation."
Vallet: "Histoire de la Philosophie."
Malapert: "Le Caractère."
Corra: "La Philosophie positive."
Emerson's Works.
Spectator.
Lawrence Sterne's Works.
Tennyson's Poems.

NOTES

Loose piece of paper written in black ink. Datable to February-August of 1905. Besides Emerson's Works, the following books from this list are extant in Pessoa's Private Library: Modern Science & Modern Thought by Laing, Creed of Christendom by Greg, Natural Law in the Spiritual World by Drummond, La Philosophie positive by Corra, the Spectator and Tennyson's Poems. Cf. Pizarro, Ferrari, and Cardiello (2010). Fac-similed without transcription in Severino (1983: 297).

Annex 2

[National Library of Portugal, Archive 3, 31-91]

ANTINOUS and Other Poems.

Antinous.
The Mad Fiddler: The Island.
Elsewhere.
...
O river too serene.

Songs for Panthea.

? Penthesilea.

Above the City:

Above the City of Possibilities. . .

. . .

Prothalamium.

A Summer of Ecstasy.

NOTES

Typescript in red (only the book title and question mark) and green ink. Project datable to 1916. 1915 was the year in which the first draft of Antinous was conceived and "Songs for Panthea" is dated 10 November 1916. The latter, eventually titled "Song," was included in The Mad Fiddler along with "The Island," "Elsewhere," "O River Too Serene," and "A Summer Ecstasy" (cf. The Mad Fiddler 1999). Above the City, just like The Mad Fiddler, was a title comprising more than one poem. Cf. dots below "Above the City of Possibilities." The title of the poem "Songs for Panthea," along with the titles The Mad Fiddler and Distant Music, appears crossed-out in an unpublished list [National Library of Portugal, Archive 3, 52-3]. "Penthesilea" (title and inclusion doubted) and "Prothalamium" have not been located in Pessoa's Archive. Typescript facsimiled in Terlinden (1990: 196) without a transcription.

FIELDS OF VISION: CAMPOS AND THE QUESTION OF THE IMAGE

Paulo de Medeiros

Resumo: Os estudos sobre o Modernismo ainda ignoram em grande parte os aspectos visuais, a não ser se dedicados às artes visuais. Uma análise de textos de Pessoa, como os assinados por Álvaro de Campos e Bernardo Soares, incidindo na importância assumida por imagens, pode servir para iniciar um esboço de uma possível reavaliação dos estudos pessoanos e do Modernismo.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Imagens; Estudos Visuais; Modernismo.

Abstract: Studies of Modernism still tend for the most part to ignore the visual aspects, except when dedicated to visual arts. Analyzing Pessoa's texts such as those of Álvaro de Campos or Bernardo Soares and drawing out on how important images are in them can serve to start sketching out a reevaluation of Pessoa studies and of Modernism itself.

Keywords: Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Images; Visual Studies; Modernism.

“Nada de estéticas com coração: sou lúcido.

Merda! Sou lúcido.”

Álvaro de Campos, “Vilegiatura”

1.

Let us start with a small, unpretentious, and irreverent text signed by Álvaro de Campos and addressed to Ophelia Queiroz in 1929:

Exma. Senhora D. Ophelia Queiroz:

Um abjecto e miseravel individuo chamado Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo, encarregou-me de comunicar a V. Ex^a – considerando que o estado mental d’elle o impede de comunicar qualquer coisa, mesmo a uma ervilha secca (exemplo da obediencia e da disciplina) – que V. Ex^a está prohibida de:

- (1) pesar menos grammas,
- (2) comer pouco,
- (3) não dormir nada,
- (4) ter febre,
- (5) pensar no individuo em questão.

Pela minha parte, e como intimo e sincero amigo que sou do meliante de cuja comunicação (com sacrificio) me encarrego, aconselho V. Ex^a a pegar na imagem mental, que acaso tenha formado do individuo cuja citação está estragando este papel razoavelmente branco, e deitar essa imagem mental na pia, por ser materialmente impossivel dar esse justo destino á entidade fingidamente humana a quem elle competiria, se houvesse justiça no mundo.

Cumprimenta V. Ex^a

Alvaro de Campos

eng.º naval

25/9/1929

Until recently, and perhaps still now, the predominant view on the love correspondence between Fernando Pessoa and Ophelia Queiroz was fairly dismissive, both of the texts in themselves and of the role played by Ophelia in the relationship and in the playful manipulation of images and characters spun by Pessoa. Indeed, to my knowledge, only Anna Klobucka has contested those views by succinctly and forcefully arguing for a much stronger presence of Ophelia in both documentary and textual-fictional terms. As in so many other aspects of Pessoa scholarship, and beyond any particular divisions into specific critical camps and preferences, the continuous publication of more materials related to Pessoa as well as different epistemological traditions can be adduced to change long-held misconceptions. One of those that should be gladly discarded is of an Ophelia as some sort of *bourgeois ingénue* at the hands of an almost perverse Pessoa. Another, and that will be the focus of this brief essay, is the systematic devaluation of the visual in relation to Pessoa, a critical blindness that is not peculiar to Pessoa scholars at all but rather can be said to characterize modernist studies in general. The reason why I have chosen the above letter might be self-evident. In it, Campos not only superimposes himself to Pessoa by writing to Ophelia, but does so doubly – as usual – by pretending to convey a message of Pessoa's: specific instructions to Ophelia on how she should conduct her life, while at the same time also enjoining her to discard whatever mental image she might have formed of Pessoa. In a sense, this brief and playful text enacts in a very condensed form some of the key aspects of Pessoa's modernity, be it in the multiplication of the Self, be it in the continuous negation that reaches its culmination in the *Book of Disquiet*. Its use of the notion of image, and of a specific type of image, a mental image that would be the only possibility of actually discarding the subject in the very concrete fashion suggested, by throwing it down the sink,

is also complex and a suggestive entry point to an exploration of the function of images in Campos' texts.

In order to start exploring that complexity, and remain within a playful tone, let me bring out another set of related images, a series of discarded drawings that had been meant for inclusion in a graphic novel on Pessoa but remained unused. This set of five pages, drawn by Eloar Guazelli for *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos*, published by him and Susana Ventura in 2013, includes a representation of another text sent by Pessoa, signing as *Íbis*, to Ophelia, with the specific mention of having received the authorization of Campos and including another set of instructions, this time on how to read. My contention is that both texts must be seen as part of an elaborate game between the two lovers in which Ophelia, far from being the *ingénue*, or the little girl – as Klobucka rightfully points out, at the time of her second relationship with Pessoa, from when these texts date, she was thirty years old – critics like to imagine, was a partner in an elaborate construction of multiple identities and roles. The text in question is a nonsensical poem in which again the “pia”, or sink, is given a prominent place. The graphic novel authors decided to place the row of sinks within the French Hospital, to which we see Pessoa entering, at the end, in yet another ironic allusion, in this case to Pessoa's death. The transposition of Pessoa and his texts to a graphic novel or to film or to paintings and drawings must also be examined in terms of what it means to visualize Pessoa and how such visualizations, starting with Almada Negreiros' famous paintings, also have contributed to the image and myth of Pessoa, or how they can question and problematize it. But for now I would like to limit myself to a few of the issues raised by Campos' texts and their deployment of what one could refer to as a regime of seeing. As such, I still want to briefly consider the instructions for reading the poem that were sent to Ophelia. Like the poem, the instructions can be said to be nonsensical. Yet, by focusing on the absence of

light, the instructions actually form part of that continuous negation that, I would like to argue, must be seen as constitutive of Pessoa's poetics. In a sense, what the instructions for reading entail is a refusal of reading that culminates in the practical, though still playful or nonsensical uses to be given to the paper on which the poem was written. Writing on this specific text, George Monteiro has interpreted it as a move on the part of Pessoa to distance himself from Ophelia, in a sense to use the figure of Campos to "scare" Ophelia away. This is Monteiro's interpretation:

When Pessoa decided to bring his renewed courtship to its close, this time for good, he again resorted to playing on his fear of renewed (or constant) madness. . . . This time Pessoa chose to dismiss not only their chances for marriage but even the mere continuation of some sort of relationship. He sent her a poem ("Poema Pial"), just composed, that would have the effect of certifying his mental instability. (35)

As an interpretation it is plausible within the parameters of what was known in 1987 and still remains of interest today. But it also, besides avoiding the issue of Ophelia's agency, imputes motives to Pessoa that simple chronology fails to sustain. This poem could still be read as if it were indeed meant to convince Ophelia of Pessoa's madness and as such dissuade her from entertaining any prospects for a future together given its date of 1930 and the short duration of their second relationship, which Pessoa started breaking already on 29 September 1929, when he announces his need to dedicate himself exclusively to his literary work. However, the other text, the letter sent by Campos, still at the start of their renewed relationship on 9 September 1929, should not be seen as such a threat even if, on its surface, it would appear much more antagonistic, with its injunction for Ophelia to throw away the

image of Pessoa down the sink. Rather, one must see that both texts, the one signed by Campos and the one signed by Íbis, as well as Ophelia's answers directed to both Campos and Pessoa in separate missives, are interlinked plays with that same notion of the "mental image" of the poem that Ophelia supposedly is advised to discard, and to which one perhaps would not be wrong to add the by now famous postcard with Pessoa drinking a glass of red wine and which re-kindled their relationship when he sent it to Ophelia with the playful caption: "Fernando Pessoa em flagrante delitro".

2.

The systematic devaluation of the visual in relation to modernity and modernism has been identified and mapped by Giovanni Cianci in his essay on "The New Critical Demotion of the Visual in Modernism" from 2007. Obviously, as he also points out, there have been many individual studies of this or that writer who have paid attention to visual elements, and here I would like to cite just a few that have been particularly relevant for me, such as Carolin Duttlinger's *Kafka and Photography* (2007) or Rosa Martelo's *O Cinema da Poesia* (2013). Nonetheless, it is still rare to find studies of modernism that take into account the visual unless specifically dedicated to visual arts as such. And there is no comprehensive study of the importance of the visual in modernism, just as usually any such comprehensive studies tend to limit themselves to Anglo-American modernism, only occasionally straying further afield to consider usually highly recognized figures of high modernism such as Kafka or Proust. Even the recent volume specifically on *Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*, edited by Steffen Dix and Jerónimo Pizarro, still shows how overwhelmingly the focus is on the textual rather than the visual. The absence of

Pessoa from more general studies of modernism is an anomaly that can perhaps be explained given the insignificance of Portugal and Portuguese in world affairs and their eccentricity even in the more restricted panorama of European literature, but which it is important to redress as it might serve to reconsider anew some of the predicates of European modernism. The ignorance, not to say downright hostility, on the part of some critics to engage Pessoa in such wider and different perspectives, still holds sway and, in spite of some challenges posed by the incursion of younger scholars into the highly contested field, much ground must still be claimed and it is imperative to watch out for a return to a renewed emphasis on national culture even when bare of nationalist claims. For all of the importance to understand any given writer within his or her specific intellectual tradition – and Pessoa’s was especially broad –, I find it symptomatic when a well-known critic, even with a comparatist background, in a just published review of the latest study of Pessoa, erects a canon of the best five books on Pessoa and excludes all but Portuguese scholars. The inclusion of a book by Eduardo Lourenço, his *Pessoa Revisitado*, or the contemplation of Mário Cesariny’s provocative *O Virgem Negra* ameliorate the charge of conservatism but do not explain the lack of reference to Brazilian, German, and American scholars or even to preeminent Portuguese ones such as Maria Irene Ramalho and José Gil. Or one could consider Rita Patrício’s *Episódios: Da Teorização Estética em Fernando Pessoa* (2012), certainly essential reading for anyone concerned with Pessoa’s relation to aesthetics, and arguably one of the most significant books on Pessoa at the moment, which still does not properly address the question of the image and its importance, or the visual in general in the writings of Pessoa.

Perhaps what I am advocating is not so much a focus on aesthetics – even as that cannot be ignored – as an attention to what Jacques Rancière has termed *aisthesis*, going back to its original meaning as

involving a form of understanding predicated on a synergy of the senses and focusing on the visual, or ocular. In any case, in both *Pessoa's Geometry of the Abyss* (2013) and *O silêncio das sereias* (2015) I tried to start an examination of the importance of the visual and specifically of the image in the *Book of Disquiet*. In both cases I focused on photography and film, and I am aware of the limitations of my own discussion of either medium in relation to Soares. In a sense, it was that very notion of the inadequacy of my work that has propelled me to try to narrow my focus and to enlarge my scope simultaneously. In the studies of the *Book of Disquiet* I was driven primarily by the desire to make sense of that text as a key theoretical text, or, to be more precise, to try to start answering Alain Badiou's call for us to become contemporaries of Pessoa. That is, to accept that Pessoa had already raised some of the key questions of modernity, questions which had not yet been fully answered and to which it should be our task to turn our attention, especially if one values a socially relevant approach to the study of culture in general and of philosophy and literature in particular. At the risk of simplifying too much, let me just briefly cite one of Badiou's key statements on Pessoa, which I tried to develop with the help of other interventions, such as those of Silvina Rodrigues Lopes and Maria Irene Ramalho, and which apply exactly to the process of negation contained in the injunction by Campos for Ophelia to discard the image of Pessoa:

. . . Pessoa is the inventor of a quasi-labyrinthine usage of negation distributed throughout the verse such that there is no guarantee that the negated term can ever be *fixed*. We can thus say that, in contrast to the strictly dialectical usage of negation in Mallarmé, there is in Pessoa a *floating negation* destined to infect the poem with a constant equivocation between affirmation and negation, or rather, that there is a very recognizable species

of affirmative reticence that ultimately vouchsafes that the most explosive manifestations of the power of being come to be corroded by the more insistent renegotiations of the subject. (Badiou 2005: 39)

As part of my reading of the *Book of Disquiet* and its emphasis on images, I had to contend with what must be seen as arguably the most important studies of the time, Walter Benjamin's very well-known essay on "The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction" and his equally important, if less cited, *Arcades Project*. One of my claims is that Pessoa, even a few years before Benjamin, was already grappling precisely with very similar theoretical questions, even if not articulating them in as systematic a way as Benjamin. In many ways the project of the *Book of Disquiet* bears many similarities to Benjamin's *Arcades Project*, especially in its emphasis on the fragmentary as constitutive of modernity. My point is not one of precedence, irrelevant as far as I am concerned, and especially so since Pessoa's texts to a great extent remained unpublished until many decades after. But in pursuing that line of comparison it became evident that much more attention should be paid to the question of the visual in Pessoa. Focusing on Bernardo Soares has allowed me to sketch some provisional and temporary answers to the questions I think Pessoa's own power and intellectual range force us to pose. It also showed the inadequacy of confining the inquiry to Bernardo Soares. Expanding it to other Pessoa texts such as those signed by Álvaro de Campos is a necessary step and even if I might not be able by myself to carry that work through to its logical conclusion given the sheer vastness of materials, I think that by drawing on both Soares and Campos as two of the closest heteronyms to Pessoa himself, it might be possible to expand my own limited field of vision.

3.

On a first impression, references to vision and seeing appear more concentrated and developed in Soares than in Campos. The *Book of Disquiet*, after all, can be seen as Pessoa's most intense theoretical work, beginning with its fragmentation and the impossibility of ever concluding it. For all of Campos' acid take on life, Soares' seemingly more mundane, quiet, and effacing tone might be more radically indicative of an infinite modernity, a modernity rightfully understood as a project still incomplete and always renewed, in Habermasian terms. Campos' strident manifestos in a sense are much more tied to a specific period in time, even if it could be argued that the time for a new radicalism has never been more needed in Europe. For the moment I would like to bracket such conjectures. Indeed, I will limit myself to the assertion that, although understanding and sharing a monumental frustration at witnessing the reactionary and crippling effects of the abuse, devaluation, and then emptying, of the term modernity by conservative elements all across Europe as highlighted by Fredric Jameson in *A Singular Modernity* (2002) and Cristopher Prendergast in "Codeword Modernity" (2003), I retain the hope, deluded as it may be, that lessons might still be drawn from the past and applied towards the future.

The first line of inquiry that must be applied to a consideration of Campos' use of the visual is to try to clarify exactly what is meant by "image" and how Campos uses it. Any writer, but certainly a poet, will always depend on the use of images and metaphors in order to communicate. In the brief letter with which I opened these reflections, Campos asks Ophelia to discard the mental image she has of Pessoa. As such the term "image", as used there, is not properly a concrete object, it is not a photograph or painting or film. Nonetheless such an image is also not a simple metaphor and much less an abstraction. It is meant to stand in for the individual

himself who could not, properly speaking, be discarded down the drain. But neither can the mental image itself – unless what is at stake is understood as a complex process of substitutions, in which the image stands in for the material individual and at the same time also stands in for the representation of such an individual. In other words, this too can be understood as yet another instance of the same process identified by Badiou. Here, the absence of the concrete individual and its replacement by the mental presence of the image is what enables the discarding action Campos recommends to Ophelia and which, in a sense, is part and parcel of that other substitution of a presence by an absence, the letter for the person, Campos for Pessoa.

Even if perhaps less numerous or less developed in Campos than in Soares, the references to vision, to eyes, to seeing, to images, even directly to photography and cinema, are very frequent. As such, I think that even though not to be categorically separated from the use of metaphors, the reliance on more concrete forms of images in the discourse of Campos offers a more assured line of inquiry. At the same time, I would also like to bring in dreaming in connection with the visual, as I did in the case of the *Book of Disquiet*, since dreams are often presented as a kind of imaging process. In this regard I think that a comparison to other European modernists might also be profitable. Indeed, given the fact that modernity has been associated so strongly with different forms of large scale social dreams, the varied utopias and dystopias on the left and right, as well as with the radical understanding of the Self emblemized in Freud's work on dreams, it is only strange to think that dreaming has not yet been made a major element for any study of modernism as a whole. Laura Marcus, who is one of the few to call attention to the visual in modernism, in her just published *Dreams of Modernity: Psychoanalysis, Literature, Cinema* (2014), promises to start changing that particular gap, even if still somewhat limited in scope. Of all

references to dreams in Campos is there any better known than the opening of “Tabacaria”?:

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. (199)

The references to dreams are never far from an understanding of dreaming as a visual form of knowing as when, in the second of the “Two Fragments of Odes”, we read: “Platão, sonhando, viu a idea de Deus” (61). Dreaming, both good and haunting, is a privileged way of being, as in this verse of “Ode Marítima”: “E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias” (89), or in “Ode Marcial”:

Eu o proprio abysmo que sonhei,

Eu, que via em tudo caminhos e atalhos de sombra

E a sombra e os caminhos e os atalhos estavam em mim!

Ah, estou liberto. . .

Mestre Caeiro, voltei á tua casa do monte

E vi o mesmo que vias, mas com meus olhos,

Verdadeiramente com meus olhos,

Verdadeiramente verdadeiros. . .

Campos’ relationship to the outside world is preeminently visual:

Chego á janella e vejo a rua com uma nitidez absoluta.

Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,

Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,

Vejo os cães que tambem existem. (203)

But so is memory, which practically always is expressed as a form of seeing again, as this mention of the memory of his master Caeiro makes more than clear: “Meu mestre, meu mestre, perdido tão cedo! Revejo-o na sombra que sou em mim, na memória que conservo do que sou de morto... (454).

The weariness so typical of Campos is extremely well condensed in a poem, signed by Pessoa himself, with the suggestive title of “Dreams, Systems, Ideals...” In this brief poem the importance of vision is again inescapable:

Fito a água insistente contra o cais,
E, como flocos de um papel rasgado,
A ela dando-os como a um justo fado,
Sigo-os com olhos em que não há mais
Que um vão desassossego resignado.

Fredric Jameson, who has written extensively on both modernity and film, has never paid special attention to how the visual is constitutive of modernism itself. Nonetheless, in *Signatures of the Visible* (1992), he advances a series of reflections on the visual that I would like to draw on, not for a study of film but in order to apply to Campos and Pessoa’s use of the visual as a form of being and being in modernity. Jameson typically starts with a rhetorical flourish when he says that “[t]he visual is *essentially* pornographic,” a deliberately excessive claim that can be left for that – even though Campos at one point also maintains that “seeing, for him, is a sexual perversion”: “Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!” (53). Seeing, as Jameson maintains, has become pervasive of our contemporary society and in a sense already was becoming in Pessoa’s time. To a certain extent perhaps, the denigration of the visual in mid-century might not have been anything more than a belated reaction to what was coming to dominate our modes of perception. Jameson’s preoccupation with

an ontology of the present, which would “demand archaeologies of the future, not forecasts of the past” (Jameson 2002: 215), is already adumbrated by Campos too when he deploys yet another form of seeing: “Ólho e o passado é uma especie de futuro para mim” (I look and the past is a kind of future for me) (63). Vision and fields, the vision of fields, for Campos, and for Pessoa, is not just a form of relating to reality and to the past but also of knowing and dreaming all his possible selves, of multiplying the fields of vision: “Funde n’um campo teu todos os campos que vejo” (Fuse in a field of your own all the fields that I see, 57).

Works cited

- Badiou, Alain. “A Philosophical Task: To Be Contemporaries of Pessoa.” *Handbook of Inaesthetics*. Trans. Alberto Toscano. Stanford, CA: Stanford University Press, 2005. 36-45. Print.
- Benjamin, Walter. “The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction.” *Illuminations*. Ed. Hannah Arendt. Trans. Harry Zohn. New York: Schocken, 1968. 217-56. Print.
- . *The Arcades Project*. Trans. Howard Eiland and Kevin McLaughlin. Cambridge, MA: The Belknap Press, 2002. Print.
- Cianci, Giovanni. “The New Critical Demotion of the Visual in Modernism.” *Modernism*. Eds. Astradur Eysteinnsson and Vivian Liska. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2007. 451-467. Print.
- Dix, Steffen and Jerónimo Pizarro. *Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*. Oxford: Legenda, 2011. Print.
- Duttlinger, Carolin. *Kafka and Photography*. Oxford: Oxford University Press, 2007. Print.
- Klobucka, Anna. “Together at Last: Reading the Love Letters of Ophelia Queiroz and Fernando Pessoa.” *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality*. Eds. Anna Klobucka and Mark Sabine. Toronto: Toronto University Press, 2007. 224-241. Print.
- Jameson, Fredric. *Signatures of the Visible*. New York: Routledge, 1992.
- . *Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present*. London: Verso, 2002. Print.
- Marcus, Laura. *Dreams of Modernity: Psychoanalysis, Literature, Cinema*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. Print.
- Martelo, Rosa Maria. *O Cinema da Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. Print.

- Medeiros, Paulo de. *Pessoa's Geometry of the Abyss: Modernity and the Book of Disquiet*. Oxford: Legenda, 2013. Print.
- . *O silêncio das sereias*. Lisboa: Tinta da china, 2015. Print.
- Monteiro, George. "Ophelia's Lovers". [1987]. *Pessoa Plural*. 4 (2013). 31-46. Print.
- Patrício, Rita. *Episódios: Da teorização estética em Fernando Pessoa*. Famalicão: Edições Húmus / Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2012. Print.
- Pessoa, Fernando. *Álvaro de Campos. Obra Completa*. Eds. Jerónimo Pizarro and Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta da china, 2014. Print.
- . *Fernando Pessoa and Co.: Selected Poems*. Transl. Richard Zenith. New York: Grove Press, 1998. Print.
- Rancière, Jacques. *Aisthesis: Scenes from the Aesthetic Regime of Art*. London: Verso, 2013. Print.
- Ventura, Susana. "Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos: um percurso pela construção do album". *Pessoa Plural* 5 (2014). Web. 04.01.2015.
- Ventura, Susana and Guazzelli, Eloar. *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos [I, Fernando Pessoa: A Graphic Text]*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013. Print.

(Página deixada propositadamente em branco)

**FALTA UMA CITAÇÃO DE SÉNECA:
SOBRE UM PRETENSO POEMA PARA CRIANÇAS**

Jerónimo Pizarro

Resumo: Há um célebre poema de Fernando Pessoa que anda há muito tempo “perdido” em livros para crianças, embora tivesse sido censurado em 1935 e fosse o primeiro poema antissalazarista desse ano. Trata-se de “Liberdade”, que continua a ser reeditado com alguns erros de transcrição e de contextualização em diversos lugares.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; “Liberdade”; Séneca; Salazar; Manuela Nogueira; Luís Prista; José Barreto.

Abstract: There is a famous poem by Fernando Pessoa which may be found in children’s books, even though it was censored in 1935 and was the first anti-Salazarist poem to appear that year. Its name is “Liberty”, and it continues to be re-edited with some transcription and contextualization mistakes in several places.

Keywords: Fernando Pessoa; “Liberdade”; Seneca; Salazar; Manuela Nogueira; Luís Prista; José Barreto.

Há um poema de Fernando Pessoa que recentemente incluí numa antologia de 18 poemas (*Todos los sueños del mundo*, 2012) e que já antes apresentei numa exposição (“Fernando Pessoa: el mito y las máscaras,” 2011), porque se trata de um poema que sempre considere um dos grandes poemas ortónimos, embora não dispusesse ainda dos dados para o compreender plenamente e embora não seja um poema propriamente musical e da mesma índole das composições mais simbolistas do livro *Cancioneiro*, obra que Pessoa tanto projetou e nunca publicou. Falo do poema “Liberdade”, escrito no ano da morte do poeta, 1935, que começa com uma mnemónica remetendo para uma citação inexistente: “(falta uma citação de Séneca)”. A maioria das edições, incluindo a edição crítica, omite essa nota, porque não sendo parte do poema, mas apenas “uma marcação que o poeta substituiria pela efetiva epígrafe” (Prista, *apud* Pessoa 2000: 441), parece carecer de interesse. Eu próprio imaginei outrora um jogo, e sugeri, numa nota, que a ausência dessa citação podia ser interpretada como um gesto de liberdade: “poderia ser um vazio deliberado, uma das ‘liberdades’ do autor de ‘Liberdade’” (Pessoa 2012: 129). E durante algum tempo, atendendo à minha perplexidade, utilizei-me do poema de 16 de março de 1935 para discutir com os meus alunos essa famosa tríade da crítica literária que Umberto Eco revisitou: a intenção do autor, a intenção do texto e a intenção do leitor (Eco *et al.*). Qual seria, perguntava, o sentido do poema, quer pensando no autor, quer pensando no texto, quer pensando no leitor? E sempre nos quedámos sem uma boa explicação para essa nota introdutória que todos supúnhamos, como Luís Prista, ser uma “nota para posterior substituição pela verdadeira epígrafe, alguma frase de Séneca que o poeta viesse a lançar ainda” (Prista 220).

Relembro aqui o poema, repondo essa indicação que tantas edições rasuraram:

LIBERDADE

(falta uma citação de Sêneca)

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doura
Sem literatura.
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tam naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa.

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando ha bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças. . .
Mas o melhor do mundo são crianças,
Flores, musica, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca. . . (118-55)¹

Este poema parece convidar ao ócio, menosprezando o estudo, ao mesmo tempo que sugere, num tom que muito lembra a poesia de Alberto Caeiro, que “O sol doura | Sem literatura,”² motivos pelos quais eu sempre apreciei discutir estes versos com os estudantes de literatura. Sempre nos detínhamos nas herméticas referências a D. Sebastião e a Jesus Cristo, e muitas interpretações do poema baseavam-se na redenção e no messianismo. Alguns alunos punham ênfase no mundo da infância e “rendiam-se,” tal como Manuela Nogueira, sobrinha de Pessoa, a um verso do poema, “Mas o melhor do mundo são crianças,” que parecia a epígrafe perfeita para um livro dedicado à infância. Foi, de resto, Manuela Nogueira que intitulou uma antologia de pretensos poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância com a frase: *O Melhor do Mundo são as Crianças* (1998),³ acrescentado o artigo definido antes de “crianças” que não existe no verso original, tal como Luís Prista assinalou (222). Mas seria o poema uma celebração da infância e essas referências mais

¹ No verso da folha figuram duas notas: “Quando essa typa William Shakespeare | Ia a cambalar p’ra casa” e “There is no reason to suppose that I am worse. . .” (118-55v).

² “Doura” ou “doira”. Nos testemunhos autógrafos figura “doura”, embora o dactiloscrito citado já contivesse formas menos arcaizantes: “biblioteca,” “Cristo,” “indistinta,” “literatura” e “crianças” versus “biblioteca,” “Christo,” “indistincta,” “literatura” e “creanças;” e, ainda, “coisa,” contra “cousa” (*apud* Prista 220-221).

³ Na primeira parte do livro, a autora faz uso, “sem nunca a citar,” como explica de forma pormenorizada Luís Prista (221-222), de “uma colectânea brasileira de dez poemas que Fernando Pessoa escreveu pensando nas crianças;” trata-se da antologia organizada por João Alves das Neves, *Comboio, Saudades, Caracóis*, com desenhos de Cláudia Scatamacchia e publicada em São Paulo por FTD em 1988. A segunda edição de *O Melhor do Mundo são as Crianças* (1998) intitula-se *O Meu Tio Fernando Pessoa* (2015) e também contém, na p. 66, o poema “Liberdade.”

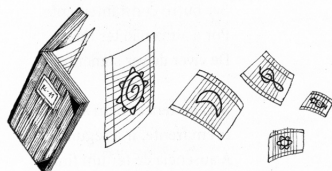
cultas ao sebastianismo e ao cristianismo simples alusões que qualquer criança portuguesa poderia entender? Até onde pode ir, aliás, a liberdade de um crítico, quer seja mais conservador, como Eco, ou mais irreverente, como Derrida?

Curiosamente, na esteira de Manuela Nogueira, muitos outros compiladores incluiriam o poema “Liberdade” em seleções de poemas para crianças. O poema figura em, pelo menos, quatro livros que hoje fazem parte da biblioteca da Casa Fernando Pessoa, como José Correia me informou em 2014:⁴

FERNANDO PESSOA - O MENINO DA SUA MÃE

Liberdade

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doira
Sem literatura.



O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

78

⁴ Manuela Nogueira. *O Melhor do Mundo são as Crianças. Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, 7; Amélia Pinto Pais. *Fernando Pessoa, O Menino da sua Mãe*. Porto: Ambar, 2007; Porto: Areal Editores (com novas ilustrações), 2011, 78-79; José António Gomes. *Poesia de Fernando Pessoa Para Todos*. Ilustrações de António Modesto. Porto: Porto Editora, 2008, 21; Manuela Júdice. *O Meu Primeiro Fernando Pessoa*. Ilustrações de Pedro Proença. Lisboa: Dom Quixote, 2007 s/n.º de pp.

Para ganhar a vida, Fernando Pessoa trabalhava em escritórios a escrever cartas em inglês e a fazer traduções. Mas isto não era coisa de que gostasse muito.



Liberdade

*Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada.
Estudar é nada.
O sol doira
Sem literatura.*



*O rio corre bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa...*

(Ilustrações respetivamente em Pais 2011 e Júdice 2007)

LIBERDADE

(falta uma citação de Seneca)

Ai que prazer
 Não cumprir um dever,
 Ter um livro para ler
 E não o fazer!
 Ler é maçada,
 Estudar é nada.
 O sol doura
 Sem literatura.
 O rio corre, bem ou mal,
 Sem edição original.
 E a brisa, essa,
 De tão naturalmente matinal,
 Como tem tempo não tem pressa.

Livros são papéis pintados com tinta.
 Estudar é uma coisa em que está indistinta
 A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando ha bruma,
 Esperar por D. Sebastião,
 Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
 Mas o melhor do mundo são crianças,
 Flores, musica, o luar, e o sol, que peca
 Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
 É Jesus Cristo,
 Que não sabia nada de finanças
 Nem consta que tivesse biblioteca...

FERNANDO PESSOA

16-3-1935.



Testemunho dactilografado do poema "Liberdade"
 (Pessoa 2000: 194-195; cota 118-55^r)

Os meus alunos, confesso, sempre ficavam um tanto perplexos quando eu, a certa altura, explicava que o poema fazia parte de muitos livros para crianças publicados nos países de língua portu-

guesa, pois nem todos consideravam o poema infantil e adivinhavam nele alguma ironia. Qual seria a leitura mais correta de “Liberdade”? Nunca chegávamos a um consenso, nem tínhamos de chegar.

Há alguns meses revi um documentário (*Poesia de Segunda Categoria*, 2012) acerca do prémio de segunda categoria que o governo de António de Oliveira Salazar concedeu a *Mensagem* (1934), o único livro publicado em vida por Fernando Pessoa – os *English Poems* são muito pequenos para tecnicamente serem considerados um livro – e a certa altura do discurso da entrega dos prémios, em que Salazar anuncia a censura de certas liberdades, ouço, da boca do ator que interpretava Salazar, uma citação de Séneca. Ainda na sala, enviei uma mensagem do meu iPhone para José Barreto: “Qual é a frase de Séneca citada por Salazar na entrega dos prémios literários de 1934?”. A resposta teve em mim um efeito de *eureka*: “Excerto do texto lido por Salazar na entrega dos prémios em 21 Fev. 1935, justificando a censura e a imposição de directrizes aos escritores e artistas: ‘. . . Mas virá algum mal ao mundo de se escrever menos, se se escrever e, sobretudo, se se ler melhor? Hoje, como na crítica de Séneca, em estantes altas até ao teto, adornam o aposento do preguiçoso todos os arrazoados e crónicas.’”⁵ Esta frase será, seguramente, a citação que Pessoa desejou incluir no cabeçalho de “Liberdade.” Também as datas batem certo: o discurso é de 21 de fevereiro, o poema de 16 de março de 1935. Há um outro dado muito importante que talvez tenha sido esquecido durante muito tempo: Jorge de Sena, que publicou um famoso tríptico de poemas anti-salazaristas em *O Estado de São Paulo* a 20 de Agosto de 1960 – “Antonio de Oliveira Salazar”, “Este senhor Salazar” e “Coitadinho” – esclareceu, em 1974, o seguinte: “Nos papéis de Fernando Pessoa (não na lendária mala, mas numa outra que a família do poeta generosamente nos

⁵ Comunicação pessoal. Anterior à publicação de *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar* (2015).

facultou examinar e que até então era desconhecida) encontramos há uns anos esta tripla sequência, juntamente com o poema ‘Liberdade’ (que foi publicado na *Seara Nova*, em 1937), com a sátira ‘Sim, é o Estado Novo, e o Povo’“ (255).

(Incluo aqui, necessariamente, um relevante parêntese: o meu *eureka*, experimentado na sala de projeção, durou apenas umas poucas semanas, visto que eu apenas vim reencontrar o que Luís Prista havia já descoberto, entre 2000 e 2003, e publicado no artigo que aqui citei e que o próprio me deu em 2005, na Biblioteca Nacional de Portugal. Eu havia lido o artigo, mas esquecera-o parcialmente: recordava-me bem do texto pelas suas críticas ao livro de Manuela Nogueira – que conheci, precisamente, em 2005 – e não pela descoberta da frase de Séneca. Fascinava-me esse texto minucioso por criticar em tantas páginas a ausência do artigo “as” antes de “crianças”, e a minha memória não reteve essa outra questão tão preciosa: a descoberta da epígrafe em falta. Enfim. Avancemos. . .)

O poema “Liberdade”, que teve uma circulação clandestina em 1935 e que foi bem compreendido pelos diretores da revista *Seara Nova*, que só em 1937 conseguiram que o poema fosse aceite pela censura, passou a ser lido como um poema menos irónico, mais ligeiro e até pedagógico após a publicação, por Manuela Nogueira, do livro *O Melhor do Mundo são as Crianças* (1998), que viria a induzir em erros subsequentes. Descontextualizado, desmaterializado, despossuído da epígrafe e inserido em livros de tiragem comercial, “Liberdade” deixou de ser um hino a favor da Liberdade, uma bandeira anterior à Revolução dos Cravos, e converteu-se num poema que demonstrava quão bom era Pessoa com as crianças e quanto gostava delas. Não desejo aqui afirmar o contrário, mas parece-me que este caso exemplifica bem até que ponto o sentido de um texto, e nomeadamente de textos políticos, dificilmente pode ser inferido sem atender à história e ao contexto da publicação e da circulação do escrito, já não falando da importância filológica do local de

pouso, da localização de uma folha num arquivo e das características materiais de todo o escrito.

Para esclarecer estes pontos, o artigo de Luís Prista, “O melhor do mundo não são as crianças,” já tantas vezes citado – voltei a lê-lo enquanto escrevia este texto – parece-me decisivo. Primeiro, Prista resgata um testemunho de Pedro da Silveira, que é importante porque prova que o poema “Liberdade” foi escrito para ser publicado e que foi rejeitado pela censura em 1935, antes de ter sido publicado em 1937. Este é o testemunho, publicado em julho de 1974, depois da revolução de 25 de Abril:

Hoje, é finalmente possível revelar-se a esse respeito o que antes de 25 de Abril era de todo impossível. Pelo menos desde 1932, um dos jovens amigos de café de F. Pessoa era Manuel Mendes. Foi a ele que o poeta entregou o poema “Liberdade”, acabado de passar à máquina, para que, se assim o entendesse, e na *Seara* o quisessem, lá saísse. Quiseram; mas o lápis do censor, ante a última estância (*O mais do que isto | E Jesus Cristo, | Que não sabia nada de finanças | Nem consta que tivesse biblioteca. . .*), embirrou com o terceiro verso dela: “. . . não sabia nada de finanças”. Entenderia o tropa que manejava o lápis que era uma alusão a. . . Salazar. Só dois anos corridos outro censor deixou passar.

É esta a história, sem dúvida edificante, de Fernando Pessoa ter sido um ‘seareiro’. . . póstumo. (“Nota adicional” a Jorge de Sena, “Quatro poemas anti-salazaristas de Fernando Pessoa”. *Seara Nova* 1545 (Julho 1974): 20, *apud* Prista 224)

Pessoa poderia, portanto, ter sido searista, e só não o foi devido ao poder da censura. Em segundo lugar, Prista estabelece uma cronologia muito esclarecedora do ano de 1935 (231):

19 de Janeiro	É apresentado o projeto de lei das Associações secretas
4 de Fevereiro	Fernando Pessoa publica o artigo “Associações Secretas”
21 de Fevereiro	Salazar discursa na sessão dos prémios do SNP
14 de Março	Artigo de Rolão Preto fecha a polémica na imprensa
16 de Março	“Liberdade”
segunda década de Março	“Salazar é mealheiro”
29 de Março	“António de Oliveira Salazar”
29 de Março	“Este senhor Salazar”
29 de Março	“Coitadinho”
4 de Abril	“Mata os piolhos maiores”
5 de Abril	Discussão e aprovação do projeto de lei
depois de 5 de Abril	“Solemnemente”
[1935]	“À Emissora Nacional”
29 de Julho	“Sim, é o Estado Novo, e o povo”
18 de Agosto	“Dizem que o Jardim Zoológico”
[segundo semestre]	“Eu falei no “mar salgado””
8 de Novembro	“Meu pobre Portugal”
8-9 de Novembro	“Poema de amor em estado novo”
30 de Novembro	Morre Fernando Pessoa

Como pode constatar-se, os poemas anti-salazaristas de Pessoa – os mais conhecidos – datam de 29 de março de 1935; e “Liberdade” está datado de 16 de março desse mesmo ano. Tal bastaria para estar de acordo com uma apreciação de José Barreto: “Na minha opinião, ‘Liberdade’ não é um poema anti-salazarista da estirpe dos outros que se vão seguir, embora contenha farpas ao ditador e tenha sido suscitado pelo discurso do dito. Ou seja: é muito menos

explícito, é um bocadinho hermético em comparação com os poemas satíricos de 1935 sobre Salazar. É que este poema era mesmo para publicar, como também o prova a circunstância de a ortografia do dactiloscrito (118-55^r) ser diferente da habitual. Os outros poemas anti-salazaristas de 1935 nunca poderiam ter sido publicados, como é óbvio.”⁶ De facto, “Liberdade” parece abrir o caminho para uma espantosa antologia de poemas mais ou menos políticos que Pessoa, para se proteger, deixou guardados nas suas arcas e apenas partilhou com alguns amigos.

Refira-se, por último, a importância histórica que Pessoa deu ao discurso que Salazar proferiu a 21 de fevereiro de 1935, na distribuição de prémios no Secretariado de Propaganda Nacional, evento a que não assistiu. Num rascunho de carta de 30 de outubro de 1935 para Adolfo Casais Monteiro, Pessoa escreve (e parece próximo do George Orwell de *Animal Farm*) que, desde esse discurso de Salazar, “ficámos sabendo, todos nós que escrevemos, que estava substituída a regra restrictiva da Censura, ‘não se póde dizer isto ou aquillo’, pela regra sovietica do Poder, ‘tem que se dizer aquillo ou isto’” (Pessoa 1998: 282; cota 114¹-36). E acrescenta: “Em palavras mais claras, tudo quanto escrevermos, não só não tem que contrariar os princípios (cuja natureza ignoro) do Estado Novo (cuja definição desconheço), mas tem que ser subordinado às directrizes traçadas pelos orientadores do citado Estado Novo” (*idem*). Ou como afirma numa outra carta incompleta e nunca enviada, esta dirigida ao general Óscar Carmona, reeleito presidente sem opositor a 17 de Fevereiro de 1935, “Até aqui a Dictadura não tinha tido o impudor de, renegando toda a verdadeira politica do espirito – isto é, o pôr o espirito acima da politica – vir intimar quem pensa a que pense pela cabeça do Estado, que a não tem, ou de vir intimar quem trabalha a que trabalhe com a douta animalidade da Camara Corporativa

⁶ Comunicação pessoal.

livremente como lhe mandam” (*apud* Cunha 126; cota 92M-33^f). Para Fernando Pessoa, o discurso de Salazar, a 21 de fevereiro de 1935, marcou uma clivagem histórica. Foi o momento em que a “douta animalidade” dos cerdos começou a impor diretrizes e a alterar os sete mandamentos, para evocar de novo o romance de Orwell...

Tendo presente este contexto, e não esquecendo que Salazar foi nomeado ministro das finanças, não ecoa, porventura, diferente a leitura dos versos finais do poema?

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca. . .

Jesus Cristo, por oposição a Salazar, “não sabia nada de finanças” – supondo que Salazar tivesse sido um bom regente da cadeira de Economia Política e Finanças e um bom ministro – e, independentemente, da douta ignorância dos políticos, em tempos de nevoeiro, diz Pessoa, o melhor seria esperar por um super-Camões sebástico:

Quanto é melhor, quando há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Em “Liberdade”, Pessoa assume ironicamente o papel do “preguiçoso” da tal citação de Séneca lançada por Salazar (“em casa dos sujeitos mais preguiçosos poderás encontrar tudo quanto há de discursos e de obras históricas em prateleiras que se erguem até ao tecto”⁷), tal como assumirá, no tríptico anti-salazarista, o papel do

⁷ Recorro à tradução – suprimindo apenas algumas repetições que procuram tornar o texto mais claro – do professor José António Segurado e Campos (*apud* Prista 238).

“Sonhador nostálgico do abatimento e da decadência” (baseado num trecho acusador do mesmo discurso de Salazar). Mais tarde virá a assinar o “Poema de amor em Estado Novo” – devo esta indicação a José Barreto – com uma outra acusação feita pelo poder salazarista à oposição: “o demoliberalismo Maçónico-comunista.” Nos poemas de 1935 já referidos, Pessoa não nega essas acusações, pelo contrário, assume-as, numa atitude de provocação, como quem diz: “Sou isso mesmo, e depois?” Compreendido deste modo, numa interpretação de José Barreto que subscrevo, o poema “Liberdade” torna-se um elogio provocatório da preguiça de que o ditador acusa os intelectuais da oposição. Não é um poema de combate aberto, como os outros, mas sim um poema de provocação velada.

Ora então, o suposto poema para a infância é, afinal, um poema para adultos inspirado pelo discurso de Salazar de 21 de fevereiro de 1935? A resposta inequívoca é sim. Dito isto, convém ainda esclarecer algumas questões referentes às nossas liberdades póstumas. Não querendo negar nem censurar, de forma alguma, outras leituras do texto, parece-me evidente que todo o trabalho crítico que não exclua a citação de Séneca – e um crítico poderá sempre argumentar que Pessoa, o próprio, não a inseriu – deverá partir de dois factos incontornáveis: a citação de Séneca (que Salazar foi buscar à obra *Da Tranquilidade da Alma*) e a alusão às “finanças” constante da última estrofe do poema remetem, sem sombra de dúvida, para Salazar e para o seu discurso de 21 de fevereiro de 1935. Neste contexto, a pergunta colocada por Prista (“Por que motivo não chegou o poeta a dactilografar a citação?”) é, sem dúvida, pertinente e até fascinante, mas talvez nunca chegue a encontrar resposta. Prista arrisca duas hipóteses: “Talvez porque buscasse a exacta frase em latim. Ou, porque quisesse Pessoa brincar com a erudição de Salazar, “alta uma citação de Séneca’ assumia a incapacidade de citar clássicos e era portanto remoque a constar na publicação?” (237). Eu admito, simplesmente, que não tivesse o poeta chegado a localizar a frase

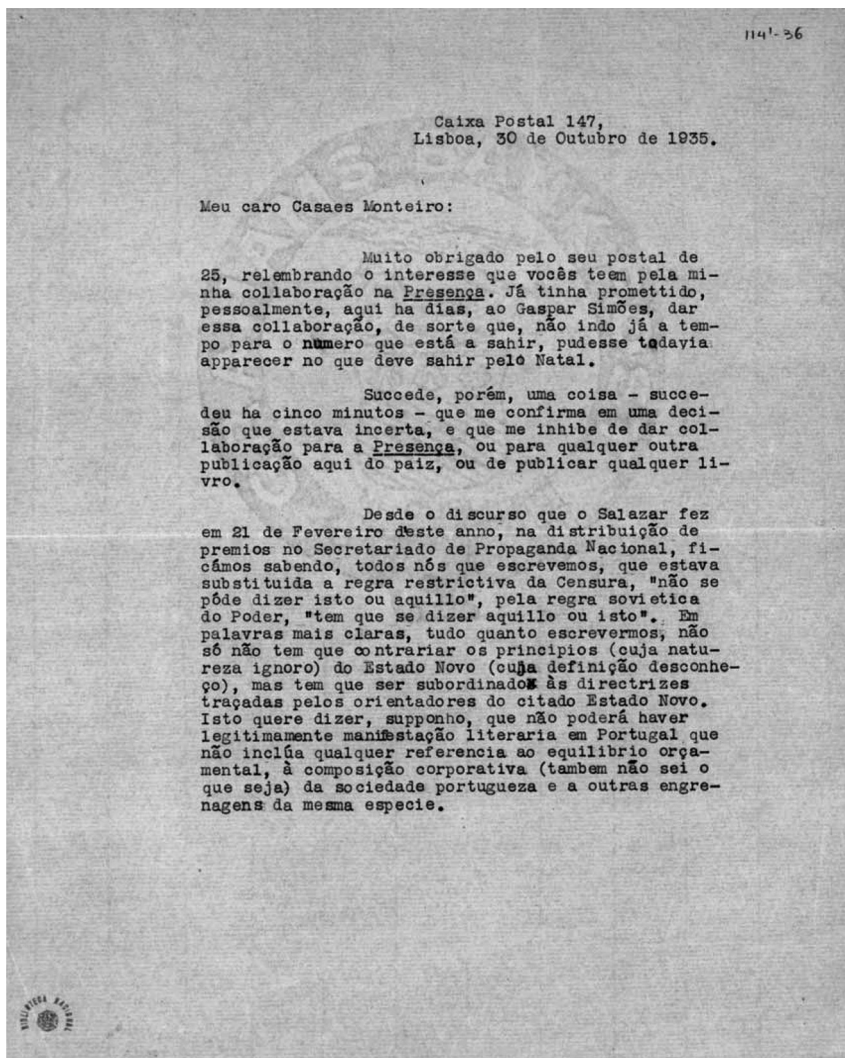
original, posto que o livro de Séneca não consta da sua biblioteca particular.⁸ Seja como for, parece-me hoje claro que esta epígrafe teria de ser localizada – como, aliás, aconteceu – mais nos discursos de Salazar, do que nas obras do moralista romano, como fez, de resto, Richard Zenith, que sugeriu como possível epígrafe uma passagem da carta 51 das *Cartas a Lucílio*: “Sabes em que consiste a liberdade? Em não ser escravo de nada, de nenhuma necessidade, de nenhum acaso; em lutar de igual para igual com a fortuna” (*apud* Pessoa 2006: 485).⁹ E o que faremos agora com este poema perturbador? Retirá-lo-emos dos manuais escolares e das antologias de divulgação?¹⁰ Espero que não. Seria esse um inestético gesto ditatorial. Porém, parece-me claro que os leitores desses livros ganhariam com a inserção, no *corpus* do poema, da citação de Séneca, com a correta fixação de alguns versos e com uma mínima contextualização do texto. Nas escolas poder-se-ia, então, começar a escrever,

⁸ Veja-se esta passagem do artigo de Luís Prista: “Chegaria Pessoa a procurar o trecho latino em livros da sua biblioteca pessoal? Na estante que foi do poeta e está hoje na Casa Fernando Pessoa há três volumes com obras de Lúcio Aneu Séneca – os dois tomos de *Seneca’s Tragedies (with an English translation by Frank Justus Miller*, London-New York, William Heinemann-G. P. Putnam’s Sons, 1917) e um livro que inclui o opúsculo *Apocolocyntosis (with an English translation by W. H. D. Rouse*; London-New York, William Heinemann-G. P. Putnam’s Sons, 1916; a primeira parte do volume é para Petrônio, com tradução de Michael Heseltine) –, nenhum com sublinhados ou notas por Pessoa. Também não seria aí que podia encontrar a frase que interessava, a qual pertence ao diálogo *De tranquillitate animi* (caps. 9 e 7), “Apud desidiosissimos ergo uidebis quidquid orationum historiarumque est, tecto tenus exstructa loculamenta” (238).

⁹ Zenith corrigiu essa informação em 2013; veja-se o resumo de um evento que decorreu na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, intitulado “Fernando Pessoa e o Estado Novo”: <http://bookcasefilms.blogspot.pt/2013/02/debate-na-fcsh-fernando-pessoa-e-o.html>

¹⁰ Recupero aqui uma nota do artigo de Luís Prista: “Na sua tese de mestrado, *A Antologia Escolar no Ensino do Português* (Braga, Universidade do Minho, 1987), Maria Sousa Tavares elenca os textos frequentes em antologias do 7.º ano de escolaridade e do antigo 3.º ano liceal, de 1905 a 1979, e com relance depois até 1985. Num dos cânones que colige, relativo aos períodos posteriores ao 25 de Abril de 74, ‘Liberdade’ é o poema de Fernando Pessoa que os manuais mais seleccionam, e o 21.º entre os textos de todos os autores. . . . Tenha-se em conta que os programas do 7.º ano de escolaridade, ao contrário do que acontece em outros níveis de ensino, nem obrigam à leitura de textos de Pessoa” (221).

em jeito de exercício, poemas provocatórios contra diversos tipos de regimes autoritários, disfarçados de poemas para a infância. Não foi Pessoa um fingidor e não poderemos nós ensinar, com proveito, o fingimento às crianças? Deixemos o repto no ar.



Rascunho de carta para Adolfo Casais Monteiro
(Pessoa 1998: 282; cota 114¹-36^r)

Obras citadas

- Cunha, Teresa Sobral. “Fernando Pessoa em 1935. Da ditadura e do ditador em dois documentos inéditos”, *Colóquio-Letras* 100 Novembro - Dezembro 1987: 123-131. Web.
- Eco, Umberto *et al.* *Interpretation and overinterpretation*. Ed. Stefan Collini. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1992. Print.
- Nogueira, Manuela. *O Meu Tio Fernando Pessoa*. Prefácio de Richard Zenith. Famalicão: Centro Atlântico, 2015. Print.
- Pessoa, Fernando. *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa, 2015. Print.
- . *Associações Secretas e Outros Escritos*. Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa, Nova Série, 2011. Print.
- . *Poesia do Eu*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim. Obra Essencial de Fernando Pessoa, Volume II, 2006. Print.
- . *Poemas 1934-1935*. Edição de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, Volume I, Tomo V, 2000. Print.
- . *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da “Presença”*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Branca [“Estudos”], Volume II, 1998. Print.
- Pessoa, Fernando; Barba-Jacob, Porfirio. *Todos los sueños del mundo | Todos os sonhos do mundo. Poemas*. Edição bilingue com prefácio e notas, Jerónimo Pizarro. Trad. Jerónimo Pizarro e Gastão Cruz; colaboração, Paloma Fernández. Medellín: Tragaluz, 2012. Print.
- Prista, Luís. “O melhor do mundo não são as crianças”, Eds. Ivo Castro e Inês Duarte. *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003: 217-238. Print.
- Saraiva, Arnaldo. “Fernando Pessoa e Jorge de Sena”, *Persona*, n.º 5, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, Abril de 1981: 23-37. Print.
- Sena, Jorge de. “Os poemas de Fernando Pessoa contra Salazar e contra o Estado Novo” [1974], em *Fernando Pessoa & Cª Heterónima (estudos coligidos 1940-1978)*. Terceira edição revista e aumentada [1.ª ed. 1982]. Lisboa: Edições 70, 2000: 255-261. Print.
- Sousa, João Rui de “Fernando Pessoa e o Estado Novo”, *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 310 14 de Junho 1988: 10-13. Print.

(Página deixada propositadamente em branco)

Ó SINO DA ALDEIA DE QUEM?

Richard Zenith

Resumo: Na sua carta de 11/XII/1931 a João Gaspar Simões, Fernando Pessoa avisou-lhe, de forma categórica: “Nunca senti saudades da infância”. Explicou que as saudades expressas pelas suas obras eram «atitudes literárias, sentidas intensamente por instinto dramático” e indicou, como exemplo deste fenómeno, o poema “Ó sino da minha aldeia”. Imbatível, JGS vai citar o mesmo poema, logo no início da sua *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (1950), como uma prova de que o poeta, pela vida adulta fora, é “saudoso de um passado que é como que o único oásis entrevisto no grande deserto da sua vida – saudoso da sua infância”. Apresentam-se provas de que o referido poema, longe de ser inspirado na infância de Pessoa, deve a sua existência a composições de poetas do século XIX, como Luís Augusto Palmeirim e João de Lemos. Revela, de facto, o forte “instinto dramático” com que Pessoa, a partir de tópicos banais (como o da saudade de infância), conseguia fazer grande poesia.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; João Gaspar Simões; João de Lemos; Luís Augusto Palmeirim; Maria Aliete Galhoz.

Abstract: In his letter of 11/XII/1931 to João Gaspar Simões, Fernando Pessoa categorically stated: “I have never felt nostalgia for my childhood.” The expressions of nostalgia in his works were “literary attitudes, felt intensely by dramatic instinct”, and as an example of this phenomenon he pointed to the poem “O church bell of my village”. Undaunted, JGS would cite that very poem at the beginning of his 1950 biography as proof that the poet, throughout his adult life, is “nostalgic for a past that’s like the only oasis he can make out in the vast desert of his life – nostalgic for his childhood.” I show that the said poem, far from being inspired by Pessoa’s childhood, owes its existence to poems by 19th-century poets such as Luís Augusto Palmeirim and João de Lemos. It reveals, in fact, the strong “dramatic instinct” that enabled Pessoa to produce great poetry out of hackneyed topics such as nostalgia for one’s childhood.

Keywords: Fernando Pessoa; João Gaspar Simões; João de Lemos; Luís Augusto Palmeirim; Maria Aliete Galhoz.

1.

Em 11 de dezembro de 1931, Fernando Pessoa escreveu uma carta a João Gaspar Simões com uma longa apreciação crítica do seu livro ensaístico *O Mistério da Poesia*, publicado nesse mesmo ano. Aponta o freudianismo que transparece nas análises literárias feitas pelo jovem diretor da *Presença*, incluindo naquela que incide sobre a sua própria obra, no capítulo “Fernando Pessoa e as Vozes da Inocência”.¹ A dada altura, nessa carta, pergunta-lhe: “Tem você

¹ O ensaio sobre Pessoa incluído nesse volume já tinha sido publicado na *Presença*, n.º 29, novembro-dezembro de 1930.

a certeza, só porque eu o digo e repito, que tenho saudades da infância. . .?” E afirma: “Nunca senti saudades da infância; nunca senti, em verdade, saudades de nada. Sou, por índole, e no sentido direto da palavra, futurista. Não sei ter pessimismo, nem olhar para trás”. O poeta admite ter saudades apenas das pessoas a quem amou e que queria ainda vivas, mas no dia de hoje, com as idades que teriam agora. “O mais”, garante ele, “são atitudes literárias, sentidas intensamente por instinto dramático, quer as assinasse Álvaro de Campos, quer as assinasse Fernando Pessoa. São suficientemente representadas, no tom e na verdade, por aquele meu breve poema que começa, ‘Ó sino da minha aldeia. . .’. O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos, hoje do Diretório [Republicano]. . .”.

Era tudo uma falsificação evidente, segundo Pessoa, que não nasceu numa aldeia em que se ouvia o sino de uma igreja erma, mas sim na cidade, onde há muitas igrejas, incluindo uma – a dos Mártires – muito perto do lugar onde o poeta nasceu.

2.

Desta reprimenda em relação ao seu ensaio sobre o poeta, João Gaspar Simões vingou-se largamente (e talvez não de forma in- ou subconsciente) na biografia que publicou em 1950 – uma biografia cuja ótica é francamente freudiana, por um lado, e que, por outro lado, explica toda a obra de Pessoa como sendo motivada por uma saudade da sua primeira, idílica infância, cruelmente interrompida pela morte do pai e pela entrada em cena do «intruso» João Miguel Rosa, o homem que casaria com a sua mãe viúva, privando-o de parte da atenção e do afeto que ela lhe dedicava.

A primeira parte de *Vida e Obra de Fernando Pessoa* intitula-se precisamente “Paraíso Perdido” e, logo na terceira página (Simões

1971), o biógrafo cita a primeira estrofe de “Ó sino da minha aldeia” para argumentar que o poeta, anos depois, será “saudoso de um passado que é como que o único oásis entrevisto no grande deserto da sua vida – saudoso da sua infância”, sendo Pessoa “levado a chamar ao sino da mais citadina das igrejas portuguesas” – isto é, o da igreja dos Mártires, onde Fernando foi batizado – o seu “sino de aldeia”. Explica que, de todos os largos de Lisboa, o de São Carlos é “o mais aldeão que imaginar se pode no sossego que o envolve” – o que é verdade ainda hoje, apesar da esplanada que, nos últimos anos, passou a ocupar um dos seus cantos. Portanto a prova número um, apresentada por João Gaspar Simões em abono da sua tese de que Pessoa era visceralmente saudoso da infância, foi o mesmíssimo exemplo invocado pelo poeta para dizer exatamente o contrário: que *não* tinha saudades da infância.

A interpretação teimosamente oposta de Gaspar Simões é compreensível, pois se o poema nasceu das recordações infantis de Fernando Pessoa, se a aldeia da primeira estrofe é uma metaforização do largo onde ele viveu em criança – então dificilmente se poderá negar que uma nostalgia desse lugar, naqueles tempos, tenha dado origem ao poema, que termina:

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

3.

Mas será que o poema surgiu assim – a partir de uma recordação pessoal? Maria Aliete Galhoz, num estimulante artigo publicado em 1991, lembra que Pessoa, numa lista de influências que redigiu

a pedido de Armando Cortes-Rodrigues, em 1914, mencionou os “restos de influências de subpoetas portugueses lidos na infância”² e propõe que “Ó sino da minha aldeia” possa ter sido parcialmente inspirado pelo poema “Recordação da Infância”, incluído numa coletânea do poeta lisboeta Luís Augusto Palmeirim (1825-1893). A coletânea, intitulada *Poesias*, foi publicada em 1851. Fernando Pessoa possuía, já na adolescência, a terceira edição, de 1859.³ Em apoio à sua proposta, a investigadora cita várias estrofes do poema mais antigo, entre as quais:

Alegre tangia o sino
Em dias de batizado:
Carpia triste e solene
Apregoando um finado.

Estes sons, oh! não me enganam!
São sinos da minha terra:
Ouvi-lhe as Ave-Marias
Nos tristes ecos da serra.

. . .

Que saudades que me ralam
De lhe ouvir os sons distante,
De não poder mais de perto
Ouvi-los a todo o instante.

² A lista foi publicada pela primeira vez num apêndice a Pessoa (1945).

³ Autografado por Pessoa duas vezes e carimbado “Fernando Pessoa, D’URBAN” também duas vezes, o livro, com alguns sublinhados, foi oferecido a Maria Aliete Galhoz pela irmã e a sobrinha de Pessoa, em 1979. A investigadora achou por bem doar o livro à Biblioteca Nacional de Portugal, em 2009.

Com a circunspeção que lhe é habitual, Maria Aliete Galhoz considera que a relação entre os dois poemas, “ainda que vaga e mais sugestiva que pontual, parece plausível e deixa ao leitor a impressão do encontro e de similitudes”. Ao ler o seu artigo, eu só podia anuir. E mesmo que ela não prove uma influência direta de Palmeirim na composição de “Ó sino da minha aldeia”, lembra-nos que a recordação da infância está longe de ser um exclusivo de Fernando Pessoa. Pelo contrário, era um tema quase obrigatório para os poetas líricos românticos portugueses. Será que todos sofriam do mesmo mal que João Gaspar Simões atribuiu a Pessoa?

4.

No capítulo inaugural e “paradisíaco” da biografia, o autor oferece outros exemplos da suposta saudade da infância inerente à poesia de Pessoa. Cita versos da “Ode Marítima” (“na velha casa sossegada, ao pé do rio [Tejo]”), da “Passagem das Horas” (“Não há toque de sino em Lisboa há trinta anos, noite de S. Carlos há cinquenta / Que não seja para mim por uma galanteria deposta”) e do sexto poema do conjunto “Chuva Oblíqua” (a menção de um menino a jogar à bola no seu quintal). Mas estes são poemas *sobre* a infância, ou de algum modo motivados pela saudade de um paraíso infantil perdido? É evidente que não. As referências à infância – a infância do própria Pessoa, por que não? – têm uma função dramática na economia destas obras, que se contam entre as mais vastas e complexas da produção do poeta. Para forjá-las aproveitou, naturalmente, algumas memórias – infantis e não só –, entre muitos outros elementos.

São poucos os poemas de Pessoa que se debruçam específica e exclusivamente sobre a infância, embora os heterónimos Álvaro de Campos e Alberto Caeiro façam frequentes referências a crianças e, no caso do engenheiro naval permanentemente insatisfeito, à

época em que era criança e livre sonhador, sem responsabilidades. É verdade que o poema “Aniversário”, assinado por Campos mas escrito no aniversário do próprio Pessoa, parece resultar diretamente da saudade dos primeiros cinco anos do poeta, antes da morte do pai e do irmãozinho Jorge. No entanto, o maior poema saudosista de Pessoa é “*Un Soir à Lima*”, escrito poucos meses antes da sua morte.⁴ É curioso constatar que o poeta, ao longo dos mais de trezentos versos patentemente autobiográficos deste poema inacabado, se recorda não do paraíso perdido dos seus primeiros anos, mas sim da sua adolescência em Durban, na sala da casa na Tenth Avenue, onde a mãe tocava ao piano enquanto o padrasto fumava, ouvindo, os meios-irmãos dormiam e ele, Fernando, ficava ao pé da janela, a ver “todo o luar de toda a África inundar a paisagem”.

Este poema abala não apenas a tese de uma utópica infância lisboeta perdida, mas também a de que o padrasto (que João Gaspar Simões retrata com “bigodes façanhudos”, 482) era um “intruso” (“O Intruso” é o título do terceiro capítulo da referida biografia) por quem Fernando, ciumento, nutria um sentimento entre o desprezo e a raiva. Na estrofe de “*Un Soir à Lima*” em que Pessoa evoca o comandante João Miguel Rosa, surge, entre parênteses, a seguinte exclamação: “Que homem! que alma! que coração!”. Esta expressão de admiração em triplicado dispensa comentários. Claro que o menino Fernando tinha ciúmes do padrasto. Só podia ter ciúmes. Quase nenhuma criança no seu lugar os não teria. E daí? Servirá isso para explicar a génese e a genialidade da sua obra? Pessoa gastou muito tempo e muita tinta a meditar sobre o génio – o próprio e o de outros artistas, as formas que ele assume e a sua relação com a loucura – mas a *origem* do génio permanecia para ele um mistério insondável. Será por isso mesmo que advertiu, na já referida carta a Gaspar Simões, que “a função do crítico deve

⁴ Poema fixado pela primeira vez por Luís Prista (Pessoa 2000: 232-241).

concentrar-se”, primeiro, em “estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista” e, segundo, em “buscar o que poderemos chamar *a explicação central* do artista (tipo lírico, tipo dramático, tipo lírico elegíaco, tipo dramático poético, etc.)”.⁵ Pessoa, como seria de esperar, reclama ser do tipo “dramático poético” e afirma, um pouco antes na mesma carta, que o estudo de Gaspar Simões a seu respeito só peca por “se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir”.

5.

Voltemos ao poema “Ó sino da minha aldeia”, que Pessoa publicou duas vezes, em 1914 (na revista *A Renascença*) e em 1925 (no terceiro número da *Athena*, datado de dezembro de 1924), com ligeiras diferenças de pontuação e ortografia. O manuscrito mais antigo do texto integral do poema data de 8 de abril de 1911, mas nasceu um pouco antes. Quando preparava o segundo volume da *Obra Essencial de Fernando Pessoa*, dedicado à poesia ortónima, reparei num manuscrito do mês anterior, com data de 20 de março de 1911, onde figura a última estrofe do poema e também o seu primeiro verso. O mais interessante dessa pequena descoberta foi o seguinte apontamento do autor: “Da minha aldeia é como quem diz. Isto é, como quem mente. Nasci num 4.º andar do Largo de S. Carlos, em Lisboa, dois andares acima de onde o C[entro] E[leitoral] R[epublicano] ain-

⁵ A carta define uma terceira função do crítico, após este ter compreendido “a essencial inexplicabilidade da alma humana”, como sendo a de “cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poética de desentendimento”.

da não estava. Teve este aldeísmo o meu nascimento”.⁶ É o mesmo fingimento descrito por Pessoa trinta anos depois, na sua carta a Gaspar Simões. Mas se essa “mentira” artística – como quer Pessoa – se reduz a chamar *aldeia* ao Largo de S. Carlos, a interpretação do poema feita por João Gaspar Simões pode manter-se tranquilamente de pé. Pessoa, saudoso daqueles primeiros anos, vai romantizá-los, cobri-los de uma aura bucólica, como se pertencessem a um espaço e a um tempo oníricos, irrealis, fora do espaço e do tempo. Isso não é mentir; é idealizar.

Acontece, porém, que a intuição de Maria Aliete Galhoz foi certa. Fernando Pessoa inspirou-se não na sua própria infância, mas sim em “subpoetas” portugueses que escreviam coisas parecidas. Ao rever o mais antigo testemunho de “Ó sino da minha aldeia”, agora em versão digitalizada⁷, apercebi-me de algo que não tinha visto antes, ou que não tinha conseguido decifrar. O poema, aparentemente ainda *in progress*, só com o primeiro verso e a última estrofe escritos, já tinha uma dedicatória, que rezava assim: “A João de Lemos, mas escrito por”⁸ Fernando Pessoa”.

Nascido em Peso da Régua e falecido em Lisboa, João de Lemos (1819-1890) era conhecido como o Trovador, nome dado a um jornal poético por si dirigido e fundado em 1844, em Coimbra, onde estudava Direito. O poeta é classificável como ultra-romântico, rótulo igualmente atribuível a Luís Augusto Palmeirim, seu contemporâneo e colaborador do jornal *O Trovador*. O poema mais famoso de Lemos

⁶ Trata-se do documento BNP E3/119-11a. Corrige-se a leitura do apontamento que figura na nota ao poema da referida edição, onde se lê “ainda então estava” ao invés de “ainda não estava”. O apontamento, a lápis e algo sumido, é de difícil leitura e supus, erradamente, que o futuro “Diretório Republicano” era, na altura, um simples Centro Eleitoral Republicano (o que justificaria a leitura “ainda então estava”).

⁷ A Biblioteca Nacional efetuou a digitalização de todo o espólio de Fernando Pessoa em 2009, o que muito facilitou a leitura da caligrafia do poeta.

⁸ Variante de “mas escrito por”: “mas de”.

é “A Lua de Londres”, mas aquele que aqui interessa intitula-se “O Sino da Minha Terra”, publicado em 1866. Começa assim:

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
Despertando ecos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Antes de continuarmos, convém mencionar outro poema pessoal, “Tange o sino, tange”, escrito em 19/3/1911 – portanto, um dia antes do rascunho mais antigo de “Ó sino da minha aldeia», com o qual tem um forte parentesco. Não nos ocuparemos mais desse poema-primo, mas o seu próprio *incipit* denuncia uma provável dívida para com o poema de Lemos.⁹

Comparemos, agora, a sexta estrofe do poema deste poeta:

Tange, tange augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
A cada nova pancada
Me torna mais pensativo.

⁹ No seu já citado artigo, Maria Aliete Galhoz transcreve este poema – posteriormente publicado *in* Pessoa (2005: 107-108) e Pessoa (2006: 41-42) – e outros cinco versos de um poema embrionário mais antigo (24/4/1910), no qual também surge um sino a dobrar. A fixação destes versos em Pessoa (2005: 75), ligeiramente diferente, parece-me certa:

Dobra o sino, dobra o sino,
Ai de ti, que tanto amei!
Dobra o sino, dobra o sino
Nunca mais eu te verei!
Dobra o sino lentamente.

com a quarta estrofe de “Ó sino da minha aldeia”, tal como surge nos rascunhos mais antigos (em que a ordem das palavras do primeiro verso é invertida):

A cada tua pancada
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

E eis outra estrofe de Lemos, a última das 26 que compõem “O Sino da Minha Terra”:

Hei vivido de ti longe,
Desde a infância não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infância senti.

Se o poema de Pessoa tem similitudes com o de Palmeirim, como observou Maria Aliete Galhoz, quase parece plagiar certos versos e conteúdos da composição de João de Lemos.

Outro longo e saudoso poema do mesmo poeta, contido na mesma coletânea, pode ter contribuído para os dois versos finais do poema de Pessoa. Trata-se de “Memórias da Infância”, que termina assim:

Quanto mais nos cresce a idade,
Mais cresce em nós a saudade
Desse tempo que foi já;
Aumente embora a distância,
Como as memórias da infância
Outras memórias não há!

Dos três volumes que constituem o *Cancioneiro* de Lemos, aquele que engloba os dois poemas aqui citados é o terceiro, *Impressões e Recordações* (1866). Lembre-se que “Recordação da Infância» é o título e 1851 a data do poema de Palmeirim que Maria Aliete Galhoz põe em confronto com “Ó sino da minha aldeia”. Lembre-se também que Pessoa publicaria o seu poema juntamente com outro, «Pauis”, sob o título genérico de “Impressões do Crepúsculo”, em 1914. Repare-se na modulação em três tempos: “Recordação da Infância» (1851) . . . *Impressões e Recordações* (1864) . . . “Impressões do Crepúsculo” (1914). Parece-me altamente provável que, para o assunto em apreço – sinos em aldeias na infância –, Palmeirim tenha influenciado João de Lemos, que terá influenciado Pessoa. Aliás, este último, dada a dedicatória que fez, reconheceu explicitamente a influência de Lemos.

6.

A mentira de Fernando Pessoa era a de se arrogar a experiência descrita por outros, transfigurando-a e apresentando-a na primeira pessoa, como se fosse sua. *Strong poet* como era, na acepção de Harold Bloom, Pessoa reescreveu, apurou, corrigiu, o que os dois poetas anteriores viveram (literariamente). Podemos comparar o presente caso com o do poema “A Ceifeira”, no qual Pessoa magistralmente corrigiu “The Solitary Reaper”, de Wordsworth, tal como mostrou António Feijó num perspicaz artigo. Não vou proceder a uma extensa análise da “correção” pessoana de Lemos e Palmeirim, mas direi que, um pouco como aconteceu com “A Ceifeira”, segundo o citado artigo, Fernando Pessoa desocultou e avivou, aguçou, a experiência romanticamente suavizada dos precursores. “O sino da minha terra» (Lemos) torna-se “Ó sino da minha aldeia”, que é muito mais forte, mais imediato. (Note-se que, na medida em que o

sujeito lírico pessoano se dirige ao sino, também apostrofa o poema do seu precursor direto, como se dissesse “Ó Sino da Minha Terra [de João de Lemos]”).

Luís Augusto Palmeirim, ao longo das vinte quadras da sua “Recordação da Infância”, fala do sino sempre na terceira pessoa, como objeto simbolizador dos velhos tempos em que o ouvia tanger na sua terra. João de Lemos chega a dirigir-se diretamente ao sino, mas apenas pontualmente e em tom lamentoso. Em 104 versos descreve (à maneira de Palmeirim) as ocasiões em que o sino tocava na sua infância, fazendo uma pausa – depois de cada quatro ou cinco ou sete estrofes de descrição – para repetir a primeira de todas (“Tange, tange, augusto bronze”, etc.) em jeito de refrão, com algumas variações. Estas apóstrofes são súplicas românticas e vão a um longínquo sino que, mesmo se estivesse perto, não teria nem ouvidos nem força de vontade para satisfazer o pedido.

Os 16 versos do poema de Pessoa constituem uma composição muito diversa e não apenas porque sintetizam, cortando a verborreia. À diferença dos seus precursores, Pessoa – ou o seu eu poético – dirige as suas palavras, sempre e unicamente, ao sino, mas sem esperar ou pedir nada dele. O sino é o pseudo-ouvinte e a causa imediata do seu monólogo, que enuncia – em tom melancólico embora nunca lamuriento – a sua condição de eterno errante para quem tudo é simultaneamente perto e distante, desde o passado irrecuperável até ao soar atual do sino de hoje. O sino, aliás, está inteiramente no presente e nada nos obriga a pensar que evoca apenas a infância. As saudades de Pessoa (que chega a tê-las de coisas que nunca existiram ou que não lhe foram nada¹⁰) eram bem mais vastas e

¹⁰ No *Livro do Desassossego* (Pessoa, 2013), lemos, no trecho 92: “Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram!”. E no trecho 481: “Saudades! Tenho-as até do que me não foi nada, por uma angústia da fuga do tempo e uma doença do mistério da vida. Caras que via habitualmente nas minhas ruas habituais – se deixo de vê-las entristeço; e não me foram nada, a não ser o símbolo de toda a vida”. Há ainda outras referências parecidas, no *Livro do Desassossego* e

será, em princípio, o passado na sua totalidade que é referido no penúltimo verso do poema, cuja segunda estrofe vai ao cerne da sensação que percorre e envolve todo o cenário:

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

É qualquer coisa na própria vida e em cada momento da sua expressão, do seu ecoar, que instaura a melancolia, como se hoje já fosse ontem, uma repetição. A “aldeia” de Pessoa não se nos afigura ser o Largo de S. Carlos nos tempos da sua infância, mas sim o Largo na altura em que escreve o poema. Apropriou-se do que era pouco mais do que um tópico literário em Palmeirim e Lemos¹¹ e transformou-o, deslocando-o para o presente (um presente que já se sente ser passado) e associando-o a um espaço real.

Não foi apenas por ter definido o seu projeto heteronímico como um “drama em gente” que Fernando Pessoa se considerava um poeta dramático. O seu próprio modo de elaborar poemas tendia a ser dramático tanto na concepção como na realização, sobretudo quando eram assinados por Álvaro de Campos. Mesmo o singelo poema ortónimo em análise é, todo ele, uma bela lição de dramaturgia quando o cotejamos com os antecedentes. Aquilo que os dois ultra-românticos descrevem e pincelam, Pessoa encena e intensifica. Enquanto “cada nova pancada” do sino faz com que João de Lemos fique “pensativo”, as mesmas pancadas, em Pessoa, fazem o seu

na poesia do autor. Recorde-se que estas e outras confessas saudades eram meras “atitudes literárias”, como sustentou Pessoa na sua carta a João Gaspar Simões.

¹¹ Palmeirim, aliás, não era da província; nasceu e morreu em Lisboa. O seu recurso a um tópico estereotipado não deve confundir-se, porém, com o fingimento teorizado e praticado por Pessoa.

sujeito lírico *sentir*. O seu “longe” é mais longe e o seu “perto” mais perto, sendo tudo muito mais sentido – sentido dramaticamente, ou fingidamente.

Importa registar uma última observação. O *strong poet* definido por Harold Bloom será tentado, devido à angústia da influência, a reescrever obras de precursores que, por serem grandes influências ou grandes vultos da literatura, oprimem ou provocam inveja e o desejo concomitante de os superar. A correção pessoana de Wordsworth cabe facilmente nesse paradigma. Luís Augusto Palmeirim e João de Lemos, porém, eram *weak poets*, subpoetas, que Pessoa de certa forma resgata (ao mesmo tempo resgatando, ou homenageando, um certo folclorismo bucólico típico do Romantismo português e que vem, é claro, de mais longe).¹² Deles conserva o sino, com as suas pancadas que se repetem com a mesma constância e antiguidade da redondilha, forma métrica que Pessoa também retém; conserva inclusivamente o esquema rimático, com apenas uma rima por cada quadra, segundo o padrão *abcb*; e conserva a aldeia (ou “terra”) e as saudades do passado. Com estes elementos constrói um novo poema, cuja arquitetura verbal é simultaneamente mais leve e mais forte. Colabora com os dois oitocentistas, melhorando as suas subproduções, e até dedica (ocultamente) o seu poema a um deles. Fernando Pessoa, embora com ironia, possuía em alto grau a virtude da caridade.¹³

¹² É bom lembrar que Pessoa compôs mais de 400 quadras de género popular (“popular” pelo menos na sua forma). A grande maioria data dos seus dois últimos anos de vida, mas nove foram compostas em 1907-1908, nos primórdios da sua produção poética portuguesa de adulto.

¹³ Depois de eu ter apresentado este trabalho no II Congresso Internacional Fernando Pessoa (Lisboa, 2010), alguém me alertou para um estudo de Fátima Freitas Morna (2001), que já tinha estabelecido uma provável ligação entre “Ó sino da minha aldeia” e “O sino da minha terra”, de João de Lemos. O estudo de FFM mereceria ser mais divulgado. Com efeito, a informação apresentada por mim sobre a alusão a João de Lemos numa nota marginal de Pessoa não faz mais do que confirmar a tese já proposta pela perspicaz investigadora.

Obras citadas

- Feijó, António. “A Constituição dos Heterónimos, I. Caeiro e a Correção de Wordsworth”. *Colóquio/Letras* 140-141 (abril-setembro 1996), 48-60. Print.
- Galhoz, Maria Aliete. “Em torno ao poema de Fernando Pessoa ‘Ó sino da minha aldeia’ – nota preliminar e breve achega ao seu estudo”. Org. Joaquim Camacho. *Estudos Portugueses: Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa, Difel, 1991. Print.
- Morna, Fátima Freitas. “Ecos de Vários Sinos”. Org. T. Seruya. *Estudos de Tradução em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 109-122, 2001. Print.
- Pessoa, Fernando. *Livro do Desassossego*. 11.^a ed. Org. R. Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013. Print.
- . *Obra Essencial de Fernando Pessoa*, v. 1 (*Poesia do Eu*). Org. R. Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006. Print.
- . *Poesia 1902-1917*. Org. M. Silva, A. Freitas e M. Dine. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. Print.
- . *Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935*. Org. Luís Prista. Lisboa: IN-CM, 2000. Print.
- . *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*. Org. Joel Serrão. Lisboa: Ed. Confluência, 1945. Print.
- Simões, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa* [1950]. 2.^a ed. Lisboa: Bertrand, 1971. Print.
- . (1931). *O mistério da poesia: ensaios de interpretação da génese poética*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. Print.

VII. TESTEMUNHOS / TESTIMONIALS

(Página deixada propositadamente em branco)

DAS MAIS PURAS MEMÓRIAS

Ana Luísa Amaral

1. Do que chamamos academia

“Isto está muito bem, Ana Luísa. Agora, é preciso reduzir para 20 páginas. . .”, disse-me a Maria Irene sentada à secretária, no seu gabinete. Estava-se nos idos de 1980, e “isto” era o capítulo que eu tinha escrito, para as Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, sobre a recepção crítica a *King Lear*. O capítulo tinha 80 páginas e reduzi-las a 20 foi uma aprendizagem que nunca esqueci. O gabinete era amplo, tinha um sofá fundo de pele gasta e um cinzeiro de pé, ao lado. Acolhedor. E eu, em choque, fumava desenfreadamente enquanto conversávamos.

Uns meses depois, o tempo apertando, a morte da Cláudia aos quinze anos, a Cláudia que era para mim uma irmã mais nova, a irmã que nunca tive, a sua morte brutal a travar-me a escrita do último capítulo: a morte de Cordelia. Eu, muito grávida, a viajar entre Porto e Coimbra, para discutir esse último capítulo. E a Maria Irene sempre lá, a apoiar-me. Guardo ainda a arguição que depois fez e me deu, ainda escrita à mão, do meu *King Lear: Tragédia da Linguagem*. Nessa arguição, a Maria Irene deteve-se numa epígrafe que eu escolhera, dando-me espaço para, a partir dela, falar da peça. E fez notar o esforço sobre-humano a que alguns trabalhos

obrigam. Sabendo da minha dor. A partir dos afectos e da admiração, começava a minha paixão por Shakespeare.

Passado algum tempo, pedi-lhe orientação para o doutoramento. Primeiro, apresentei-lhe uma proposta insanamente chamada “Espaços e tempos de poesia”, um projecto de 30 páginas, em que eu começava em Milton e acabava em Sylvia Plath. Claro que o projecto foi desfeito, cortado, passado a 4 páginas, e o seu assunto estabilizou-se na poesia e na poética de Sylvia Plath, Anne Sexton e Elizabeth Jennings.

Demorei um ano (entre idas a Coimbra, no Intercidades, ainda com carruagens fechadas) a resolver que aquelas três poetas deviam ser substituídas. É que entretanto, durante um almoço-reunião, a Maria Irene passou-me, juntamente com os primeiros livros que me deu sobre feminismo (*The Female Eunuch*, *The Feminine Mystique*), os poemas de Emily Dickinson, perguntando-me “Conhece?”. Eu não conhecia. No comboio, de regresso a casa, folheei o livro e não percebi nada. Até que alguns dias depois, tarde de madrugada, deparei-me com um poema que dizia “If the stillness is Volcanic / In the human face / When upon a pain Titanic / Features keep their place”. E tudo fez sentido. Como uma epifania.

Passaram-se uns meses até que nos tornámos a ver, num encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos. Foi então que lhe perguntei: “E se fosse Sylvia Plath e Emily Dickinson?”. E a resposta da Maria Irene: “Acho muito bem, Ana Luísa. Mas precisa mesmo de Plath?”. Assim, num intervalo entre comunicações e mesas-redondas, começava a minha segunda paixão que havia de ter como resultado uma tese de doutoramento chamada *Emily Dickinson: Uma poética de excesso*.

Demorei muito tempo a escrever a tese. Fizemos muitos almoços-reuniões (um hábito estrangeiro para a minha Faculdade, mas que a Maria Irene sempre manteve com os seus orientandos e que nós depois, orientadores já, haveríamos de replicar). Ultrapassados os

prazos para a entrega da tese, não sei o que aconteceria se a Maria Irene não me tivesse telefonado a dizer, sobre o último capítulo, que tratava do espaço em Emily Dickinson: “Corte esse capítulo, faça as revisões finais e mande-me. Já chega, Ana Luísa!”. Chegou, claro. Mas nunca a publiquei, à tese. A Maria Irene ainda hoje fala disso, ainda me diz como sente pena por eu não o ter feito. E ainda hoje eu lhe respondo sempre da mesma maneira: ah, é porque publiquei livros de poemas. O que me leva à segunda parte deste testemunho:

2. Do que chamamos poesia

Um dia mandei à Maria Irene uns poemas pelo correio. Um desses poemas, com ecos do Rei Lear, dizia assim: “Se calhar o silêncio era silêncio apenas / E a minha voz, fantasma, / E aquela voz, ausência”. Outro era sobre o Minotauro e terminava: “O homem-touro nunca saíra da caverna, e Teseu, ao entrar, tinha a força do sol a seu favor”. No encontro seguinte, a pergunta chegou: “São seus, Ana Luísa?”. E eu, tímida, a dizer que sim. Deixei mais poemas. Alguns meses depois, recebia um postal: “A Ana Luísa é *mesmo* poeta”. Aquele “mesmo” sublinhado” teve um efeito muito semelhante ao que escreveu Emily Dickinson ao falar da leitura da poesia: “quando sinto o meu corpo tão frio que fogo nenhum o pode aquecer. . .”. Foi o que senti, ao ler o postal.

Estávamos em 1989. De vez em quando, a Maria Irene dizia-me “prepare um livro, que eu escrevo-lhe um posfácio”. Eu lá ia “preparando” o livro (que escrever poemas é bem mais simples do que preparar livros). E um dia, na *Via Latina*, já estava o livro aprontado e com o estranho título *A impossível sarça*, saiu um artigo da Maria Irene chamado “O sexo dos poetas: A propósito de uma nova voz na poesia portuguesa”. Nesse artigo, a Maria Irene falava do meu livro, dizendo estar ele ainda à espera de editor – o que era verdade.

O editor chegaria depois, era Soveral Martins e dirigia a cooperativa editorial Fora do Texto. O livro acabou por mudar o seu título para *Minha Senhora de Quê*, e teve, como prometido, um magnífico posfácio da Maria Irene. A Maria Irene foi, com a generosidade e a grandeza que todos lhe conhecemos, a primeira pessoa a escrever sobre a minha poesia. Desde então, é das primeiras pessoas a ler os poemas que escrevo.

Lembro-me de ir buscar o livro à estação de comboios das Devesas. De um estranho amarelo torrado, o livro tinha três meninas na capa e estava cheio de gralhas (a editora acabara de comprar computadores e dissera-me que não era preciso ver provas). O posfácio tinha também gralhas. A Maria Irene a protestar: “Mas como é possível que não tenha visto, Ana Luísa?”. Apesar de tudo, em 1998, para a reedição do livro, já pela Quetzal, mantido o posfácio, a Maria Irene escreveria um prefácio. E o livro ficaria assim, acolhido e abrigado pelas suas palavras. . .

3. Do que chamamos vida – que é tudo

Podia aqui contar muitas coisas. Memórias soltas. Umhas, pequenas, essas de que a vida é feita; outras, maiores, que a fazem também, à vida. Como a morte do meu pai, ou a morte do Paulo, o meu maior amigo, o irmão que nunca tive, e o apoio da Maria Irene. A sua amizade. As vezes todas em que eu estava escura e ela me escreveu, sempre com uma palavra de ternura ou de alento. “Põe-te guicha”. Eu, curiosa, a ir ver ao dicionário o que era ‘guicha’. Ou um encontro, há muitos mais anos, num café em Londres, onde eu tinha ido, com uma carta sua de recomendação, fazer investigação na British Library. Combináramos o encontro na Universidade de Londres e depois, nesse café, a Maria Irene a dizer-me: “Deixe lá cair o Doutora, Ana Luísa. Trate-me por ‘Maria Irene’”. Custou-me,

a princípio. Como me custou depois o degrau seguinte: “Ana Luísa, trata-me por tu”. O incontável número de cartas de recomendação que me fez. A paciência infinita com que leu e corrigiu cartas minhas de pedidos de bolsa e artigos meus, antes de eu os enviar para publicação. Os livros de poesia que me apresentou e os tão belos textos que escreveu sobre a minha poesia. Uma carta longa que lhe mandei, no início dos anos 1990, a contar-lhe coisas da minha vida, e a sua resposta, numa carta igualmente longa, atenta, generosa, que está ali religiosamente guardada, dentro de uma gaveta da minha secretária, ao lado de um estranho testamento que um dia escrevi e em que deixo a guarda dos meus poemas inéditos a três pessoas: à minha filha, à Lurdes, minha outra grande amiga – e à Maria Irene.

O que hoje sou como professora, como investigadora, mas sobretudo como pessoa, devo-o, em grande, em imensa parte, à Maria Irene: à sua ética, ao seu saber, à sua dimensão humana. À sua amizade. Nos agradecimentos da minha tese de doutoramento, a última frase é-lhe dedicada: “As palavras que não chegam”. Essa frase transitou para a primeira página da minha poesia reunida, *Inversos, 1990-2010*. “Vinte anos volvidos, a Maria Irene Ramalho: as palavras que não chegam”, diz no livro. A Rita, a minha única filha, não se importou. Ela sabe como a Maria Irene me foi e é marcante. Aliás, a palavra correcta é fundamental. Ou basilar. Ou uma palavra que sugira esteio, alicerce. Fio de prumo.

Quando, há uns meses, fiz sessenta anos, a Rita decidiu organizar-me uma festa grande. E perguntou-me se havia alguém especial que eu quisesse presente. Nessa festa, junto à minha filha, à minha mãe, aos meus amigos mais queridos do Porto, que são muitos e eu não posso aqui enumerar, estava a Isabel, de Lisboa, e estavam os amigos de Coimbra, como a Graça, a São, o Tó, ou a outra Isabel. E estava a primeira pessoa que a Rita contactou: a Maria Irene. Para lumes assim, irreduzíveis, não chegam as palavras.

(Página deixada propositadamente em branco)

**ONE OF THE FINEST LITERARY MINDS
OF HER GENERATION**

Sacvan Bercovitch,
19.11.2014

One of the finest literary minds of her generation. A major Americanist and literary-cultural scholar. No one in our time has done more to broaden and deepen European-American Studies. A unique, and uniquely wonderful, human being.

(Página deixada propositadamente em branco)

THE JEWEL IN THE CROWN

Susan Margaret Brown

with posthumous contribution from Edwin Honig

I met Maria Irene in the Summer of 1982. My two years in Lisbon with a research grant from the Gulbenkian had come to an end, and I was looking for employment that would allow me to continue my research in Portugal. Edwin Honig, a friend to both of us, urged me to contact her. Perhaps she might hire me, he thought, to teach English in the Department of North American Studies. The prospect excited me, but nothing compared to what I felt upon arriving in Coimbra. A hike up the steep incline of meandering cobblestones brought me, exhilarated, to the top of the hill where the University stood splendid like a crown over the city. All that was left to do was look for Maria Irene. What I remember about that first meeting is the luminosity: the sunlight pouring through the tall office window, the fixed gleam in Maria Irene's steady gaze, the scintillating moments of conversation. Once we recognized our common interest in Pessoa and Whitman, our talk took leaps and dives like so many glistening fish. At one point, she even suggested that I design and teach a literature course. I left that day giddy with a sense of possibilities. I had received something so simple yet so precious. It's called inspiration: the direct, immediate kind that comes from spending time with somebody of Maria Irene's stature.

The teaching experience gained over the next three years was invaluable. In addition to the full array of standard language courses, I managed to teach a course on persona theory, a course on Browning, Yeats and Eliot and the evolution of the dramatic dialogue, and a course on Walt Whitman. None of this would have been possible without Maria Irene's understanding of what a genuine academic community involves and her tireless efforts over decades to make the Department of American Studies at Coimbra a model of that vision. In this sense she is an enabler, someone who makes unexpected (and unexpectedly good) things happen. Not just for me but for whole generations of students who have had their lives transformed as a result of her exquisite literary training, expertise and unstinting giving of herself. Here is one brief example of Maria Irene in action. It was February, 1982. We had both been invited to give papers at the Pessoa Symposium at Vanderbilt University in Nashville, Tennessee. At the last minute I could not go. Maria Irene offered to take my paper and read it for me. At sunrise on the day before the conference I stood waiting in the Baixa near the bridge over the Mondego River. A taxi cab with Maria Irene in the back seat approached, stopped long enough for me to hand her my paper through an open window, then whizzed off, both of us still waving excitedly until the cab was completely swallowed up by the distance. Like a dream. Like a poem. Typical of moments spent with Maria Irene.

I know that this sentiment was also shared by Edwin, who always spoke glowingly of her. If he were alive today he most certainly would have wanted to contribute to this *Homenagem* for his dear friend. The piece below is a transcription of a dream that I recently found scribbled in faint pencil on a blank page at the back of Edwin's copy of *The Poetry of John Donne and The Poetry of William Blake*.¹

¹ Edwin Honig's archive (papers, letters, journals, typescripts and manuscripts) is housed in the John Hay Library at Brown University in Providence, Rhode

That it sounds like Pessoa should not surprise anyone, given Edwin's lifelong interest in translating him, but that the handwriting of the two is nearly identical borders on the uncanny.

They were people with large flat purple eyes or small black pen point eyes behind glasses that masked their real features, cheeks, chin, mouth, nose, as well as eyes. They were proud to think that this disguise helped them see more than others, but prouder that they really did not see anything more interesting than themselves as reflected on the inside of their glasses. He once said to me as he patted my shoulder, "You can tell you wear a mask though you don't wear glasses. How do you do it?" I said, "I see everything before it sees me." He laughed. "You lie: I have been watching you as you spoke." I said, "Thank you. You're right – but also wrong because I have never seen you before as you appear now, just having told me that. We are now both weak enough in each other's eyes to become good friends." At this, he made a burbling vulgar sound with his lips and stopped laughing. The last time I saw him he was going blind watching himself fascinated by the image of himself as a monocle dangling from a chain that hung from one eyelash.

Island. His private library of books is at the nearby college of Stonehill in Easton, Massachusetts.

(Página deixada propositadamente em branco)

**NEW ANGLES: AMERICAN STUDIES,
MODERNIST STUDIES, FEMINIST STUDIES,
AND POETICS**

Susan Stanford Friedman

Irene Ramalho Santos forged new angles of vision on American Studies, Modernist Studies, Feminist Studies, and Poetics over a lifetime of work as a deep reader, thinker, and writer and as a visionary and tireless institutional leader. The conventional plot of international-student-making-trek-to-Yale University-to-be-taught-what-knowledge-to-bring-home is *not* Santos's story. No, what she was exposed to in the U.S., she insisted on seeing through her own lenses, ones built out of the experience of Portugal, of being a European from Europe's semi-periphery, of being a woman in the academy, and of being a lover of poetry and poetics. Santos's story is one of transaction, relationality, networks, contrapuntal engagement – all of which have been fueled by a special warmth and brilliance of her own that has influenced generations of students and scholars in Portugal and abroad.

I first met Irene in Madison, Wisconsin, where she has come for many years to spend half the year based in the Department of Comparative Literature, teaching courses mostly in poetics and poetry. In 2002, she arranged for me to lecture first in Coimbra at the Center for Social Studies, and then, under the aegis of her

former students and colleagues, in Porto, Braga, and Lisbon. She subsequently brought me back to Coimbra for the conference she co-organized on Translocal Modernisms: International Perspectives, now a fine collection of essays based on the wide-ranging conference papers. One thing that impressed me in particular was her efforts to bring poets and critics together in the annual poetics conferences she organized in Portugal for years. I heard repeatedly about these events, especially from noted American poet and critic Rachel Blau DuPlessis, who described to me the amazing experience she had working with a translator in Portugal, arranged through Irene's network.

The opportunities that Irene created for me to meet so many scholars and students in Portugal have likewise been transformative for my own work, helping me to understand what it means to develop what I have called a planetary consciousness, one outside the parochialism of one's own culture, nation, history, and conventional modes of thought. Angles of vision: indeed, it was the many angles of Pessoa's vision that fascinated Irene, but she has also brought transatlantic and international angles of vision into American Studies through such books as *America Where? Transatlantic Views of the United States in the Twenty-First Century* (2012) and *The American Columbiad: Discovering America, Inventing the United States* (1997). Her service on the American Studies Association's Task Force for International Women's American Studies contributed greatly to bringing transnational feminist perspectives into U.S. women's studies. Above all, her pathbreaking book *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism* (2002) was a harbinger of the transnational turn in modernist studies.

Multiply Irene's impact on me by hundreds and you will begin to get a feel for how influential she has been for generations of students and faculty, particularly for the formation of a sophisticated and probing American Studies in Portugal and for an internationalized American Studies elsewhere, including in the U.S. Not as a disciple of

American leaders in the field, but as a thinker in her own right, Irene has nurtured those who themselves became leaders in American Studies in their own institutions, both in Portugal and abroad. I am not alone in treasuring her friendship and the generosity of her many intellectual and administrative gifts.

(Página deixada propositadamente em branco)

A LONG AND CLOSE FRIENDSHIP

Doris Friedensohn

Dear Irene:

I'm remembering our first meeting, some 35 years ago. We were on a Fulbright panel together in DC, on teaching American Studies abroad. Nothing about the session was memorable. Except for this: you and I connected – in spite of VERY divergent scholarly interests. While you were focused on great poets, lofty poetics and dazzling anti-capitalist theorizing, I was telling stories about immigrants in suburbia, feminism in the classroom, and how we (Americans) eat now. Fortunately, we found common ground: dry white wine, well-aged cheese, and pork every which way. With your support, I came to Coimbra on a Fulbright in 1986 – and returned many times over the years. You began spending the fall semester on my side of the Atlantic. And we began exchanging papers-in-progress.

I sent you my reports on conversations in Korean nail salons, on my poet friend Ishmael who spent 27 years in prison for murder, and on hunting down my plumber at Happy Market, a convenience store in the middle of Leonia which he used as his office. You sent me pieces on Gertrude Stein, Wallace Stevens, Pessoa, differences between European and American poetic practices, and poetry as the vital center of the humanities.

Always, as I plunged into your texts, I felt a twinge of despair: over the range of your references, the complexity of your arguments, the breadth of your scholarship, and the length of your paragraphs. Such a big purview, such brilliant associations, such deep analysis, such far-reaching implications – and all in a foreign (English) language. What IS she saying?

”Irene dear,” I recently wrote. ”You’re such a skilled and clever cook! This dinner to which you’ve invited me – with Pessoa and Emily Dickinson as culinary centerpieces – is stunningly conceived but a bit confusing. More than a bit, in fact. For openers, your soup is made with twelve vegetables, and I wish you had limited it to four, which I might recognize. In fact, I wish you would have skipped the soup (or served it in shot glasses) and started with the main course: maybe a pair of differently seasoned birds (duck for her and goose for him), a mushroom compote to suggest the forest-like density of their shared vision, and a simple couscous to define the surround. Could I suggest reducing the silverware, too? And maybe doing away with one of the wine glasses? Since we’re all thinking ”lean” these days, how about skipping the dessert and ending (sweetly) with a perfect cappuccino?”

My dear trim Irene: you don’t have to think lean – even if you could. In fact, an intellectually lean Irene is a contradiction in terms. I’m fortunate, as are so many of your colleagues, for being pressured to stretch my mental waistband as I read you: for being forced to think hard about the center and the periphery, identity and difference, hierarchy and inequality, globalized America and globalized Europe – all in relation to poetry, poetics and, yes, Pessoa.

It’s a measure of this long and close friendship that you tolerate my dietary finickiness.

You allow me, when challenged by unfamiliar works and abstruse theories, to fret and joke and spin out my own counter narratives.

You let me play and feel smart. I thank you for that – and for these many years of creative dueling and shared understandings.

Much love,

Doris

(Página deixada propositadamente em branco)

DO SOFÁ PARA FORA DO ARMÁRIO: LINGUÍSTICA AO LADO

Clara Keating

Nem particular nem universal, o exemplo é um objecto singular que, digamos assim, se dá a ver como tal, *mostra* a sua singularidade. . . . o lugar próprio do exemplo é sempre ao lado de si próprio, no espaço vazio em que se desenrola a sua vida inqualificável e inesquecível. O ser exemplar é o ser puramente linguístico. Exemplar é aquilo que não é definido por nenhuma propriedade, excepto o ser-dito. Não é o ser-vermelho, mas o ser-*dito*-vermelho; não é o ser Jakob, mas o ser-*dito*-Jakob que define o exemplo. Daí a sua ambiguidade, a partir do momento em que decidimos levá-lo verdadeiramente a sério. O ser-dito – a propriedade que funda todas as possíveis pertenças (o ser-dito italiano, cão, comunista) – é, de facto, também o que pode pô-las radicalmente em questão. . .

Giorgio Agamben

Dizer a Maria Irene Ramalho a partir de uma linguística que vive ao seu lado é um desafio que revela uma enorme tensão, uma dose funda de liberdade só permitida pelo exemplo de excelência sagaz da sua pessoa e vida académica. É essa tensão também que me move teimosamente a enunciar aqui este lugar difícil de analista treinada quase *contra natura* nas ciências da língua e da linguagem. Este lugar ajuda-me a reconhecer espaços de desassossego epistémico e metodológico – e logo de aprendizagem – que o pensamento feminista crítico, histórico-político, poético, cria no campo dos estudos linguísticos *latu sensu*. Reclamar este lugar de ser-*dita*-linguista permite-me, então, imaginar os espaços de possibilidades de uma linguística ainda em processo de se dizer. Volto a isto no final.

Faço jus, assim o espero, ao papel que a Maria Irene indiretamente teve e tem nesta utopia em ação no espaço dos Estudos Anglo-Americanos em Coimbra, a de *dizer linguística*, campo que, aliás, sempre lhe esteve alheio. Ao seu lado, a linguística em versão anglo-americana teve e tem uma vida simultaneamente fácil e difícil. Fácil, pela aposta pessoal e institucional que ela fez na formação e no desenvolvimento desta área, na convivência colegial e na socialização em modos solidários de um fazer académico enraizado na invenção da interdisciplina, sustentada em práticas democráticas de base, o diálogo, a argumentação, a produção e a partilha de conhecimentos disciplinares de inegável e essencial exigência. Difícil, pela postura sempre crítica quanto à relevância que o campo dos estudos linguísticos – ou as versões que desse campo nos chegaram, sustentadas em princípios gerais de conhecimento linguístico-verbal intuídos por falantes nativos em contextos de comunicação ideal ou ideal aquisição – de facto poderiam ter na compreensão do fazer poético, político e discursivo da linguagem.

A radical posição de que o poético *interrompe* o real vai bem mais para além da afirmação de que a poesia é o lugar privilegiado

para interrogar e transgredir saberes instituídos. O *fazer poético*, é, como ela nos ensina, o lugar de transgredir linguagem, ao contrário do *fazer linguística*, enredado, por definição, no culto do dualismo – um-dois ou um-dois-três – e do “sistema arborescente da hierarquia e do comando” (Deleuze e Parnet). Assim definida, a linguística só pode falhar no exercício de traçar uma linha vocal ou escrita que fará correr a linguagem entre esses dualismos.

Como então, reclamar um lugar resistente, que possa ser-*dito*-linguístico, sem que este se afirme como culto de prisão, até mesmo quando este lugar assume a denúncia e a crítica das condições de opressão, tal como fazem as linguísticas críticas sustentadas em regimes de pensamento ocidental? Este é o imenso desafio teórico de um devir-linguística, sempre ao lado de si mesma. Concebendo que os princípios da criatividade da linguagem se encontram no traçar dessa linha vocal por entre dualismos, há que seguir essa linha vocal como ato pleno de resistência, cidadania, transformação e logo de liberdade.

Dizer e fazer linguística é, assim, um modular ato de pragmática e inscrição, de *desenho* e de *desígnio*, bem mais do que de gramática. Situado em prática radicalmente local, histórica e politicamente situada, o ato de desenhar língua surge e assume-se, então, na mobilidade para além da estabilidade, segue o movimento que leva ao momento, sempre negociado entre ação, interação e em projeção permeadas por poder. Sustentada nesta ontologia, a linguística ao lado diz-se ativista da dinâmica conversacional, da pragmática do não-dito feito em semióticas sociais multimodais, cujas dinâmicas micropolíticas de criatividade e constrangimento enunciam contextos e condições sociolinguísticas e socioculturais, histórico-discursivas e ideológicas de imensa complexidade. Intrinsecamente *etnopoético* – logo político, performativo, potencialmente subversivo, e sempre cidadão – o momento da *interrupção* e *transgressão* só pode assim surgir nas dinâmicas quotidianas da linguagem, do poético e real em

refração, reciclagem e socialização – ou seja, em aprendizagem. Daí que esse conhecimento *dito*-linguístico só possa ser visto à luz do fragmento que se apropria em recurso conforme afetos e desejos, a curta e longa duração da memória e da atenção, a intenção intuída e a imaginação do que vem. Sobre esse repertório, essa experiência encarnada e vivida, essa aquisição de língua construída no uso, só quem lhe respiga os sentidos pode de facto falar.

Sempre ao lado, falhando o alvo da poética e da linguística, estas intuições foram o que melhor iluminou os lugares sujos, desarrumados e informais das vidas quotidianas de falantes migrantes que sigo e segui em etnográfica observação, cozinhada de modo longitudinal a fogo lento. Elas tornaram-se portais fundamentais no desbloqueio da escuta material da atividade humana de língua que se faz em prática transidiomática. Desassossegada com os detalhes dos fazeres e fazedoras de sentidos, tenho como ordem de trabalhos seguir as pegadas da inscrição material (poliglóssica e multiletrada), traçando, nesse processo, os trilhos e as pistas que apontam para as dinâmicas distribuídas da hierarquia e diferença da vida de falantes e contextos concretos.

Quanto à língua, só pondo representações de lado lhe consigo libertar a fala. Calo-me e, em silêncio, imagino possibilidades de se ser dita linguística mas acho veleidade inútil. Com exemplos como este, mais vale agir na fala e fazer o que está ao alcance destas falhadas e imperfeitas capelas. Ativista do erro no meu próprio quarto ao lado, Sérgio Godinho nos ouvidos, ergo-me do sofá da linguística arborescente e vou para a rua, saindo porta fora do armário.

E veio-me à memória uma frase batida:

Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida

Obrigada Maria Irene. Agora e aqui de onde me vejo, a liberdade afinal existe, até mesmo para a linguística que vem.

Obras citadas

Agamben, Giorgio. *Exemplo. A Comunidade que Vem*. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993. 15-17.

Deleuze, Gilles e Parnet, Clare. *Diálogos*. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio de Água, 2004. 46-47.

Ramalho Santos, Irene. "Difference and hierarchy revisited by feminism". *Revista Anglo Saxonica*, ser. III, n. 6, 2013. 21-46.

(Página deixada propositadamente em branco)

A LUZ DA MESTRA

Anna M. Klobucka

Começando a defrontar o desafio de escrever este texto, muito pequeno, mas tão difícil – e difícil justamente por ter que ser pequeno, concentrado, seletivo, por não poder reproduzir nos limites da sua focalização o lento decorrer das décadas que desejava perscrutar –, lembro-me perfeitamente do primeiro texto da autoria de Maria Irene Ramalho que li e sei muito bem quando e em que contexto o li. Era “O Sexo dos Poetas: A propósito de uma nova voz na poesia portuguesa”, publicado no número de Inverno de 1989/90 da revista *Via Latina*, uma reflexão híbrida, entre ensaio acadêmico e recensão (da estreia poética de Ana Luísa Amaral), em que se colocavam questões praticamente ausentes então do *mainstream* crítico-literário português. Essas questões interessavam-me vivamente, uma vez que estava a iniciar a pesquisa para a minha tese de doutoramento, que viria a concluir em 1993, sobre a construção do sujeito feminino na poesia portuguesa moderna (*O Formato Mulher: As poéticas do feminino na obra de Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta e Luiza Neto Jorge*), e tinha já percebido que as ferramentas epistemológicas e metodológicas para o meu trabalho teriam de ser, pela maior parte, inventadas de raiz ou adaptadas de modelos colhidos “lá fora”, em particular no repertório já tão amplo quanto diverso

da crítica e teoria literária feminista anglo-americana que, até pela sua própria robustez e multiplicidade das direções em coexistência dialógica, dificilmente se ajustava ao panorama literário, cultural e acadêmico português (para nem mencionar os pressupostos histórico-literários que orientavam o campo anglo-americano – como a existência multiseular do protagonismo literário feminino, certamente marginalizado pela perspectiva canônica dominante, mas ainda assim reconhecível e recuperável –, igualmente se afastando das realidades históricas bem distintas que subjaziam à escrita de mulheres em Portugal).

Neste cenário, para mim na altura ainda bastante mais angustiante do que estimulante, com a leitura do ensaio de Maria Irene Ramalho – julgo que encontrado ao acaso, na sala dos periódicos da Biblioteca Nacional, onde se podia folhear livremente os números mais recentes de revistas nacionais e estrangeiras – acendeu-se para mim uma luz pequena, mas intensa, que depressa se tornou um farol, passando a guiar as minhas subsequentes leituras e reflexões. Chamo-lhe aqui “a luz da Mestra” não apenas por este ser um texto de grata homenagem, mas também, e principalmente, por uma razão referencialmente específica, que passo a explicar. A expressão surge nas últimas palavras do poema de Luiza Neto Jorge, “A lume” (publicado originalmente no volume póstumo com o mesmo título), onde realiza uma interrupção do binarismo assimétrico enunciado, e denunciado, na abertura do poema (233):

Olho-me nos olhos
do meu gémeo
(seus olhos nos meus
ausentes)
e sempre vislumbro
fixo e refulgente
um lume

Na leitura que faço, em *O Formato Mulher*, da poética de gênero (gramatical e sexual) neste poema, situando-o no contexto global da poesia de Luiza Neto Jorge e em justaposição com o soneto “La mort des amants” de Baudelaire, a conclusão de “A lume” representa uma reterritorialização da dicotomia de (re)conhecimento inicialmente evocada em “A Lume”:

Porém o esplendor
no espelho alastra
como na pupila
a luz da Mestra

O metafórico par feminino de “pupila” e “Mestra” surge aqui – isto é, na minha leitura alegorizante deste processo – como uma interrupção calmamente explosiva do circuito restrito de comunicação e conhecimento (binário, heteronormativo, totalizante), colocando a possibilidade de uma outra epistemologia relacional (motivo, aliás, recorrente na poesia de Luiza Neto Jorge, com a sua insistência antinormativa – “Não aceito as classes zoológicas” – e incitação às “revoluções de matéria”). E é também como uma interrupção epistêmica – tão serenamente ponderada quanto radical – que posiciono a intervenção intelectual de Maria Irene Ramalho, tanto na área dos estudos literários e feministas em Portugal como no meu próprio percurso de aprendizagem e construção de conhecimentos, no qual a leitura dos seus textos tantas vezes teve um papel decisivamente importante. E não posso deixar de referir, também, que esta relação de comunicação por via de textos académicos chegou a ser enriquecida, apenas um pouco mais tarde, pela relação travada pessoalmente, quando a Maria Irene visitou a Universidade de Harvard em 1991, a convite de Helen Vendler, crítica e estudiosa celebrada da poesia norte-americana, com uma conferência sobre “Anglo-American Poetics: From Whitman to Pessoa” (a que se seguiu

uma receção e o meu emocionado prazer em vir a ser apresentada à conferencista, que se revelou amabilíssima e generosamente interessada no meu trabalho). Aí acendeu-se um outro farol, iluminando outros caminhos (pessoanos e não só) que também continuo ainda a percorrer – sempre atenta aos ensinamentos de Maria Irene Ramalho e sempre grata pela luz da Mestra.

Obras citadas

Koblucka, Anna, *O Formato Mulber: A emergência da autoria feminina na poesia portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.

Jorge, Luiza Neto, *Poesia. 1960-1989*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa, “O Sexo dos Poetas: A propósito de uma nova voz na poesia portuguesa”. *Via Latina*. Coimbra: SHJ/AAC, Inverno de 1989/90. 122-24.

**FRAGMENTOS CONTADOS DO ADVIR
DA M^a IRENE, ANTES QUE A MEMÓRIA
SE ME ESVAZIE¹**

Angélica Lima Cruz

Era uma vez. . . Não. Desta vez, eram duas vezes.

Eram duas jovens irmãs casadas que esperavam cada uma a sua criança (ainda não se faziam ecografias). Pelos seus cálculos, deveriam nascer no mês de setembro. Estas duas jovens, agora de esperanças, tinham saído de uma casa grande, com muitas mulheres. Quando alguma das irmãs estava para dar à luz, uma das solteiras deslocava-se do casarão e vinha, antes da data prevista, para assistir ao parto e tomar conta do governo da casa até que tudo voltasse ao normal.

Estávamos em plena Segunda Grande Guerra Mundial, com racionamento em tudo, até na gasolina, o que tornava ainda maior a distância a que se encontravam essas jovens mães da dita casa de onde tinham partido para se casarem, e de onde também haveria de partir a ajuda que esperavam. Uma irmã, só, não podia garantir a assistência aos dois partos. Naquele tempo, quando se apontava uma data para o parto, era em função da menstruação ou das luas. Não houve outro remédio senão abalarem as duas irmãs solteiras,

¹ Irei fazer referência a factos anteriores à sua visibilidade académica.

uma para cada casa. E assim vieram ao mundo duas meninas, no dito mês de setembro: uma, no dia 7, a quem deram o nome da avó materna – Angélica. A outra, no dia 30 do mesmo mês, à qual foi dado o nome da mãe – Irene.

Naquele tempo em Portugal, a todas as crianças do sexo feminino, era dado em primeiro lugar o nome de Maria em honra da Virgem. De qualquer maneira, não ficámos mal servidas: M^a Irene e M^a Angélica. Com uma educação católica, fizemos todas as etapas desse credo, pelo menos até ao casamento. Também não faltou a participação, cada uma na sua terra, em procissões locais, vestidas a “fazer d’anjinho” – uma figura com aura sagrada.

Vivemos em terras separadas até à vinda da M^a Irene para o liceu de Braga. Na escola primária, tinha avançado um ano, o que era raro acontecer. Era muito guicha, aprendia muito bem, mas isso não a afetava, nem se vangloriava do seu brilhantismo como aprendiz, e se havia pessoa que o podia confirmar era eu. . . Curiosamente, mais do que uma pessoa se abeirou de mim a indagar se ela estudava muito e eu simplesmente dizia que ela se agarrava aos livros tanto como outra qualquer, só que os resultados eram diferentes. Estou convencida de que, para além de ter uma boa cabeça, o que ouvia nas aulas ficava-lhe, sem qualquer esforço.

A nossa amizade, naquela altura, era recheada de interesses como dançar, cantar, passear pelas ruas no fim das aulas, enquanto comíamos um pastel da Benamor. Foi nessa altura que criámos um código de linguagem só nosso. O ponto alto do nosso conviver eram as idas ao cinema. Vou lembrar uma passagem das nossas vidas relacionada com esse prazer. Pelos nossos 15 anos, a Mima, como nos tratávamos, e tratamos, uma à outra, adoeceu gravemente. Começou por uma apendicite à qual se seguiu uma peritonite que, se hoje é grave, nessa altura, nem falar! Esteve no hospital muito tempo – à morte!. . . sem esperanças de se curar. Chegou mesmo a ser solicitado a vinda a Braga de um médico professor da Universidade do Porto, Álvaro

Rodrigues, para dar o seu parecer sobre uma última tentativa, que era arriscada. Pensava-se que ela iria morrer. Vai daí, fiz uma promessa, que constou nem mais nem menos do que abster-me de ir ao cinema durante um ano! Perdi alguns filmes, mas o que mais me custou foi o *Gigante*, com a Elisabeth Taylor, o Rock Hudson e o James Dean. E o que aconteceu? Já sabemos. . . Apesar disto tudo, nem o ano perdeu.

De seguida, parte para Coimbra, para frequentar o curso de Germânicas na Faculdade de Letras. Numa das visitas que lhe fiz, enquanto me mostrava a Universidade, contou-me o modo como as caloiras, sobretudo as da Faculdade de Letras, que eram muitas, eram avaliadas, nos primeiros dias, pelo mundo académico masculino: qual a mais bonita, sexy e elegante. Havia mesmo um assistente de medicina que era o principal predador das jovens caloiras. Sobre esse figurante mais histórias se contavam. . . Não sei, mas a avaliar pelas que tinham sido eleitas nos últimos anos, o cânone de beleza alinhava pelo cinematográfico de então: abonecadas, alouradas e a dever alguma coisa a um tipo de beleza mais próximo da Brigitte Bardot do que da Grace Kelly ou Ava Gardner. Mas a M^a Irene não se enquadrava no dito cânone. Era bonita, alta, elegante, culta, além de saber dançar muito bem, tanto os dançares do Minho, como as modas dos anos 50 e 60.

Ambas atravessámos, sem sobressaltos de maior, os ritos de passagem da época: dos soquetes para as meias de vidro, dos sapatos rasos para o tacão alto, a primeira saia travada, o primeiro soutien. . . Atitudes exteriores de contestação, como fumar, que era então só para homens adultos, nunca nos atraíram.

Numa das minhas idas a Coimbra, a M^a Irene mostrou-me a cidade e todos aqueles lugares emblemáticos exaltados nos fados de lá. Mas outros lugares havia que não faziam parte do repertório romântico desses fados, pelo contrário, denunciavam uma cidade pontuada por lugares e sentidos proibidos para as mulheres. Esta circulação definida pelo mundo masculino tornava Coimbra uma

cidade abafada e cheia de armadilhas para as raparigas: uma rapariga que passasse pelos sítios interditos mais do que uma ou duas vezes ficaria “queimada”, ou seja, falada, badalada, dita sem vergonha de se andar a oferecer.

Com a permanência da M^a Irene em Coimbra, os convívios passaram a ser mais espaçados. Quase só nas férias grandes.

Casámos no mesmo ano, em 1965, com diferença de meses. Os vestidos, quase iguais, sem tules nem folhos, mas duma simplicidade sóbria, não alinhavam no figurino da época, nem o raminho de malmequeres que a M^a Irene ripou do muro e levava na mão, mas em sintonia com uma cerimónia simples, íntima e comungada pelos presentes, ao contrário do espetáculo mundano e de exibição, que era o mais praticado nesse tempo. Dali a um ano, começou a descendência, e pouco tempo depois parte ela para os EUA, onde vai iniciar o seu doutoramento. Avizinhava-se o tempo de visibilidade da M^a Irene.

Com o fim deste advento, acontece a entrada no templo universitário, mas sobre o tempo do templo outras gentes falarão, porque mais do que eu saberão. O que eu sei ainda, até por experiência pessoal, é que a M^a Irene se distingue também pelo apoio generoso que presta na partilha de conhecimentos e no estímulo que dá a quem dela se abeira em busca de ajuda para a realização e publicação de trabalhos – científicos ou outros.

A nossa é uma amizade, ora contínua ora tracejada, mas sem nunca perder o fio à meada. . .

PARTES DE UM TODO

Helder Macedo

Tendo-me sido dada a opção de colaborar nesta homenagem a Maria Irene Ramalho com um “texto académico” ou com um “testemunho”, a amizade sobrepôs-se à admiração. No entanto, este testemunho de amizade inclui também o reconhecimento da *scholar* com quem tive o privilégio de partilhar alguns dos melhores momentos da minha vida académica. Refiro-me sobretudo, embora não apenas, aos vários anos em que participei nas avaliações, por ela lideradas, de centros e de projetos de investigação nas universidades portuguesas, beneficiando da sua extraordinária capacidade de reconciliar um rigoroso profissionalismo com uma profunda generosidade de sentimentos.

Nos seus estudos académicos, Maria Irene Ramalho demonstra a verdade fundamental que só se pode conhecer o que se ama. Que amor é conhecimento. Como diria um dos muitos poetas que partilhamos, W. B. Yeats, não se pode separar a dança de quem dança. O nosso também partilhado Fernando Pessoa terá dito, num dos seus aparentemente fragmentados disfarces, que o universo é partes sem todo. Mas isso só pode ser dito, como Maria Irene Ramalho bem sabe, por quem sabe que um todo é feito de partes só aparentemente fragmentadas.

Outro poeta que partilhamos é, obviamente, Luís de Camões. Que, tanto quanto Pessoa e Yeats, foi um poeta que procurou transformar

a fragmentação do mundo aparente numa totalidade essencial. Para Camões, no entanto, a totalidade desejada era, ou deveria ter podido ser, um propósito humano realizável em vida e não uma transposição metafísica para o divino. E nisso talvez seja mais do nosso tempo do que esses dois poetas cronologicamente mais modernos ou, como outro exemplo pertinente, T. S. Eliot.

E aqui, querida Maria Irene, vou meter a minha foice camoniana na tua seara anglo-americana. Integrando o “texto acadêmico” que não escrevi no “testemunho” que preferi escrever como parte das nossas nunca terminadas conversas de perene amizade.

Lembras-te certamente da fala de Lionardo no Canto IX (estrofes 75-82) d’*Os Lusíadas*. Esse “bem desposto” Lionardo – “manhoso, cavaleiro e namorado / a quem Amor não dera um só desgosto, / mas sempre fora dele mal tratado” – é, segundo entendo, caracterizado por Camões como um falso amador, porque tinha substituído a veracidade dos sentimentos por uma expressão poética literariamente bela mas existencialmente falsificadora. Por isso “Amor nunca lhe dera um só desgosto” e, sem a experiência de verdadeiramente amar, ele havia maltratado o Amor. Mas, por isso também, nunca tinha experimentado o gosto de amar. É essa experiência que, em vez de uma neoplatónica idealização incorporeal, lhe vai ser oferecida na iniciática Ilha do Amor pela fisicalidade da “Ninfa”, a quem ele confessa (citando o seu inevitável Petrarca. . .) que, até então, *Tra la spica e la man qual muro he messo!* (“Entre a espiga e a mão mete-se um muro”). A Ninfa – ainda assim seduzida pela beleza da poesia petrarquista. . . – finalmente cede, “volvendo o rosto, já sereno e santo, / toda banhada em riso e alegria”, quando percebe que ele tinha aprendido a lição. E Lionardo, pela primeira vez, “todo se desfaz em puro amor”. Mas tudo isso, é claro, é dito pelo Camões que sabia – e ensina – que carne e espírito são indissociáveis partes do mesmo todo que é o amor, enquanto que o soneto de Petrarca desenvolve o conceito de que o desejo é uma

espécie de cegueira que destrói o coração (*Se col cieco desir che'l cor distrugge*).

Agora pergunto-te, Maria Irene, se concordas que esse verso de Petrarca citado por Camões é também ecoado por T. S. Eliot no poema *The Hollow Men*. Ou seja, se a “Sombra” de Eliot corresponde ao “muro” de Petrarca.

Eliot escreve, em *The Hollow Men*, que *between the idea / and the reality / falls the Shadow*. E não é só “entre a ideia e a realidade” que a “sombra” cai, mas também, em reiteraões sucessivas do conceito, entre “o movimento e o ato”, “a conceção e a criação”, “a emoção e a resposta”, “o desejo e o espasmo”, “a potência e a existência”, até culminar com a sombra a cair entre a divina “essência” e a sua “descida” ao mundo da matéria. Eliot, a seu modo, glosando Petrarca para dizer que sim, que entre a espiga e a mão há um muro intransponível. Enquanto que Camões – menos petrarquista do que Eliot – cita Petrarca para mostrar que não, que não é ou não deveria ser necessariamente assim.

Entre as muitas possíveis fontes literárias e filosóficas do poema de Eliot que têm sido detetadas pela crítica (Aristóteles, S. Tomás de Aquino, o pré-pessoano William James no *The Meaning of Truth*, e várias outras) não há, que eu saiba, qualquer referência ao “muro” do soneto de Petrarca. Mas isso pode ser ignorância minha e tu saberás melhor do que eu. Creio, em todo o caso, que a “sombra” que “cai” no poema de Eliot e o “muro” que se intrepõe à “mão” no soneto de Petrarca têm um significado equivalente. Além do mais, T. S. Eliot conhecia bem Petrarca. Bom, sim, mas, para seu prejuízo, não conhecia Camões. Ou, se conhecia, não partilhava a visão do mundo existencialmente redentora que, mesmo nos seus momentos de mais extremo desespero, o impediram de tornar-se num “homem esvaziado” para quem o mundo pudesse acabar *“Not with a bang but a whimper”*.

Que te parece? Será que isto faz algum sentido? Como vês, querida Maria Irene, temos ainda muito para conversar.

(Página deixada propositadamente em branco)

AN “EXTRA-VAGANT” SCHOLAR

James McIntosh

I first knew Maria Irene Ramalho Santos as a student in a two-semester graduate survey of American literature I taught at Yale some forty-seven years ago. She came to the class with a thorough background in English and European literatures, but without much familiarity with American literature, a renegade and upstart field of inquiry even in the United States at that time. Thus in her choice of fields she already showed her adventurous spirit. She was more mature and wiser than most members of the seminar. She brought not only a cosmopolitan perspective but also a tenacious moral imagination to our discussions. I continued to take an interest in her work during her years at Yale and we have shared our writings and our intellectual concerns ever since.

Professor Ramalho Santos is in her own terms an “extra-vagant” scholar, with the Thoreauvian capacity to wander beyond ordinary disciplinary and cultural boundaries. She is not only one of the leading European scholars of American literature, but also a key figure in the American Studies movement internationally. Daringly and extra-vagantly, she has been an advocate for poetry and the Humanities within American Studies, while remaining open to the continually self-transforming democratic character of the movement. Her focus on comparative poetics, the defense and exposition of

poetry in an international cultural context, is exemplary and virtually unique in American Studies. In her critical writing her views are vigorously independent, while informed by her wide knowledge of different national literatures and critical traditions. Her independence, however, is balanced by a generosity of spirit. Her gratitude for her learning is evident in all her writings.

I experienced Professor Ramalho Santos's energetic generosity when she invited me to give a lecture and conduct a seminar at Coimbra in May, 2001. She organized my visit thoughtfully and efficiently, welcomed me effusively, and made the whole series of events one of the most rewarding experiences in my career. It was clear to me also that she had developed an extraordinary center for the study of American literature and especially poetry at Coimbra, one of the liveliest and most engaged community of scholars and readers I have ever observed. I am extremely grateful to her for her hospitality then and for her intellectual friendship throughout my career. I am not alone in my gratitude. Her hospitality and generosity to poets and scholars from many places have helped to foster a world community in the Humanities, with a center at Coimbra.

MIR: MEMÓRIA NARRATIVA

João Paulo Moreira

Por feliz confluência histórica, o seu regresso dos Estados Unidos da América, de onde trouxe modelos de vivência académica baseados na partilha despreconceituosa do saber e na valorização do contributo original e autónomo do estudioso – fosse ele discente ou docente – coincidiu no tempo com o agitado mas estimulantiíssimo final da primeira metade da década de setenta, período de inquietação dos espíritos e de grandes desafios e interrogações a todos os níveis e nas mais miúdas voltas do dia-a-dia. A prática letiva de Maria Irene Ramalho parecia talhada para esses tempos conturbados mas apaixonantes. Desconcertava e seduzia alunos e alunas porque lhes queria saber as opiniões, escutava-as com respeito, incorporava-as na textura da aula. A lição nem com o sumário ficava verdadeiramente encerrada, porque a discussão e o convite à dissensão permaneciam em aberto. Não menos sedutor, contudo – e particularmente espantoso para a época – era o facto de, a par dos clássicos e da produção teórica pertinente, dominar a literatura primária mais recente, e, mais do que isso, trazer para os programas de licenciatura obras de autores não só *vivos* como controversos. Com o tempo, essas obras e autores viriam a ser integrados nos currículos de pós-licenciatura e em projetos de doutoramento, e isso hoje parece-nos natural, quando na época estava longe de o ser.

Foi, assim, precioso privilégio pertencer ao círculo da amizade que veio depois, cimentada em décadas de convívio. Ao mesmo tempo, na relação profissional, foram constantes a confiança, o apoio e o incentivo. Ao longo dos anos pude, em incontáveis ocasiões, voltar a sentar-me no lugar do pupilo, em seminários e palestras que produziu sobre uma paleta infinda de temas, canónicos e dos outros. E se isso não bastasse, a admiração pela Maria Irene, pela sua energia inesgotável e pela imensa dedicação à causa do saber posto em comum, ficaria ainda, e mais uma vez, indelevelmente gravada em mim – como em tantos, tantos mais – graças à iniciativa entusiasmante que foi a organização dos Encontros Internacionais de Poetas, essa aventura corajosa que repercutiria fundo na escola e nos espíritos que mobilizou, e que continua a produzir ecos de carinho e reconhecimento nas mais distantes e inesperadas paragens.

É, enfim, privilégio também que me seja permitido juntar a voz à presente homenagem à Maria Irene e testemunhar que continuo, desde essas primeiras aulas nos bancos da licenciatura, um seu sempre discípulo, sempre aprendiz, sempre rendido ao exemplo de curiosidade inquieta, de humildade e generosidade.

**MARIA IRENE RAMALHO: O MODERNISMO
NUMA PERSPETIVA COMPARATISTA**

Patrícia Silva Oliveira e Steffen Dix

Has space extension? Has colour colour? Does time pass?
Is space extended? Colour coloured? Time transitory?

Fernando Pessoa (BNP/E 3; 22-7)

I see, you wish to give people new eyes,
not to make them see some new particular thing.

Ezra Pound (“Vorticism”)

As primeiras expressões modernistas foram contemporâneas de algumas das mais influentes inovações filosóficas na viragem do século XIX para o século XX. Em 1886, na pequena aldeia suíça Sils Maria, Friedrich Nietzsche termina “um prelúdio para uma filosofia do futuro” intitulado *Jenseits von Gut und Böse* e declara a visão perspetivista como único meio legítimo de alcançar alguma objetividade. A sua reivindicação teórica de observar o mundo a partir de vários e diferentes pares de olhos foi praticada apenas alguns anos mais tarde, em Lisboa, no *drama em gente* de Fernando Pessoa. Em 1889, o filósofo francês Henri Bergson – de mãe irlandesa e pai polaco – publica o seu *Essai sur les données immédiates de la cons-*

ciencia e insinua que o tempo é um produto híbrido entre duração e espaço. Sem esta nova noção do tempo de Bergson, Wyndham Lewis não teria escrito *Time and Western Man* e o simultaneísmo do casal Delaunay seria algo bastante diferente. E a ‘redução fenomenológica’ do judeu alemão Edmund Husserl está presente no pensamento poético do americano Wallace Stevens ou, pelo menos, nas suas considerações sobre as relações entre a consciência e o mundo exterior. Um olhar sumário para estes pequenos exemplos será suficiente para concluir que o diferenciado olhar fenomenológico, a relativização do tempo e do espaço e a hibridização transnacional estiveram na base do modernismo. Neste sentido, a recente reivindicação de um alargamento transnacional, espacial ou temporal dos estudos modernistas não é propriamente uma inovação académica, mas reflete uma condição intrínseca dos estudos modernistas. Contudo, estas exigências teóricas têm a sua justificação, tendo contribuído para renovar a disciplina. Na sua recente recensão dos novos estudos modernistas, Douglas Mao e Rebecca Walkowitz distinguem entre as contribuições mais produtivas da investigação científica de carácter transnacional as que ‘defendem a centralidade da circulação e tradução transnacional para a produção de arte modernista’ (2008: 739), citando como exemplo *Atlantic Poets* (2003) de Maria Irene Ramalho.

Este livro despertou, muito cedo, a nossa sensibilidade para o facto de todas as literaturas e culturas modernistas estarem marcadas por um grau elevado de ‘hetero-referencialidade’. De uma forma eloquente e erudita, Maria Irene Ramalho argumenta que a obra de Fernando Pessoa pode oferecer-nos acesso privilegiado às obras poéticas de modernistas anglo-americanos, e o livro teve, assim, um impacto intelectual significativo para o nosso próprio pensamento e para os nossos próprios estudos sobre modernismos transnacionais e transatlânticos. Esta monografia ajudou-nos a perceber claramente que nenhuma literatura ou produção artística nacional pode ser

considerada como uma entidade autotélica, tendo sido complementada por estudos subsequentes, tais como o volume de ensaios que coeditou com António Sousa Ribeiro, *Translocal Modernisms*, que sublinha os ‘vários tipos de revisões translocais e transtemporais’ a que têm sido sujeitos os estudos modernistas nas duas últimas décadas (2008: 2).

Além destas extraordinárias qualidades de raciocínio, de que demos aqui apenas um pequeno exemplo, Maria Irene Ramalho mostrou-nos, na nossa convivência, sempre uma grandeza pessoal, uma disponibilidade incondicional e uma verdadeira generosidade amiga, das quais resultaram várias colaborações em livros ou *special issues* editados por nós próprios. Neste sentido, Maria Irene Ramalho representa para nós sobretudo duas coisas: ela ensinou-nos as qualidades humanas necessárias no mundo académico e deixou nas nossas mãos um excelente fio de Ariadne com o qual aprendemos a orientar-nos no fascinante mundo artístico da modernidade atlântica. Assim, ela revelou-se uma verdadeira companheira no nosso caminho intelectual, sempre salientando o facto que o nosso horizonte próprio não é o mundo inteiro.

Obras citadas

Mao, Douglas and Rebecca L. Walkowitz. “The New Modernist Studies”. *PMLA* 123.3 (2008): 737-748. Print.

Ramalho Santos, Irene. *Atlantic Poets: Fernando Pessoa’s Turn in Anglo-American Modernism*. Hanover: University Press of New England, 2003. Print.

Ramalho Santos, Irene e António Sousa Ribeiro. *Translocal Modernisms: International Perspectives*. Bern and others: Peter Lang, 2008. Print.

(Página deixada propositadamente em branco)

PALIMPSESTS AND KEENER SOUNDS

Marta Soares

The table wasn't round; it was a rectangle, yet it felt like a circle, inviting us to explore the world through the kaleidoscopic lens of poetry. I often find myself in this classroom, "Sala de Seminários do IENA", when I think about Professor Maria Irene and how it all began – my interest in American Studies, my craving for poetry, my deep admiration for my professor and advisor, for her remarkable encyclopedic knowledge, her rare zeal for detail, but especially her kindness and wit.

Those fortunate enough to know Professor Maria Irene personally are certainly aware of her dislike of excessive praise and applause. Yet, my words spring from an immense respect and, above all, gratitude for having been fortunate enough to have found such a generous guide and spirited friend.

The table wasn't round, yet it felt like a circle. Returning to "Sala dos Seminários" is an inevitable exercise of (mis)remembering, scratching the layers of a palimpsest made of cryptic words, soft old books, inquisitive young minds, carefully penned notes, and the commanding, yet kind presence of Professor Maria Irene. Poetry, with its "ghostlier demarcations, keener sounds," as superbly phrased by Wallace Stevens, was here a serious matter, a volatile gateway leading to knowledge and, more important, to never ending questions.

The table wasn't round; it was a rectangle, yet it felt like a spiral: Emily Dickinson's volcanoes, William Carlos Williams's American grain, Hart Crane's "steeled Cognizance," Marianne Moore's feigned dislike of poetry, H.D.'s "thousand-petalled lily," perpetually unfolding.

Works cited

Crane, H. *The Complete Poems and Selected Letters and Prose of Hart Crane*. London: Oxford University Press, 1972. Print.

Doolittle, H. *Helen in Egypt*. New York: New Directions Books, 1974. Print.

Stevens, W. *The Collected Poems of Wallace Stevens*. New York: Vintage Books, 1990. Print.

**“DAS MINUDÊNCIAS”: HOMENAGEM A
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS**

Manuella Glaziou

A frequência do Mestrado e do Doutorado em Estudos Americanos em Coimbra concedeu-me anos excepcionais. A paixão obsessiva pela América levou-me à descoberta, conquista e interação com outros seres e mundos. Falar de Estudos Americanos em Portugal é mencionar obrigatoriamente Maria Irene Ramalho de Sousa Santos. Todavia, não acontece com a premência que seria expectável, apesar da incomparável qualidade e projeção internacional da sua produção intelectual. Falta de minúcia.

Quando, após ter sido informada sobre os feitos da responsável do Mestrado, me sentei na sala Professor Paulo Quintela, estava apavorada. O meu português inqualificável, pejado de francesismos, anglicismos e a minha tendência extrovertida desqualificar-me-iam perante tamanha personalidade. Uma mulher esbelta com cabelos ruivos, um olhar brilhante, vestida com um casaco com motivos étnicos falava baixo e pausadamente. Emanava serenidade, uma autoconfiança e um carisma ilimitados. “Minudência” foi adicionado ao meu parco léxico português logo na primeira aula.

Sous le charme. Há quem destile charme e não se deixe encantar. Uma mulher com carisma, inteligência, autodomínio e confiança em si gera poder e saber. O importante é saber doseá-lo. A meu

ver, a Sra. Professora Maria Irene é poderosa e não todo-poderosa. Assim, fui sendo muito pacientemente corrigida, formatada, des/reconstruída, sacudida intelectualmente na relação com esta senhora, por causa ou graças à América imaginada. Minudência que não é de somenos.

Por diversas razões, algumas alheias às próprias mulheres, outras por culpa própria, não abundam as mulheres que, não sendo “Sras.” de ninguém, senão de si-mesmas, sabem transmitir com doçura e rigor o seu conhecimento, e despertar mentes e corações. Excepcionais são que as que mantêm uma atitude física e moral ereta e determinada, uma firmeza, ora aguda, ora quase terna, para erradicar as críticas e expressões menos felizes, com *dérision* e humor, respostas astutas e demolidoras. Trato e gestão das minudências.

Para mim, a Sra. Professora Maria Irene não é um modelo a emular, pois seria redutor. Considero-a um feixe de luz para iluminar o caminho. Muitas vezes com um lindo sorriso. Minudência ou não.

“Manuellá”, carregando no á final... foi assim que, muitas vezes, a Sra. Professora me interpelava, lidando, com toda a subtileza possível e ironia maiêutica, com a minha reivindicação do estatuto da *exception française*, no meio de tanto excecionalismo americano. Estas interlocuções à volta dos diálogos transatlânticos tornaram-me numa mulher mais construída, menos “possuída” por minudências e detalhes desnecessários, mais focada nos que realmente interessam para os meus objetos de interesse e observação. Tenuidade ou minudência: descobri que fazemos anos no mesmo dia.

MERCI BEAUCOUP é uma migalha de agradecimento, mas não é uma minudência.

A GENTLE AND WORLDLY WOMAN

Bill Whitford

Professor Maria Irene Ramalho de Sousa Santos has been a close friend for many years, and for the past 25 years or so as a housemate during the months she and her husband are working at the University of Wisconsin-Madison. We have seen Irene (as we call her) hard at work and I have read several of her many academic papers. But I am not professionally competent to critique her professional work and will not attempt to do so, except to attest that she works hard at it and is very dedicated to it.

I will comment instead as a friend who knows Irene very well. One way to describe Irene is that she is “well raised”. By that I mean far more than that she has good manners, though that is certainly true as well. Irene is somebody who has empathy, and who is attentive to the situations and moods of persons around her. She is always ready to lend a sympathetic ear when it is needed, and to offer suggestions as appropriate. And she is always willing to help when needed.

Irene is also a very worldly person, who has traveled to many places and studied many subjects. She is an interesting conversationalist about almost all topics, and especially those related to literature, her academic specialty. Irene is a committed feminist and a democratic socialist, passionate about matters that touch on these deep ideological commitments.

No testimonial to Irene could neglect to mention how devoted she is to her family, and to the idea of family. She relishes her family relationships, whether they be as wife, mother or grandmother, and she devotes a great deal of her energy to nurturing them. And we believe that all of her family are better for it.

With Love, Bill

ON FRIENDSHIP

Lynn Whitford

It has been our very good fortune to have had this wonderful woman as a close friend for many years. We met when we were, I now realize, very young, when Maria Irene and Boaventura (who have become accustomed to being called Irene and Boa in our house) first began coming to the University of Wisconsin as visiting scholars. For the past 25 years or so they have lived in our house while they are in Madison, which has allowed our friendship to deepen. They and we happen to have been married on the same day and year, and the four of us have in fact been together in sickness and in health, through good times and bad, and been able to share some of each other's joys and to empathize with one another in some times of sorrow. It has been our pleasure to discuss matters large and small, political and personal, as we shared good food and excellent Portuguese wine.

Irene's scholarship and vast knowledge of literature and especially poetry have also enriched our lives. She has always been quietly generous with her knowledge. As I have begun to add text to my metal sculptures in recent years, she has helped me find poems I would never have come across. Her willingness to discuss poetry with me and to give me some context and help in finding new layers of meaning in them has been coupled with her encouragement

not to get caught up in trying to “explain” them, but rather to just enjoy them. In other words, she has given me both the help I have requested and the liberating suggestion that I don’t need it.

She is a powerful and passionate advocate for the value of the humanities and their necessity for keeping us human in a world obsessed with technology and disinterested in anything that is not quantifiable. I am sure that she has inspired generations of students to share these values. She has supported poets from all over the world and helped them to connect to one another, to the benefit of all of us.

I suppose someday it will be old age and the distance between our two continents that will part us, but I hope that will not happen soon. Our lives and our house will feel emptier when that happens.

With love,
Lynn

**THE IMAGINATION'S LATINIST: A TRIBUTE TO
'THE WALLACE STEVENS LADY'**

Stephen Wilson

Back in the day, shortly before I left London to come to Coimbra, I bumped into Stephen Fender, then a lecturer in the English Department at University College London who I used to meet occasionally at Ezra Pound related events. Stephen was also on the eve of a move, he was about to take up the post of Professor of American Studies at Sussex, and we spoke briefly of what the future might hold. I confessed that, although I had a friend who worked there, I knew very little about the University of Coimbra. I had, however, corresponded (yes “corresponded” – it really was a long time ago) with my head of department to-be – Maria Irene Ramalho de Sousa Santos – and she seemed to be most helpful and charming. After a moment, Stephen replied: “Ah, yes, the Wallace Stevens lady.”

When I speak of Stevens it is not without trepidation but I must do as the occasion demands, and on this occasion I bring to mind the lines (they are well known) from the second section of “Notes Towards a Supreme Fiction”:

He tries by a peculiar speech to speak

The peculiar potency of the general,
To compound the imagination's Latin with
The lingua franca et jocundissima.

It is the last line (“The lingua franca et jocundissima”) that most obviously invokes Maria Irene, that conjures up something of her intellectual audacity and sparkle. However, I would like to focus on the phrase “the imagination’s Latin.” I think that by Latin Stevens means something like that second language that Dante speaks of in his *De Vulgari Eloquentia* (“Est et inde alia locutio secundaria nobis, quam Romani gramaticam vocaverunt”). The “gramatica” is the principles of organization and combination (the rules of grammar if you like), and it is the task of the imagination’s Latinist to identify the subject, object and main verb, to bring a seemly order to the subordinate elements and to impose agreement in number and kind. In short, to order and dispose the parts into a decorous whole.

It is not too great a stretch to speak of an academic department (for example, Anglo-American Studies at Coimbra) as an instance, or type, of the Supreme Fiction. Maria Irene created Anglo-American Studies at Coimbra. She was able to do this, in large measure, because she is a brilliant scholar and an inspirational teacher, but also because she was able to organise and to bring together the disparate elements that comprised the department. Stevens wrote that the Supreme Fiction “must be abstract” and while that may be so let us not forget the concrete fact that for years Irene ran the department almost single-handedly: sitting through the meetings, writing the proposals, assigning teaching, managing the comings and goings of staff, signing whatever needed to be signed and even finding time to answer the letters of the new recruits. She did all of this and did it without ever losing her command of the syntax, without ever losing track of the main verb, without – one might say – ever losing sight of the wood among the trees. Those of us who were fortunate

enough to be part of it know that Maria Irene made it possible for us to learn much, to teach much and to be pleased and pleasing while doing so. Stevens also tells us that the Supreme Fiction “must change.” This one has and not, in my view, for the better. That is what happens to fictions, even Supreme Fictions, in their encounter with what W.B. Yeats termed this “pragmatical, preposterous pig of a world” and it does not diminish the achievement. It is that achievement, that Supreme Fiction, and the imagination’s Latinist who made it happen that is saluted here.

Stephen Fender’s words have stayed with me and this is my tribute to the “Wallace Stevens lady.” She is, of course, many other things besides but others better placed to do so have provided testimonies as to that. Although I have never been able to work out exactly what the damn line means, I will end by saying ‘let be be finale of seem’ and assert that I was right all those years ago: she is most helpful and charming.

(Página deixada propositadamente em branco)

TABULA GRATULATORIA

Abílio Hernandez	Fernanda Cravidão
Alice Kessler-Harris	Fernando Catroga
Ana Cristina Bartolomeu de Araújo	Fernando Taveira da Fonseca
Ana Lúcia Fonseca Santos	Francisco de São José de Oliveira
Ana Luís	Frederico Maria Bio Lourenço
Ana Oliveira	Gonçalo Cholant
Andrew Packett	Graça Abranches
António Apolinário Lourenço	Graça Maria de Oliveira e Silva
Antonio Filipe Pimentel	Rio-Torto
António Martins da Silva	Graham Preston
Carlos André	Harold Bloom
Carlos Fortuna	Helen Sapega
Carolyn Cemlyn-Jones	Hermes Costa
Clarinda de Azevedo Maia	Elísio Estanque
Conceição Carapinha	José Manuel Mendes
Cristina Martins	Irene Vaquinhas
Cristina Ribeiro	Isabel Allegro Magalhães
Delfim Leão	Isabel Donas Botto
Diana Silver	Jeniffer Simpson dos Santos
Edmundo Balsemão Pires	João Gouveia Monteiro
Elfriede Engelmayer	João Nuno P. Corrêa-Cardoso
Fernanda Bernardo	John Havelda

John Holm	Maria Manuela Tavares Ribeiro
John Mock	Maria Teresa Veloso
Jorge de Alarcão	Marta Anacleto
Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho	Marta Mancelos
José Bernardes	Matilde Estevens
José d'Encarnação	Oswaldo Silvestre
José Manuel Pureza	Paula Pinto Elyseu Mesquita
José Miguel Moura	Pedro Hespanha
José Oliveira Barata	Penelope Stonehouse
José Pedro Paiva	Prospero Saiz
José Reis	Rachel Blau DuPlessis
Júlia Garraio	Raquel Vilaça
Licínia Pereira	Rita Marnoto
Lídia Jorge	Rui Bebiano
Lúcio Cunha	Saul António Gomes
Margarida Calafate Ribeiro	Shahd Wadi
Margarida Sobral Neto	Teresa Schiappa
Maria Alegria Marques	Vânia Duarte
Maria Alzira Seixo	
Maria Antónia Lopes	
Maria Aparecida Ribeiro	
Maria de Fátima Gil	
Maria de Fátima Silva	
Maria do Céu Zambujo Fialho	
Maria do Rosário Neto Mariano	
Maria Helena da Cruz Coelho	
Maria Helena Horta Simões	
Maria José Azevedo Santos	
Maria Leonor Telles	
Maria Manuela Gouveia Delille	

**NOTAS BIOGRÁFICAS /
NOTES ON CONTRIBUTORS**

(Página deixada propositadamente em branco)

Cláudia Pazos ALONSO é Professora Associada de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Oxford. Os seus interesses de investigação incidem sobre os séculos XIX e XX, com destaque para questões de género. Entre as suas publicações recentes conta-se *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy, and the Politics of Authorship in 20th-Century Portuguese Women's Writing* (com Hilary Owen; 2011). Coordenou, com diversas colegas, as obras *A Companion to Portuguese Literature* (2013) e *Reading Literature in Portuguese* (2013), bem como volumes dedicados a vultos importantes da lusofonia, tais como Lídia Jorge, Clarice Lispector, Mia Couto e António Pedro. É responsável, com Fabio Mario Silva, pelas novas edições das obras de Florbela Espanca (2012- em curso) e de Judith Teixeira (2015). Atualmente é Vice-Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas.

Cláudia Pazos ALONSO is Associate Professor of Portuguese and Brazilian Studies at the University of Oxford. Her research interests range widely across the 19th and 20th centuries, with special emphasis on gender issues. She has co-authored *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy, and the Politics of Authorship in 20th-Century Portuguese Women's Writing* (with Hilary Owen; 2011) and is joint editor of *A Companion to Portuguese Literature* (2013) and *Reading Literature in Portuguese* (2013). She has also published books or special journal issues devoted to significant Lusophone public intellectuals such as Lídia Jorge, Clarice Lispector, Mia Couto and António Pedro. Together with Fabio Mario Silva, she is responsible for the new editions of the work

of Florbela Espanca (2012- ongoing) and Judith Teixeira (2015). She is currently Vice-President of the International Association of Lusitanists.

Teresa F. A. ALVES é professora jubilada e investigadora do Grupo de Investigação 3, “Interfacing Cultures and Identities”, no CEAUL/ULICES, Universidade de Lisboa. As suas publicações refletem o interesse na produção literária Norte-Americana e em abordagens culturais interdisciplinares. Mais recentemente tem vindo a ocupar-se da literatura e cultura de imigrantes portugueses e seus descendentes nos Estados Unidos, tendo publicado ensaios sobre Laurinda C. Andrade, José Rodrigues Miguéis, Charles Reis Felix e Josephine B. Korth, bem como sobre a ficção de Miguéis e Frank X. Gaspar, e a poesia deste último. É autora de *Cânone e Diversidade* (2003) e co-autora de *Feminine Identities* (2002). Co-editou, entre outros, *Portugal Pelo Mundo Disperso* (2013), *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together* (2011), *From the Edge: Portuguese Short Stories/ Onde a Terra Acaba: Contos Portugueses* (2006), *And gladly wolde [s]he lerne and gladly teche”: Homenagem a Júlia Dias Ferreira* (2007), *Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture* (2000). Faz parte da Direcção da Society for the Study of the Short Story.

Teresa F. A. ALVES is Professor Emerita and Researcher in the Research Group “Interfacing Cultures and Identities”, at the University of Lisbon International Center for English Studies. Her published work reflects her interests in the American literature and in interdisciplinary cultural approaches. She is presently engaged in researching Portuguese American literature and culture, having published essays on Charles Peters, Laurinda C. Andrade, Rodrigues Miguéis, Charles Reis Felix and Josephine

B. Korth, as well as on the short fiction by Rodrigues Miguéis and Frank X Gaspar's poetry and fiction. Her publications include *Cânone e Diversidade* (2003), and she is a co-author of *Feminine Identities* (2002). She co-edited, among others, *Portugal Pelo Mundo Disperso* (2013), *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together* (2011), *From the Edge: Portuguese Short Stories/ Onde a Terra Acaba: Contos Portugueses* (2006), *And gladly wolde [s]he lerne and gladly teche": Homenagem a Júlia Dias Ferreira* (2007) and *Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture* (2000). She is a Board member of the Society for the Study of the Short Story.

Ana Luísa AMARAL é Professora Associada aposentada e investigadora na Universidade do Porto. Pertence à Direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e coordena o grupo Intersexualidades. As suas áreas de investigação são Poéticas Comparadas, Estudos Feministas e Teoria *Queer*. Publicou, com Ana Gabriela Macedo, *Dicionário de Crítica Feminista* (2005); coordenou a edição anotada de *Novas Cartas Portuguesas* (2010), co-organizou, com Marinela Freitas, *Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois* (2014) e *New Portuguese Letters to the World* (2015). Coordenou o projecto internacional (FCT) *Novas Cartas Portuguesas 40 anos depois*, com 10 equipas internacionais. É autora de mais de 2 dezenas de livros – poesia, teatro, livros infantis e ficção. Traduziu autores, como Updike, Dickinson ou Shakespeare. Mais recentemente publicou *Escuro* (2014), *E Todavia* (2015), e *31 Sonetos de William Shakespeare* (2015). A sua poesia está traduzida e publicada em vários países (Brasil, Espanha, França, Suécia, Holanda, Venezuela, Itália, Colômbia, Inglaterra, e, em breve, Alemanha e México). Em torno da sua obra foram levados à cena espectáculos de teatro e leituras encenadas. Entre outros prémios, recebeu o Prémio Literário Correntes d'Escritas,

o *Premio di Poesia Giuseppe Acerbi*, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, e o Prémio PEN, de Narrativa.

Ana Luísa AMARAL is a retired Associate professor at the University of Porto. She co-coordinates the Comparative Literature Centre Margarida Losa, and coordinates the research group Intersexualities. Her research fields are Comparative Poetics, Feminist Studies and Queer Theory. She edited, with Ana Gabriela Macedo, *Dicionário de Crítica Feminista* (2005); the annotated *Novas Cartas Portuguesas* (2010); and co-edited, with Marinela Freitas, *Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois* (2014) and *New Portuguese Letters to the World* (2015). She coordinated the international project (FCT) *Novas Cartas Portuguesas 40 anos depois*, involving 10 international teams. She authored over 20 books – poetry collections, drama, children’s books and fiction. She translated Updike, Dickinson, and Shakespeare, among others. Her most recent publications are: *Escuro* (2014), *E Todavía* (2015), and *31 Sonetos de William Shakespeare* (2015). Her poetry has been translated in several countries (Brazil, Spain, France, Sweden, Netherlands, Venezuela, Italy, Colombia, UK, and will soon be in Germany and Mexico). Several of her texts have been staged. Her poetry was awarded several prizes (among others, Literary Award ‘Correntes d’Escritas’, Poetry Prize Giuseppe Acerbi, Great Award for Poetry of the Portuguese Writers’ Association, and the PEN Narrative award.

Nancy ARMSTRONG é detentora da cátedra Gilbert, Louis, and Edward Lehrman Professor of English da Universidade de Duke e é coordenadora da revista *Novel: A Forum on Fiction*. As suas publicações incluem *Desire and Domestic Fiction: A Political History of the Novel* (1986), (com Leonard Tennenhouse) *The*

Imaginary Puritan: Literature, Intellectual Labor, and the Origins of Personal Life (1992), *Fiction in the Age of Photography: The Legacy of British Realism* (1999), e *How Novels Think: The Limits of Individualism, 1719-1900* (2005). Está presentemente a escrever uma outra obra em co-autoria com Tennenhouse, *The Conversion Effect: Early American Aspects of the Novel* (a publicar).

Nancy ARMSTRONG is Gilbert, Louis, and Edward Lehrman Professor of English at Duke University and editor of the journal *Novel: A Forum on Fiction*. Her books include *Desire and Domestic Fiction: A Political History of the Novel* (1986), (with Leonard Tennenhouse) *The Imaginary Puritan: Literature, Intellectual Labor, and the Origins of Personal Life* (1992), *Fiction in the Age of Photography: The Legacy of British Realism* (1999), and *How Novels Think: The Limits of Individualism, 1719-1900* (2005). She is currently finishing another book coauthored with Tennenhouse, “The Conversion Effect: Early American Aspects of the Novel” (forthcoming).

Mário AVELAR é doutorado em Literatura Americana (Universidade de Lisboa), Professor Catedrático em Estudos Ingleses e Americanos (Universidade Aberta) e Investigador integrado do CEAUL (Universidade de Lisboa). É autor de vários ensaios e livros sobre a sua área nuclear de investigação, e também sobre estudos interartes e estudos fílmicos, entre outros, *Ekphrasis – O poeta no atelier do artista* (2006), *O essencial sobre William Shakespeare* (2012) e *O essencial sobre Walt Whitman* (2015). Traduziu obras de, entre outros, Sylvia Plath, Robert Lowell, Herman Melville, Mary Renault, Lewis Carroll e Virginia Woolf. Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História, é membro da direção do Centro de Estudos de Religiões e Culturas (Universidade Católica Portuguesa) e da Sociedade de Geografia

de Lisboa, e coordenador da Comissão Temática de Educação, Ensino Superior, Ciência e Tecnologia da CPLP.

Mário AVELAR holds a PhD in American Literature from the University of Lisbon and is Full Professor of English and American Studies in the Open University. He is also Visiting Professor in the PhD programme on History of Art at Lisbon University. He is the author of essays and books on his main research areas, inter-art studies and film studies, among others *Ekphrasis – O poeta no atelier do artista* (2006), *O essencial sobre William Shakespeare* (2012) and *O essencial sobre Walt Whitman* (2015). He has translated authors such as Sylvia Plath, Robert Lowell, Herman Melville, Mary Renault, Lewis Carroll and Virginia Woolf. He holds the title of Distinguished Academic from the Portuguese Academy of History, is a member of the direction of the Centre for the Study of Religion and Culture in the Catholic University, a member of the Lisbon Geographical Society, and Coordinator of the Committee for Education, Higher Education, Science and Technology of the CPLP.

Cristina BABINO nasceu em Ancona, 1976. Vive no sul de França. Publicou *La donna d'oro* (2008), a monografia crítica *La Ferita. Opere di Walter Angelici 1994 – 2009* (2010) e organizou e traduziu *Pastorali*, do poeta americano John Taggart (2013). Organizou as antologias *Femminile plurale. Le donne scrivono le Marche* (2014) e *S'agli occhi credi. Le Marche dell'arte nello sguardo dei poeti* (2015). Alguns dos seus textos poéticos encontram-se na colectânea *Nodo Sottile 5* (2007), *Registro di Poesia #4* (2011) e em muitas outras antologias e revistas literárias, italianas e estrangeiras. Está publicada em tradução portuguesa em *Poesia do Mundo/6* (2010), *Oficina de Poesia 11* (2008), *Estudos Italianos em Portugal 3*, Nova Série (2008), *Fórum das Letras 17/18* (2009).

Cristina BABINO was born in Ancona in 1976 and lives in the South of France. Her publications include: *La donna d'oro* (2008) and a critical monograph, *La Ferita. Opere di Walter Angelici 1994 – 2009* (2010); she edited and translated *Pastorali*, by the American poet John Taggart (2013). She also edited the anthologies *Femminile plurale. Le donne scrivono le Marche* (2014) and *S'agli occhi credi. Le Marche dell'arte nello sguardo dei poeti* (2015). Some of her poems are included in the collection *Nodo Sottile 5* (2007), *Registro di Poesia #4* (2011) and in other anthologies and literary magazines in Italy and abroad. She has been translated into Portuguese in: *Poetry of the World/6* (2010), *Oficina de Poesia 11* (2008), *Estudos Italianos em Portugal 3*, Nova Série (2008), *Fórum das Letras 17/18* (2009).

Adriana BEBIANO é doutorada em Literatura Inglesa, investigadora do Centro de Estudos Sociais e Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde é diretora do Doutoramento em Estudos Feministas. Tem lecionado em programas de Línguas e Literaturas Modernas, Estudos Artísticos e Estudos Feministas, na licenciatura e na pós-graduação. Faz investigação e tem publicado particularmente em ficção contemporânea de autoria feminina e em teoria feminista, destacando-se os artigos “Gayatri Chakravorty Spivak: a teoria como prática de vida”, in *Correntes do Pensamento Crítico Contemporâneo* (2014), “Cicatrizes e feridas: a ficção contemporânea perante o passado, in *Representações da violência* (2013), “Engendering the Nation: Irish Women and Nationalism”, in *Garland of Words* (2011) e “Mad, Bad, and Dangerous to Know: The Stories of Chicago May and Eliza Lynch”, in *Irish Women Writers. New Critical Perspectives* (2011). Com Maria Irene Ramalho, organizou o número 89 da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, “Estudos Feministas e Cidadania Plena” (2009).

Adriana BEBIANO holds a PhD in English Literature. She is Senior Researcher of the Center for Social Studies and Assistant Professor at the Faculty of Letters, University of Coimbra, where she coordinates the Feminist Studies PhD Programme. She also teaches in the Modern Languages and Arts Studies programmes, both at undergraduate and postgraduate levels. Her research focus is on Contemporary Women Fiction Writers as well as feminist issues, and her publications include “Gayatri Chakravorty Spivak: a teoria como prática de vida”, in *Correntes do Pensamento Crítico Contemporâneo* (2014), “Cicatrizes e feridas: a ficção contemporânea perante o passado, in *Representações da violência* (2013), “Engendering the Nation: Irish Women and Nationalism”, in *Garland of Words* (2011), and “Mad, Bad, and Dangerous to Know: The Stories of Chicago May and Eliza Lynch”, in *Irish Women Writers. New Critical Perspectives*. (2011). With Maria Irene Ramalho, she co-edited volume 89 of *Revista Crítica de Ciências Sociais*, “Estudos Feministas e Cidadania Plena” (2009).

Ziva BEN-PORAT é docente de poética e história cultural no Sapir Academic College, no Departamento de Cultura, Criatividade e Produção, em Israel. Anteriormente, fez parte do Departamento de Poética e Literatura Comparada da Universidade de Tel Aviv, onde dirigiu o Porter Institute de Semiótica e Poética. Tem vasta investigação e obra publicada na área da intertextualidade, em especial sobre a alusão literária, paródia e imitação, e, mais recentemente, a reescrita. Tem vindo a desenvolver uma teoria semiótica do Realismo, em particular sobre a forma como os conceitos culturais relativos às estações e lugares são moldados pelas diferentes culturas. Recentemente tem trabalhado a questão da memória cultural e do uso da tecnologia do hipertexto na preservação, disseminação e ativação do cânone ocidental na era digital, incluindo blogs e jogos de vídeo.

Ziva BEN-PORAT is a professor of Poetics and Comparative Literature, currently teaching in the Department of “Culture, Creativity and Production”, at Sapir Academic College. Formerly at Tel Aviv University’s Department of Poetics and Comparative Literature, where she directed The Porter Institute for Semiotics and Poetics. She has published extensively in the area of intertextuality, specifically about literary allusion, parody and rewriting. In recent years she has been working on problems of cultural memory and the use of hypertext technology for preserving, disseminating and activating the conventional European canon in the digital era, including blogs and video games.

Charles BERNSTEIN nasceu em Nova Iorque em 1950. Um dos seus livros está publicado em português: *Histórias Da Guerra: Poema de Charles Bernstein*, trad. Régis Bonvicino (2008); edição digital acrescentada (2015). Publicou mais de vinte coleções de poemas e três de ensaios, incluindo *All the Whiskey in Heaven: Selected Poems, Recalculating, and Attack of the Difficult Poems: Essays and Inventions*. De 1978 a 1981, dirigiu, com Bruce Andrews, a revista *L=A=N=G=U=A=G=E*. Na década de 1990 foi cofundador e diretor do Programa de Poética da State University of New York - Buffalo. Bernstein é também co-director de *PennSound* (writing.upenn.edu/pennsound) e coordenador do Electronic Poetry Center (epc.buffalo.edu), sendo detentor da cátedra Donald T. Regan Professor of English and Comparative Literature na Universidade da Pennsylvania.

Charles BERNSTEIN was born in New York in 1950. He has one book in Portuguese: *Histórias Da Guerra: Poema de Charles Bernstein*, tr. Régis Bonvicino (2008; expanded digital edition 2015). He has published over twenty collections of poetry and three collections of essays, including *All the Whiskey in Heaven: Selected Poems,*

Recalculating, and *Attack of the Difficult Poems: Essays and Inventions*. From 1978-1981 he co-edited, with Bruce Andrews, *L=A=N=G=U=A=G=E* magazine. In the 1990s, he co-founded and directed the Poetics Program at the State University of New York – Buffalo. Bernstein is the co-director of PennSound (writing.upenn.edu/pennsound) and editor of the Electronic Poetry Center (epc.buffalo.edu). Bernstein is Donald T. Regan Professor of English and Comparative Literature at the University of Pennsylvania.

Régis BONVICINO (n. 1955) escreveu doze livros de poesia, traduziu várias obras, e foi co-organizador de uma antologia de poesia contemporânea brasileira nos EUA. Entre as suas publicações, encontram-se: *até agora*, a sua poesia reunida; *Página órfã*; *Ossos de borboleta*; *33 poemas*; *Más companhias*; *Remorso do cosmo*; *Num zoológico de letras*, uma obra de literatura infantil; e *Entre*, que inclui ilustrações de Susan Bee, Hamra Abbas, José Irola e Tatjana Doll. A tradução dos seus poemas para inglês (traduzidas por diferentes autores, entre os quais Michael Palmer e Robert Creeley) encontra-se em *Sky Eclipse* (2000). Bonvicino publicou e traduziu para português a obra de Oliverio Girondo e livros de Jules Laforgue, Robert Creeley, Charles Bernstein, Michael Palmer, Douglas Messerli, e dos chineses Bei Dao e Yao Feng. Foi também o organizador da correspondência do poeta e novelista brasileiro Paulo Leminski. Dirige, com Charles Bernstein e Odile Cisneros, a revista *Sibila* e tem páginas de autor em regisbonvicino.com.br e PennSound.

Régis BONVICINO (born in 1955) has written twelve books of poetry, translated several works, and coedited an anthology of contemporary Brazilian poetry for the US. Among his many publications are *Até agora*, a volume of collected poems; *Página órfã*; *Ossos de borboleta*; *33 poemas*; *Más companhias*; *Remorso*

do cosmo; *Num zoológico de letras*, a children's book; and *Entre*, which includes illustrations by Susan Bee, Hamra Abbas, José Irola and Tatjana Doll. English translations of Bonvicino's work by many hands (from Michael Palmer to Robert Creeley) are collected in *Sky Eclipse* (2000). Bonvicino has edited and translated Oliverio Girondo's work and books by Jules Laforgue, Robert Creeley, Charles Bernstein, Michael Palmer, Douglas Messerli, and the Chinese poets Bei Dao and Yao Feng. He also edited the correspondence of Brazilian poet and novelist Paulo Leminski. He is director, along with Charles Bernstein and Odile Cisneros, of *Sibila*, a journal. His author pages are available in: regisbonvicino.com.br and PennSound.

Susan Margaret BROWN é docente de Português e Espanhol, no Community College de Rhode Island. Colaborou com Edwin Honig em duas traduções da obra de Fernando Pessoa. A sua tradução de perto de mais de cem cartas de Pessoa será publicada em 2016 pela Sheep Meadow Press. É autora de numerosos artigos sobre a relação entre Whitman e Pessoa, e espera poder completar um livro sobre a matéria na primavera de 2016.

Susan Margaret BROWN teaches Portuguese and Spanish at the Community College of Rhode Island. She has collaborated with Edwin Honig on two books of translations of Pessoa. Her translation of over one hundred letters of Pessoa is due to come out by Sheep Meadow Press in 2016. She has written numerous articles on the relationship between Whitman and Pessoa, and she hopes to complete her book on that subject during her sabbatical in the Spring of 2016.

Isabel CALDEIRA é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos

Sociais. Tem ensinado literatura e cultura dos Estados Unidos e Estudos Feministas, e está associada à criação do mestrado e doutoramento em Estudos Americanos, tendo sido diretora do mestrado em Estudos Ingleses e Estudos Americanos e do Doutoramento em Estudos Americanos. Tem também colaborado no programa de Estudos Feministas. Tem publicado especialmente sobre literatura afro-americana, literatura africana em língua portuguesa, literatura caribenha, racismo e escrita de mulheres. Destaca-se a sua colaboração em *Translocal Modernisms: International Perspectives* (2008), *Trans/Oceanic, Trans/American, Trans/lation: Issues in International American Studies* (2009) e *America Where? 21st Century Transatlantic Views* (2012), de que é também co-organizadora. É membro do Conselho Consultivo da Inter-American Studies Association.

Isabel CALDEIRA is Associate Professor of English and American Studies at the Faculty of Letters and Senior Research Fellow of the Center for Social Studies (CES), University of Coimbra, Portugal. Her teaching focuses on American literature and culture, and Feminist studies. She participated in the creation of the Program in American Studies (Master's and PhD) in 2008, which she has directed since 2012. Her research fields are American and African American Literature and Culture, Comparative Studies and Studies of the African Diaspora. She has published on African American, Lusophone African and Caribbean literature, racism, and feminist issues. She contributed to *Translocal Modernisms: International Perspectives* (2008), *Trans/Oceanic, Trans/American, Trans/lation: Issues in International American Studies* (2009), and *America Where? 20th-Century Transatlantic Perspectives* (2012), which she co-edited. She is a member of the Advisory Board of the Inter American Studies Association.

Maria José CANELO é Professora Auxiliar de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É doutorada em Estudos Americanos pela NYU, com a dissertação "Carey McWilliams and the question of cultural citizenship in the 1940s", e mestre pela Universidade de Coimbra, com uma tese acerca de revistas literárias modernistas. Tem como interesses de investigação narrativas nacionais e representações, identidades nacionais e imigração, cidadania cultural; revistas literárias modernistas e estudos inter-americanos. As suas publicações mais recentes incluem: "Producing Good Neighbors: Carmen Miranda's body as spectacular Pan-Americanism," *Révue Française d'Etudes Americaines* 139 (2014/2): 60-76, e "Solidarity in difference: unveiling the coloniality of power in Ntozake Shange's sociopoetics," in *Diasporic Identities and Empire*. Orgs. Anastasia Nicéphore e David Brooks (2013).

Maria José CANELO is Assistant Professor of English and American Studies at the Faculty of Arts and Humanities and researcher at the Center for Social Studies of the University of Coimbra. She holds a PhD in American Studies from NYU ("Carey McWilliams and the question of cultural citizenship in the 1940s") and an MA in Anglo-American Studies from the University of Coimbra on modernist 'little' magazines. Her research interests comprise national narratives and representations; national identities and immigration; cultural citizenship; literary 'little' magazines; and inter-American studies. Her most recent publications include: "Producing Good Neighbors: Carmen Miranda's body as spectacular Pan-Americanism," *Révue Française d'Etudes Americaines* 139 (2014/2): 60-76, and "Solidarity in difference: unveiling the coloniality of power in Ntozake Shange's sociopoetics," in *Diasporic Identities and Empire*. Eds. Anastasia Nicéphore and David Brooks (2013).

Graça CAPINHA foi orientanda de Maria Irene Ramalho (MA e PhD), e ensina literatura norte-americana contemporânea, escrita criativa e tradução literária na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Como investigadora sénior do Centro de Estudos Sociais desta universidade, desenvolveu investigação sobre poesia e poética contemporâneas e questões de identidade (poetas emigrantes portugueses nos EUA e no Brasil). Na década de 90, esteve ligada ao Poetics Program da State University of New York e ao Centro de Estudos para as Artes de Belgais. Em Coimbra, foi responsável pelo 1.º MOOC em escrita criativa e co-organizadora dos Encontros Internacionais de Poetas (1992-2010), tendo também criado e dirigido a revista *Oficina de Poesia* (1996-2013) e o Programa de Poetas em Residência da UC (2005-2010). As suas publicações, dentro e fora de Portugal, centram-se sobretudo em questões de política literária e de política de linguagem.

Graça Capinha was supervisee (both MA and PhD) of Maria Irene Ramalho, and she teaches contemporary American literature, creative writing and literary translation at the School of Arts and Humanities, University of Coimbra. As senior researcher at this university's Centre for Social Studies, she developed projects on contemporary poetics and poetry and identity questions (Portuguese immigrant poets in the USA and Brazil). In the 90s, she participated of the Poetics Program of the State University of New York and of the Centre for the Study of Arts in Belgais. In Coimbra, she was responsible for the 1st Portuguese MOOC on creative writing and one of the organizers of the International Meetings of Poets (1992-2010). She also created and directed the poetry magazine *Oficina de Poesia* (1996-2013) and the Program Poets-in-Residence of the UC (2005-2010). Her publications, in Portugal and abroad, concern questions about the politics of language and literature.

Teresa CID é Professora Associada de Estudos Americanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Directora do Centro de Estudos Anglísticos-CEAUL e do Instituto Confúcio UL. As suas áreas de interesse nos Estudos Americanos são Modernismo, Estudos Luso-americanos, Cinema e Cultura Popular. Os ensaios publicados incluem "Preferring not to: Bartleby's NO in...Silence!" (2013), "Walking the Lisbon Night Through with *Johnny Guitar*" (2009), "Lively Modernism(s): the Comic Strip as/and Modern American Art" (2008), "The Siren at the Edge: Nathanael West, Modernism and Popular Culture" (2004), "Antigas Raízes e Novos Rumos: o fado/blues de Katherine Vaz e a Diáspora Portuguesa nos EUA" (2001). Foi co-autora de *Literatura Norte-Americana* (1999). Co-organizou, entre outros, *Portugal Pelo Mundo Disperso* (2013), *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together* (2011), *From the Edge: Portuguese Short Stories / Onde a Terra Acaba: Contos Portugueses* (2006), *Feminine Identities* (2002), *Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture* (2000). É, desde 2009, representante da APEAA na EAAS.

Teresa CID is Associate Professor in American Studies at the University of Lisbon, School of Arts and Humanities, Director of the University of Lisbon Centre for English Studies-ULICES and of the Confucius Institute UL. Her current research interests are geared towards Modernism, Luso-American Studies, Cinema and Popular Culture. Among her publications are "Preferring not to: Bartleby's NO in...Silence!" (2013), "Walking the Lisbon Night Through with *Johnny Guitar*" (2009), "Lively Modernism(s): the Comic Strip as/and Modern American Art" (Bern, 2008), "The Siren at the Edge: Nathanael West, Modernism and Popular Culture" (2004), "Antigas Raízes e Novos Rumos: o fado/blues de Katherine Vaz e a Diáspora Portuguesa nos EUA" (2001). She has co-authored *Literatura Norte-Americana* (1999); and she co-edited,

among others, *Portugal pelo Mundo Disperso* (2013), *Narrating the Portuguese Diaspora: Piecing Things Together* (2011), *From the Edge: Portuguese Short Stories /Onde a Terra Acaba: Contos Portugueses* (2006), *Feminine Identities* (2002), *Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture* (2000). She has been the APEAA member at the Board of EAAS since 2009.

Maria Helena de Paiva CORREIA é Professora Catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde exerceu a docência e investigação desde o início da sua carreira académica, em 1969, até à aposentação, em 2005. A sua atividade docente e de investigação recaiu fundamentalmente na área da Literatura Inglesa, com especial incidência em Literatura tardo medieval e renascentista. Também se dedicou à Teoria da Literatura, à Literatura Comparada e à tradução de textos poéticos de inglês para português, para além de algumas incursões na Literatura Portuguesa. Na qualidade de Diretora do Instituto de Cultura Norte-Americana da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, procurou desenvolver os Estudos Americanos, conferindo-lhes importância e visibilidade. Foi cofundadora do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa – CEAUL, onde exerceu atividade de direção de investigação até passar à condição de aposentada. Desde essa altura, mantém-se como mera investigadora.

Maria Helena de Paiva CORREIA is a retired Professor of the University of Lisbon where she taught from 1969 until her retirement in 2005. Her teaching and research interests lay in the areas of English Literature, in particular Late Medieval and Renaissance literature. She was also interested in Theory of Literature, Comparative Literature and in the translation of English poetry into Portuguese, with a few incursions into Portuguese Literature.

She was Director of the Institute of North-American Culture in Lisbon University and co-founder of the research Centre of English Studies – CEAUL – of which she was a research director until her retirement. She remains a research member of the Centre.

Rita DAHL, nascida em 1971, é uma escritora e jornalista freelance finlandesa. Vice-presidente e diretora executiva do Comité de Mulheres Escritoras da PEN finlandesa entre 2006 e 2009, possui dois mestrados, um em ciência política e outro em literatura comparada (sobre Fernando Pessoa) pela Universidade de Helsínquia. Publicou quatro volumes de poesia, seis livros de ficção, seis livros de não-ficção, e foi organizadora de duas antologias bilingues: uma, de escritoras da Ásia Central; e outra, da correspondência entre escritoras finlandesas e escritoras africanas. Também traduziu dois livros para finlandês: uma seleção de poemas de Alberto Pimenta (2009) e uma antologia de poesia portuguesa contemporânea (2016). Escreveu um livro de viagens sobre Portugal, *Tubansien Portaiden lumo – kulttuurikirroksia Portugalissa* (2007). Em 2009, publicou uma coleção de artigos sobre artistas visuais e jovens poetas contemporâneos finlandeses, e escritores estrangeiros. Os seus poemas foram publicados em inúmeras antologias internacionais e revistas de poesia de todo o mundo, tendo sido traduzidos para inglês, castelhano, português, russo, turco, islandês, árabe, romeno, estónio, alemão e polaco.

Rita DAHL was born in 1971 and is a Finnish writer and freelance journalist. Vice-president and chair of the Committee of Women Writers of Finnish PEN between 2006-2009, she holds Master's degrees both in political science and comparative literature (on Fernando Pessoa) from the University of Helsinki. She published 4 poetry collections, 6 books of fiction, 6 books of non-fiction, and has edited two bi-lingual anthologies: one with Central-Asian

women writers, and another one with Finnish and African writers in correspondence. She also translated two books: a selection of Alberto Pimenta's poems (2009) and an anthology of contemporary Portuguese poetry into Finnish (2016). She wrote a travel book about Portugal, *Tuhansien Portaiden lumo - kulttuurikerroksia Portugalissa* (2007). In 2009, she published a collection of articles on Finnish visual artists, young contemporary poets and foreign writers. Her poems have been published in numerous international literary anthologies and poetry reviews around the world and they have been translated into English, Spanish, Portuguese, Russian, Turkish, Icelandic, Arabic, Romanian, Estonian, German and Polish.

Ana Paula DANTAS é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante Estudos Ingleses e Americanos, e tem uma Pós-Graduação e um Mestrado em Poesia e Poética, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a defesa da tese “Encontros de poetas: Voz, silêncio e glifo na obra de Próspero Saíz” (2011). Atualmente é aluna do Doutorado em Estudos Avançados em Materialidades da Literatura da mesma Faculdade.

Ana Paula DANTAS holds a Degree in Modern Languages and Literatures, with a specialization in English and American Studies. She concluded her Post-graduation and Master's degree in Poetry and Poetics at the Faculty of Arts and Humanities, University of Coimbra, with a Thesis entitled “Meeting of Poets: Voice, Silence and Glyph in Próspero Saíz's Work” (2011). Presently she is a PhD student in the Doctoral Program «Advanced Studies in the Materialities of Literature» at UC.

Steffen DIX formou-se em Ciência das Religiões e Filosofia, e doutorou-se na Universidade de Tübingen com uma tese sobre

o neopaganismo em Fernando Pessoa. Foi membro do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e integrou-se recentemente no Centro de Estudos da Comunicação e Cultura da Universidade Católica de Lisboa, onde desenvolve projetos ligados ao estudo sistemático das revistas modernistas portuguesas, ao contexto sociocultural do modernismo português e à ligação transnacional dos modernismos lusófonos. Organizou diversos eventos académicos em Portugal e no estrangeiro, participou em projetos internacionais e nacionais, e divulgou as suas pesquisas em várias revistas académicas ou editoras internacionais. Coeditou *A Arca de Pessoa* (2007), um número especial de *Portuguese Studies* (2008) sobre Pessoa e *Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts* (2011), e editou *1915: O Ano do Orpheu* (2015). Atualmente organiza e coordena a edição da *Obra Completa* de Fernando Pessoa nos países de língua alemã, e já publicou várias traduções deste modernista português.

Steffen DIX studied Religious Studies and Philosophy at the Universities Tübingen, Berlin and Lisbon, and holds a PhD in Philosophy from the University of Tübingen, Germany. Since early 2013, he has been a Research-Fellow at the Research Centre for Communication and Culture of the Portuguese Catholic University. His research interests include modernism (and especially Lusophone modernisms and the theoretical work of Fernando Pessoa), modernist magazines, secularization and the relationship between religion and modernity. Between 2014 and 2015, he was principal Researcher of the research project “1915 – the year of Orpheu: Mapping the socio-historical context of Portugal’s First Modernism” funded by the Portuguese Science Foundation. He has authored or edited several books, book-chapters and articles in international peer-reviewed journals.

Since 2011, he is the supervisor of the critical German edition of Fernando Pessoa's *Collected Works*, published by the prestigious publisher S. Fischer. Recently he edited the books *1915: O Ano do Orpheu* (2015), *Fernando Pessoa: Orpheu – Schriften zur Literatur, Ästhetik und Kunst* (2015), and the facsimile-edition of the modernist magazine *Orpheu* (2015). He is Associate Research Fellow at the Institute for Social Sciences of the University of Lisbon.

João Ferreira DUARTE é professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Estudos Comparatistas. Lecionou, entre outras, disciplinas de teoria da literatura, literatura pós-colonial africana e estudos de tradução. As suas publicações mais recentes incluem *A lição do cânone: uma auto-reflexão dos estudos literários* (2006), a organização do volume *A tradução entre cultura e etnografia* (2008), co-organização dos volumes *Translation Studies at the Interface of Disciplines* (2006), *Trans/American, Trans/Oceanic, Trans/lation: Issues in International American Studies* (2010), *Europe in Black & White: Immigration, Race, and Identity in the "Old Continent"* (2011) e de um número temático da revista *Journal of Romance Studies* (2011), intitulado "Fluid Cartographies – New Modernities".

João Ferreira DUARTE is a retired Professor and Researcher at the Centre of Comparative Studies in Lisbon University. He taught, among other courses, Theory of Literature, Post-colonial African Literature and Translation Studies. His more recent publications include *A lição do cânone: uma auto-reflexão dos estudos literários* (2006); as editor, *A tradução entre cultura e etnografia* (2008); as co-editor, *Translation Studies at the Interface of Disciplines* (2006), *Trans/American, Trans/Oceanic, Trans/lation: Issues in*

International American Studies (2010), *Europe in Black & White: Immigration, Race, and Identity in the “Old Continent”*, (2011) and a Special Issue of the *Journal of Romance Studies* (2011), entitled “Fluid Cartographies – New Modernities”.

Page duBOIS é Distinguished Professor of Classics and Comparative Literature na Universidade da Califórnia, San Diego. É autora de *Centaurs and Amazons: Women and the Prehistory of the Great Chain of Being*; *Sowing the Body: Psychoanalysis and Ancient Representations of Women*; *Sappho is Burning*; *Torture and Truth*; *Trojan Horses: Saving the Classics from Conservatives*; *Slaves and Other Objects*; e, mais recentemente, de *Out of Athens: New Ancient Greeks* (2010), *A Million and One Gods* (2014), e *Sappho: Understanding Classics* (a publicar em 2015).

Page duBOIS is Distinguished Professor of Classics and Comparative Literature at the University of California at San Diego. She is the author of *Centaurs and Amazons: Women and the Prehistory of the Great Chain of Being*; *Sowing the Body: Psychoanalysis and Ancient Representations of Women*; *Sappho is Burning*; *Torture and Truth*; *Trojan Horses: Saving the Classics from Conservatives*; *Slaves and Other Objects*; and most recently of *Out of Athens: New Ancient Greeks* (2010), *A Million and One Gods* (2014), and *Sappho: Understanding Classics* (forthcoming 2015).

Patricio FERRARI deixou a Argentina e foi para os EUA com dezasseis anos. Desde então tem vivido no estrangeiro (Índia, França, Itália, Alemanha, Portugal e Suécia). Sendo poliglota, a sua obra como crítico literário, editor e tradutor constrói pontes numa vida entre línguas. Este *modus vivendi* reflete-se em *Nomad Book* (um ‘work in progress’ poético de carácter multilingue, escrito em oito línguas e com tradução do autor para inglês).

Em 2012 obteve o Doutoramento em Linguística Portuguesa na Universidade de Lisboa, com uma dissertação sobre a métrica pessoana. Em colaboração com Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, é responsável pela digitalização da biblioteca particular de Fernando Pessoa (em linha desde 2010) e pela publicação de dois livros bilingues: *Fernando Pessoa's Private Library* (2010) e *Fernando Pessoa's Objects* (2013). A sua intervenção tem sido fundamental na publicação de várias edições da obra pessoana: *Poèmes Français* (2014), *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios* (2013), *Argumentos para Filmes* (2011), e *Provérbios Portugueses, seleccionados e traduzidos por Pessoa* (2010).

Patricio FERRARI left Argentina for the United States at the age of sixteen. Since then he has lived abroad (India, France, Italy, Germany, Portugal, Sweden). Polyglot, his work as literary critic, editor and translator bridges a life between languages. This *modus vivendi* is reflected in *Nomad Book* (a multilingual work in progress of his own poetry written in eight languages and with a self-translation into English). In 2012 he received a PhD in Portuguese Linguistics from the University of Lisbon with a dissertation on Pessoa's metrics. Along with Jerónimo Pizarro and Antonio Cardiello, he is responsible for the digitization of Pessoa's private library (on-line since 2010) and the publication of two bilingual books: *Fernando Pessoa's Private Library* (2010) and *Fernando Pessoa's Objects* (2013). He has been instrumental in helping bring to light various editions of Pessoa: *Poèmes Français* (2014), *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios* (2013), *Argumentos para Filmes* (2011), and *Provérbios Portugueses, selected and translated by Pessoa* (2010).

Doris FRIEDENSOHN é Professora Emerita de Women's Studies na Universidade de New Jersey City. Foi Vice-Presidente da American

Studies Association, Presidente do ASA Women's Committee e membro do seu International Committee. Friedensohn foi também Fulbright Lecturer na Tunísia e em Portugal; nas suas inúmeras viagens em África, na Ásia, na Europa e na América Latina tem proferido conferências e sido consultora em questões de diversidade nos EUA, feminismos e abordagens inovadoras nos Estudos Americanos, bem como sobre a alimentação americana, estágios profissionais, e as lutas pela mudança. Em 2003, recebeu o prémio Bode Pearson da American Studies Association em reconhecimento pelo trabalho de mérito exercido na área durante toda a sua vida. Entre as suas publicações recentes contam-se: *Eating as I Go: Scenes from America and Abroad*, memórias culinárias (2006) e *Cooking for Change: Tales from a Food Service Training Academy* (2011).

Doris FRIEDENSOHN is Professor Emerita of Women's Studies at New Jersey City University. She has served as Vice President of the American Studies Association, Chair of the ASA Women's Committee and a member of its International Committee. Friedensohn has been a Fulbright Lecturer in Tunisia and Portugal; she has traveled widely in Africa, Asia, Europe and Latin America, lecturing and consulting on US diversity, feminism, and innovative approaches to American Studies; also on eating in America, job training, and the struggle for change. In 2003, she was awarded the American Studies Association's Bode Pearson Prize for a lifetime of achievement within the field. Among her recent publications are a food memoir, *Eating as I Go: Scenes from America and Abroad* (2006) and *Cooking for Change: Tales from a Food Service Training Academy* (2011).

Susan Stanford FRIEDMAN é detentora das cátedras Hilldale Professor of the Humanities e Virginia Woolf Professor of English

and Women's Studies na Universidade de Wisconsin-Madison, onde é diretora do Institute for Research in the Humanities. Tem vasta publicação nas áreas do Modernismo, Teoria Feminista, Psicanálise, Migrações e Teoria Narrativa.

Susan Stanford FRIEDMAN is the Hilldale Professor of the Humanities and Virginia Woolf Professor of English and Women's Studies at the University of Wisconsin-Madison, where she directs the Institute for Research in the Humanities. She has published widely on modernism, feminist theory, psychoanalysis, migration, and narrative theory.

Forrest GANDER. Da última vez que Forrest Gander encontrou Maria Irene Ramalho, ela deslumbrava (mesmo), de modo fulgurante, uma sala cheia de fanáticos de Pessoa na Universidade de Brown. O livro de poemas mais recente de Gander, *Core Samples from the World*, uma reflexão sobre as formas como nos reveem e nos traduzem e/ou como nos revemos e nos traduzimos sempre que nos encontramos com o que nos é estrangeiro/estranho, foi finalista do Prémio Pulitzer e do National Book Critics Circle Award.

Forrest GANDER last saw Maria Irene Ramalho at Brown University where she was (truly) dazzling a room of Pessoa fanatics. Gander's most recent book of poems, *Core Samples from the World*, a meditation on the ways we are revised and translated in encounters with the foreign, was a finalist for the Pulitzer Prize and the National Book Critics Circle Award.

Cristina GIORCELLI é Professora Emerita de Literatura Americana na Universidade de Roma Três. As suas áreas prioritárias de investigação são: a ficção de meados a finais do século XIX (Fuller, James, Crane, Wharton, Chopin, entre outros) e a poesia e ficção

modernistas (W. C. Williams, L. Zukofsky, D. Levertov, W. Cather). Foi cofundadora (1980) e codiretora da revista *Letterature d'America* e é coordenadora de uma série sobre a roupa e a identidade (*Abito e Identità*), de que estão já publicados doze volumes. A University of Minnesota Press irá publicar quatro destes volumes sob o título *Habits of Being*, três dos quais saíram já à estampa. Foi Presidente da Italian Association of American Studies (1989-1992) e Vice-Presidente da European Association for American Studies (1994-2002).

Cristina GIORCELLI is Professor Emerita of American Literature at the University of Rome Three. Her main fields of research are: mid- and late-nineteenth-century fiction (Fuller, James, Crane, Wharton, Chopin, among others) and Modernist poetry and fiction (W. C. Williams, L. Zukofsky, D. Levertov, W. Cather). She is co-founder (1980) and co-director of the quarterly journal *Letterature d'America*. She edits a series of volumes on clothing and identity (*Abito e Identità*), of which twelve have already come out. The University of Minnesota Press is publishing four volumes out of these under the title *Habits of Being*: so far the first three volumes have seen the light. She was President of the Italian Association of American Studies (1989-1992) and Vice-President of the European Association for American Studies (1994-2002).

Fernando GONÇALVES é detentor de uma licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Franceses e Ingleses) da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (1989), onde obteve também o diploma de Pós-graduação em Tradução (1994). É autor de inúmeras traduções, entre as quais: John Neihardt's *Black Elk Speaks* e Charles Alexander Eastman's *From the Deep Woods to Civilization*. Obteve o Mestrado em Estudos Americanos (2002) com a dissertação intitulada '*How We Sound is How We Are*':

O Modernismo Poético de Langston Hughes, sob a orientação de Maria Irene Ramalho. Presentemente é aluno do Doutoramento em Estudos Americanos e trabalha numa dissertação sobre o poeta e crítico Simon J. Ortiz, do Acoma Pueblo, mais uma vez sob a orientação de Maria Irene Ramalho.

Fernando GONÇALVES has a degree in Modern Languages and Literatures (French and English) from the Faculty of Letters, University of Coimbra (1989). He holds a postgraduate diploma in Translation from the same University (1994). He is the author of several translations, among which John Neihardt's *Black Elk Speaks* and Charles Alexander Eastman's *From the Deep Woods to Civilization*. He mastered in American Studies (2002) with the dissertation '*How We Sound is How We Are*': *O Modernismo Poético de Langston Hughes*, under the supervision of Maria Irene Ramalho. He is presently a doctoral student in the American Studies Programme, writing a dissertation on Acoma Pueblo poet and critic Simon J. Ortiz, again under the supervision of Maria Irene Ramalho.

Fernando GUIMARÃES publicou desde 1956 vários livros de poesia e de ensaio, tendo alargado também a sua atividade à ficção e ao teatro. Os seus livros de ensaio referem-se à literatura portuguesa, sobretudo desde o século XIX à atualidade, e a questões relacionadas com a estética (tendo publicado uma *História do Pensamento Estético em Portugal*) ou com a filosofia da arte. Saíram em livro traduções de poetas ingleses (Byron, Shelley, Keats, Dylan Thomas). Tem exercido crítica literária (revista *Colóquio / Letras*, *J. L. – Jornal de Letras*, etc.) e trabalhou como professor do ensino secundário, orientando estágios de Filosofia, e como investigador, no Centro de Estudos Literários da Universidade do Porto e no Centro de Estudos do Pensamento Português da Universidade

Católica Portuguesa. Considerando o conjunto da sua obra ensaística, a Universidade de Évora concedeu-lhe o Prémio Vergílio Ferreira.

Fernando GUIMARÃES has published since 1956 numerous books of poetry and essays, his activity spanning also fiction and drama. His essays cover Portuguese literature, in particular from the 19th century to the present, and questions of aesthetics (*História do Pensamento Estético em Portugal*) and philosophy of art. He is also the author of published translations of English poets (Byron, Shelley, Keats, Dylan Thomas) and of literary criticism in periodicals such as *Colóquio / Letras, J. L. – Jornal de Letras* and others. He was a secondary school teacher involved in teacher-training in Philosophy, and a researcher in Centro de Estudos Literários of Porto University and in the Centro de Estudos do Pensamento Português of the Catholic University. He has received the Prize Virgílio Ferreira from the University of Évora for his essayistic work.

Márcio-André de Sousa HAZ: O seu trabalho vai da poesia ao pensamento, passando pelo cinema, pela arte digital e pela *performance*. Publicou *Ensaio Radioativos* (2008), *Poemas Apócrifos de Paul Valéry* (2014) e a recente novela *Leonardo contra Paris*. Fundou o coletivo, revista e editora *Confraria do Vento*. Recebeu a bolsa Fundação Biblioteca Nacional (*Poética das Casas*, 2009). Tem textos traduzidos para quase vinte línguas. Foi poeta convidado de festivais asiáticos, europeus, latinoamericanos, nos EUA e no Canadá. Deu aula de formação avançada em poesia sonora na Universidade de Coimbra, onde foi poeta-em-residência. Como artista visual, realizou a *performance* na cidade fantasma de Chernobyl e adaptou para a tela obras de Edgar Allan Poe e Carlos Quiroga.

Márcio-André de Sousa HAZ: His work goes from poetry to reflection, moving across cinema, digital art, and performance. He published *Ensaio Radioativos* (2008), *Poemas Apócrifos de Paul Valéry* (2014) and, most recently, a novel, *Leonardo contra Paris*. He was the founder of the poetry intervention group, magazine and press *Confraria do Vento*. He was awarded the Brazilian National Library Foundation Fellowship (Fundação Biblioteca Nacional) with *Poética das Casas*, 2009. His poems have been translated into 20 languages, and he was guest poet in diverse literary festivals (Asia, Europe, Latin-America, USA and Canada). He was poet-in-residence at the University of Coimbra, where he collaborated in an Advanced Creative Writing Program with a workshop on sound poetry. As visual artist, he performed at the ghost city of Chernobyl and he adapted works by Edgar Allan Poe and Carlos Quiroga to painting.

Fernanda HENRIQUES é detentora de uma Licenciatura, um Mestrado e um Doutoramento em Filosofia, e fez as suas Provas de Agregação em Filosofia e Género. É Professora Auxiliar, com agregação, de Filosofia na Universidade de Évora, correspondente portuguesa do *Fonds Ricoeur*, membro da Associação correspondente, e da direção da Associação Portuguesa de Teologia Feminista. As suas áreas de investigação são: Filosofia Hermenêutica; Filosofia da Religião; Estudos sobre as Mulheres. Tem inúmeras publicações nacionais das quais se destacam: Organização, com Teresa Toldy: *Mulheres que ousaram ficar, Contributos para a Teologia Feminista* (2013); Organização, com Teresa Toldy: *Quem me tocou? O corpo na simbólica religiosa. Contributos das Teologias Feministas* (2014); *Études Ricoeuriennes/ Ricoeur Studies* 4. 1 (2013); “The Need for an Alternative Narrative to the History of Ideas or To Pay a Debt to Women. A Feminist Approach to Ricoeur’s Thought”, *Études Ricoeuriennes/ Ricoeur Studies* 4. 1;

Organização, com Annemie Halsema: *Feminist Explorations of Paul Ricoeur's Philosophy* (no prelo).

Fernanda HENRIQUES holds a BA, Masters and PhD on Philosophy, and her *Habilitation* on Philosophy and Gender. She teaches at the University of Évora, and is the Portuguese correspondent of *Fonds Ricoeur*, member of the same Association and member of the Board of Directors of the Associação Portuguesa de Teologia Feminista. Her research areas are: Hermeneutics, Philosophy of Religion and Women Studies. Her many national and international publications include: (with Teresa Toldy) *Mulheres que ousaram ficar, Contributos para a Teologia Feminista* (2013); (with Teresa Toldy) *Quem me tocou? O corpo na simbólica religiosa. Contributos das Teologias Feministas* (2014); *Études Ricoeuriennes/Ricoeur Studies*, v. 4, n.º 1, (2013); “The Need for an Alternative Narrative to the History of Ideas or To Pay a Debt to Women. A Feminist Approach to Ricoeur’s Thought”, *Études Ricoeuriennes/Ricoeur Studies*, Vol 4, No 1; (with Annemie Halsema) *Feminist Explorations of Paul Ricoeur’s Philosophy* (forthcoming).

Maria António HÖRSTER é licenciada em Filologia Germânica pela FLUC (1968). Foi Leitora de Português na Universidade de Bonn (1969-1973) e docente da FLUC desde 1976 até 2015. A sua tese de Doutoramento em Literatura Alemã (1993) intitula-se *Para uma história da recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)* e foi publicada em 2001. As suas áreas de investigação são: recepção de literatura de expressão alemã em Portugal (Goethe, Rilke, Kafka, Nelly Sachs, Böll); Estudos de Tradução (Tradução e Género, Linguística e Tradução, crítica da tradução literária); Literatura Portuguesa. É membro do CIEG, onde coordena o projeto “Linguística, Literatura, Tradução. Abordagens Interdisciplinares”. Colaborou como tradutora e coautora em

coletâneas de textos de autores de língua alemã em português (Tucholsky, Hofmannsthal, Kafka, Aichinger), e é coautora e co-editora de volumes de ensaios e testemunhos.

Maria António HÖRSTER holds a degree in Germanic Philology from the University of Coimbra (1968). She was Lecturer in Portuguese at the University Bonn (1969-1973), and taught in the Faculty of Letters, University of Coimbra, between 1976 and 2015. Her PhD thesis in German Literature (1993), entitled *Para uma história da recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)*, was published in 2001. Her research areas are: reception of German Literature in Portugal (Goethe, Rilke, Kafka, Nelly Sachs, Böll); Translation Studies (Translation and Gender, Linguistics and Translation, criticism of literary translation); Portuguese Literature. She is a member of CIEG, where she coordinates the project “Linguística, Literatura, Tradução. Abordagens Interdisciplinares”. She translated and co-edited anthologies of Portuguese translations of German authors and is the co-author or co-editor of several volumes of critical essays.

Heinz ICKSTADT foi Professor de Literatura Americana no Kennedy Institute of North American Studies, Free University Berlin, e é Professor Emeritus desde 2003. Publicações: uma história do romance Americano do século 20 (*Transformations of the Mimetic*, 1996); para além de ensaios sobre a literatura e a cultura Americanas de finais do século XIX (em especial sobre William Dean Howells e Henry James); sobre a ficção e a poesia do Modernismo e do Pósmodernismo Americanos (em particular Thomas Pynchon, Don DeLillo, Richard Powers, bem como Ezra Pound, William Carlos Williams, Frank O'Hara e Susan Howe); e também sobre a história e a teoria dos Estudos Americanos. Alguns destes artigos encontram-se reunidos em *Faces of Fiction: Essays*

on American Literature and Culture from the Jacksonian Age to Postmodernity (2001). Foi também coordenador e co-coordenador de uma antologia bilingue de poesia Americana e da primeira edição em língua alemã de *The Cantos* (2012), de Ezra Pound. Foi presidente da German Association of American Studies de 1996 a 2000.

Heinz ICKSTADT was Professor of American Literature at the Kennedy Institute of North American Studies, Free University Berlin, Emeritus since 2003. Publications include a history of the American novel in the twentieth century (*Transformations of the Mimetic*, 1996); plus essays on late nineteenth-century American literature and culture (especially on the work of William Dean Howells and Henry James), on the fiction and poetry of American modernism and postmodernism (especially on Thomas Pynchon, Don DeLillo, Richard Powers, as well as on Ezra Pound, William Carlos Williams, Frank O'Hara and Susan Howe), also on the history and theory of American Studies. Some of these were collected in *Faces of Fiction: Essays on American Literature and Culture from the Jacksonian Age to Postmodernity* (2001). He also edited and co-edited a bi-lingual anthology of American poetry and the first English/German edition of Pound's *The Cantos* (2012). He was president of the German Association of American Studies from 1990 until 1993, and president of the European Association of American Studies from 1996-2000.

Juan Armando Rojas JOO é poeta transfronteiriço, ficcionista e ensaísta. Publicou os poemários *Luz/ Light* (2013), *Vertebral River/ Río vertebral* (2009, 2002), *Ceremonial of Wind / Ceremonial de viento* (2006), *Santuarios desierto mar / Sanctuaries desert sea* (2004, 2015) e *Lluvia de lunas* (1999). Em 2013, coorganizou a antologia *Sangre mía / Blood of Mine: Poesía de la frontera: vio-*

lencia, género e identidad en Ciudad Juárez e, em 2004, coorganizou, com Jennifer Rathbun, a antologia *Canto a una ciudad en el desierto*, uma denúncia poética do feminicídio e da violência de Ciudad Juárez. Durante a primavera de 2011, foi poeta-em-residência na Universidade de Coimbra. É licenciado e mestre em Letras Latino-Americanas pela Universidade do Texas, em El Paso. Doutorou-se na Universidade de Arizona. Em 2002, foi professor convidado e bolsheiro pós-doutorando Andrew W. Mellon Fellow, no Amherst College, Massachusetts. Actualmente, ensina língua e literatura na Universidade de Ohio Wesleyan.

Juan Armando Rojas JOO is a transborder poet, fiction writer and essayist. He has published *Luz/ Light* (2013), *Vertebral River/ Río vertebral* (2009, 2002), *Ceremonial of Wind/ Ceremonial de viento* (2006), *Santuarios desierto mar/ Sanctuaries desert sea* (2004, 2015) and *Lluvia de lunas* (1999). In 2013 he co-edited the anthology *Sangre mía/ Blood of Mine: Poesía de la frontera: violencia, género e identidad en Ciudad Juárez*, and in 2004 he co-edited with Jennifer Rathbun the anthology *Canto a una ciudad en el desierto*, a poetic exposé of murder and violence against women in Ciudad Juárez. During the Spring of 2011 Rojas was poet-in-residence at the University of Coimbra, Portugal. He has a first degree and MA in Latin American Studies from the University of Texas in El Paso, and a PhD from the University of Arizona. In 2002 he was Visiting Professor and postgraduate Andrew W. Mellon Fellow in Amherst College, Massachusetts. He is presently teaching language and literature at Wesleyan University, Ohio.

Nuno JÚDICE nasceu em 1949. É professor associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, onde se doutorou em 1989 com uma tese sobre Literatura Medieval. Entre 1997 e 2004 desempenhou as funções de Conselheiro Cultural e Diretor do

Instituto Camões em Paris. Poeta, ficcionista e ensaísta, publicou o primeiro livro de poesia em 1972. Entre outros prémios, recebeu em 2013 o Prémio Reina Sofia de poesia ibero-americana. Em 2009 assumiu a direção da revista *Colóquio-Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian. Os seus mais recentes livros são o ensaio “ABC da crítica” (2010), a novela *A implosão* (2013) e o livro de poesia *A convergência dos ventos* (2015). Fez traduções de teatro (Corneille, Molière, Shakespeare, *Cyrano de Bergerac* de Rostand) e de poesia (Emily Dickinson, *Poesias de amor* de Pablo Neruda, *Um país que sonha*, *Cem anos de poesia colombiana* e *Os versos do navegante* de Alvaro Mutis, entre outros.

Nuno JÚDICE was born in 1949 and is Associate Professor at the School of Human and Social Sciences of the New University of Lisbon, where he got his PhD in 1989 with a dissertation on Medieval Literature. Between 1997 and 2004 he was also Cultural Attaché and Director of the Camoens Institute in Paris. A poet, fiction writer and essayist, he published his first book of poems in 1972. Amongst other literary awards, he received the Reina Sofia Award for Iberian-American poetry in 2013. In 2009, he became the director of the magazine *Colóquio-Letras* of the Calouste Gulbenkian Foundation. His most recent works are the essay “ABC da crítica” (2010), the novel *A implosão* (2013) and the book of poems *A convergência dos ventos* (2015). He was the translator of some plays by Corneille, Molière, Shakespeare, and *Cyrano de Bergerac* de Rostand; he also translated Emily Dickinson, *Poesias de amor* by Pablo Neruda, *Um país que sonha*, *Cem anos de poesia colombiana* and *Os versos do navegante* by Alvaro Mutis, among others.

Clara KEATING (M. Phil, Cambridge, PhD, Lancaster) é Professora Auxiliar de Estudos Linguísticos e do Discurso na Faculdade

de Letras e investigadora do NHUMEP/CES, Universidade de Coimbra. Desenvolve pesquisa sociolinguística crítica e interdisciplinar sobre multilinguismo, ideologias linguísticas e lectoescrita como acção e actividade textualmente mediada, em contextos de migrações em português nos E.U.A., Reino Unido e Portugal. Delegada nacional da rede Novos Falantes na Europa (COST), tem vindo a colaborar na formação ao longo da vida em português como língua estrangeira, educação e comunicação intercultural e aprendizagem informal em contextos digitais. Publicações recentes incluem "Migration, Multilingualism and Language Policies in Portugal and the United Kingdom: A Polycentric Approach", in Luiz Paulo Moita Lopes (ed.), *Global Portuguese: Linguistic Ideologies in Late Modernity* (2015); com Olga Solovova e Olga Barradas, "Language, Literacy and Linguistic Diversity in Portugal: Discourses Past and Present", in Martin-Jones & Magalhães' special issue on "Discourses about Literacy in Brazil, Portugal and Timor-Leste", *International Journal of the Sociology of Language* (no prelo).

Clara KEATING (M. Phil Cambridge, PhD Lancaster) is Assistant Professor of Linguistics and Discourse Studies and researcher at NHUMEP/CES, University of Coimbra. She develops interdisciplinary and critical sociolinguistics research on multilingualism, language ideologies and literacy as textually mediated action and activity in Portuguese-based migrant contexts in the USA, UK and Portugal. National delegate of the New Speakers European Network (COST), she has been collaborating in past and ongoing lifelong learning projects on Portuguese as a Foreign Language, intercultural education and communication, and informal learning in digital contexts. More recent publications include "Migration, Multilingualism and Language Policies in Portugal and the United Kingdom: A Polycentric Approach", in Luiz Paulo Moita Lopes

(ed.), *Global Portuguese: Linguistic Ideologies in Late Modernity* (2015); with Olga Solovova e Olga Barradas, “Language, Literacy and Linguistic Diversity in Portugal: discourses past and present”, in Martin-Jones & Magalhães’ special issue on “Discourses about Literacy in Brazil, Portugal and Timor-Leste”, *International Journal of the Sociology of Language* (forthcoming).

Anna M. KLOBUCKA é professora no Departamento de Português da Universidade de Massachusetts, Dartmouth (E.U.A.), onde ensina principalmente literatura portuguesa e literaturas africanas em língua portuguesa. É autora de *O formato mulher: a emergência da autoria feminina na poesia portuguesa* (2009) e *Mariana Alcoforado: formação de um mito cultural* (2006). Co-organizou também, com Helena Kaufman, *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994* (1997); com Mark Sabine, *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade* (2010); e, com Hilary Owen, *Gender, Empire, and Postcolony: Luso-Afro-Brazilian Intersections* (2014). É diretora executiva da revista *Journal of Feminist Scholarship* (<http://jfsonline.org/>).

Anna M. KLOBUCKA is Professor of Portuguese and Women and Gender Studies at the University of Massachusetts, Dartmouth. She is the author of *The Portuguese Nun: Formation of a National Myth* (2000; Portuguese translation 2006) and *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa* (2009), and co-editor of *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994* (with Helena Kaufman, 1997), *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality* (with Mark Sabine, 2007; Portuguese edition 2010), and *Gender, Empire and Postcolony: Luso-Afro-Brazilian Intersections* (with Hilary Owen, 2014). She currently serves as Executive Editor of the open-access *Journal of Feminist Scholarship* (<http://jfsonline.org/>).

Rob KROES é Professor Emeritus e, até 2006, Presidente do Programa em Estudos Americanos da Universidade de Amsterdam, bem como Honorary Professor of American Studies na Universidade de Utrecht. Obteve o seu Doutoramento em Sociologia na Universidade de Leiden, Holanda. Foi Presidente da European Association for American Studies entre 1992 e 1996. Entre as suas publicações contam-se: *If You've Seen One, You've Seen The Mall: Europeans and American Mass Culture* (1996), *Predecessors: Intellectual Lineages in American Studies* (1998), *Them and Us: Questions of Citizenship in a Globalizing World* (2000), e *Straddling Borders: The American Resonance in Transnational Identities* (2004). Foi co-autor, com Robert W. Rydell, de *Buffalo Bill in Bologna: The Americanization of the World, 1869-1922* (2005). Das suas publicações mais recentes destacam-se: *Photographic Memories: Private Pictures, Public Images, and American History* (2007) e *Prison Area, Independence Valley: American Paradoxes in Political Life and Popular Culture* (2015).

Rob KROES is Professor Emeritus and former Chair of the American Studies program at the University of Amsterdam, until September 2006, and Honorary Professor of American Studies, University of Utrecht. He holds a PhD in Sociology from the University of Leiden, the Netherlands. He is a past President of the European Association for American Studies (1992-1996). Among his publications are: *If You've Seen One, You've Seen The Mall: Europeans and American Mass Culture* (1996), *Predecessors: Intellectual Lineages in American Studies* (1998), *Them and Us: Questions of Citizenship in a Globalizing World* (2000), and *Straddling Borders: The American Resonance in Transnational Identities* (2004). With Robert W. Rydell he co-authored a book entitled *Buffalo Bill in Bologna: The Americanization of the World, 1869-1922* (2005). His most recent books are *Photographic Memories: Private Pictures,*

Public Images and American History (2007) and *Prison Area, Independence Valley: American Paradoxes in Political Life and Popular Culture* (2015).

Mary N. LAYOUN é Professora de Literatura Comparada no Departamento de Literatura Comparada e Estudos de Folclore na Universidade de Wisconsin, Madison, tendo também sido Presidente desse Departamento, bem como do seu precursor, o Departamento de Literatura Comparada, por mais de dez anos. Os seus interesses de investigação, atividade letiva e trabalho comunitário centram-se na intersecção entre a política e a cultura; entre os regimes transnacionais e as construções de cidadania; entre as questões sobre o “terror” e a segurança dos cidadãos; entre a Organização Mundial do Trabalho e a propriedade cultural; entre a cultura visual, a banda desenhada e a história; entre a criação de comunidades e os movimentos sociais em prol da justiça e da coexistência. A sua obra inclui títulos como *Wedded to the Land? Gender, Boundaries and Nationalism in Crisis* (2001) e *Travels of a Genre: Ideology and the Modern Novel* (1990). Tem em mão dois projetos com vista à sua publicação futura: “Worlds of Difference: Graphic Narratives and History” e “Occupying the National Family: Sexuality, the Family, and Citizenship in Early Occupation Japan and Post-WW II U.S. (1945 - 47).”

Mary N. LAYOUN is Professor of Comparative Literature in the Department of Comparative Literature and Folklore Studies at the University of Wisconsin, Madison, serving as Chair of that department and of its precursor, the Department of Comparative Literature, for over 10 years. Her research interests, teaching, community work, and publications focus on the intersections of politics and culture; transnational regimes and constructions of citizenship; “terror” and human security; the World Trade

Organization and cultural property; visual culture, comic books and history; community-building and social movements for justice and co-habitation. Books include *Wedded to the Land? Gender, Boundaries and Nationalism in Crisis* (2001) and *Travels of a Genre: Ideology and the Modern Novel* (1990). She is currently working on two book-length projects: “Worlds of Difference: Graphic Narratives and History” and “Occupying the National Family: Sexuality, the Family, and Citizenship in Early Occupation Japan and Post-WW II U.S. (1945 - 47).”

Angélica LIMA CRUZ é investigadora doutorada do Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. Licenciada em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, mestre em Literatura e Cultura Portuguesas (com incidência na Cultura Popular) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com uma tese sobre o *Figurado de Barcelos* (1990), concluiu em 2002 a sua dissertação de doutoramento na Universidade de Surrey-Roehampton, intitulada, *Clay Figurines of Galegos: An Anthropology of Artistic Production by Women in Northern Portugal*, publicada em 2009 pelas Edições Afrontamento, com o título: *Artes de mulheres à altura das suas mãos: o figurado de Galegos revisitado*. Tem artigos publicados em diversas revistas nacionais e estrangeiras e tem colaborado em projetos de investigação versando questões relacionadas com arte, classe e sexo.

Angélica LIMA CRUZ is a researcher at the Center for the Study of Childhood, University of Minho. She holds a Bachelor's in Fine Arts from Escola Superior de Belas Artes do Porto, an MA in Portuguese Literature and Culture (focusing on folk culture) from the Faculty of Humanities and Social Sciences, Lisbon New University, with a dissertation entitled *Figurado de Barcelos*

(1990), and a PhD in Education through Art from the University of Surrey-Roehampton, London, with a dissertation entitled *Clay Figurines of Galegos: An Anthropology of Artistic Production by Women in Northern Portugal*. An expanded and much revised Portuguese version of her dissertation was published by Edições Afrontamento: *Artes de mulheres à altura das suas mãos: o figurado de Galegos revisitado* (2009). She has published widely in national and international journals and collaborates regularly in research projects dealing with art, class, and gender.

Ana Gabriela MACEDO é Professora Catedrática da Universidade do Minho e obteve o seu PhD na Universidade de Sussex (UK). É Diretora do *Centro de Estudos Humanísticos* da Universidade do Minho. As suas áreas de Investigação são: Literatura Comparada, Poéticas Visuais e Interartes, Estudos Feministas e de Género. As suas publicações incluem: *Paula Rego e o Poder da Visão, 'a minha pintura é como uma história interior'* (2010); *Género, Cultura Visual e Performance*, org. Ana Gabriela Macedo & Francesca Rayner (2011); *Narrando o Pós-Moderno: Reescritas, Re-visões, Adaptações* (2008); *Dicionário da Crítica Feminista*, org. Ana Gabriela Macedo & Ana Luísa Amaral (2005); *Identity and Cultural Translation*, eds. Ana Gabriela Macedo and Margarida Pereira (2005); *Três Mulheres. Poema a três vozes* (tradução de Sylvia Plath, *Three Women. A Poem for Three Voices*) (2004); *Re-presentações do Corpo/ Re-presenting the Body*, org. Ana Gabriela Macedo and O. Grossegeisse (2003); *Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, org. Ana Gabriela Macedo (2002).

Ana Gabriela MACEDO is Full Professor of English Literature at Universidade do Minho, Braga, Portugal; she is Director of the “Humanities Research Centre” (CEHUM). Her main research

areas are: Comparative Literature; Feminist and Gender Studies; Interarts and Visual Poetics. Among her publications are: *Género, Cultura Visual e Performance*, eds. AG Macedo and F. Rayner (2011); *Paula Rego e o Poder da Visão. 'A minha pintura é como uma história interior'* (2010); *Narrando o Pós-moderno: Reescritas, Re-visões, Adaptações* (2008); *Dicionário da Crítica Feminista*, eds. Ana Gabriela Macedo and Ana Luísa Amaral (2005); *Identity and Cultural Translation*, eds. Ana Gabriela Macedo and Margarida Pereira (2005); *Re-presentações do Corpo/ Re-presenting the Body*, eds. Ana Gabriela Macedo and O. Grossegeesse (2003); *Género, Identidade e Desejo*, ed. Ana Gabriela Macedo (2002). She is currently engaged in developing a project and book entitled *Framing/Unframing, Resisting? Ways of 'seeing differently'. Women and Gender in Contemporary Art and Literature*.

Helder MACEDO é doutorado em Letras pela Universidade de Londres, King's College, onde foi *Camões Professor of Portuguese* e é *Professor Emeritus*. Foi Director Associado do Instituto de Estudos Românicos da Universidade de Londres e o director fundador da revista *Portuguese Studies* (Prémio da *Conference of Editors of Learned Journals*, EUA). Em Portugal, foi Secretário de Estado da Cultura no governo de Maria de Lourdes Pintasilgo (1979-80). A sua obra ensaística inclui livros sobre Bernardim Ribeiro (Prémio da Academia das Ciências de Lisboa), Luís de Camões, Cesário Verde, a colectânea de ensaios sobre autores portugueses e brasileiros *Trinta Leituras* e, com Fernando Gil, *Viagens do Olhar: Visão, Retrospecção e Profecia no Renascimento Português*, também publicado nos EUA (Prémios do PEN Clube Português e da Associação Internacional dos Críticos Literários). É autor de seis livros de poesia e de seis romances, publicados em Portugal e no Brasil, e com traduções em várias línguas.

Helder MACEDO holds a PhD in Letters from King's College, London University, where he held the Chair of *Camoens Professor of Portuguese* and is now *Emeritus Professor*. He was Associate Director of the Institute of Romance Studies of London University and director and founder of the magazine *Portuguese Studies*, which was awarded a prize by the *Conference of Editors of Learned Journals*, USA. In Portugal he held the post of Secretary for Culture in Maria de Lourdes Pintasilgo's government (1979-80). He has published volumes of essays on Bernardim Ribeiro (which won an award from the Academia das Ciências de Lisboa), Luís de Camões, Cesário Verde, Portuguese and Brazilian authors (*Trinta Leituras*) and co-authored, with Fernando Gil, *Viagens do Olhar: Visão, Retrospecção e Profecia no Renascimento Português*, also published in the US and which was awarded the prizes of the Portuguese PEN Clube and the International Association of Literary Critics. His six books of poetry and six novels, published in Portugal and Brazil, have been translated into several languages.

João de MANCELOS é mestre em Estudos Anglo-Americanos, doutorado em Literatura Norte-americana e tem um pós-doutoramento em Literaturas Comparadas. É professor na Universidade da Beira Interior. É autor de 12 livros de poesia, conto e ensaio, entre os quais *O marulhar de versos antigos: A intertextualidade em Eugénio de Andrade* (2009), *Introdução à Escrita Criativa* (4ª edição em 2013), e *Manual de Guionismo* (2014). Conta com uma centena de artigos e resenhas publicados em vários países.

João de MANCELOS has a Master's Degree in Anglo-American Studies, a PhD in American Literature and a Postdoc in Comparative Literature. He teaches in the Universidade da Beira Interior and is the author of twelve books of poems, short stories

and essays, among which are: *O marulhar de versos antigos: A intertextualidade em Eugénio de Andrade* (2009), *Introdução à Escrita Criativa* (4th edition 2013), and *Manual de Guionismo* (2014). He has published around a hundred essays and reviews in several countries.

Fernando J.B. MARTINHO é Professor aposentado da Faculdade de Letras de Lisboa, onde se licenciou e doutorou, e ensinou Teoria da Literatura, Estudos Pessoaanos e Literatura Portuguesa Contemporânea, entre 1982 e 2005. Foi, antes, Leitor de Português nas Universidades de Bristol e de Santa Bárbara, na Califórnia. É autor de dois livros de poemas, publicados em 1970 e 1980, respetivamente. Como ensaísta, tem-se dedicado especialmente ao estudo da Poesia Portuguesa Contemporânea e publicou livros sobre o diálogo de poetas portugueses com Pessoa e Mário de Sá-Carneiro e sobre a poesia da década de 50. Editou um livro de Adolfo Casais Monteiro, *O que foi e o que não foi o Movimento da “presença”*, 1995, e coordenou, em 2004, o volume *Literatura Portuguesa do Séc. XX* (Instituto Camões), onde também subscreve o ensaio sobre a Poesia. Tem colaboração dispersa em jornais e revistas, com destaque para a *Colóquio/Letras* e a *Relâmpago*.

Fernando J.B. MARTINHO is a retired Professor of the Faculty of Letters, University of Lisbon, where he obtained his first degree and PhD, and where he taught Theory of Literature, Pessoa Studies and Contemporary Portuguese Literature between 1982 and 2005. Before that he taught Portuguese in the Universities of Bristol and Santa Barbara. He is the author of two poetry books published in 1970 and 1980. His work as an essayist focuses on Contemporary Portuguese Poetry, on the influence of Pessoa and Sá Carneiro on Portuguese poets, and on poetry of the 1950s. He

has edited a book by Adolfo Casais Monteiro, *O que foi e o que não foi o Movimento da “presença”* (1995), and in 2004 edited the volume *Literatura Portuguesa do Séc. XX*, to which he contributed an article on Poetry. He has published in various magazines and periodicals, namely *Colóquio/ Letras* and *Relâmpago*

Adriana MARTINS é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Católica Portuguesa, onde é professora auxiliar na Faculdade de Ciências Humanas e onde leciona Cultura e Globalização, Cinema Português e Cultura Portuguesa. É membro sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC). As suas principais áreas de interesse são Literatura Comparada, Estudos de Cultura, Estudos Fílmicos e Comunicação Intercultural. Dentre os seus livros, destacam-se *Plots of War: Modern Narratives of Conflict* (organizado com Isabel Capeloa Gil, 2012); *A Cultura Portuguesa no Divã* (organizado com Isabel Capeloa Gil, 2011); e *Conflict, Memory Transfers and the Reshaping of Europe* (organizado com Helena Silva, Filomena Guarda e José Miguel Sardica, 2010).

Adriana MARTINS is Assistant Professor at the Faculty of Humanities, where she teaches Culture and Globalization, Portuguese Film and Portuguese Culture. She is also a Senior Member of the University's Research Centre for Communication and Culture. Among her main research interests are Comparative Literature, Cultural Studies, Film Studies and Intercultural Communication. Her recent books are *Plots of War: Modern Narratives of Conflict* (co-edited with Isabel Capeloa Gil, 2012); *A Cultura Portuguesa no Divã* (co-edited with Isabel Capeloa Gil, 2011); and *Conflict, Memory Transfers and the Reshaping of Europe* (co-edited with Helena Silva, Filomena Guarda and José Miguel Sardica, 2010).

Catarina MARTINS é Professora Auxiliar do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Investigadora do Centro de Estudos Sociais. Foi leitora, durante vários anos, na Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar. É Doutorada em Literatura Alemã pela Universidade de Coimbra (2008). Tem publicado sobre temas de literatura comparada e de literatura de expressão alemã, bem como sobre temas africanos na literatura portuguesa e literaturas africanas lusófonas, anglófonas e francófonas, em particular de mulheres. De entre as suas actuais áreas de investigação destacam-se os estudos pós-coloniais e os estudos feministas, associados a temas e problemáticas das literaturas e culturas de expressão alemã, e de literaturas e culturas africanas anglófonas e francófonas. Tem trabalhado ainda sobre teorias feministas do Sul, e sobre a questão da representação da infância e da violência na literatura e no cinema.

Catarina MARTINS is Assistant Professor of German Studies of the Faculty of Letters and Research Fellow of the Center for Social Studies, University of Coimbra. She was lecturer of Portuguese, for several years, at Cheikh Anta Diop University in Dakar, Senegal. She holds a PhD in German Literature from the University of Coimbra (2008). Her current research interests include comparative literature, German and Austrian literature and culture, postcolonialism and feminism. Within these cultural contexts and from these theoretical frameworks she analyses predominantly the problematics of the representation of violence. She also studies African subjects in Portuguese literature, African lusophone, francophone and anglophone literatures, in particular by women writers, concentrating on feminist questions, on the one hand, and on the representation of childhood, on the other. She has published several articles in all these research fields.

John MATEER nasceu em Johannesburg e vive em Perth, Austrália, mas encontra-se frequentemente em viagem. Publicou livros na Austrália, no Reino Unido, na Áustria e em Portugal, e tem pequenas publicações noutros lugares, que incluem Sumatra e Macau. Depois de ter estado em Portugal para o Encontro Internacional de Poetas de Coimbra, publicou *Southern Barbarians*, traduzido para o português por Andreia Sarabando com o título *Namban*, em 2014. Foi poeta-em-residência da Universidade de Coimbra (Monsanto, com o apoio da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova). Os seus últimos livros são: *The West: Australian Poems 1989-2009*, *Emptiness: Asian Poems 1998-2012* e *Unbelievers, or "The Moor"*. No prelo encontra-se uma tradução para alemão de uma selecção dos seus poemas sobre a Austrália, *The Scar-tree*, e também uma versão portuguesa de *Unbelievers*. A sua única obra de ficção, *The Quiet Slave: a History in Eight Episodes*, descreve, através do olhar de um escravo malaio, a fundação de uma colónia nas ilhas Cocos-Keeling.

John MATEER was born in Johannesburg, and is based in Perth, Australia, but travels frequently. He has published books in Australia, the UK, Austria and Portugal, and smaller publications elsewhere, including Sumatra and Macau. After visiting Portugal for the International Meeting of Poets, he published the collection *Southern Barbarians*, which was republished in the translation of Andreia Sarabando as *Namban* in 2014. He was poet-in-residence at Monsanto, sponsored by the Faculty of Letters at the University of Coimbra and the local government of Idanha-a-Nova. His latest books are *The West: Australian Poems 1989-2009*, *Emptiness: Asian Poems 1998-2012* and *Unbelievers, or 'The Moor'*. Forthcoming are a selection of his Australian poems in German, *The Scar-tree*, and a Portuguese version of *Unbelievers*. His only work of fiction, *The Quiet Slave: a History in Eight*

Episodes, describes the founding of the settlement on the Cocos-Keeling islands through the eyes of a Malay slave.

Jacinta Maria MATOS é Professora Associada da FLUC. Obteve o Mestrado na Universidade de Birmingham com uma tese sobre as narrativas não-ficcionais de George Orwell. A sua tese de Doutoramento, *Pelos Espaços da Pós-Modernidade: Literatura de Viagens Inglesa da Segunda Grande Guerra à Década de Noventa*, foi publicada em 1999. As suas áreas de investigação são as narrativas não-ficcionais em geral e em particular a literatura de viagens inglesa contemporânea, trabalhando também no âmbito dos Estudos Pós-coloniais e dos Estudos Urbanos. Tem publicado em Portugal e no estrangeiro sobre, entre outros, Daniel Defoe, George Orwell e V. S. Naipaul. De momento está a escrever um livro sobre *George Orwell. Vida e Obra*.

Jacinta Maria MATOS is Associate Professor in the Faculty of Letters, University of Coimbra, Portugal. She holds an MA from Birmingham University on George Orwell's Nonfiction Narratives. Her doctoral thesis on English Travel Writing from World War II to the 1990's was published in Portugal in 1999. Her main research interests are in the area of nonfiction narratives, contemporary English Travel Writing, Postcolonial Studies and Urban Studies. She has published in Portugal and abroad on, among others, Daniel Defoe, George Orwell and V. S. Naipaul. She is currently writing a book on George Orwell.

Stephen MATTERSON é Professor de Literatura Americana na School of English, Trinity College, Universidade de Dublin. Tem extensa publicação na área da Literatura dos EUA, com especial ênfase na poesia do século XX e na literatura de meados do século XIX. Entre as suas publicações contam-se três coleções de ensaios,

Forever Young: The Changing Images of the United States (em colaboração com Philip Coleman; 2012); *Aberration in Modern and Contemporary Poetry* (em colaboração com Lucy Collins; 2012) e *Rebound: The American Poetry Book* (em colaboração com Michael Hinds; 2004), bem como a segunda edição, revista, de *Studying Poetry* (em colaboração com Darryl Jones; 2010), uma edição anotada de *The Complete Poems of Walt Whitman* (2006) e *American Literature: The Essential Glossary* (2003). A sua publicação mais recente intitula-se *Melville: Fashioning in Modernity* (2015).

Stephen MATTERSON is Professor of American Literature in the School of English at Trinity College, University of Dublin. He has published widely on US literature, with a particular emphasis on two areas: 20th century poetry and literature of the mid-19th century. Published work includes three co-edited collections of essays, *Forever Young: The Changing Images of the United States*, with Philip Coleman (2012); *Aberration in Modern and Contemporary Poetry* (2012) with Lucy Collins, and *Rebound: The American Poetry Book* (2004) with Michael Hinds. Book publications include: a revised second edition of *Studying Poetry* (2010, with Darryl Jones); an annotated edition of *The Complete Poems of Walt Whitman* (2006) and *American Literature: The Essential Glossary* (2003). Most recently, he has published *Melville: Fashioning in Modernity* (2015).

James MCINTOSH é Professor Emeritus de Cultura Inglesa e Americana na Universidade de Michigan, Ann Arbor. Fez a sua formação académica em Harvard e Yale, com um ano na Free University, Berlin. Obteve o Doutoramento em Inglês em Yale em 1966, onde lecionou durante oito anos como Assistente e Professor Associado, antes de ingressar na Universidade de Michigan em 1975. Destaca-se a sua intervenção na área da americanística

em Yale e Michigan, onde foi Diretor do Programa de Cultura Americana (1984-92). Entre as suas obras contam-se: *Thoreau as Romantic Naturalist: His Shifting Stance toward Nature*, *Nimble Believing: Dickinson and the Unknown*, e *Nathaniel Hawthorne's Tales*, org. (Edição Crítica da Norton). É também autor de inúmeras publicações sobre Melville, Hawthorne, Emerson e Goethe.

James MCINTOSH is Professor Emeritus of English and American Culture at the University of Michigan, Ann Arbor. He was educated at Harvard and Yale, with a year at the Free University, Berlin. He received his PhD in English from Yale in 1966, after which he taught there for eight years as an Assistant and then Associate Professor, before joining the faculty at the University of Michigan in 1975. He was active in American Studies both at Yale and at Michigan, where he was Director of the Program in American Culture (1984-92). He is the author of *Thoreau as Romantic Naturalist: His Shifting Stance toward Nature*, *Nimble Believing: Dickinson and the Unknown*, and the editor of *Nathaniel Hawthorne's Tales* (A Norton Critical Edition). He has also published essays on Melville, Hawthorne, Emerson, and Goethe.

Paulo de MEDEIROS é Professor de Literatura Mundial Moderna e Contemporânea no Departamento de Inglês e Literatura Comparada na Universidade de Warwick. Antes disso, foi detentor da Cátedra de Estudos Portugueses na Universidade de Utrecht. Como Professor Visitante, lecionou em várias universidades em Portugal, no Brasil, em Espanha, na GB e nos EUA. Em 2011-2012 foi *Keeley Fellow* no Wadham College, Oxford. É membro honorário do Institute for Modern Languages Research, School of Advanced Studies, University of London, e a sua investigação centra-se na narrativa Luso-Brasileira, teoria literária e cultural, e

em especial na interseção entre a política e a literatura, bem como em questões pós-coloniais. A sua monografia, *Pessoa's Geometry of the Abyss: Modernity and the Book of Disquiet*, foi publicada em 2013. De momento, a sua investigação inclui questões de poética contemporânea, relações intelectuais entre Portugal e a Europa do Norte, e a representação de conflitos.

Paulo de MEDEIROS is Professor of Modern & Contemporary World Literatures in the Department of English & Comparative Literary Studies of the University of Warwick. Previously he held the Chair of Portuguese Studies at Utrecht University. As Visiting Professor he has taught at several universities in Portugal, Brazil, Spain, the UK and the USA. In 2011-2012 he was Keeley Fellow at Wadham College, Oxford. He is Honorary Fellow of the Institute for Modern Languages Research, School of Advanced Studies, University of London, and his research centers on Luso-Brazilian narrative, literary and cultural theory with a focus on the interrelations between politics and literature, as well as on postcolonial issues. His monograph on *Pessoa's Geometry of the Abyss: Modernity and the Book of Disquiet* was published in 2013. Current research projects involve questions of contemporary poetics, the intellectual relations between Portugal and Northern Europe, and the representation of conflict.

Françoise MELTZER detém a cátedra *Edward Carson Waller Distinguished Service Professor* na Universidade de Chicago, onde também é Diretora do Departamento de Literatura Comparada e Professora da Divinity School in the Philosophy of Religions. Desde 1982 é coeditora da revista *Critical Inquiry*. A sua investigação centra-se na teoria crítica contemporânea e nas literaturas francesa e alemã do século XIX. Entre as suas obras contam-se: *Salome and the Dance of Writing* (1987); *The Trial(s)*

of Psychoanalysis (1988); *Hot Property: The Stakes and Claims of Literary Originality* (1994); *For Fear of the Fire: Joan of Arc and the Limits of Subjectivity* (2001); *Saints: Faith Without Borders* (2011); e *Seeing Double: Baudelaire's Modernity* (2011). Em 2007 recebeu a "Ordre de Palmes Académiques" do governo francês. De momento está a escrever um livro sobre ruínas, mais especificamente sobre as ruínas alemãs no final da Segunda Grande Guerra.

Françoise MELTZER is the Edward Carson Waller Distinguished Service Professor at the University of Chicago, where she is also Chair of the Department of Comparative Literature, and Professor of the Divinity School in the Philosophy of Religions. Since 1982 she has been the co-editor of the journal *Critical Inquiry*. Her work focuses on contemporary critical theory and 19th century French, German and English literatures. Meltzer's books include *Salome and the Dance of Writing* (1987); *The Trial(s) of Psychoanalysis* (1988); *Hot Property: The Stakes and Claims of Literary Originality* (1994); *For Fear of the Fire: Joan of Arc and the Limits of Subjectivity* (2001); *Saints: Faith Without Borders* (2011); and *Seeing Double: Baudelaire's Modernity* (2011). In 2007, she received the "Ordre de Palmes Académiques" from the French government. In 2015, she was elected to the American Academy of Arts and Sciences.

Carlos Felipe MOISÉS nasceu em São Paulo, em 1942, e estreou como poeta em 1960, com *A poliflauta*, a que se seguiram *Carta de marear*, *Círculo imperfeito*, *Subsolo* e outros. Desde o início da carreira, dedica-se à poesia, à crítica literária e ao ensino de literatura – na Universidade de São Paulo (onde se doutorou em Letras Clássicas) e em outras instituições de ensino superior, no Brasil e nos EUA. Especializou-se em poesia moderna, tendo publicado relevantes ensaios sobre Fernando Pessoa, José Gomes Ferreira,

Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Mário Cesariny de Vasconcelos e outros poetas contemporâneos. É também tradutor e autor de livros infanto-juvenis. Entre seus livros de crítica e teoria poética destacam-se: *O poema e as máscaras*, *Poética da Rebeldia*, *O desconcerto do mundo*, *Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos*, *Poesia & utopia: sobre a função social da poesia e do poeta* e *Frente & verso*. Como poeta, seus títulos mais recentes são *Noite nula* e *Disjecta membra*.

Carlos Felipe MOISÉS was born in São Paulo in 1942, and made his debut as a poet in 1960, with *A poliflauta*, followed by *Carta de marear*, *Círculo imperfeito*, *Subsolo* and others. From the beginning he has devoted himself to poetry, literary criticism and the teaching of literature in the University of São Paulo (where he got his PhD in Classics) and other institutions in Brazil and the US. He specialized in modern poetry, and has published on Fernando Pessoa, José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Mário Cesariny de Vasconcelos and other contemporary poets. He is also a translator and author of children's books. Among his critical works are: *O poema e as máscaras*, *Poética da Rebeldia*, *O desconcerto do mundo*, *Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos*, *Poesia & utopia: sobre a função social da poesia e do poeta* e *Frente & verso*. His more recent books of poetry are: *Noite nula* and *Disjecta membra*.

George MONTEIRO é autor de obras sobre, entre outros, Henry James, Henry Adams, Robert Frost, Stephen Crane, Elizabeth Bishop, Luiz de Camões, e Fernando Pessoa, bem como de traduções de Jorge de Sena, Pessoa, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga e Pedro da Silveira. É Professor Emeritus de Inglês e de

Estudos Portugueses e Brasileiros e, de momento, é professor adjunto na Universidade de Brown, Providence, R. I. (EUA).

George MONTEIRO is the author of books on, among others, Henry James, Henry Adams, Robert Frost, Stephen Crane, Elizabeth Bishop, Luiz de Camões, and Fernando Pessoa, as well as translations of Jorge de Sena, Pessoa, José Rodrigues Miguéis, Miguel Torga, and Pedro da Silveira. He is Professor Emeritus of English and of Portuguese and Brazilian Studies, and he is now an adjunct professor (at Brown University, Providence, R. I. (USA).

João Paulo MOREIRA foi Assistente Convidado do Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra de 1978 a 2008, com responsabilidade na leção de disciplinas nas áreas dos Estudos Literários, Literatura Norte-Americana, Tradução, e Estudos Artísticos. Tem artigos publicados no domínio da chamada cultura de massas e também nas áreas de leção e investigação, além de colaboração na imprensa. Foi membro eleito de diversos órgãos da Faculdade de Letras e membro fundador da APEAA — Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, cuja direção também integrou. Foi Investigador do CES / Centro de Estudos Sociais e (até 1999) membro da sua Direcção e do Conselho de Redacção da sua *Revista Crítica de Ciências Sociais*, e co-organizador dos Encontros Internacionais de Poetas.

João Paulo MOREIRA was Assistant Lecturer in the Department of Anglo-American Studies of the University of Coimbra's Faculty of Arts and Humanities from 1978 through 2008, with courses taught in the areas of Literary Studies, American Literature, Translation, and Art Studies. He has published articles on mass culture and in the above-mentioned areas of research, and was a regular

contributor to the print media. He was an elected member of various bodies of the Faculty of Arts and Humanities and a founding member of APEAA – the Portuguese Association of Anglo-American Studies, on whose executive board he also served. He was also former researcher at CES / Centre for Social Studies and (until 1999) a member of its Executive Board, as well as a member of the Editorial Board of *Revista Crítica de Ciências Sociais*. He was also a co-organizer of the International Meetings of Poets.

Erín MOURE é poeta e tradutora de francês, espanhol, galego e português, e recebeu os Prémios *Governor General*, *Pat Lowther Memorial*, e *A.M. Klein*. A sua obra *Insecession*, uma biopoética que ecoa Chus Pato, foi publicada no livro deste autor, *Secession*, traduzido por Moure (2014). O seu poema-peça, em francês e inglês, *Kapusta* (2015), uma sequência de *The Unmemntioable*, foi finalista do prémio *A.M. Klein*. Em 2016, sairão três novas traduções do galego e do francês: *Flesh of Leviathan*, de Chus Pato; *New Leave*, de Rosalía de Castro; e *My Dinosaur*, de François Turcot.

Erín MOURE is a poet and translator of poetry from French, Spanish, Galician and Portuguese. Her work has received the Governor General's Award, Pat Lowther Memorial Award, and A.M. Klein Prize. Her *Insecession*, a biopoetics echoing Chus Pato, appeared in one book with Pato's *Secession*, in Moure translation (2014). Her French/English play-poem *Kapusta* (2015), sequel to *The Unmemntioable*, was shortlisted for the A.M. Klein Prize. 2016 will see three new Moure translations from Galician and French: *Flesh of Leviathan* by Chus Pato; *New Leaves*, by Rosalía de Castro; and *My Dinosaur*, by François Turcot.

Jesús MUNÁRRIZ nasceu em San Sebastián, em 1940. Viveu a infância e juventude em Pamplona, e reside em Madrid desde os vinte anos. Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade Complutense de Madrid, trabalhou como diretor ou editor das casas editoras Ciencia Nueva, Siglo 20I, de Espanha, e Ediciones Hiperión, que fundou em 1975 e ainda dirige. A sua obra poética inclui mais de vinte títulos e cinco antologias, além de três livros de poemas para crianças. O seu trabalho encontra-se publicado na Colômbia, na Venezuela e no México. Traduziu para castelhano mais de cinquenta obras, quase todas de poesia, do alemão, do francês, do inglês e do português. Nesta última língua, a destacar as suas versões dos livros de Cesário Verde, de Fernando Pessoa, de Carlos Drummond de Andrade, de Eugénio de Andrade, de Herberto Helder, de Vasco Graça Moura e de Nuno Júdice. Traduziu também poemas de Luis de Camões, de Fernando Assis Pacheco e de Fernando Pinto do Amaral.

Jesús MUNÁRRIZ was born in San Sebastián, Spain, in 1940. He spent his childhood and adolescence in Pamplona and has been living in Madrid since he was twenty. He has a degree in Germanic Philology from Universidad Complutense, Madrid, worked as a director or editor in the publishing houses Ciencia Nueva, Siglo 20I, de España, and Ediciones Hiperión, which he founded in 1975 and still directs. His poetic work comprises more than twenty volumes and five anthologies, as well as three books of poetry for children. His work has been published in Colombia, Venezuela and Mexico. He has translated into Castilian more than 50 works, mostly poetry, from the German, French, English and Portuguese. From Portuguese he has translated Cesário Verde, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Vasco Graça Moura and Nuno Júdice,

as well as poems by Luis de Camões, Fernando Assis Pacheco and Fernando Pinto do Amaral.

António Jacinto Rebelo PASCOAL nasceu em 1967, em Coimbra, e é mestre em Literaturas e Culturas Africanas de Língua Portuguesa. Estreou-se em 1991, com *Pátria ou Amor* (Prémio da Associação Académica de Coimbra, com prefácio de Agustina Bessa-Luís). Ensaísta e poeta, surge editado em variadíssimas antologias poéticas, e é prefaciador de antologias e autores diversos. Editou nove livros de poesia. Poemas seus estão traduzidos em Inglês e Finlandês. Atualmente vive em Arronches.

António Jacinto Rebelo PASCOAL was born in Coimbra in 1967, and has a MA in Portuguese-speaking African Cultures and Literatures. His first book was *Pátria ou Amor* (with a preface by Agustina Bessa-Luís). Literary Award of the University of Coimbra Students' Union). Poet and essayist, his work is published in many poetry collections, and he is also responsible for a number of prefaces to other volumes as well as books by diverse authors. He published 9 books of poems. Some of his work has been translated into English and Finnish. He is presently living in Arronches.

Isabel PEDRO dos SANTOS é Professora Auxiliar aposentada, desde 2014, da FLUC (Secções de Estudos Anglo-Americanos e de Tradução), e doutorada em Literatura Inglesa. Além de várias disciplinas de licenciatura (Introdução aos Estudos Literários, Literatura Inglesa, etc), lecionou em programas de 2.º ciclo (Estudos Feministas, Poesia e Poética, Tradução) e de 3.º ciclo (Linguagens, Identidades e Mundialização; Linguagens e Heterodoxias: História, Poética e Práticas Sociais; Estudos Feministas; Estudos de Tradução); orientou diversas dissertações

de mestrado e teses de doutoramento. Integrou a comissão organizadora dos Encontros Internacionais de Poetas e colaborou na tradução das antologias *Poesia do Mundo*. Investigadora associada do CES, participou no Projeto “Novas Poéticas de Resistência: o Século XXI em Portugal”, sendo responsável pela área da Tradução. Áreas de interesse: estudos feministas, escrita de mulheres (nomeadamente autobiografia), e tradução e interpretação. Atualmente é tradutora-intérprete.

Isabel PEDRO dos SANTOS, retired since 2014, has a PhD in English Literature and was Assistant Professor at the Faculty of Letters, Coimbra University (Anglo-American Studies and Translation Sections). She has taught different subjects, including, at undergraduate level, Introduction to Literary Studies and English Literature; taught seminars in Feminist Studies, Poetry and Poetics, and Translation MA courses and in PhD programs such as Languages, Identities and Mondialization; Languages and Heterodoxies: History, Poetics and Social Practices; Feminist Studies; Translation Studies. She supervised a vast number of MA and PhD thesis. She was a member of the International Meetings of Poets organizing committee, collaborating in the translation of the anthologies *Poesia do Mundo*. A Research Fellow at CES, she was a member of the *New Poetics of Resistance: the 21st century in Portugal* Project, coordinating the area of Translation. Research fields: feminist studies, women’s writing (namely autobiography), translation and interpreting. She currently works as a translator/interpreter.

Isabel Cristina PIRES nasceu em 1953, na Pampilhosa, e licenciou-se em Medicina em Coimbra, em 1976. Especializou-se em Psiquiatria e foi Chefe de Serviço no Hospital Psiquiátrico do Lorvão, onde exerceu o cargo de diretora clínica. Desde 1987, publicou dois livros de contos: *Universal Limitada* (1987), pelo

qual recebeu o prémio Caminho de Ficção Científica e o prémio Revelação da revista *Mulheres*, e *A Casa em Espiral* (1991); dois romances (*A Árvore das Marionetas*, 1989; e *O Nome do Poeta*, 2003); e sete livros de poesia (*A Roda do Olhar*, 1993; *À Porta de Nárnia*, 1995; *Cobra de Papel*, 1997; *Todas as Cores do Azul*, 2001; *Deserto Pintado*, 2007; *O País das Ondas à Janela*, 2013; e *Cidade das Imagens*, 2015). Está representada em inúmeras antologias de poesia e conto, quer em Portugal, quer no estrangeiro, com obras traduzidas para o catalão, o francês, o inglês e o alemão. Pintora autodidata, tem participado em exposições individuais e coletivas.

Isabel Cristina PIRES was born in 1953, in Pampilhosa, and became a medical doctor in Coimbra in 1976. She is a specialist in Psychiatry and became the Head of Psychiatry Service at Lorrvão Hospital where she was also the Clinical Director. Since 1987, she published 2 anthologies of short-stories: *Universal Limitada* (1987), Caminho Press for Science-Fiction Prize and the Revelation Award of *Mulheres* magazine, and *A Casa em Espiral* (1991); 2 novels: *A Árvore das Marionetas*, (1989) and *O Nome do Poeta* (2003); and 7 books of poems: *A Roda do Olhar* (1993), *À Porta de Nárnia* (1995), *Cobra de Papel* (1997), *Todas as Cores do Azul* (2001), *Deserto Pintado* (2007), *O País das Ondas à Janela* (2013) and *Cidade das Imagens* (2015). She is included in many collections of poems and short-stories, both in Portugal and abroad, and her work has been translated into Catalan, French, English and German. Self-taught in painting, she has been in many individual as well as in collective exhibits.

Alberto PIMENTA nasceu em 1937 e ainda não morreu.

Alberto PIMENTA was born in 1937 and is still around.

Jerónimo PIZARRO é Professor da Universidade de los Andes, Titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Doutor pelas Universidades de Harvard (2008) e de Lisboa (2006), em Literaturas Hispânicas e Linguística Portuguesa. No âmbito da Edição Crítica das Obras de Fernando Pessoa, publicadas pela INCM, já contribuiu com sete volumes, sendo o último a primeira edição crítica do *Livro do Desassossego*. Em 2010 publicou *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, livro que preparou com Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, depois de os três coordenarem a digitalização dessa biblioteca com o apoio da Casa Fernando Pessoa. Em 2011 publicou o livro *Portuguese Modernisms in Literature and the Visual Arts*, co-organizado com Steffen Dix, com quem já tinha coeditado, em 2008, um número especial da revista *Portuguese Studies*, e, em 2007, um livro de ensaios, *A Arca de Pessoa*. De 2011 a 2013 Pizarro foi o Coordenador de duas novas séries da *Ática* (1. *Fernando Pessoa | Obras*; 2. *Fernando Pessoa | Ensaística*), contribuindo com mais de dez volumes. Atualmente dirige a “Coleção Pessoa” da Tinta-da-China. Em 2013 foi o Comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo) e ganhou o Prémio Eduardo Lourenço.

Jerónimo PIZARRO is Professor at the Universidad de los Andes and holds the Camões Institute Chair of Portuguese Studies in Colombia. He has a PhD in Hispanic Literatures (2008, Harvard University) and a PhD in Portuguese Linguistics (2006, Universidade de Lisboa). He contributed seven volumes to the critical edition of Fernando Pessoa’s Works, published by the INCM, the last volume being the first critical edition of the *Livro do Desassossego* [*Book of Disquietude*]. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa* was published in 2010. This book was prepared with Patricio Ferrari and Antonio Cardiello, the other

two coordinators involved in digitizing Pessoa's private library with the support of Casa Fernando Pessoa. Together with Steffen Dix, he co-organised a special number of *Portuguese Studies* and, in 2007, a book of essays, *A Arca de Pessoa*. From 2011 to 2013 Pizarro coordinated two new series published by Ática (1. *Fernando Pessoa | Obras*; 2. *Fernando Pessoa | Ensaística*), contributing more than ten volumes. He is also the editor of "Coleção Pessoa" published by Tinta-da-China. In 2013 he directed the presence of Portugal as the guest country in the International Book Fair in Bogotá (FilBo) and is the recipient of the Prémio Eduardo Lourenço.

Manuel PORTELA é Professor no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Coimbra, onde dirige o Programa de Doutoramento FCT em Materialidades da Literatura. Colabora no "PO.EX: Arquivo Digital" (<http://www.po-ex.net/>), e é o investigador principal do "Arquivo LdoD: Arquivo Digital do Livro do *Desassossego*" (<http://ldod.uc.pt>). É autor dos livros *O Comércio da Literatura: Mercado e Representação* (2003) e *Scripting Reading Motions: The Codex and the Computer as Self-Reflexive Machines* (2013). Traduziu diversos autores de língua inglesa, entre os quais Laurence Sterne, William Blake e Samuel Beckett. Recebeu o Grande Prémio de Tradução Literária pela tradução portuguesa de *A Vida e Opiniões de Tristram Shandy*.

Manuel PORTELA teaches in the Department of Languages, Literatures and Cultures, University of Coimbra, where he directs the FCT Doctoral Program in Advanced Studies in the Materialities of Literature. He collaborates in the "PO.EX: Digital Archive" (<http://www.po-ex.net/>), and he is the principal investigator of the "LdoD Archive: A Digital Archive of Fernando Pessoa's *Book of Disquiet*" (<http://ldod.uc.pt>). He is the author of two scholarly

books: *O Comércio da Literatura: Mercado e Representação (The Commerce of Literature: Marketplace and Representation)* (2003), and *Scripting Reading Motions: The Codex and the Computer as Self-reflexive Machines* (2013). He has also translated many English-language authors, including works by Laurence Sterne, William Blake and Samuel Beckett. He received the National Award for Translation for the Portuguese translation of *The Life and Opinions of Tristram Shandy*.

Luís QUINTAIS nasceu em 1968. É antropólogo, ensaísta, poeta e professor da Universidade de Coimbra. Publicou onze livros de poesia: *A imprecisa melancolia* (1995), *Lamento* (1999), *Umbria* (1999), *Verso antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto onde* (2006), *Mais espesso que a água* (2008), *Riscava a palavra ðor no quadro negro* (2010), *Depois da música* (2013), *O vidro* (2014) e *Arrancar penas a um canto de cisne. Poesia 2015-1995* (2015). Como poeta, foi distinguido com os prémios Aula de Poesia de Barcelona, PEN Clube Português, Prémio Fundação Luís Miguel Nava, e Prémio Fundação Inês de Castro. A sua página pessoal na web pode ser encontrada em: luisquintaisweb.wordpress.com.

Luís QUINTAIS was born in 1968. He is an anthropologist, essayist, poet, and professor at the University of Coimbra. He has published eleven books of poems: *A imprecisa melancolia* (1995), *Lamento* (1999), *Umbria* (1999), *Verso antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto onde* (2006), *Mais espesso que a água* (2008), *Riscava a palavra ðor no quadro negro* (2010), *Depois da música* (2013), *O vidro* (2014), and *Arrancar penas a um canto de cisne. Poesia 2015-1995* (2015). His poetry was awarded several prizes: Aula de Poesia de Barcelona (Barcelona Poetry Masterclass), PEN Clube Português (Portuguese PEN Club), Prémio Fundação Luís Miguel Nava (Luís Miguel Nava Foundation Award), and Prémio

Fundação Inês de Castro (Inês de Castro Foundation Award). His personal webpage: luisquintaisweb.wordpress.com.

João RASTEIRO é licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Publicou em diversas revistas e antologias em Portugal, Brasil, Itália, Espanha, Finlândia, República Checa, Moçambique, México, Colômbia e Chile. Alguns dos seus poemas estão traduzidos em Inglês, Francês, Castelhana, Italiano, Catalão, Checo, Húngaro e Japonês. Obteve vários prémios, nomeadamente, o Prémio Literário Manuel António Pina, 2010, com a obra *A Divina Pestilência* (2011). Em 2012, foi um dos 20 finalistas do Prémio Portugal Telecom de Literatura. Publicou doze livros de poesia, destacando-se, fora de Portugal: *Tríptico da Súplica* (2011) e *Pequeña retrospectiva de la Puesta en Escena* (bilingue, 2014). O seu último livro, *acrónimo* (2015), conta com um posfácio de Maria Irene Ramalho.

João RASTEIRO has a first degree in Portuguese and Lusophone Studies from the University of Coimbra. His poems are published in several poetry collections and magazines in Portugal, Brazil, Italy, Spain, Finland, Check Republic, Mozambique, Mexico, Colombia and Chile. Some of his poems have been translated into English, French, Castilian, Italian, Catalan, Check, Hungarian and Japanese. He was awarded several prizes, namely, the Manuel António Pina Literary Award, 2010, for the book *A Divina Pestilência* (2011). In 2012, he was amongst the 20 nominees of the Portugal Telecom Prize for Literature. He published 12 books of poems, 2 of them abroad: *Tríptico da Súplica* (2011) and *Pequeña retrospectiva de la Puesta en Escena* (bilingual, 2014). Maria Irene Ramalho wrote the Afterword for his latest book, *acrónimo* (2015).

Anna RECKIN vive e trabalha em Norwich, Inglaterra. Tem um MFA (Master of Fine Arts) em poesia pela Universidade de Minnesota e um Doutoramento pelo Programa de Poética da Universidade de Nova Iorque, em Buffalo. A sua obra foi publicada nos Estados Unidos e no Reino Unido. O seu primeiro livro de poemas foi *Three Reds* (Shearsman 2011) e o segundo encontra-se no prelo, uma publicação apoiada pelo Arts Council England (ACE – fundação nacional de apoio à arte). Esteve no Encontro Internacional de Poetas em 2001 e, em 2010, foi poeta-em-residência da Universidade de Coimbra (Monsanto).

Anna RECKIN lives and works in Norwich, England. She has an MFA in poetry from the University of Minnesota and a PhD from the Poetics Program at SUNY Buffalo, and her work has been published in the US and the UK. Her first book-length poetry collection was *Three Reds* (Shearsman 2011) and a second one is near completion, partly funded by a grant from Arts Council England (ACE). She was invited to the International Meeting of Poets of Coimbra in 2001 and, in 2010, was Poet-in-Residence at the University of Coimbra (Monsanto).

António Sousa RIBEIRO é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É também investigador sénior do Centro de Estudos Sociais da UC, a cujo Conselho Científico presidiu entre 2003 e 2007. É responsável pelos programas de Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, Culturas e Literaturas Modernas, e Linguagens e Heterodoxias: História, Poética e Práticas Sociais. Dirigiu ao longo de quase duas dezenas de anos a *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Foi cofundador e membro do conselho de direção da rede Europeia Eurozine. Publicou extensamente no âmbito dos Estudos Germanísticos (em particular, Karl Kraus e a modernidade vienense), da Literatura

Comparada, da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais, dos Estudos PósColoniais, dos Estudos de Tradução e dos Estudos sobre a Violência (publicação mais recente, *Representações da Violência* [2013]). Tem-se dedicado também à tradução literária (p. ex. Karl Kraus, *Os Últimos Dias da Humanidade*).

António Sousa RIBEIRO is Full Professor of German Studies at the Faculty of Letters, University of Coimbra and Senior Researcher at the Centro de Estudos Sociais, where he was the president of the Scientific Board between 2003 and 2007. He is also responsible for the PhD Programmes on Postcolonialism and Global Citizenship, Modern Languages and Cultures, and Languages and Heterodoxies. For close to two decades he was the director of *Revista Crítica de Ciências Sociais* and was co-founder and member of the board of the European network Eurozine. He has published extensively on German Studies (in particular on Karl Kraus and the Viennese modernity), on Comparative Literature, Cultural Studies, Postcolonial Studies, Translation Studies and on Violence (*Representações da Violência*, 2013). He is also a translator of literary works (see Karl Kraus, *Os Últimos Dias da Humanidade*).

Liana SAKELLIYOU nasceu em Atenas, onde estudou literatura inglesa na Universidade de Atenas, tendo continuado os seus estudos nas universidades de Edinburgh, Essex e Pennsylvania State. Professora de Literatura Norte-Americana, especializou-se em poesia contemporânea e escrita criativa, lecionando no Departamento de Língua e Literatura Inglesas na Universidade de Atenas desde 1999. Recebeu bolsas de mérito pelas suas atividades académica e literária da Fundação Fulbright, do Departamento de Estudos Helénicos da Universidade de Princeton, da Universidade de Coimbra (Poeta-em-Residência)

e do British Council. Publicou dezassete livros em três países: Grécia, Estados Unidos e França.

Liana SAKELLIOU was born in Athens where she studied English Literature at the University of Athens, continuing her postgraduate studies at the Universities of Edinburgh, Essex and Pennsylvania State. She has been Professor of American literature, specializing in contemporary poetry and creative writing at the Department of English Language and Literature, University of Athens, since 1999. She has been distinguished with scholarships from the Fulbright Foundation, the Department of Hellenic Studies of Princeton University, the University of Coimbra (Poet-in-residence) and the British Council for her academic and writing activities. She has published 17 books in Greece, the US, and France.

Silviano SANTIAGO doutorou-se na Universidade de Paris, Sorbonne, em 1968, com uma tese sobre a criação literária em André Gide. Atualmente é Professor Emérito da Universidade Federal Fluminense. Escritor e crítico, tem vasta obra ficcional e ensaística. Por três vezes recebeu o Prêmio Jabuti de Romance. Editou e prefaciou a antologia *Intérpretes do Brasil* (2000). Também prefaciou e anotou as cartas trocadas por Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade (2002). Pelo conjunto da sua obra, recebeu o Prêmio Machado de Assis (2013), da Academia Brasileira de Letras, e o Premio Iberoamericano de Literatura José Donoso (Chile, 2014). Recebeu também o título de *Officier dans l'Ordre des Arts et Lettres*, do Governo francês, e a Medalha de Mérito Cultural, Grau de Comendador, Ministério da Cultura. Tem livros traduzidos em várias línguas.

Silviano SANTIAGO completed his PhD in the Sorbonne in 1968, with a thesis on literary creation in André Gide. He is now

Professor Emeritus in the Universidade Federal Fluminense. A writer and a critic, he has a vast list of fictional and critical publications. He has been three times the recipient of the Prêmio Jabuti de Romance. He edited and prefaced the anthology *Intérpretes do Brasil* (2000). He also prefaced and annotated the letters between Carlos Drummond de Andrade and Mário de Andrade (2002). He received the Prêmio Machado de Assis (2013), from the Academia Brasileira de Letras, e o Premio Iberoamericano de Literatura José Donoso (Chile, 2014) for his life-long contribution to letters. He has also been awarded the title of *Officier dans l'Ordre des Arts et Lettres* by the French government and the Medal of Merit by the Brazilian Ministry of Culture. Some of his books have been translated into several languages.

Sabine SCHOLL fez os seus estudos em Viena e ensinou em Aveiro, Chicago, New York, Nagoya. Desde o seu regresso ao espaço de língua alemã que lecciona Escrita Criativa no Deutschen Literaturinstitut de Leipzig e, entre 2009 e 2012, no Institut für Sprachkunst der Angewandten de Viena, de que foi cofundadora. Publicou inúmeros livros em diferentes géneros literários, versando várias temáticas: viver com/em línguas e culturas diferentes; sujeitos transnacionais, feminismo. Do seu último trabalho, a destacar: o romance *Ich bin die Früchte des Zorns*, o estudo “Mein Alphabet der Männer“ (2013) e o ensaio “Nicht ganz dicht“ (2015). Tem dois filhos e vive em Berlim desde 2001.

Sabine SCHOLL studied in Vienna and taught in Aveiro, Chicago, New York and Nagoya. Since she went back to the German-speaking world she has been teaching Creative Writing at the Deutschen Literaturinstitut in Leipzig and, from 2009 and 2012, at the Institut für Sprachkunst der Angewandten, Wien, which she co-founded. She has published numerous books in different

literary genres focusing on several topics: life with/in between languages and cultures, transnational subjects and feminism. Her latest work includes, among others, the novel *Ich bin die Früchte des Zorns*, the study “Mein Alphabet der Männer” (2013) and the essay “Nicht ganz dicht” (2015). She has two children and has lived in Berlin since 2001.

Patrícia Oliveira SILVA é doutorada em Estudos Portugueses e Brasileiros pelo King’s College, London, e investigadora pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e em Queen Mary, Universidade de Londres. O seu projeto de investigação, intitulado ‘Transcultural Modernism: Transatlantic Networks and Translocal Exchanges between Luso-Brazilian and Anglo-American Sites of Modernity’, é financiado pela FCT. Foi investigadora visitante no Instituto de Estudos Germânicos e Românicos da Escola de Estudos Avançados da Universidade de Londres e lecionou na Universidade de Cambridge. É autora de *Yeats and Pessoa: Parallel Poetic Styles* (2010) e publicou sobre Pessoa, Yeats, modernismo e intermedialidade nas revistas *Dedalus*, *Cadernos de Literatura Comparada*, *Pessoa Plural*, *Portuguese Studies*, *Comparative Critical Studies*, e *Portuguese Literary & Cultural Studies*. Publicações recentes incluem ensaios sobre a recepção de Darwin por Eça de Queiroz em *The Literary and Cultural Reception of Charles Darwin in Europe* (2014), sobre Brasília e a sua representação literária e cinematográfica em *Alternative Worlds: Blue-Sky Thinking Since 1900* (2015), sobre *Orpheu* e *Blast* em 1915 – *O Ano do Orpheu* (2015) e em *Colóquio Letras* (Set.-Dez. 2015).

Patrícia Oliveira SILVA holds a PhD in Portuguese & Brazilian Studies from King’s College, London, and is a postdoctoral researcher at the Centre for Social Studies of the University

of Coimbra and at Queen Mary, University of London. Her research project, entitled “Transcultural Modernism: Transatlantic Networks and Translocal Exchanges between Luso-Brazilian and Euro-Anglo-American Sites of Modernity” is funded by the FCT. She was visiting research fellow at the Institute of Germanic and Romance Studies of the School of Advanced Studies of the University of London and taught at the University of Cambridge. She is the author of *Yeats and Pessoa: Parallel Poetic Styles* (2010) and published about Pessoa, Yeats, modernism and intermediality in the peer-reviewed journals *Dedalus*, *Cadernos de Literatura Comparada*, *Pessoa Plural*, *Portuguese Studies*, *Comparative Critical Studies*, and *Portuguese Literary & Cultural Studies*. Recent publications include essays about the reception of Darwin by Eça de Queiroz in *The Literary and Cultural Reception of Charles Darwin in Europe* (2014), about Brasília and its literary and cinematographic representation in *Alternative Worlds: Blue-Sky Thinking Since 1900* (2015), about Orpheu and Blast in *1915 – O Ano do Orpheu* (2015) and in *Colóquio Letras* (Set.-Dez. 2015).

Jorge Fernandes da SILVEIRA é Doutor e Mestre em Literatura Portuguesa. É Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Pesquisador 1A do CNPq e coordenador da equipa brasileira do projeto “*Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois*”. Foi Professor Visitante nas Universidades de Brown (onde se pós-doutorou), Santa Barbara, Califórnia, Minnesota e Salamanca. De entre as suas publicações, destaque-se: *Verso com verso* (2003); *O Beijo Partido - Uma Leitura de O Beijo Dado Mais Tarde: Introdução à Obra de Llansol* (2004); *Lápide & Versão: O Texto Epigráfico de Fiama Hasse Pais Brandão* (2006); *O Tejo é um Rio Controverso: António José Saraiva Contra Luís Vaz de Camões* (2008); *19 Recantos e*

outros poemas de Luiza Neto Jorge (com Mauricio Matos, 2008); *A Moeda do Tempo e Outros Poemas de Gastão Cruz* (2009); *Poesia 61 Hoje* (com Luis Maffei, 2011); *Escrever a Casa Portuguesa* (ed. 1999). Publicou ainda *Dez Campos* (poemas, 2011) e *O Comedor de Salamanca* (prosas e versos, 2012).

Jorge Fernandes da SILVEIRA has a PhD and a Master's degree in Portuguese Literature. He is Full Professor of the Faculty of Letters, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, and a Researcher in the CNPq, where he coordinates the project "*Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois*". He was Visiting Professor in the Universities of Brown (where he did postdoctoral work), Santa Barbara, California, Minnesota and Salamanca. Among his publications are: *Verso com verso* (2003); *O Beijo Partido - Uma Leitura de O Beijo Dado Mais Tarde: Introdução à Obra de Llansol* (2004); *Lápide & Versão: O Texto Epigráfico de Fiama Hasse Pais Brandão* (2006); *O Tejo é um Rio Controverso: António José Saraiva Contra Luís Vaz de Camões* (2008); *19 Recantos e outros poemas de Luiza Neto Jorge* (with Mauricio Matos, 2008); *A Moeda do Tempo e Outros Poemas de Gastão Cruz* (2009); *Poesia 61 Hoje* (with Luis Maffei, 2011); *Escrever a Casa Portuguesa* (org, 1999). He also published a book of poetry, *Dez Campos* (2011) and *O Comedor de Salamanca* (prose and verse, 2012).

Marta SOARES tem um Doutorado em Estudos Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com uma dissertação sobre Adrienne Rich, versando questões como o poder, a missão, o corpo em sofrimento e a relação entre a poesia e a sociedade. Tanto esta dissertação como a tese de Mestrado (sobre a poeta H.D.) foram orientadas por Maria Irene Ramalho. Neste momento é Investigadora do Centro de Estudos Anglísticos, Universidade de Lisboa. As suas áreas prioritárias de investiga-

ção são os Estudos Americanos, os Estudos sobre as Mulheres e Literatura e Medicina, tendo vindo a dedicar-se às dimensões filosófica, literária e política do corpo, sobretudo em termos da sua interseção com a poesia e o testemunho. Tem obra publicada nestas áreas, e foi coorganizadora da antologia *Discourses that Matter: Selected Essays on English and American Studies* (2013).

Marta SOARES holds a PhD in American Studies from the Faculty of Arts and Humanities, University of Coimbra, with a dissertation on Adrienne Rich, where she addresses issues such as power, mission, the body in pain, and the relationship between poetry and society. Both this dissertation and her MA thesis (focusing on the poet H.D.) were supervised by Professor Maria Irene Ramalho. She is currently a researcher at CEAUL – University of Lisbon Center for English Studies. Her main interests include American Studies, Women’s Studies, Literature and Medicine, her present research focusing more specifically on the philosophical, literary, and political dimensions of the body, namely its intersection with poetry and testimony. She has published several essays on these areas, having been one of the co-editors of the anthology *Discourses that Matter: Selected Essays on English and American Studies*, published in 2013.

Max STATKIEWICZ é detentor de dois Doutoramentos, um em Filosofia pela Universidade de Paris IV-Sorbonne, e outro em Literatura Comparada, obtido em SUNY-Stony Brook. De momento, é Professor Associado de Literatura Comparada na Universidade de Wisconsin-Madison. Publicou inúmeros ensaios sobre a relação entre a filosofia e a literatura, sobre o teatro de Brecht e Artaud, uma obra, *Rhapsody of Philosophy: Dialogue with Plato in Contemporary Thought*, e uma tradução da obra de Ulrike Dünkelsbühler sobre a tradução parergonal em Kant e Derrida.

Max STATKIEWICZ holds two doctorates: one in Philosophy from the University of Paris IV-Sorbonne; and one in comparative literature from SUNY-Stony Brook. He is currently Associate Professor of Comparative Literature at the University of Wisconsin-Madison. He has published numerous essays on the relationship between philosophy and literature, on the theater of Brecht and Artaud, a book, *Rhapsody of Philosophy: Dialogue with Plato in Contemporary Thought*, and a translation of Ulrike Dünkelsbühler's book on parergonal translation in Kant and Derrida.

Ana Paula TAVARES nasceu em Angola. Depois de um Bacharelato em História pela Universidade de Luanda, foi professora e exerceu vários cargos de âmbito cultural em Angola. Tendo vindo para Portugal nos anos 90, licenciou-se em História e fez um mestrado em Literaturas e Culturas Africanas, pela Universidade de Lisboa, e um Doutoramento em Etnografia Histórica, pela Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua docência na Universidade Católica, mas é professora e investigadora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 2010. Além das publicações científicas da sua especialidade, conta com nove livros de poesia. Recebeu o Prémio Mário António de Poesia da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004, pelo livro *Dizes-me Coisas Amargas Como os Frutos* (2001); o Prémio Nacional de Cultura e Arte, Luanda, 2007; e o Premio letterario Ceppo Pistoia, Itália, 2013. O seu livro mais recente é *Como Veias Finas da Terra* (2010).

Ana Paula TAVARES was born in Angola. After a first degree in History from the University of Luanda, she worked as a teacher and in several cultural institutions. After she came to Portugal in the 1990s she took a BA in History, a MA in African Literatures and Cultures from the University of Lisbon, and a PhD in

Historical Ethnography from the New University of Lisbon. She started an academic career at the Portuguese Catholic University. In 2010, she moved to the Faculty of Humanities of the University of Lisbon where she is a Lecturer and a researcher. Besides her academic publications, she is the author of 9 books of poetry. Her poetry was awarded several prizes: Poetry Award Mário António, Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon, 2004, for her book *Dizes-me Coisas Amargas Como os Frutos*, 2001; the National Award for Culture and Art, Luanda, 2007; and the Literary Award Ceppo Pistoia, Italy, 2013. Her most recent book is *Como Veias Finas da Terra*, 2010.

Manuella Glaziou TAVARES obteve o seu Doutoramento em Estudos Americanos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em maio de 2014. A tese, intitulada “Novos equilíbrios após o ‘11-de-setembro’: Diálogos intelectuais entre os Estados Unidos da América e a França”, analisa vários aspetos sociológicos e culturais da nação americana entre o 11-de-setembro e 2006, pelo prisma dos discursos de figuras intelectuais proeminentes dos dois lados do Atlântico: Jean Baudrillard, Bernard-Henri Lévy, Joan Didion, Susan Sontag e Gore Vidal. Aquando da frequência do Mestrado em Estudos Americanos na mesma Universidade, foi aluna da Sra. Professora Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, que também fez parte do júri das provas do seu Doutoramento.

Manuella Glaziou TAVARES concluded her PhD in American Studies at the University of Coimbra (Portugal), in May 2014. Her doctoral dissertation, entitled “Post 9/11 New Equilibriums: Dialogues between the United States of America and France” focuses on various sociological and cultural aspects of the American nation between the 9/11 and 2006, as viewed through the intellectual discourses of prominent French and North-

-American intellectuals: Jean Baudrillard, Bernard-Henri Lévy, Joan Didion, Susan Sontag, and Gore Vidal. During her MA in American Studies at the University of Coimbra she was Professor Maria Irene Ramalho de Sousa Santos' student. Professor Santos also stood at her PhD examination board.

Teresa TAVARES é professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Sociais. É atualmente subdiretora da Faculdade de Letras da UC. Foi Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM), membro do Conselho Editorial da *ex-aequo – Revista da APEM*, diretora executiva da publicação eletrónica *RCCS Annual Review* e Diretora Adjunta da *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Tem lecionado várias cadeiras na área dos Estudos Americanos, da Literatura Inglesa e dos Estudos Feministas, para além de desenvolver trabalho na formação de docentes de Inglês. Os seus interesses de investigação dentro destas áreas centram-se nas narrativas de imigração e nos movimentos feministas do século XIX e início do século XX.

Teresa TAVARES is Assistant professor at the School of Arts and Humanities, University of Coimbra, and a researcher at the Center for Social Studies. She is currently Assistant Dean at FLUC. She was Vice President of the Portuguese Association for Women's Studies (APEM), member of the editorial board of the journal *ex-aequo – Revista da APEM*, managing editor of the online publication *RCCS Annual Review*, and assistant editor of the journal *Revista Crítica de Ciências Sociais*. She has taught in the areas of American Studies, English Literature and Feminist Studies, and has also been involved in teacher training. Her research interests have focused on immigrant narratives and on 19th and early 20th century feminist movements.

Len TENNENHOUSE é Professor Catedrático de Inglês na Universidade de Duke. Para além de ter organizado várias coleções de ensaios sobre a ficção americana mais antiga, é autor de *The Importance of Feeling English: American Literature and the British Diaspora, 1750-1850* (2007) e, com Nancy Armstrong, *The Imaginary Puritan* (1992) e ainda *The Conversion Effect: Aspects of the Early American Novel* (2014).

Len TENNENHOUSE is Professor of English at Duke University. In addition to editing several collections of essays on early American fiction, he is the author of *The Importance of Feeling English: American Literature and the British Diaspora, 1750-1850* (2007) and with Nancy Armstrong *The Imaginary Puritan* (University of California Press, 1992), and *The Conversion Effect: Aspects of the Early American Novel* (2014).

Teresa Martinho TOLDY é doutorada em Teologia pela Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt/Alemanha), Mestre em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa, Licenciada em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa. Pós-doutorada pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Professora Associada com Agregação em Estudos Sociais na Universidade Fernando Pessoa (Porto), em regime de exclusividade. Docente desta universidade na área da Ética. Investigadora do CES, onde co-coordena o POLICREDOS. Membro do International Editorial Board da Revista *Religion & Gender*, do Editorial Board do *Journal of the European Society of Women in Theological Research* (ESWTR) e do Editorial Board da *ESWTR Studies in Religion*, membro do Conselho Assessor da colecção Aletheia (da responsabilidade da Associação de Teólogas Espanholas). Presidente da Associação Portuguesa de Teologias Feministas. Publica na área da religião e dos estudos feministas.

Teresa Martinho TOLDY holds a PhD in Theology from the Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen (Frankfurt) and an MA and first degree in Theology from the Catholic University, Lisbon. She has done postdoctoral work in the Centre for Social Studies (CES) in Coimbra and is Associate Professor with an *Habilitation* in Social Studies at Fernando Pessoa University in Porto, where she teaches Ethics. She is also a Researcher in CES, where she coordinates the POLICREDOS Project. She is a member of the International Editorial Board of *Religion & Gender*, of the Editorial Board of *Journal of the European Society of Women in Theological Research* (ESWTR) and of the Editorial Board of *ESWTR Studies in Religion*. She is a member of the editorial Board of the collection *Aletheia* (published by the Spanish Association of Theologians) and is the President of the Portuguese Association of Feminist Theologies. She has published extensively in the area of Religion and Feminist Studies

Miro VILLAR nasceu em Cee em 1965, e é Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada com a Tese *A poesía galega de Antón Zapata García. Edición e estudo*. É Professor de língua e literatura galegas, poeta, narrador, tradutor e crítico literário em diversas revistas. Formou parte do Batallón Literario da Costa da Morte e como poeta publicou *Ausencias pretéritas* (1992), *42 décimas de febre* (1994), *Abecedario da desolación* (1997; prémio Tívoli-Europa 1998), *Equinoccio de primavera* (1998; finalista do prémio Tívoli-Europa 1999), *Gameleiros* (2002, com o fotógrafo Manuel Álvarez), e *As crebas* (2011; prémio Concello de Carral, 2010). Poemas seus foram traduzidos para castelhano, português, italiano, francês, alemão, inglês, russo, albanês e serbo-croata em *Il cammino di Santiago. La giovane poesia d'Europa nel 1997*.

Miro VILLAR was born at Cee in 1965, and holds a PhD in Theory of Literature and Compared Literature, with the dissertation *A poesía galega de Antón Zapata García. Edición e estudo*. He teaches Galician language and literature and he is a poet, a fiction writer, a translator and a literary critic in diverse periodicals. He was a member of Batallón Literario da Costa da Morte. As a poet, Villar published *Ausencias pretéritas* (1992), *42 décimas de febre* (1994), *Abecedario da desolación* (1997; Tívoli-Europa Award 1998), *Equinoccio de primavera* (1998; Tívoli-Europa Award nominee 1999), *Gameleiros* (2002, with photographer Manuel Álvarez) and *As crebas* (2011; Concello de Carral Award, 2010). Some of his poems were translated into Castilian, Portuguese, Italian, French, German, Russian, Albanese, and Serbo-Croat in the volume *Il cammino di Santiago. La giovane poesia d'Europa nel 1997*.

Bill WHITFORD é Professor Emeritus de Direito na Universidade de Wisconsin-Madison, U.S.A. Viveu em Madison durante grande parte da sua vida e tem relações de grande amizade com Maria Irene e o marido, Boaventura, desde a década de 1970.

Bill WHITFORD is a Professor Emeritus of Law, University of Wisconsin-Madison, U.S.A. He has resided in Madison, Wisconsin for most of his life. He has known and been friends with Irene and her husband, Boaventura, since approximately 1970.

Lynn WHITFORD é escultora de metal e nasceu e cresceu em Madison, onde ainda vive. Fez a sua licenciatura (em História e Arte) e o Mestrado na Universidade de Wisconsin.

Lynn WHITFORD is a metal sculptor, born, raised, and still living in Madison, Wisconsin, U.S.A. Her undergraduate degrees

(in History and Art) and graduate degree (MFA) are from the University of Wisconsin.

Stephen WILSON é professor de Literatura Inglesa e Americana na Universidade de Coimbra, membro do Irish Centre of Poetry Studies e membro da comissão organizadora da Ezra Pound International Conference. Tem obra publicada sobre Ezra Pound, W.B. Yeats e James Joyce, e está a trabalhar num estudo alargado sobre Ezra Pound e a história dos E.U.A.

Stephen Wilson is a professor of English and American literature and culture at the University of Coimbra, a fellow of the Irish Centre of Poetry Studies and a board member of the Ezra Pound International Conference. He has published on Ezra Pound, W.B. Yeats and James Joyce and is currently working on an extended study of Ezra Pound and American history.

Fred WAH estudou música e literatura inglesa na Universidade de British Columbia, no início dos anos 60, tendo sido um dos fundadores da revista de poesia *TISH*. Já no final daquela década, concluídos os estudos doutorais nos EUA, voltou à região de Kootenay, onde foi professor no Selkirk College, e onde fundou e coordenou o programa de escrita criativa no Centro Universitário David Thompson. Ensinou poética e escrita criativa na Universidade de Calgary, entre 1989 e 2003. Ao longo dos anos foi editor de inúmeras revistas literárias, tais como *Open Letter* e *West Coast Line*. Os seus livros mais recentes são *Diamond Grill* (1996); *Faking It: Poetics and Hybridity*, uma coletânea de ensaios (2000); duas antologias de poesia, *Sentenced to Light* (2008), e *is a door* (2009); e um volume recente de poemas selecionados, *The False Laws of Narrative* (2009).

Fred WAH studied music and English literature at the University of British Columbia in the early 1960's where he was one of the founding editors of the poetry newsletter *TISH*. After graduate work in the US, he returned to the Kootenays in the late 1960's where he taught at Selkirk College and was the founding coordinator of the writing program at David Thompson University Centre. He taught creative writing and poetics at the University of Calgary from 1989 until 2003. He has been editorially involved with a number of literary magazines over the years, such as *Open Letter* and *West Coast Line*. Recent books are *Diamond Grill* (1996), *Faking It: Poetics and Hybridity*, a collection of essays (2000), two collections of poetry, *Sentenced to Light* (2008), and *is a door* (2009), and a recent volume of selected poems, *The False Laws of Narrative* (2009).

Richard ZENITH, originário dos E.U.A., emigrou para Portugal em 1987. Investigador, ensaísta e organizador de numerosas edições de Fernando Pessoa, é também conhecido como tradutor – de Camões, de Pessoa e de poetas mais recentes.

Richard ZENITH, born in the U.S.A., immigrated to Portugal in 1987. A researcher and critic, he has prepared many editions of works by Fernando Pessoa. He is also known as a translator – of Camões, Pessoa, and more recent poets.

(Página deixada propositadamente em branco)

Irene Ramalho Santos

CURRICULUM VITAE

Maria Irene Ramalho de Sousa Santos
Professor of English, American Studies and Feminist Studies
Faculty of Letters (Emerita)
Senior Researcher, Center for Social Studies (CES)
University of Coimbra, Portugal
International Affiliate
Department of Comparative Literature & Folklore Studies
University of Wisconsin-Madison, USA

1. Education

- 1958-64 *Licenciatura* (five-year program with thesis) in Germanic Philology, University of Coimbra (Supervisor: Prof. Paulo Quintela)
(including several periods of study in Germany and the UK)
- 1968-73 Ph. D. Program in American Studies at Yale University; dissertation: "Poetry in Hesperia: Wallace Stevens and the Romantic Tradition" (Supervisor: Prof. Harold Bloom)
- 1986 *Provas de Agregação* in English and American Literature and Culture at the University of Coimbra

2. Research, teaching, academic service

- 1965-74 Junior Lecturer, Germanic Philology, Faculty of Letters, University of Coimbra [FLUC]
- 1974-79 Assistant Professor, Germanic Philology, FLUC
- 1979-86 Associate Professor, Anglo-American Studies, FLUC
- 1982 (Fall) Associate Visiting Professor, Department of Spanish and Portuguese, University of Wisconsin-Madison (UW) Postgraduate Seminar on *Fernando Pessoa and Anglo-American Modernism*

- 1982-88 Coordinator of the M. A. Program in Anglo-American Studies, FLUC
- 1983 (Fall) Associate Visiting Professor, Department of Comparative Literature, UW: Graduate seminar on *Poetics and Literary Theory: The Modern Lyric*
- 1982-84 Vice-President, *Portuguese Association of Anglo-American Studies*
- 1983-88 Chair of the Research Project entitled *Anglo-American Modernism: Sources and Major Developments* (FLUC)
- 1984-86 President, *Portuguese Association of Anglo-American Studies*
- 1986 Professor of Portuguese Literature in the Summer Course on Portuguese Language and Culture, University of East Asia, Macao. Courses taught: *An Introduction to Contemporary Portuguese Literature and Culture* and *From the 1870s Generation to "The Year of the Death of Ricardo Reis"*
- 1986-88 Associate Professor with *Agregação*, FLUC
- 1987 (Fall) Research Fellow in the Department of Portuguese and Brazilian Studies, King's College-London
Senior Research Fellow, Centro de Estudos Sociais, UC (CES)
Full Professor, FLUC
- 1989-92 Coordinator of the research strand on "Culture" of CES/JNICT project, *The State, Economy and Social Reproduction in the Semiperiphery of the World System: The Case of Portugal*
- 1990 (Fall) Research Fellow, CLUW-Madison

- Consultant of the Office for International Studies and Programs, UW to plan an exchange program between UC and UW
- 1991 (Fall) Tinker Visiting Professor, CLUW. Postgraduate seminar on *Lyric Poetry, Western Culture, and the Ideology of Modernism*
- 1992-95 Collaboration with the University of Madeira, Portugal. Fields: *Introduction to Literary Studies* and *American Literature and Culture*
- Research Fellow, CLUW (Fall)
- 1993- Coordinator of CES/ JNICT research project entitled *Culture, Society and the Intellectuals: Four Case Studies*. Subproject conducted: *Imperialism, Colonialism, Modernism and National Culture (Portugal, the United States and Brazil at the Beginning of the Twentieth Century)*; part of the research conducted later incorporated into *Atlantic Poets*, 2003 (see publications below)
- Research Fellow, CLUW (Fall)
- 1994 (Fall) Research Fellow, CLUW
- 1995 (Fall) Research Fellow, CLUW
- 1996 (Fall) Tinker Visiting Professor, CLUW (CL 974: "Modes of the Modern Lyric")
- 1997 (Fall) Research Fellow, CLUW.
- 1998 (Fall) Research Fellow, CLUW.
- 1998-2000 Vice-President of the European Association for American Studies.
- 1999 Chair of the Reviewing Committee of FCT Centers for Literary Studies in Portugal
- 1999 (Fall) Research Fellow, CLUW

- Co-coordinator of research strand on “Identities” of CES/FCT project on “Globalization”
- 1999- International Affiliate of the Department of Comparative Literature, since 2012 Comparative Literature & Flokllore Studies, UW-Madison,
- 2000 Member of the Awarding Committee of the “Camões Prize”
- 2000 (Fall) Research Fellow, CLUW, funded by the Gulbenkian Foundation
- 2001 Member of the Awarding Committee of the “Camões Prize”
Chair of the Reviewing Committee of FCT Centers for Literary Studies in Portugal.
- 2001 (Fall) Visiting Professor, CLUW. Graduate Seminar on “Modern Lyric Poetry and Its Theories”
- 2002 Member of the Awarding Committee of the “Camões Prize”
- 2002 (Fall) Research Fellow, CLUW (CL 976: “Problems of the Modern Lyric” [co-teaching with Prof. Próspero Saíz])
Coordinator of CES/FCT research project on *Memory, Violence and Identity: New Comparative Perspectives on Modernism*
- 2003 (Fall) Research Fellow, CLUW
- 2004 (Fall) Research Fellow, CLUW
- 2005 Member of the evaluating committee for EURYI (European Science Foundation)
- 2005 (Fall) Visiting Professor, CLUW (CL 288: Masterpieces of Literature for Honors II, “Modernity, Knowledge and Violence”)

- 2006 Member of the evaluating committee for EURYI (European Science Foundation)
- 2006 (Fall) Visiting Professor, CLUW (CL 288: Masterpieces of Literature for Honors II, “Modernity, Knowledge and Violence”)
- 2007 (Fall) Visiting Professor, CLUW (CL 351: “The Modern Lyric: Atlanticism, Interruption, Disquietude, Intersexualities, Rumination, and Other Problems”)
- 2007-2011 Scientific Coordinator of Ph.D. Program in American Studies (UC)
Scientific Coordinator of Ph.D. Program in Feminist Studies (UC)
- 2008 (Fall) Visiting Professor, CLUW (CL 371: “Modernity and Theories of the Lyric”)
- 2009 (Fall) Visiting Professor, CLUW (CL 473: “Thematics: Modernity and the Lyric”)
- 2010 (Fall) Research Fellow (CLUW)
- 2011- Professor Emerita, UC
- 2011 (Fall) Research Fellow (CLUW)
- 2012 (Fall) Research Fellow (Comparative Literature & Folklore Studies UW-Madison)
- 2013 (Fall) Visiting Professor (CL&FS UW-Madison). Graduate seminar: CL 702, “Problems in Comparative Literature”
- 2014 (Fall) Research Fellow (Comparative Literature & Folklore Studies UW-Madison)
- 2015 (Fall) Research Fellow (Comparative Literature & Folklore Studies UW-Madison)

3. Publications

Books

- 2012 Co-ed. (with Isabel Caldeira and Maria José Canelo). *America Where? Transatlantic Views of the United States in the 21st Century* (Bern: Peter Lang). Author of the “Introduction” and the concluding essay, “America in Poetry”
- 2010 Ed. *Poesia do mundo VI* (Coimbra: Palimage) (author of several of the translations)
Co-ed. (with Adriana Bebiano). *Estudos feministas e cidadania plena* [Feminist Studies and Full Citizenship] Special issue of *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 89 (June)
Co-ed. (with Doris Friedensohn). *Transnational, Post-imperial American Studies?* Special issue of *Op. Cit. Revista da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos*, n.º 9 (referring to 2007)
- 2008 Co-ed (with António Sousa Ribeiro). *Translocal Modernisms: International Perspectives*. Bern: Peter Lang.
Poetas do Atlântico: Fernando Pessoa e o Modernismo Anglo-Americano. Porto: Afrontamento.
Review by Ana Luísa Amaral in *Público*, Portugal (January 2009)
Uma paciência selvagem: Antologia poética de Adrienne Rich [Poems by Adrienne Rich selected, translated and with an introduction] (with Monica Varese Andrade). Lisboa: Cotovia

- 2007 *Poetas do Atlântico: Fernando Pessoa e o Modernismo Anglo-Americano* (Belo Horizonte: Editora UFMG).
Review: Flávio Viegas, "Atlantismo redentor" *Confraria do Vento*, May 2008 (Brasil)
Ed. *Poesia do mundo V* (Coimbra: Palimage) (author of several of the translations)
- 2006 Co-ed. (with António Sousa Ribeiro), *Modernismo(s)*. Special issue of *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 74 (June)
- 2004 Ed. *Poesia do mundo IV* (Coimbra: Palimage) (author of several of the translations)
- 2003 *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*. Hanover/London: University Press of New England.
Reviews in *The Wallace Stevens Journal* (USA); *Journal of Comparative American Studies* (UK); *Journal of Romance Studies* (UK); *Rua Larga* (Portugal); *Op. Cit. Revista da APEAA* (Portugal); *World Literature Today* (USA)
- 2002 Co-ed (with António Sousa Ribeiro). *Entre ser e estar. Raízes, discursos e percursos da identidade* [Between Being and Being-There. Roots, Discourses, and Routes of Identity] Porto: Afrontamento
- 2001 Ed. *Poesia do mundo III*. Porto: Afrontamento (author of several of the translations)
- 1999 Ed. and co-author, *Literatura Norte-Americana*. Lisboa, Universidade Aberta
- 1998 Ed. *Poesia do Mundo II*. Porto, Afrontamento (author of several of the translations).

- 1997 Co-ed. (with Graça Capinha), *Os poetas e o social* [Poets and the Social] Special issue of *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 47 (Fevereiro)
- 1996 Co-ed. (with Mario Materassi), *The American Columbiad: Discovering America, Inventing the United States* (Amsterdam: Free University Press)
- 1995 Ed. *Poesia do mundo* [Bilingual Anthology]. Porto: Afrontamento (author of several of the translations)
- 1988 Co-ed. *Pós-modernismo e teoria crítica* [Postmodernism and Critical Theory] (with António Sousa Ribeiro). Special Issue of *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 24 (March)

Chapters in Books

- 2017 “Europe and America. An Age-Old Relationship Revisited” , in Cristina Giorcelli (org.), *Essays for Mario Materassi*. perugia: Linea-gráfica.
- 2016 “Filosofia, literatura, feminismo – Um percurso com Fernanda Henriques”, in Fernanda Henriques (org.), *Filosofia e Género. Outras narrativas sobre a tradição ocidental*. Lisboa: Colibri.
- 2014 “O feminismo como filosofia. Introdução ao pensamento de Rosi Braidotti”. *Pensamento crítico contemporâneo*. Org. UNIPOP. Lisboa: Edições 70 (124 143)

- “Gender, Species and Coloniality in Maria Velho da Costa”, *Gender, Empire and Postcolony*. Ed. Anna Klobucka and Hilary Owen. New York: Palgrave Macmillan (191-202)
- 2013 “A violência da cultura. Sexo, espécie e colonialidade em Maria Velho da Costa”. *Representações da violência*. Ed. António Sousa Ribeiro. Coimbra: Almedina (51-63)
- “‘O deus que faltava’. Pessoa’s Theory of Lyric Poetry”. *Fernando Pessoa World Wide: Influences, Dialogues, Responses*, ed. Mariana Gray de Castro. Suffolk: Tamesis (23-35)
- 2012 “‘America’ Here There and Everywhere: The Challenges of American Studies in Our Time”, Introduction to *America Where? Transatlantic Views of the United States in the 21st Century*, ed. Isabel Caldeira, Maria José Canelo, and Irene Ramalho Santos. Bern: Peter Lang (9-18)
- “America in Poetry”, *America Where? Transatlantic Views of the United States in the 21st Century*, ed. Isabel Caldeira, Maria José Canelo, and Irene Ramalho Santos. Bern: Peter Lang (245-281)
- “A altura das suas mãos”, in Helena Silva Costa (org.), *Maria de Lourdes Pintasilgo: retratos sem moldura*. Lisboa: Bertrand, 68-68.
- 2011 “Narcissus in the Desert: A New Cartography for the American Lyric”, *Fluid Cartographies: New Modernities*, ed. Isabel Capela Gil and João Ferreira Duarte. Special issue of *Journal of Romance Studies*, vol. 11.1 [Spring] (21-36)

- “The Tail of the Lizard: Pessoaan Disquietude and the Subject of Modernity”. *Portuguese Modernisms. Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts*. Ed. Stephen Dix and Jerónimo Pizarro. London: Legenda (264-276)
- “The God That Was Missing: Poetry, Divinity, Everydayness”. *The Turn around Religion in America. Literature, Culture, and the Work of Sacvan Bercovitch*. Ed. Nan Goodman and Michael Kramer. Burlington VT: Ashgate Publishing (378-407)
- 2010 “A musa gazeteira e o corpo do poeta”, *O corpo em Pessoa. Corporalidade, género, sexualidade*. Ed. Anna M. Klobucka e Mark Sabine. Lisboa: Assírio & Alvim (229-49)
- 2009 “Falo das mãos, falo das obras”. Prologue to *Artes de mulheres à altura de suas mãos: O figurado de Galegos revisitado*, a book by Angélica Lima Cruz. Porto: Afrontamento (9-13)
- “The Permanent Revolution: Poetry and the Tradition”. “*So Long lives this, and this gives life to thee*”. Festschrift for Maria Helena Paiva Correia. Lisboa: Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras de Lisboa (549-562)
- 2008 “A Poetics of Ignorance: António Ramos Rosa and Wallace Stevens”. *Wallace Stevens across the Atlantic*. Ed. Bart Eeckhout and Edward Ragg. London: Palgrave Macmillan (204-215).
- “La poesia e il sistema mondiale. Fernando Pessoa inventor dela semiperiferia”. *Atlantico Periferico: Il postcolonialismo portoghese e il sistema mondiale*. Ed. Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchi and

- Vincenzo Russo. Trans. Giulia Crescentini Anderlini. Reggio Emilia: Edizioni Diabasis (137-196)
- “Paulo Quintela, o amante de poesia”, *Homenagem a Paulo Quintela no centenário do seu nascimento, 1905-1987*. Ed. Maria Teresa Delgado Mingocho e Maria António Hörster. Coimbra: Faculdade de Letras (25-43)
- 2007 “The Truant Muse and the Poet’s Body”. *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality*. Ed. Anna Klobucka and Mark Sabine. University of Toronto Press (181-200)
- “A Voracity of Contemplation. American Modernism Revisited in Marianne Moore”. “*And gladly wolde (s) he lerne and gladly teche*”. Festschrift for Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Edições Colibri/Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras de Lisboa (481-500)
- “A Líquida Música dos Sentidos”. Afterword to *Poemas escolhidos* de Cyro de Mattos. Bilingual edition (Portuguese/Italian)
- 2006 “Poetry and Translatability. Or: Gertrude Stein, the Foreigner”. *Identity and Cultural Translation: Writing across the Borders of Englishness*. Ed. Ana Gabriela Macedo and Margarida Esteves Pereira. Bern: Peter Lang (21-37)
- “All the Names: Saramago and the Lyric”. *In Dialogue with Saramago: Essays in Comparative Literature*. Ed. Adriana Martins and Mark Sabine. Manchester: The University of Manchester (91-103)
- “Todos os nomes. José Saramago e a poesia lírica”. *Estudos em Homenagem a Margarida Losa*

- [Festschrift]. Ed. Ana Luísa Amaral e Gualter Cunha. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (377-387)
- 2005 “A arte da ruminação: Os heterónimos pessoanos revisitados.” In *Largo mundo alumiado. Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Ed. Carlos Mendes de Sousa and Rita Patrício. Braga: Universidade do Minho (II, 829-843)
- “Modernismo e imperialismo: A *Mensagem* de Fernando Pessoa”. *Mensagem de Fernando Pessoa 70 anos depois*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa (FLUC) (7-37)
- 2004 “Misremembering. H. D. and Inspiration”. *Landscapes of Memory/Paisagens da Memória*. Ed. Isabel Capeloa Gil, Richard Trewinnard, Maria Laura Pires (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa) (289-304)
- “O que sobra da morte: Helder Macedo e a poesia lírica”, in Margarida Calafate Ribeiro et al. (eds.), *A Primavera toda para ti* (Festschrift for Helder Macedo). Lisboa: Presença (301-306)
- “The Accidental Bridge: Hart Crane’s Theory of Poetry”. *The American Poetry Book*. Ed. Stephen Matterson and Michael Hinds (Rodopi) (89-98). Reviews in *Modern Language Review* (UK) and *American Literary Scholarship* (USA)
- 2003 “Poetry in the Machine Age” *Cambridge History of American Literature* (Ed. Sacvan Bercovitch). Vol V (180-342). Review in *The Use of English* (USA)
- 2002 “Alberto Pimenta, ‘Poema cuneiforme (antes e depois de lhe dar o bicho)’”. *Século de Oiro*. Ed. Osvaldo

- Silvestre e Pedro Serra. Braga/Lisboa: Angelus Novus/Cotovia (202-208)
- 2001 “A sogra de Rute ou intersexualidades”. *Globalização. Fatalidade ou utopia?* Ed. Boaventura de Sousa Santos. Porto, Afrontamento (526-555)
- 2000 “The Transparent Eyeball and Other American Spectacles”. *Ceremonies and Spectacles: Performing American Culture*. Ed. Teresa Alves, Teresa Cid, and Heinz Ickstadt. Amsterdam, VU University Press (3-20)
- “Um olho transparente, óculos vários e muitos americanos espectáculos.” *Ars interpretandi. Diálogo e tempo* (Festschrift for Miguel Baptista Pereira). Ed. Anselmo Borges, António Pedro Pita and João Maria André. Porto: Fundação Engenheiro António Almeida (689-716)
- “Speaking in Tongues.” *Literatura e Pluralidade Cultural*. Ed. Isabel Allegro and Fernando Cabral Martins. Lisboa: Colibri (433-440)
- “American Studies and Feminist Scholarship.” *Intersections. Global Feminisms*. Special Issue of *American Studies International*. Ed. Jean Pfaelzer, Doris Friedensohn, and Deborah Rosenfelt. Vol 38.3 (October)
- 1999 “O desassossego, a poesia lírica e a identidade do poeta”. *O homem e o tempo*. Liber Amicorum for Miguel Baptista Pereira. Porto: Fundação Eng. António Almeida (471-495)
- “American Studies as Traveling Culture: An Extravagant Nonnative’s Wanderings in Global Scholarship”. *Predecessors: Intellectual Lineages in*

- American Studies*. Ed. Rob Kroes (Amsterdam: Free University Press) (340-358)
- “A ciência e as humanidades; as ciências e a humanidade; a teoria crítica e a poesia”. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 54 (Junho 1999): 129-36.
- 1998 “Poetic Interruption: Strategies of Form for Freedom and Love in Adrienne Rich”. *Freedom and Form: Essays in Contemporary American Poetry*. Ed. Esther Giger and Agnieszka Salska. Lodz: Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego (79-93)
- 1994 “O cânone nos Estudos Anglo-Americanos/The Canon in Anglo-American Studies,” Introdução/Introduction, *O cânone nos Estudos Anglo-Americanos*, ed. Isabel Caldeira. Coimbra: Minerva (10-29)
- 1993 “A poesia e o sistema mundial: Fernando Pessoa, inventor da semi-periferia”. *Portugal: um retrato singular*, ed. Boaventura de Sousa Santos. Porto: Afrontamento (93-130)
- “Poetic Interruption: A Poetics,” *A Glass of Green Tea with Honig* [Festschrift for Edwin Honig], ed. Susan Brown et al. Providence, R. I.: AlephoeBooks (198-206)
- “American Exceptionalism and the Naturalization of America”. *Prospects: An Annual of American Cultural Studies*, ed. Jack Salzman. New York: Cambridge UP, vol. 19 (1-23)
- “A história, o vagabundo e a armadilha da ficção”. *Limites: Anais do III Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo: EDUSP. (317-327)

- “A viagem americana”. *À esquerda do possível*, ed. Francisco Louçã, João Martins Pereira and João Paulo Cotrim. Lisboa: Colibri (104-107)
- 1991 “Whitman’s Discoveries as Metaphor and Ideology”. *The Life after the Life: The Continuing Presence of Walt Whitman*. Ed. Robert K. Martin, Athens, IO: University of Iowa Press (152-166)
- “A ilha incontinente: o atlantismo de Walt Whitman e Fernando Pessoa”. *Um Século de Pessoa*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (300-305)
- 1990 “A utopia igualitária na ‘naturalização’ da América”. *Utopia, mitos e formas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (261-272)
- 1989 “*The city upon a hill*: destino e missão na literatura americana”. *O imaginário da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (381-399)
- 1987 “Isabel’s Freedom: Henry James’s *The Portrait of a Lady*”. In *Henry James, “The Portrait of a Lady.”* Ed. Harold Bloom (“Modern Critical Interpretations”). New York: Chelsea House; reprinted in *Henry James*, Ed. Harold Bloom (“Modern Critical Interpretations”). New York: Chelsea House
- 1986 “Da crítica à ficção: Harold Bloom no centro e na margem”. *Ficção narrativa: discurso crítico e discurso literário*. Org. João Ferreira Duarte e Maria Helena Seródio (Lisboa: APEAA)

Journal Articles, Reviews, and Review Articles

- 1975 “A ondulação perpétua: concepção de poesia e realização poética no *Harmonium* de Wallace Stevens”. *Biblos* 51
- 1977 “O poeta e a originalidade ou Wallace Stevens e o ‘lixo da tradição’”. *Biblos* 54
- 1979 [Review] António Ramos Rosa, *A palavra e o lugar*, *World Literature Today*, vol. 53/1 (Winter)
- [Review] Herberto Helder, *O corpo o luxo a obra*, *World Literature Today*, vol. 53/3 (Summer)
- [Review] José Agostinho Baptista, *Jeremias o louco*, *World Literature Today*, vol. 53/3 (Summer)
- 1980 “A poesia póstuma de Vitor Matos e Sá”, *Colóquio/Letras*, n.º 58
- “A escrita na vida da gente: sobre autobiografias operárias”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 4/5
- “Isabel’s Freedom: Henry James’s *The Portrait of a Lady*”, *Biblos* 56
- [Review] António Ramos Rosa, *As marcas no deserto*, *World Literature Today*, vol. 54/1 (Winter)
- [Review] Maria Velho da Costa, *Da rosa fixa*, *World Literature Today*, vol. 54/1 (Winter)
- [Review] Herberto Helder, *Photomaton and vox*, *World Literature Today*, vol. 54/3 (Summer)
- [Review] António Ramos Rosa, *Círculo aberto*, *World Literature Today*, vol. 54/3 (Summer)
- “Os Estudos Americanos na Europa”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 4/5

- 1981 “Blake no tempo: introdução ao Poeta com traduções inéditas de Paulo Quintela”, *Biblos* 57
 [Review] Maria Velho da Costa, *Corpo verde*, *World Literature Today*, vol. 55/1 (Winter)
 [Review] António Ramos Rosa, *O incêndio dos aspectos*, *World Literature Today*, vol. 55/2 (Spring).
 [Review] Fátima Maldonado, *Cidades indefesas*, *World Literature Today*, vol. 52/2 (Spring)
 [Review] Vitor Matos e Sá, *Companhia violenta*, *World Literature Today*, vol. 55/3 (Summer)
 [Review] Boaventura de Sousa, *Têmpera*, *World Literature Today*, vol. 55/3 (Summer)
 [Review] E. M. de Melo e Castro, *As palavras só-lidas*, *Colóquio/Letras*, n.º 62
- 1982 [Review] Jacinto Magalhães, *Um momento antes*, *Colóquio/Letras*, n.º 69
 [Review] Wanda Ramos, *Percursos: do Luachimo ao Luena*, *Colóquio/Letras*, n.º 69
 “Colóquio de Estudos Americanos em Paris”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 9
 “Simpósio sobre teoria literária e o ensino da literatura nos Estados Unidos”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 10
- 1983 “Interrupção poética: Fernando Pessoa e o ‘Kubla Khan’ de Coleridge”. *Persona* 9
 “‘A boca restituída ao corpo’: a propósito de *A poesia moderna e a interrogação do real* de António Ramos Rosa”. *Colóquio/Letras*, n.º 73
 “A ‘vocação’ das Faculdades de Letras e a ‘formação psicopedagógica’ de professores” (co-authorship), *Biblos* 59

- [Review] Nuno Bragança, *Square Tolstoi*, *World Literature Today*, vol. 57/1 (Winter)
- [Review] Herberto Helder, *A cabeça entre as mãos*, *Colóquio/Letras*, n.º 74
- 1984 “Da crítica à ficção: Harold Bloom no centro e na margem”. *Biblos* 60
- “O canto Nono de Alberto Pimenta: a revelação da treva como luz”. *Colóquio/Letras*, n.º 80
- “À roda de Stevens”, *Cadernos de Literatura*, n.º 19
- [Review] Winifried Kreutzer, *Stile der portugiesische Lyrik im 20. Jahrhundert*, *Revista portuguesa de filologia* 18. 1/2 (1979-84)
- 1985 “Poetas e pássaros: sobre a consciência poética em Pessoa e Stevens”. *Colóquio/Letras*, n.º 88
- “A aula de literatura (norte) americana”. *Actas do V Encontro da APEAA* (Universidade do Minho)
- [Review] António Ramos Rosa, *Quando o inexorável*, *World Literature Today*, vol. 59/3 (Summer)
- 1987 “Lugares de sentido na Literatura Americana”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 22 (April 1987, pp. 159-74)
- “A doença do poeta”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 23 (Sept. 1987, pp. 259-69)
- “A língua do silêncio”. Afterword to António Ramos Rosa, *A mão de água e a mão de fogo*, Coimbra, Fora do Texto (formerly Centelha). Also published in *JL*, Ano VII, n.º 280 (16-22 Nov. 1987)
- Balanço do ano literário de 1986: “Tradução”. *Prelo*, n.º 14
- “Poetry in America: The Question of Gender”. *Genre* 20 (Summer) (153-170)

- 1988 “Da poesia na América”. *Biblos* 62
 “The Woman in the Poem: Wallace Stevens, Ramon Fernandez, and Adrienne Rich”. *The Wallace Stevens Journal* 12 (Fall)
 Balanço do Ano Literário de 1987: “Tradução”. *Prelo*.
- 1989 “Bondoso caos: a *Costa dos murmúrios* de Lídia Jorge”. *Colóquio/Letras*, n.º 107 (64-67)
 “Da história como memória do desejo: *O cais das merendas* de Lídia Jorge”. *Colóquio/Letras*, n.º 109 (60-68)
 [Review article] “Perfazer o tempo: a propósito de *O tempo das mulheres*, de Isabel Allegro de Magalhães”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 27-28 (June 1989) 322-25.
 “A metáfora da viagem em Alberto Pimenta”. *Colóquio/Letras*, n.º 110-111.
- 1991 “Poetas do Atlântico: as descobertas como metáfora e ideologia em Whitman, Crane e Pessoa”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 30
 “O sexo dos poetas: a propósito de uma voz nova na poesia portuguesa”. *Via Latina*, Coimbra: AAC
 [Review] “Língua amnésica ou boca do tempo: um livro, dois poetas”. On António Ramos Rosa and Casimiro de Brito, *Duas águas um rio*. *JL*, 6 Junho 1990
 “Plagiarism in Praise: Paul Auster and Melville”. *Dedalus*, n.º 1
 “Fabuloso Delta”. Preface to *Rotações*, de António Ramos Rosa, Agripina Costa Marques e Carlos Poças Falcão. Lisboa: Cadernos Solares

- “Apontamento para ‘completar’ Alberto Pimenta”.
Colóquio Letras, n.º 132-133
- “Volante verde: a poesia feliz de António Ramos Rosa”. *Colóquio/Letras*, n.º 123-124
- “An Imperialism of Poets: The Modernism of Hart Crane and Fernando Pessoa”. *Luso-Brazilian Review* 29/1 (Summer)
- [Review] Harold Bloom, *A angústia da influência*, tr. Miguel Tamen (Lisboa: Cotovia, 1991). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 35 (June 1992) (177-181)
- “A poesia e o sistema mundial”. *Biblos* 68
- “A hora do poeta: o *Hyperion* de Keats na *Mensagem* de Pessoa”. *Revista da Universidade de Coimbra* 37
- “History, the Tramp and the Trap of Fiction,” *Dedalus*, n.º 2.
- 1993 “A Red-Blue Dazzle: Poetry and the American Flag”.
Revue Française d’Etudes Americaines, n.º 58
- 1994 [Review] *Epopéias*, by Ana Luísa Amaral. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 41
- “Um imperialismo de poetas. Fernando Pessoa e o imaginário do império”. *Penélope*, n.º 15
- 1995 “From Whitman to Pessoa” *Journal of the Institute of Romance Studies* n.º 3 (94/95) (213-239).
- “Women’s Studies in Portugal.” Coimbra: Oficina do CES
- 1996 “Poets, Angels, and the Canon: Master Caeiro and the Supreme Fiction”. *Indiana Journal of Hispanic Literatures*, n.º 9 (Fall)
- 1997 (with Ana Luísa Amaral) “Sobre a ‘escrita feminina’”.
Oficina do CES, n.º 90

“A poesia e nós”. Introduction to *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.º 47 (Feb) 5-21

[Review] Al Berto, *Horto de Incêndios*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997. *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.º 47 (Feb)183-84

[Review] Casimiro de Brito, *Opus affettuoso*. Porto: Limiar, 1997. *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.º 47 (Feb) 184-86

[Review] Rosa Alice Branco, *O último traço do pincel*, Porto, Limiar, 1997. *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.º 47 (Feb)188-89

“Imperialismo, colonialismo, modernismo e cultura nacional: Portugal e os Estados Unidos no início do século XX” Mimeograph Report for the CES/JNICT Project “Intelectuais, Cultura e Sociedade. Quatro estudos de Caso”.

“Paraíso de Poeta: Ana Luísa Amaral, de *Minha senhora de quê* a *Às vezes o paraíso*.” *Tabacaria: Revista de Poesia e Artes Plásticas*, n.º 6

“Re-inventing Orpheus: Women and Poetry Today”, *Portuguese Studies* [London], vol. 14 (222-237)

1999

[Review] George Monteiro, *The Presence of Pessoa: English, American, and Southern African Literary Responses*. Lexington, KY: The University Press of Kentucky, 1998. *Luso-Brazilian Review* 36:1

Co-author (with António Sousa Ribeiro). “Dos estudos literários aos estudos culturais?”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 52/53 (61-83).

“A ciência e as humanidades; as ciências e a humanidade; a teoria crítica e a poesia”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 54 (June (129-36)).

- “No meio da literatura: A propósito de *Altas literaturas*, de Leyla Perrone-Moisés”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 54 (Junho) (217-223)
- “Hart’s Matrix: Poetry, Eroticism, and the Nation’s Subject” (On the Centenary of Hart Crane’s Birth). *Op. Cit. Revista da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos*, n.º 3
- 2000 [Review] Darlene J. Sadlier, *An Introduction to Fernando Pessoa: Modernism and the Paradoxes of Authorship*. Gainesville, FL: UP of Florida, 1998. *Bulletin of Hispanic Studies*, LXXVII: n.º 4
- “Interrupção poética: Um conceito pessoano para a lírica moderna”. *Veredas* 3
- 2001 “Poets of the Modern Consciousness. Hart Crane and próspero saíz.” *OpCit: Revista da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos*, n.º 4
- “Os Estudos sobre as Mulheres e o saber. Onde se conclui que o poético é feminista”. *ex aequo. Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 5 (107-122)
- (with António Sousa Ribeiro). “Identidade e nação na(s) poética(s) da modernidade. Os casos de Fernando Pessoa e Hugo von Hofmannsthal”. In *Entre ser e estar*
- “Palavras exactas” (A propósito de *Imagias*, de Ana Luísa Amaral). *JL*, 12-15 Junho. Also published in *Scripta* (Brazil)
- “Orfeu re-inventado, ou: As mulheres e a poesia hoje.” *Biblos* 72 (1996).

- 2002 “Ruth’s Mother-in-Law or Intersexualities”. *Anglo-Saxónica: Revista do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa*, Série II, n.ºs 16/17
 “Os contextos da canonização” (on Harold Bloom), *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Dezembro)
- 2003 “The Art of Ruminatation: Pessoa’s Heteronyms Revisited.” *Journal of Romance Studies* 3.3 (special issue on re-reading and re-writing edited by Ziva Ben-Porat) pp. 9-24
- 2004 “Tolerância – não!” [No to Tolerance] *Revista de História das Ideias*, n.º 25 (Special issue on tolerance edited by Rui Bebiano) (147-156)
- 2005 “próspero saíz and the Hermit Poem”. *Diacrítica. Ciências da Literatura*, n.º 18-19/3. Braga: Universidade do Minho
 “Modernist Muses That Matter. Inspiration in Pessoa and Stevens” *The Wallace Stevens Journal*, 29.1
 “O nome da ficção”. On *Sem nome*, a novel by Helder Macedo. *JL* (Abril)
- 2006 “Atlanticism and the Poets.” *Irish Journal of American Studies*
- 2007 “Mudar o mundo pela imaginação e a arte?” [Changing the World through Imagination and Art?] *Art.Fem.* 2007
 “Remembering Forgetfulness: Women Poets and the Lyrical Tradition”, *Cadernos de Literatura Comparada*, 16.
 “A ‘poesia estadunidense das últimas décadas’ por um canudo?” [A Bird’s Eye View of USAmerican Poetry of the Last Few Decades?], *Cadernos de Serrúbia*.
 “próspero saíz: Seis poemas”, *Oficina de Poesia*, 7.

- 2010 “Trans-nationalism, Post-imperialism, and the Language of American Poetry”. *Op Cit* n.º 9 (2007/pub. 2010) (47-59).
- 2011 “Versos inversos: A poesia quase toda de Ana Luísa Amaral”. *Colóquio/Letras*, nº 117 (Maio/Agosto)
 “Verde coincidência: a poesia feliz de António Ramos Rosa.” *Revista Letras com Vida – Literatura, Cultura e Arte*, 4.2 (183-186)
 “Narcissus in the Desert: A New Cartography for the American Lyric”, *Fluid Cartographies: New Modernities*, ed. Isabel Capelo Gil and João Ferreira Duarte (sp. issue of *Journal of Romance Studies*), 11, 1 [Spring], 21-36.
- 2012 [review] Anna Klobucka, *O formato mulher. A emergência da autoria feminina na poesia portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus. In *Luso-Brazilian Review*
 [review] Roberto Vecchi, *Exceção atlântica. Pensar a literatura da Guerra Colonial*. Prefácio de Margarida Calafate Ribeiro. Porto: Afrontamento, 2010. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*
- 2013 “Difference and Hierarchy Revisited by Feminism.” *Anglo Saxonica*, Ser. III N. 6: 21-46.
 “Who Owns American Studies? Old and New Approaches to Understanding the United States of America”. *OpCit. A Journal of Anglo-American Studies* 2nd Series 2 (2013): 1-21 <https://sites.google.com/site/apeaadirecao/journal>
 “E não há prodígio aqui. A propósito de *De nada* de Alberto Pimenta”. *JL* nº 1108, 20 de Março.
- 2014 “Prólogo”, versão revista, em castelhano, de “E não há prodígio aqui. A propósito de *De nada* de Alberto

Pimenta”, para Alberto Pimenta, *Discurso sobre el hijo-de-puta*. Trans. Jorge Carrasco. Logroño: Pepitas de Calabaza

“Quando o lírico interrompe o épico. Sobre *Escuro* de Ana Luísa Amaral”, JL 6-19 Agosto; revised and enlarged, in *ABRIL NEPA UFF* (Brazil)

“The 4th of you lie and the Phoenix”. Review of Robert Counts, *First Light and Other Poems*. Englewood Cliffs, New Jersey: Full Court Press, 2012. In *Op. Cit.: A JOURNAL OF ANGLO-AMERICAN STUDIES*. 2nd Series, No. 3.

2016 [review] “31 sonetos de William Shakespeare” em tradução de Ana Luísa Amaral (Lisboa: Relógio de Água, 2015). *Colóquio/Letras* (in press)

“Blindfolded Eyes and the Eyable Being. Pessoa, the Senses, and the 35 Sonnets”, *Pessoa Plural. A Journal of Fernando Pessoa Studies. Special Issue, “Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa”*, 10.

Other publications

2015 “Um criador erudito [Helder Macedo]” *Jornal de Letras, Artes e Ideias (JLI)* 11-24 de Novembro

2014 “Prólogo”, *Discurso sobre el hijo-de-puta (Aberto Pimenta traduzido por Jorge Carrasco)*, 9-31.

2012 “Liberdade”, “Literatura”, “Neoconservador”, “Portugal”: four entries for *Dicionário das crises e das alternativas*. Coimbra: CES/Almedina

- 2008 “Walt Whitman” and “Ode”: two entries in *Dicionário Pessoa*, ed. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio e Alvim.
 “Ode “, *Cabral Martins, Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, 550-552.
 [Translation] Rich, Adrienne (2008), *Selected Poems, Uma Paciência Selvagem*. Lisboa: Cotovia.
- 2007 “A líquida música dos sentidos (posfácio)”, *Cyro de Mattos, Poemas escolhidos (Brasil)*.
- 2003 “Fernando Pessoa, 1888-1935”. *Encyclopaedia of Literary Modernism*. Ed. Paul Poplawski. London: Greenwood Press, 2003 (293-297)

4. Conferences, colloquia, seminars, lectures, book presentations

- 1968 *American Studies Association [ASA] Convention*, New England
- 1975 *English Studies Seminar*, Cambridge
- 1977 *American Studies Association*, Boston, EUA
- 1980 1st Meeting of the Portuguese Association for Anglo-American Studies (APEAA). Coimbra. Collective paper: “A importância de Shakespeare para ‘This is a door’” (co-authored)
 2nd Meeting of APEAA, Lisbon. Collective paper on the problem of collective research
 Book presentation (Livraria Finisterra, Coimbra): Vitor Matos e Sá, *Companhia violenta*. Coimbra: Centelha

- General editorship and book presentation (Livraria Finisterra, Coimbra) of issue n.º 4/5 of *Revista Crítica de Ciências Sociais*, on “Literatura em Sociedade”
- 1982 3rd Meeting of APEAA, Porto. Paper: “Harold Bloom: da crítica à ficção”
 “Da crítica à ficção: Harold Bloom no centro e na margem” FLUC
 Colloquium on American Studies (*National Identity, Miscigenation and Cultural Expression: A Comparison between the United States and Brazil*). University of Paris VIII/Maison des Sciences de l’Homme
 Colloquium on “Literary Theory and the Teaching of Literature”. University of Marquette, Milwaukee, WI
- 1983 4th Meeting of APEAA, Coimbra
 International Symposium of Pessoa Studies. University of Vanderbilt, Nashville, Tenn. Paper: “Interrupção poética: Fernando Pessoa e o ‘Kubla Khan’ de Coleridge”
 ASA Convention. Filadélfia, Penn. Workshop on *The Teaching of American Studies Abroad*
- 1984 5th Meeting of APEAA, Braga. Paper: “A aula de Literatura (Norte) Americana”.
 “À roda de Stevens”. Seminar for the MA program in Anglo-American Studies at Faculty of Letters of the University of Lisbon
 Colloquium on *O Labirinto*. Gulbenkian, Lisboa
 Colloquium on *Portugal 1974-1984: Dez Anos de Transformação Social*. Coimbra. Organization and coordination of a workshop on “Culture”
- 1985 6th Meeting of APEAA, Sesimbra

- Colloquium, *O Imaginário da Cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Paper: “*The city upon a hill*: destino e missão na literatura Americana”
- ASA Convention. San Diego, CA. Paper: “Poetry and American Studies or The Myth of America in American Poetry”
- 6th Symposium on Portuguese Studies. Santa Barbara, CA. Paper: “A história como memória do desejo: *O cais das merendas* de Lídia Jorge”
- 1986 “*The city upon a hill*: destino e missão na literatura americana” (1985 revised). Lecture presented at FLUC and University of Minho, Braga
- “As novas histórias da literatura americana e a questão do cânone”. Faculty Seminar in the Department of English of the University of Minho, Braga
- 7th Meeting of APEAA, Ofir
- “Paulo Quintela, professor universitário de poesia”. Speech delivered in the Gil Vicente Theater, Coimbra, on the celebration of Paulo Quintela’s 80 birthday
- 1987 8th Encontro da APEAA, Coimbra
- “*American Studies* e o ensino da Literatura Americana hoje”. Faculty seminar in the Department of Anglo-American Studies, Universidade do Porto
- ASA Convention. New York. Paper: “An Imperialism of Poets: The Modernism of Hart Crane and Fernando Pessoa”
- Colloquium on *Medicina e Saúde em Portugal*. Faculdade de Economia, UC. Workshop on “Medicina Popular”
- 1988 Colóquio on *Moderno e pós-moderno*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon

- “Acção de Formação” on “Fernando Pessoa e a tradição poética anglo-americana”. Escola Secundária D. Duarte, Coimbra
- 9th Meeting of APEAA, Vale de Lobos
- IV International Symposium on Fernando Pessoa. New Orleans, LA. Paper: “A hora do poeta: o *Hyperion* de Keats na *Mensagem* de Pessoa”
- Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa. Lisbon. Paper: “A ilha incontinente: o atlantismo de Walt Whitman e Fernando Pessoa”
- 1989 10th Meeting of APEAA. Aveiro
- ASA Convention. Toronto. Paper: “Atlantic Poets: the Discoveries as Metaphor and Ideology in Whitman, Crane, and Pessoa”
- Lecture on the same topic delivered at Brown University, by invitation of the Departments of English and Portuguese. Providence, R. I.
- 1990 Conference of the *European Association of American Studies* [EAAS]. London. Board meeting to plan the next conference
- 11th Meeting of APEAA. Lisbon
- Colloquium on *Utopia, Mitos e Formas*. Gulbenkian, Lisbon. Paper: “A utopia igualitária na ‘naturalização’ da América
- “Atlanticism and the Poets”. Lecture at UW sponsored by the Department of Spanish and Portuguese
- 1991 Chair of the Organizing Committee of the Colloquium on *O Cânone nos Estudos Anglo-Americanos*, FLUC. Opening Address. Chair of a workshop on “Os Estudos Anglo-Americanos em Portugal”

- “Acção de Formação” on “A abordagem do texto literário, a propósito da obra *The Great Gatsby* de F. Scott Fitzgerald”. Escola Secundária de Águeda
- Colloquium *Medeia*. FLUC. Chair of a workshop on contemporary Medea
- 12th Meeting of APEAA. Braga
- Colloquium *Ciência e Poesia*. FLUC
- Colloquium on *Herman Melville*. Faculty of Letters of the University of Lisbon. Paper: “Plagiarism in Praise: Paul Auster and Herman Melville”
- ASA Convention. Baltimore, MA. Meeting of members of the Board of EAAS with the President and the International Committee of ASA
- “Anglo-American Poetics: From Whitman to Pessoa”. Seminar conducted at the Center for Literary and Cultural Studies of Harvard University
- “From Whitman to Pessoa: The Other Tradition”. Tinker Lecture at UW-Madison
- 1992 Chair of the Organizing Committee of the *I Encontro Internacional de Poetas*. Opening address.
- Chair of a workshop on “Whitman and the Poetic Imagination”
- 13th Meeting of APEAA. Porto
- EAAS Conference. Seville. Board meetings
- ASA Convention. Costa Mesa. Paper: “American Exceptionalism and the Naturalization of ‘America’”
- Colloquium on *Walt Whitman*. Faculty of Letters of the University of Lisbon. Paper: “From Whitman to Pessoa: Eliot’s *From Poe to Valéry* Revisited”
- Colloquium on Literary Theory sponsored by the International Association of Comparative Literature

- (IACL). Madeira. Invited paper: "History, the Tramp, and the Trap of Fiction"
 Conference of the Brazilian Association of Comparative Literature. Niterói, RJ. Plenary lecture: "A história, o vagabundo e a armadilha da ficção"
 "American Exceptionalism and the Naturalization of America." Lecture at Brown University sponsored by the Departments of English and Comparative Literature
- 1993 14th Meeting of APEAA. Coimbra
 Organization of the meetings of the Board Members of EAAS (UC)
 "Tradição e inovação no romance do pós-guerra à década de oitenta". Seminar for MA students of the Faculty of Letters of the University of Lisbon
 "Interpelação a Saul Bellow" [Saul Bellow interpellated]. A debate with the novelist at the Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) in Lisbon
 Conference of the European Society for the Study of English (ESSE). Bordeaux. Chair of the "American Studies" Session
- 1994 "O pessoal, o político e o poético na obra de Adrienne Rich". Seminar for MA students of the Faculty of Letters of the University of Lisbon
 "O romantismo americano: Emerson et al.". Talk for students of the University of Madeira
 "O romance." Talk for students of the University of Madeira

“Violência na Terra Prometida”. Paper presented at a workshop on *Violência, xenofobia e racismo no nosso tempo*, Liceu D. Duarte. Coimbra

“From Whitman to Pessoa.” Lecture sponsored by the Institute for Romance Studies, London; also delivered at Trinity College, Dublin

“Atlanticism and the Poets: The Case of Fernando Pessoa.” Lecture sponsored by the University of Cork

15th Meeting of APEAA. Évora. Plenary lecture: “Deconstructing the Romantic Self: Poetry, Eroticism, and Politics”

Conference of the *European Association of American Studies* (Luxemburgo). Board Meetings. Report of outgoing Vice-President

Colloquium on *Diálogos Disciplinares*. Gulbenkian/University of Lisbon

Conference of the IACL, Edmonton. Paper: “Of Poets and Angels: Master Caeiro and the Supreme Fiction”

“Adrienne Rich: When a Poet is a Woman.” Lecture sponsored by the University of Oldenburg (Germany)

“William Blake: The Poet’s Dirty Hands.” Lecture at the invitation of the University of Oldenburg (Germany)

1995 Chair of the Organizing Committee of the *II Encontro Internacional de Poetas*. Opening Address

Member of the Scientific Committee for the evaluation of Women’s Studies Programs in Europe (EU SIGMA Project, Commission DGXXI)

- Chair of the Organizing Committee of the conference “Os Estudos sobre as Mulheres na Europa” (EU SIGMA Project, Commission DGXXI)
- ASA Convention, Pittsburgh. Participation in the sessions organized by the Women’s Committee and collaboration in the organization of a workshop for the next convention
- “Poets, Angels, and the Canon: Master Caeiro and the Supreme Fiction.” Lecture delivered at UW-Madison by invitation of the Department of Comparative Literature
- 1996 Conference of EAAS. Warsaw. Paper: “Poetic Interruption: Strategies of Form for Freedom and Love in Adrienne Rich”
- ASA Convention. Kansas City, Missouri. Paper: “American Studies and Feminist Scholarship in Portugal”
- “Poetic Arrogance: Whitman, Dickinson, Pessoa—and Harold Bloom”. Tinker Lecture at UW-Madison
- “American Studies and Feminist Scholarship in Portugal”. Lecture delivered at UW-Madison at the invitation of the Women’s Studies Program
- “Intersexualities and the Modernist Ode: The Sea Poems of Fernando Pessoa and Hart Crane.” Lecture delivered at NYU
- 1997 Colloquium on “Contemporary Portuguese Women Writers”. Institute for Romance Studies. London. Invited paper: “Re-inventing Orpheus: Women and Poetry Today”

- “Re-inventing Orpheus: Women and Poetry Today”. Lecture delivered at Stanford University at the invitation of the Department of Spanish and Portuguese
- “Poetic Arrogance: Whitman, Dickinson, Pessoa — and Harold Bloom”. Lecture delivered at the University of California-Berkeley at the invitation of the Departments of English, Spanish and Portuguese, and Comparative Literature
- “Maria de Lourdes Pintasilgo”. Presenting the keynote speaker at the Third European Feminist Research Conference
- ASA Convention, Washington (co-chair of a session on Women’s Studies Conversations)
- 1998 Chair of the Organizing Committee of the *III Encontro Internacional de Poetas*. Opening address
- Conference of the Portuguese Association of Comparative Literature (APLC). Lisbon. Paper at plenary session: “Speaking in Tongues”
- Conference of EAAS. Lisbon. Keynote Address: “The Transparent Eyeball and Other American Spectacles”
- Book presentation (Porto): Ana Luísa Amaral, *Às vezes o paraíso* (Lisboa: Quetzal)
- “A poesia de Ana Luísa Amaral – a propósito do seu último livro”. Lecture delivered in Casa Fernando Pessoa, Lisbon
- Colloquium on Literary Theory sponsored by the International Association of Comparative Literature. Santiago de Compostela. Paper: “On Poetic Interruption”

- Colloquium on “Predecessors: Intellectual Lineages in American Studies.” Amerika Institut Amsterdam. Paper: “American Studies as Traveling Culture: An Extravagant Nonnative’s Wanderings in Global Scholarship”
 ASA Convention, Seattle. Appointed co-chair of the Task Force for International Women in American Studies
- 1999 Colloquium on “Sociedade, Cultura e Política no Fim do Século”. On the 20th anniversary of *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Report on the session titled a “Ciências/Humanidades: Grandes Esperanças ou Ligações Perigosas?”
 4th Conference of the International Association of Lusitanistas. Rio de Janeiro. Paper: “Interrupção poética: Um conceito pessoano para a lírica moderna”
 ASA Convention, Montreal. Organization of a session on Hart Crane on the poet’s centenary. Paper: “Epics of the Modern Consciousness: Crane’s *The Bridge* and Saíz’s *Chants of Nezahualcoyotl*”
- 2000 21st Meeting of APEAA. Viseu. Keynote address: “Marianne Moore: A Voracity of Contemplation”
 ASA Convention. Meeting of the Women’s Committee. Houston, Texas
- 2001 Chair of the Organizing Committee of the *IV Encontro Internacional de Poetas*. Opening address
 “Ruth’s Mother-in-Law or Intersexualities”. Keynote address at the Colloquium “Identity Matters”, Centro de Estudos Anglísticos. University of Lisbon
 “Lídia Jorge: De como a ficção desimagina a história”. Introducing the novelist in the series “Vozes e

- Olhares no Feminino” of Porto Capital of Culture 2001
- “Rosa Alice Branco: A poesia como percepção”. Introducing the poet in the series “Vozes e Olhares no Feminino” of Porto Capital of Culture 2001
- “Ler para quê: Bloom e a representação do humano no poético”. Introducing Harold Bloom in the series “O Futuro do Futuro” of Porto Capital of Culture 2001
- “Harold Bloom”. Speech for Harold Bloom on the award of *doctor honoris causa* at the University of Coimbra
- Book presentation: “Da poesia como inventário”. On Isabel Cristina Pires’s *Todas as cores do azul.* Casa da Cultura, Coimbra
- “Poetic Arrogance. A Pessoaan Concept for Reading the Lyric”. Paper presented by invitation at the *Jornada Pessoaana.* Oxford University
- ASA Convention. Meeting of the Women’s Committee
- 2002
- “A fatalidade da utopia”. Paper presented at the Colloquium “Globalização: Fatalidade ou utopia?” CES, Coimbra
- Book presentation: “Palavras exactas”. On Ana Luísa Amaral’s *Imagias.* Porto
- “Todos os nomes. José Saramago e a poesia lírica”. Paper presented at the American Portuguese Studies Association (APSA) Convention. University of Massachusetts-Amherst
- ASA Convention. Meeting of the Women’s Committee

- 2003 “Misremembering: H. D. and Inspiration”. Keynote Address at the 24th APEAA Meeting. Lisboa
- “The Art of Ruminating: Pessoa’s Heteronyms Revisited”. Inaugural lecture delivered, by invitation, at the Colloquium on “Re-reading and Re-writing” (London)
- “Remembering Forgetfulness: Women Poets and the Lyrical Tradition”. Paper Presented at ASA Convention, Hartford, CT
- “Atlanticism and the Poets”. Lecture delivered at the University of Michigan-Ann Arbor, by invitation of the Departments of English and American Culture, and the Center for Atlantic Studies. Ann Arbor
- “American Studies as Traveling Culture”. Faculty Seminar at the Universidade de Michigan, Ann Arbor
- 2004 Chair of the Organizing Committee of the *V Encontro Internacional de Poetas*. Opening address
- “Modernist Muses That Matter: Inspiration in Pessoa and Stevens”. Paper presented at the Colloquium “Celebrating Wallace Stevens.” University of Connecticut-Storrs
- “Atlanticism and the Poets”. Alan Graham Memorial Lecture, delivered by invitation of the Irish Association for American Studies (Dublin)
- “Poética e Sexo ou A Irmã de Aristóteles”. Workshop organized and chaired at the conference of Associação Portuguesa de Literatura Comparada (Coimbra)
- “Modernist Muses That Matter: Inspiration in Pessoa and Stevens.” Lecture delivered at the University of

- Chicago by invitation of the Departments of Romance Languages and Comparative Literature
 “The American Poem as a Crossroads of Cultures” presented at the ASA Convention, Atlanta, GE
- 2005 26th Meeting of APEAA, University of Minho
 Book presentation: Helder Macedo’s *Sem nome*. Livraria Bulhosa, Lisboa
 Colloquium: *Synopsis 7* (“Literature in Times of Turmoil”), Porter Center for Poetics, University of Tel Aviv. Paper: “The Permanent Revolution: Poetry and the Tradition”
 “O Sexo das fadas”. Contribution to a workshop on fairy tales organized by Adriana Bebianio at CES
 Colloquium *Fifty Years On: Wallace Stevens in Europe*, Rothermere American Institute, University of Oxford. Paper: “A Poetics of Ignorance: António Ramos Rosa and Wallace Stevens”
 American Studies Association Convention, Washington, DC; Chair of the Women’s Committee (ASA)
- 2006 “A ‘poesia estadunidense das últimas décadas’ por um canudo?” Invited lecture at Fundação Eugénio de Andrade, Porto
 “Paulo Quintela, o amante de poesia”. Keynote address on Paulo Quintela’s centenary
 Conference of the International Comparative Literature Association: “Modernism and the Modern through the Ages” (Instituut voor Joodse Studies, University of Antwerp). Paper presented by invitation: “The Actual Present: Time and the American Modernist Muse”

- American Studies Association Convention, Oakland.
Organizer of the panel “A Trans-national, Post-Imperial American Studies?” and presenter of one of the four papers: “Trans-nationalism, Post-Imperialism, and the language of American poetry”
Member of the Wise-Susman Prize Committee
- 2007 Chair of the Organizing Committee of the *VI Encontro Internacional de Poetas* Opening address
“Walt Whitman e *Leaves of Grass*”. Invited lecture at Fundação Eugénio de Andrade, Porto
“Transnacionalismo, Pós-imperialismo e a Língua da Poesia Americana”. Lecture at Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
International Comparative Literature Association (Rio de Janeiro). Paper: “Narcissus in the Desert: A New Cartography for the (US) American Lyric?”
”Narcissus in the Desert: A New Cartography for the American Lyric?” Lecture sponsored by the Department of Comparative Literature, UW-Madison
American Studies Association Convention, Philadelphia
Member of the Wise-Susman Prize Committee
- 2008 American Studies Association Convention, Albuquerque, NM.
Recipient of the Mary C. Turpie Award 2009 “Rosi Braidotti”. A talk on the feminist philosopher for the series “Pensamento Crítico Contemporâneo” (Coimbra)
“Gender, Species and Coloniality in Maria Velho da Costa” Presentation at the conference *Gender, Empire*

and Postcolony: Intersections in Luso-Afro-Brazilian Studies, University of Dartmouth-Massachusetts
American Studies Association Convention, Washington
D. C.

“Uma poética de ignorância: António Ramos Rosa,
Wallace Stevens, et al”, closing lecture of the col-
loquium on poetry, poetics, and creative writing
chaired by Graça Capinha (Coimbra)

2011 “Susan Sontag”. Presentation of the author in the in-
augural session of *Vidas e Vozes*, an initiative of Rui
Bebiano, Isabel Caldeira, Júlia Garraio and Cristina
Martins (CES/NHUMEP).

Coloquium, “Portugal entre Desafios e desassosse-
gos”. Presentation of inaugural speaker Hélia Correia;
podcast interview with the author

“Who Owns American Studies? Old and New
Approaches to Understanding the United States of
America”. Inaugural Lecture of the Convention of the
Portuguese Association of Anglo-American Studies,
Coimbra

2012 “What Is Peripheral about Peripheral Modernisms?”
Keynote address to the conference on *Peripheral
Modernisms*. IGRS, University of London, 23-24
March

“O poético é feminista?” [Is Poetry Feminist?]. A se-
minar for Ana Luísa Amaral’s doctoral program in
Comparative Literature (Porto, 10 May)

“The Humanities Today: Compared to What?” Invited
lecture, Department of Comparative Literature and
Folklore Studies, UW-Madison, 19 October

- 2014 *Ara* de Ana Luísa Amaral. Presentation of Amaral's book at Livraria Alfarrabista Miguel de Carvalho, Coimbra, on 7 March
- "O desvio oblíquo". Presentation of Jorge Augusto Maximino's *Philosophie et modernité dans l'oeuvre poétique d'António Ramos Rosa*. Préface de Silvina Rodrigues Lopes. Paris: L'Armattan, 2013 (Vila Nova de Foz Côa, 27 March)
- "Quando o épico interrompe o lírico". Presentation of Ana Luísa Amaral's *Escuro*, June (Porto)
- 2015 "Orpheu et al. Modernism, Women and the War". Paper presented at the Colloquium *1915. Modernist Legacies and Futures* (20 February, Catholic University, Lisbon)
- "Being Blind, Being Nothing, Being a Poet. Emily Dickinson "Reads" Fernando Pessoa." Keynote address to the symposium "Inside the Mask: Fernando Pessoa as an English Poet." Brown University, April
- "Helder Macedo, a Renaissance Man." A talk for Helder Macedo on his 80th birthday, "80 Years of Helder Macedo" (Oxford, UK, 28 November)
- 2016 "O sexo é só um acidente? E se poetas falassem de poetas". Moderação de um colóquio na Casa Fernando Pessoa, com Maria Teresa Horta, Ana Paula Tavares, Ana Marques Gastão e Magarida Vale de Gato
- "Igualdades, diferenças, hierarquias, cidadanias". Seminário no âmbito do Gender Workshop (CES)
- "What's in a Name? Utopia, Eutopia, Erewhon, Borders, Walls, Offshores, and Other 'Local Habitations'".

Conferência plenária na 17th International Conference
of the Utopian Studies Society/Europe

5. Other professional activities

- 1975-76 Member of the Executive Committee of FLUC
- 1976-77 Member of the Inter-university Scientific Committee
for Germanic Philology
- 1977-79 Representative of Anglo-American and Germanic
Studies on the Scientific Committee of FLUC
- 1979-82 Representative of the Department of Anglo-American
Studies on the Scientific Committee of FLUC
- 1979-85 Member of the Board of Directors of the Luso-
-American Educational Committee
- 1980-84 Vice-President of the Portuguese Association of
Anglo-American Studies (APEAA)
- 1981-82 Representative of Anglo-American and Germanic
Studies Ph. D. faculty on the Pedagogical Committee
of FLUC
- 1982-95 Chair of the Department of Anglo-American
Studies
- 1983-2002 Member of the Editorial Board of *Revista Crítica de
Ciências Sociais* (CES, UC)
- 1984-87 President of APEAA
- 1987-94 Representative of APEAA on the Board of Directors
of the European Association of American Studies
- 1988-92 General Editor of the Series “Diálogo” (ICALP)
- 1990-94 Coordinator of ERASMUS Exchange Programs
(English/Portuguese)

- 1992-94 Vice-President of the *European Association of American Studies*.
- 1994-96 Member of the Scientific Committee for Women's Studies (EU SIGMA Project, Comission DGXXI)
- 1996- Member of the Editorial Board, *Sources* (University of Orléans)
- 1996-97 Chair of the Program Committee for the *Third European Feminist Research Conference*
- 1998-2000 Co-Chair, Task Force for International Women in American Studies (ASA)
- 1999 Member of the Program Committee of ASA Convention
- Chair of the International Evaluating Panel to review research centers of Literary Studies in Portugal (FCT).
- 1999-2001 Member of the Panel for awarding the Camões Prize (3 years)
Member of the panel for evaluating PRAXIS projects (FCT)
- 2002 Chair of the International Evaluating Panel to review research projects in Literary Studies in Portugal (FCT)
- 2003 Chair of the International Evaluating Panel to review research centers of Literary Studies in Portugal (FCT)
- 2003-2004 Member of the Scientific Committee for Humanities and the Social Sciences (FCT)
- 2004 Member of the panel for evaluating projects in *Programa Lusitânia* (ICALP/FCT)
Chair of the Women's Committee of ASA

- Member of the EURYI Review Panel “Humanities and Social Sciences”
- Member of the Wise-Susman Prize Committee (ASA)
- Member of the Editorial Board of *Portuguese Studies* (London)
- 2008-2011 Scientific Director of the Ph. D. Program in American Studies (FLUC)
- 2009-2011 Scientific Director of the Ph. D. Program in Feminist Studies (FLUC)
- 2015- Member of the Editorial Board of *Revista Crítica de Ciências Sociais* (CES, UC)
- 2014-2016 Member of the Advisory Committee of Centro de Estudos Comparatistas (University of Lisbon)

6. Academic supervision

(Ph. D. only, with indication of positions earned; over 30 M.A. dissertations and dozens of promotion committees in Portugal and abroad)

Shahd Wadi (Feminist Studies: Palestinian women artists in exile, 2014)

Marta Alice Gabriel Soares (Adrienne Rich, 2013). Independent scholar.

Paula Mesquita (Willa Cather and Faulkner, 2005). Assistant Professor at the University of Beira Interior.

Inês Pinto Basto (Comparative Literature: on mirrors and national masks in Pessoa, Joyce, and Scott Fitzgerald, 2004). Independent researcher and freelance writer.

- Adriana Bebiano (*Fictionalized Biographies*, 2003). Assistant Professor at the University of Coimbra.
- Graça Capinha (*Law and Poetics in Robert Duncan*, 2003). Assistant Professor at the University of Coimbra.
- Teresa Tavares (*Spatial Ideology and Aesthetics in Edith Wharton*, 2002). Assistant Professor at the University of Coimbra.
- João de Mancelos (*Ethnic Literature: Morrison, Anaya and Harjo*, 2001). Postdoctoral fellowship at the University of Aveiro, on leave from the Catholic University (Viseu).
- Adriana Martins [with Wladimir Kryszynski] (*Comparative Literature: Narrating the nation in José Saramago and Gore Vidal*, 2000). Assistant Professor at the Catholic University (Viseu)
- Filomena Mesquita (*A feminist approach to Shakespeare's *The Merchant of Venice**, 1997). Independent researcher, UK.
- Jacinta Matos (*Travel Writing*, 1996). Associate Professor at the University of Coimbra.
- Ana Luísa Amaral (*Emily Dickinson and the Lyric*, 1996). Associate Professor at the University of Porto.
- José Manuel Mota (*Philip K. Dick and Science Fiction*, 1996). Associate Professor at the University of Coimbra.
- Maria Sousa Tavares [with Joaquim Magalhães and Miguel Tamen] (*Poetry and Philosophy in João Cabral de Melo Neto, Ponge and Stevens*, 1995). Associate Professor at the University of Lisbon.
- Isabel Caldeira (*Toni Morrison and African American Literature*, 1993). Associate Professor at the University of Coimbra.
- Carlos Azevedo (*Hemingway*, 1990). Full Professor at the University of Porto.

Currently advising graduate students of English/American Studies,
Comparative Literature, and Feminist Studies at UC and UW-
-Madison

Students with current FCT Scholarships:

José Miguel Moura (doctoral)

Patrícia da Silva McNeill (postdoctoral)

7. Fellowships and other honors

Deutscher Akademischer Austauschdienst.

Fundação Calouste Gulbenkian.

Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Instituto de Alta Cultura.

Fulbright-Hays Program.

American Council of Learned Societies.

William Coe Fellowship (Yale University).

British Council.

Luso-American Educational Commission.

American Cultural Council.

*Winner of the 2008 Mary C. Turpie Award (ASA).

*Finalist for the 2008 Jabuti Prize (Brazil) with *Poetas do Atlântico*
(2007).



9 789892 613079 >

Série Investigação

•

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2017

